

SERÁ QUE O CRENTE PODE PERDER A SALVAÇÃO?

**Dr. Anibal Pereira dos Reis
(ex-padre)**

Edições Cristãs

ÍNDICE

Dedicatória
Apresentação
Prefácio

ESCLARECIMENTOS PRELIMINARES

Uma ponderação indispensável
Significância das palavras
A natureza e os aspectos da salvação
A Vida Eterna

PRIMEIRA PARTE

A segurança da salvação
A segurança do crente é eterna porque Deus é o Salvador
A segurança do crente é eterna porque Jesus Cristo é o Salvador
A segurança do crente é eterna porque o próprio Deus a garante
A segurança do crente é eterna porque Jesus Cristo é infalível em Sua promessa
A segurança do crente é eterna porque Jesus Cristo é o Sumo Sacerdote
A segurança do crente é eterna em decorrência do Novo Nascimento e da festa no céu
A segurança do crente é eterna porque o seu nome está escrito no Livro da Vida
A segurança do crente é eterna porque Jesus Cristo é o Bom Pastor
A segurança do crente é eterna porque ele está selado com o Espírito Santo
A segurança do crente é eterna em decorrência de um juramento de Deus

SEGUNDA PARTE

A perseverança
A graça de Deus na perseverança
As tentações na vida do crente
O pecado na vida do salvo
O crente e o pecado

A santificação do salvo
O filho pródigo
Certeza de salvação

TERCEIRA PARTE

OBJEÇÕES E SUAS RESPOSTAS

Advertência
Escrituras em Xeque?
Membros de igreja em três categorias
Hebreus 6.4-8 em foco
Hebreus 10.26-31 em foco
Cair da graça
“Aquele que perseverar até ao fim será salvo”
“Operai a vossa salvação com temor e tremor”
Os ramos da videira
E se o crente perder a fé?
“A alma que pecar, essa morrerá”
Roda-Viva de Réplicas e Tréplicas
Com afeição

.oOo.

DEDICATÓRIA

Dedico e consagro a Jesus Cristo,

- * O Príncipe da salvação (Hebreus 2.10);
- * Causa de eterna salvação (Hebreus 5.9);
- * Esperança nossa (1ª Timóteo 1.1);
- * Nosso Precursor (Hebreus 6.20);
- * Rocha da nossa salvação (Salmo 95.1);
- * Grande Pastor das ovelhas (Hebreus 13.20);
- * Nossa Paz (Efésios 2.14);
- * Rocha eterna (Isaías 26.4);
- * Força da minha salvação (Salmo 18.2);
- * Autor e Consumador da fé (Hebreus 12.2);
- * Deus da minha salvação (Salmo 27.9; Miquéias 7.7);
- * Rocha minha e Libertador meu (Salmo 19.14);
- * Que nos livra da ira futura (1ª Tessalonicenses 1.10);
- * Sumo Sacerdote dos bens futuros (Hebreus 9.11);
- * Fortaleza da minha salvação (Salmo 140.7);
- * Mediador de um melhor Concerto (Hebreus 8.6).

.oOo.

APRESENTAÇÃO

da primeira edição

Eis, leitores, o vigésimo nono livro de autoria do Dr. ANÍBAL PEREIRA DOS REIS, que Edições “Caminho de Damasco” tem o privilégio de lhes pôr nas honradas mãos.

Esta obra dignifica qualquer biblioteca, não só pelo seu conteúdo, como também pelo nome do seu autor.

Da sua pena saíram páginas de inexcelável beleza literária, como as de “Este padre escapou das garras do papa” e “Será que podemos confiar nos padres?”. Páginas de magistral pesquisa exegética, como as de “Pedro nunca foi papa!” e “A missa”. Páginas de minuciosas informações históricas, como as de “Será que o papa escravizará os cristãos?” e “O Ecumenismo: Seus objetivos e seus métodos”. Páginas de denodada vibração polêmica na apologia da Verdade, como as de “Milagres e cura divina” e “Serão boas todas as religiões?”. Páginas carregadas de acurada exposição jurídica, como as de “Torturas e torturado”. Páginas de profundas reflexões teológicas, como as de “A guarda do sábado”, “O diabo” e as deste livro.

Exegese, História, Teologia... tudo aformoseado com um estilo rico de arte e aquecido com vibrante paixão pela Verdade.

O Dr. Aníbal Pereira dos Reis é, incontestavelmente, o maior escritor evangélico atual. Sua cultura e sua capacidade de trabalho sabem aliar a fecundidade com a profundez.

Fecundidade na grande produção. Profundez na sabedoria e no acervo de conhecimentos com que cunha as suas obras.

Nem mesmo podemos entender como ele consegue tempo e condições para escrever tanto com tantas Campanhas de Evangelização que preside nos púlpitos evangélicos disseminados Brasil afora.

A única explicação procede de sua enorme capacidade de trabalho reconhecida por tantos quantos o conhecem, inclusive pelos hierarcas romanistas, capacidade essa, de certo, abençoada por Deus.

Disse-nos que o assunto deste livro daria para mais de mil páginas, tão exuberante é na Bíblia onde os argumentos sobre a salvação eterna do crente fluem aos borbotões. Esta obra é, pois, um resumo de tudo quanto ele desejaria escrever.

Capítulo após capítulo despontam em profusão referências bíblicas num admirável entramento lógico e teológico.

Só de uma pena como a do nosso autor poderiam jorrar páginas de tão profundo teor bíblico-teológico.

Cada parte deste livro é um verdadeiro tratado de teologia e exegese bíblicas.

Ao lê-lo, quem não se convencer da impossibilidade de o crente perder a sua salvação, das duas tristes circunstâncias uma: ou tem a mente bloqueada por preconceitos ou o coração comprometido por ignóbeis paixões carnais. Ou, pior ainda, juntam-se as duas tragédias: preconceitos e paixões carnais na mente e no coração.

Se esta obra deve ser objeto de nossas orações, o seu autor, com muito maiores motivos, precisa ser incluído em nosso interesse e em nossa simpatia espirituais.

Enfim, graças a Deus, Senhor nosso, por nos privilegiar com a regalia maravilhosa de divulgar outro livro de autor aprimorado como o nosso, ao público brasileiro interessado em sã leitura.

Os Editores

São Paulo, aos 13 de junho de 1978

.oOo.

PREFÁCIO

Estas páginas, ao enfoque das Sagradas Escrituras, perscrutarão a resposta à pergunta do título: Será que o crente pode perder a salvação?

Deixamos de citar teólogos, apesar de considerar muitos deles no múnus de atalaias da defesa da Verdade, imbuídos de profundas convicções evangélicas. Restringir-nos-emos a refletir nos textos sagrados pertinentes ao assunto.

O volume dos textos, por outra parte, favorecer-nos-ia uma obra assaz extensa. Optamos pela reflexão de alguns, apenas, por serem além de suficientes quanto à sua clareza e à evidência do ensino.

Reputo inquestionável a oportunidade deste estudo por dois motivos.

O primeiro para evangelizar. Com efeito, em todas as religiões há fieis sôfregos em busca da salvação eterna. Essas almas sedentas, quando esclarecidas sobre a Vida Eterna, aceitam-na com transportes imensos de júbilo.

O segundo intento, também muito importante a sublinhar a oportunidade deste livro, é o da sólida orientação dos próprios crentes.

Muitos deles, na preocupação de melhor servir a Deus ou de obter a cura de uma perturbação física, deixam-se cativar por grupos heréticos distintos por práticas fomentadoras de emoções exacerbadas sobre as quais constroem a sua fé. Fé mui inconsistente como volúveis são as emoções, razão porque negam esses heréticos a eternidade da salvação.

Iludidos esses crentes por um ambiente de fantasiosa espiritualidade, como enorme prejuízo, passam a sofrer conflitos íntimos sob o jugo do medo da perda da salvação.

Fui ontem procurado por uma senhora vítima de angústias terríveis. Por padecer de um mal crônico e desiludida com tantos e ineficazes tratamentos, resolveu valer-se da “oração da fé” duma seita curandeirista.

Conquanto crente batista de muitos anos, apesar de se malograr outra vez com o fracasso da “oração da fé”, de tanto ouvir nas arengas dos curandeiros acerca da possibilidade do crente perder a salvação se cometer certos pecados, vive agora em sobressaltos.

Sua filha mais velha, de 22 anos, resolveu voltar a cortar o cabelo, contrariando as orientações e as proibições materna amoldadas pelos carismáticos psicopatas. Sente-se a pobre mãe responsável pela decisão da filha e se julga outra vez perdida. Diz-se haver caído da graça.

Com o anelo de satisfazer os dois motivos da oportunidade desta obra, dividi-la-ei, depois de uma introdução, em três partes principais:

- 1) O aspecto OBJETIVO da eternidade da salvação ou a segurança do crente do ponto de vista divino;
- 2) O seu aspecto SUBJETIVO também chamado a perseverança dos santos;
- 3) Resposta a algumas objeções.

Solicito ao leitor esquadrihar estas páginas sob o influxo do Espírito Santo, com a mente disponível e o coração receptivo perante os textos sagrados da Palavra de Deus aqui transcritos e examinados pelo autor também com a mente disponível e o coração receptivo.

Estou certo das bênçãos de Deus nosso Senhor sobre este livro elaborado com profunda alegria. A alegria transbordante no usufruir da salvação eterna.

Um episódio singular, outrossim, sensibiliza-me neste dia quando escrevo este prólogo. É o do batismo evangélico de um ex-sacerdote católico romano celebrado por mim há poucas horas no Templo da Igreja Batista Memorial de São Paulo. O cumprimento dessa ordenança, por muitas razões, me enche de gozo, mas, sobretudo, porque o ex-padre José Lopes da

Silva foi grandemente ajudado no processo de sua conversão pela literatura de minha lavra.

Com coração repassado de intenso júbilo à data deste dia feliz, aponho minha assinatura como autor de mais um livro.

São Paulo, 30 de abril de 1978

Dr. Aníbal Pereira dos Reis

Em tempo: As versais das transcrições dos textos bíblicos encontradas nas páginas seguintes têm a deliberação de dar realce e correm por minha conta.

.oOo.

ESCLARECIMENTOS

INDISPENSÁVEIS

UMA PONDERAÇÃO INDISPENSÁVEL

Convicto e vibrante, proclamo: O crente evangélico em nosso Senhor Jesus Cristo não pode perder a salvação eterna!!!

Constante e instante, com idêntica persuasão, asseguro: EM HIPÓTESE ALGUMA, o crente é destituído dessa salvação!!!

Esta assertiva denota arrogância? Insolência? Empáfia? Convencimento? Ou presunção, de minha parte?

Veremos!

Fui sacerdote católico romano durante quinze anos e seis meses. Somando-se aos sete anos de curso superior do seminário católico, vi-me às voltas com a teologia romanista pelo tempo de vinte e dois anos e meio.

No transcurso desse longo período, sempre ouvi sobre a impossibilidade de alguém se salvar neste mundo. Os sacramentos, na dinâmica romanista, produzem apenas um germe de salvação por conferir aos seus participantes um “estado de graça”, do qual corre-se a todo instante o risco de cair e ao qual se pode ser reconduzido, via de regra, pelo sacramento da penitência ou confissão ao sacerdote.

Pois bem, contestando este doutrinamento e protestando contra ele, afirmo: Em hipótese alguma, nem com os seus possíveis pecados, o crente perde a salvação eterna adquirida desde o momento de sua regeneração evangélica.

Atrevimento meu?

Enfrento, sim, um enorme batalhão de teólogos. Afronto, sim, definições dogmáticas de papas e cânones anatematizantes de concílios como o de Trento.

Importuno ainda outras seitas católicas, como o metodismo e o pentecostismo, negadoras da vitoriosa segurança;

Intimidado e arrojado, insto na afirmação solene de absoluta impossibilidade do salvo perder a vida eterna.

Em qual autoridade me baseio?

Na autoridade da minha experiência pessoal? Subjetiva?

Na dos ensinamentos de homens, líderes religiosos, conquanto alguns escorados em grande poderio humano?

Na dos fictícios profetas supostamente iluminados por carismas especiais?

Não!!!

Minha convicção inarredável não se arrima nestes hierarcas, nem nos atuais profetas... E, muito menos, em minha experiência, porque as experiências individuais são tão diversas como diferentes e quantos são os indivíduos.

A minha solene, ousada e enérgica assertiva se firma e se estabelece nas Sagradas Escrituras!

As Sagradas Escrituras, e tão somente elas, por se perfilarem como Única Regra de Fé, como Única e Exclusiva Fonte de Revelação Divina, somente as Sagradas Escrituras são a nossa Autoridade. Autoridade exclusiva, singular, decisiva, completa e final. São elas a nossa terminante e irrevogável instância.

Suas decisões são, portanto, definitivas e inalteráveis.

Embora pareçam importantes os chilreios humanos com as suas declarações de fé, com os seus dogmas e as suas “interpretações” doutrinárias, recorramos **“à Lei e ao Testemunho”**. Se os pregadores religiosos **“não falarem desta maneira, jamais verão a alava”** (Isaiás 8.20).

Nas Sagradas Escrituras encontra-se a verdade em todos os seus propósitos espirituais, consoante o ensino de Paulo Apóstolo: **“Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”** (2 Timóteo 3.16-17).

Acerca de sua completa suficiência – suficiência acima das informações precisas de um ressuscitado – o Senhor Jesus Cristo, ao concluir o Seu relato sobre o destino eterno do gozador rico e de Lázaro, frisa: **“Eles têm Moisés e os profetas, ouçam-nos... Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos”** (Lucas 16.29-31).

Porque as Escrituras são completas e dissipam quaisquer dúvidas, o Mestre recomendava investigá-las: **“Examinai as Escrituras porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de Mim”** (João 5.39).

E recriminava os judeus por ignorá-las: **“Errais, não conhecendo as Escrituras”** (Mateus 22.29). Sua revelação é nossa! A nós se destina! **“As coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus; porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre”** (Deuteronômio 29.29).

Paulo Apóstolo encontrava nas Escrituras, e somente nas Escrituras, a autoridade para o seu ministério. Em Tessalônica, por exemplo, foi à sinagoga dos judeus e **“segundo o Seu costume, foi procurá-los, e, por três sábados, arrazoou com eles, acerca das Escrituras, expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos”** (Atos 17.2-3).

Em Bereia repetiu o seu método de pregar enraizado na autoridade infalível dos Santos Livros e os bereanos, mais nobres que os tessalonicenses, **“receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram de fato assim”** (Atos 17.11).

Quais bereanos, investigaremos a única e inerrante Fonte de Revelação Divina sobre a eternidade da salvação do crente evangélico em Cristo Jesus. Seremos, assim, **“mais nobres”** do que aqueles que a negam por aderirem às interpretações e ensinamentos humanos.

Beneficiar-nos-emos nesta busca por encontrarmos **“esperança”** pela **“consolação das Escrituras”** (Romanos 15.4), **“entendimento”** (Salmo 119.130), **“sabedoria”** (Salmo 19.7), **“vida”** (João 20.31), alegria para o coração e luz para os olhos (Salmo 19.8).

UMA DESCULPA EM REBATE

Ah, cada um “interpreta” as Escrituras consoante o doutrinamento de sua religião!

Eis o subterfúgio de muitos teimosos em fugir da luminosa evidência exposta nas Escrituras quanto à segurança absoluta de salvação eterna.

Os ensinamentos bíblicos sobre este magno assunto são de limpidez cristalina e dispensam quaisquer interpretações.

Por outro lado, o Espírito Santo ajuda a inteligência sincera na pesquisa da Verdade. O próprio Espírito, inspirador das Escrituras, auxilia a entendê-las.

Elas nos foram reveladas por Ele, **“porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus”** (1 Coríntios 2.10), pois **“as coisas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus”** (verso 11). E é por este mesmo Espírito que nos seremos esclarecidos na coisas de Deus. **“Nós não temos recebido o espírito do mundo, e, sim, o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente”** (verso 12).

Ao homem natural, ao incrédulo, é, de fato, difícil imaginar que alguém possa crer na segurança eterna da salvação, pois **“as coisas do Espírito de Deus lhe são loucura”** (verso 14). Falta-lhe **“a mente de Cristo”** (verso 16).

Ao crente, ao **“homem espiritual”**, Deus concede, pelo Seu Espírito, abundante entendimento da Sua Palavra. **“E vós possuís unção que vem do Santo, e todos tendes entendimento... E esta é a promessa que Ele mesmo nos fez, a vida eterna... E a unção que dEle recebestes permanece em vós e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a Sua unção vos ensina s respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é falsa, permaneci nEle, como também ela vos ensinou”** (1 João 2.20, 25, 27).

Reconheçam-se nas Escrituras alguns pontos difíceis de serem entendidos. Esquivemo-nos de torcê-los a exemplo dos **“ignorantes e instáveis”** (2 Pedro 3.16).

Estes desvirtuam, não só **“as coisas difíceis de entender”**, mas, igualmente **“as demais Escrituras”**. Também as Escrituras referentes ao sistema de salvação do pecador estabelecido por Deus em Jesus Cristo.

Nenhum obstáculo há quanto à compreensão das passagens escriturísticas desse Plano, como se reconhecerá no desenvolvimento deste livro.

A sua clareza é meridiana e a sua singeleza, límpida quanto ao alcance de qualquer inteligência, por mui reduzida, inclusive a de qualquer criança.

O caminho santo da salvação é claríssimo. **“Quem quer que por ele caminhe, não errará, nem mesmo o louco”** (Isaiás 35.8).

Desinteressar-nos-emos das falsas doutrinas negadores da possibilidade de segurança eterna do crente evangélico em Jesus Cristo.

O crente não perde a salvação! É a nossa solene assertiva. Mas **“que diz a Escritura?”** (Romanos 4.3). **“Buscai no livro do Senhor, e lede; nenhuma destas criaturas falhará, nem uma nem outra faltará; porque a boca do Senhor o ordenou, e o Seu Espírito mesmo as ajuntará”** (Isaiás 34.16).

.oOo.

SIGNIFICÂNCIA DAS PALAVRAS

O método escolástico requer a elucidação antecipada dos vocábulos importantes da tese a ser desenvolvida.

Por ser muito prático e eficiente, vamos adotá-lo.

A HISTÓRIA DE UM FANTASMA

Em São Joaquim da Barra, minha terra natal, no interior do Estado de São Paulo, havia, ao meu tempo de criança, um rapaz, o Puga, muito valente. A coragem era-lhe inata e de todos reconhecida.

Certa ocasião, após haver assistido com a noiva a um espetáculo de circo, regressava alta madrugada para casa num sítio a uns oito quilômetros da cidade.

Lá pelas tantas, ele viu um enorme vulto branco à beira da estrada, sacudindo-se à sombra de uma gigantesca árvore prateada pela lua cheia no esplendor do apogeu.

O cavalo estacou. Crinas arrepiadas, resfolegante, cascavelando o macadame com as patas dianteiras. Teimoso, relutava prosseguir em franco protesto contra as rédeas presas às mãos do seu montador.

O cavaleiro queria continuar a viagem, apesar de lhe haver acometido pavorosa tremedeira.

A teimosia do animal venceu.

Mas, ao se aproximar da cidade, o Puga, que se propusera bater à porta da noiva a lhe pedir pousada, encheu-se de brio ao avaliar os possíveis comentários sobre o seu medo de assombração.

Decidiu voltar à estrada. Enfrentaria o lobisomem.

Jamais suportaria as chacotas dos amigos sempre informados de sua bravatas.

A galope, retornou o Puga.

E, no mesmo lugar, ao lado da estrada, sob a enorme árvore, permanecia o fantasma furioso.

Arrepiado de medo, pernas bambas, apeou do cavalo, obstinado, como na vez anterior, em regressar. Amarrou-o a uns cinquenta metros no tronco de um arbusto. E caminhou em direção do abantesma branco.

Revólver em punho, bradava:

“Quem é? O que quer? Diga de uma vez, senão eu atiro!”

Como resposta parecia-lhe ouvir um leve gemido.

Persistiu em perguntar.

A despeito da falta de qualquer resposta, enchia-se de coragem com o ressoar de sua própria voz.

Resoluto, com aquele destemor de pernas a tremer, deu dois tiros no vulto.

Vazado pelos dois projéteis, o lobisomem arriou. Murchou-se todo.

Entre aliviado e arrependido, o Puga chegou perto.

E, rindo a bandeiras despregadas, constatou. O vulto medonho era um saco branco estendido no arame da cerca. O vento o enchia e o sacudia debaixo da sombra que o fazia distinguir-se mais, tornando-o vulto medonho.

Os furos das balas permitiram que o vento se escoasse e a assombração se abateu.

A uns vinte metros da cerca de arame farpado abriu-se uma janela da casa do proprietário. E uma voz feminina protestava:

“Moço, agora você paga meu saco!”

Seria um enorme fiasco da parte do Puga se, de fato, se houvesse refugiado na casa da noiva. Ao se divulgar a notícia, estaria irremediavelmente desmoralizado.

Essa história de assombração faz-me lembrar das muitas discussões inúteis porque os contendores ignoram o significado verdadeiro das palavras implicadas no assunto em debate.

E essa ignorância enche de vazio muitas disputas que assustam como abantesmas e nada produzem senão descontentamento.

Certa ocasião, antes de iniciar uma palestra para jovens sobre o divórcio, perguntei-lhes o sentido desse vocábulo. Ninguém soube me responder. Nem alguns universitários presentes.

Se antes da palestra houvesse omitido a elucidação dos termos “divórcio” e “desquite”, o proveito teria sido reduzido ou nulo. E esbanjado meu magnífico tempo.

Muitas discussões se tornam improficuas e tanta saliva esbanjada como resultado da falta de entendimento das próprias palavras da matéria discutida.

O esclarecimento dos termos chaves deste estudo facilitará o entendimento da exposição e antecipará a resposta de algumas objeções. Removerá assombrações inúteis.

O CRENTE

Todos querem ser crentes. E, de fato, todos o são porque todos crêem em algo ou em alguém.

O budista, o maometano, o espírita, o umbandista, o católico, o evolucionista, todos, no sentido geral da palavra, são crentes. E muitos são crentes na fé ou na credice e na sugestão.

O Cristianismo, outrossim, se divide e se subdivide em muitos ramos, dos quais a quase totalidade crê de maneira adulterada em Jesus Cristo ou num Jesus Cristo falsificado.

Em nosso tratado, contudo, o vocábulo “**CRENTE**” tem uma significação especial. Limitada. Limitada pela própria conceituação evangélica.

CRENTE é aquela pessoa que, segundo as Escrituras, arrependendo-se dos seus pecados, confia evangelicamente em Jesus Cristo como o seu único e todo-suficiente Salvador e, em resultado, desfruta de salvação eterna. Da vida eterna eternamente inamissível.

Entrou no estado de graça, segurança e paz, no qual está incondicionalmente certo de sua salvação (Romanos 5.1-5), garantida esta pela graça e pela verdade divina (Romanos 5.1-11; 8.38-39; 1ª Coríntios 1.8-9).

O CRENTE não ESTÁ apenas salvo. Ele É salvo.

O verbo **ESTAR** designa uma qualidade transitória, accidental. E **SER**, uma qualidade natural, ou permanente, ou habitual.

Estar feliz é transitório. Ser feliz é permanente.

O crente **É** salvo porque, uma vez salvo, para sempre salvo. Em definitivo!

Acautelemo-nos de prováveis embaraços reconhecendo-se a presença de cristãos ou crentes nominais. O fato incontestável, longe de nos surpreender, foi previsto pelas Escrituras Sagradas. Em algumas parábolas, acham-se simbolizados. Na parábola do semeador, três dos quatro ouvintes são espúrios. E as aves do diabo, as quais, apesar de pousarem nos ramos da árvore, não fazem parte da árvore. O joio se mistura intimamente com o trigo e, por sua semelhança, pode, para o incauto, passar por trigo. Os peixes inqualificáveis se confundem com os bons. Joio e peixes ruins, ao final, serão separados.

O Apóstolo Paulo alude aos falsos irmãos e nos aconselha a que nos precatemos deles (1ª Coríntios 5.11; Gálatas 2.4).

Quando um destes crentes nominais se retira do meio dos salvos, longe está de haver perdido ele a salvação. Não a perdeu porque nunca a possuiu.

As Escrituras Sagradas são completas. Nelas encontram-se todas as informações para a nossa vida espiritual. Até para a conjuntura de quando se afasta o joio ou uma ave do diabo ou se remove um peixe vil do meio evangélico. **“Saíram de nós, mas não eram de nós; porque, se fossem de nós, ficariam conosco; mas isto e para que se manifestasse que não são todos de nós”** (1ª João 2.19).

JESUS CRISTO

É a notícia divulgada. Jesus Cristo é um só!

O Jesus Cristo do católico, do espírita, do umbandista, do zarurista, do protestante, do evangélico é um só.

Terrível engano!

Há muitos Jesus Cristo, como há muitos José. E sobram as Maria.

Há um Jesus Cristo somente homem.

Há um Jesus Cristo mítico.

Há um Jesus Cristo sintético.

Há um Jesus Cristo símbolo.

Há um Jesus Cristo metafísico.

Há um Jesus Cristo católico, cujo sacrifício precisa ser repetido em missas, o qual, de tão ineficaz, é apoiado na estacaria de uma co-redentora,

de uma multidão de intercessores, de uma horda de clérigos, dos sacramentos, do purgatório e das boas obras.

Há um Jesus Cristo, o espírito mais evoluído dentre tantos espíritos em processo evolutivo ou já evoluídos.

Há um Jesus Cristo sublevador das massas acenando flâmulas de reivindicações sócio-econômicas.

Há um Jesus Cristo suporte dos magnatas usurários e dos burgueses epicuristas.

Há um Jesus Cristo pretexto ignóbil da exploração da credence popular.

E há o Jesus Cristo revelado nas Escrituras Sagradas. Este Jesus Cristo é, como Filho Unigênito de Deus, preexistente em toda a Eternidade. Virginalmente nascido de Maria como Homem verdadeiro. Depois de Sua real morte expiatória e vicária numa cruz, ressuscitado com o Seu verdadeiro e específico corpo. Ascendido aos céus; Salvador único porque todo-suficiente, cujo sacrifício é de valor infinito, portanto, irrenovável ou irrepetível. Sacrifício este dotado de méritos suficientes para remir todos quantos nEle confiam.

O Jesus Cristo mencionado neste livro é este Jesus Cristo, único Salvador e Senhor. É o Jesus Cristo dos evangelhos, livre de achegas e de arrimos.

É o Jesus Cristo que salvou os discípulos de perecerem submersos no mar encapelado (Mateus 8.23-27), que a muitos salvou, curando-os de enfermidades (Mateus 9.20-22; Marcos 3.1-5; Lucas 17.11-19; 4.40).

É Jesus Cristo nosso Senhor, sobretudo o Salvador no sentido estrito. Absoluto. Escatológico.

Sua salvação consiste na libertação do perdido e no seu refúgio em completa e sólida segurança.

Seu livramento é remissão plena, irreversível, definitiva e absoluta dos pecados, resgate total e completo do poder de Satanás, libertação da ira divina, escape da condenação eterna em fogo e desta geração perversa. É a transferência para o Reino celestial, posse da liberdade no Espírito, adoção divina, vida eterna.

Prometido (Gênesis 3.15; 49.10; Isaías 10.20; Jeremias 23.5-6;) e predito (Isaías 7.14; com Mateus 1.23; Isaías 59.20 com Romanos 11.26; Isaías 62.11; Daniel 9.24-26; Miquéias 5.2 com Mateus 2.5-6), em carne padecente nasceu de uma virgem (Lucas 1.26-38), assemelhou-se em tudo com os homens, tirante o pecado (Hebreus 2.17; 4.15).

Em plena liberdade ofereceu a Sua vida em preço de nossos pecados (João 10.11, 15, 17-18; Gálatas 1.4; 2.20; Efésios 5.2; 1ª Timóteo 2.6; Tito 2.14; Hebreus 10.5-18).

Seu sacrifício, de valor infinito, realizou-se uma única vez e de uma vez por todas. **“Temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo feita uma vez”** (Hebreus 10.10, 12, 14).

Consumado o Seu sacrifício, **“veio a ser causa de eterna salvação para todos os que Lhe obedecem”** (Hebreus 5.9); causa de **“eterna consolação”** (2ª Tessalonicenses 2.16); de **“eterno peso de glória”** (2ª Coríntios 4.17); de **“glória eterna”** (2ª Timóteo 2.10; 1ª Pedro 5.10); de **“redenção eterna”** (Hebreus 9.12); de **“eterna herança”** (Hebreus 9.15).

“Eterna salvação para todos os que Lhe obedecem” na aceitação de sua economia salvífica, que demanda do pecador o arrependimento (Mateus 4.17; Marcos 1.14-15; Lucas 13.3, 5) dos próprios pecados e fé nEle, e exclusivamente nEle por ser Ele todo-suficiente Salvador (Marcos 16.16; João 3.16, 18; 5.24; 6.47).

SALVAÇÃO

Definida, e bem definida, a significância desse termo, com mais facilidade entender-se-ão os ensinamentos da santa, infalível e inerrante Palavra de Deus.

1) De sua frequência nas Escrituras infere-se a sua importância.

O verbo “salvar” (*sōzō*, no original grego) é encontrado 111 vezes em o Novo Testamento e 45 vezes o substantivo “salvação” (*sōtēria*).

2) Os nossos dicionários definem “salvação” como “livramento de um perigo, da ruína, da morte”.

3) Nem sempre, contudo, essa palavra tem nas Santas Escrituras idêntico significado quanto aos seus motivos.

Aliás, em nosso linguajar usual é assaz comum o emprego de um termo com vários sentidos. Por exemplo, a palavra “lembrança”. Às vezes, a usamos como sinônimo de “saudação”, outras como “dádiva”, ou como “presente” e outras, ainda, como “coisa própria para ajudar a memória”.

Os missionários norte-americanos encontram sérias dificuldades em aprender a nossa língua causadas pela riqueza de significados em muitas de nossas palavras.

Lembro-me também do vocábulo “bomba”. Bomba é um explosivo que produz estampido muito em voga nas celebrações populares. É uma espécie de doce. É uma máquina para elevar a água. É um aparelho para encher de ar os pneumáticos. Bomba é reprovação na escola. Também é um acontecimento desagradável. Designa o sabor ruim de algum alimento. Bomba, no Rio Grande do Sul, é o canudo com que se suga da cuia o chimarrão.

4) De igual forma, o vocábulo “salvação” tem nas Sagradas Escrituras vários sentidos que passamos a verificar:

1º) O sentido militar ou político-social.

Deus deu salvação a Israel quando o libertou do jugo egípcio (Êxodo 14.30; 15.2) e também quando, através de Sansão, favoreceu os israelitas, salvando-os dos filisteus (Juizes 15.18) e dos amonitas (1º Samuel 11.13).

Pelo fato de dar vitórias nas batalhas militares, Deus é chamado de Salvador (Salmo 106.21; Atos 7.35).

Supondo os israelitas haver de ser o Messias um Redentor político, aclamaram Jesus Cristo, quando de Sua entrada triunfal em Jerusalém, com o grito **“Hosana”** que, etimologicamente, significa: “Dá a vitória” ou “dá a salvação”. No caso, salvação política do jugo romano.

No capítulo 3 do livro do profeta Habacuque, encontram-se magníficas figuras do enaltecimento de Deus, o Salvador nesta acepção.

2º) O sentido de livramento de um iminente desastre ou da destruição.

Quando da grande tempestade marítima, os discípulos foram acordar o Mestre clamando-Lhe: **“Salva-nos, Senhor, que estamos perecendo”** (Mateus 8.25). E Pedro, quando ameaçado de sossobrar nas águas revoltas: **“Senhor, salva-me”** (Mateus 14.30). Na oportunidade da visita dos gregos, Jesus afirmou-lhes: **“Agora, a Minha alma está perturbada; e que direi Eu? Pai, salva-Me desta hora? Mas para isto vim a esta hora”** (João 12.27).

Com esse significado, o vocábulo foi empregado pelos espectadores do Calvário, os sacerdotes, os soldados (Mateus 27.40, 42, 49), as próprias autoridades que zombavam do Crucificado e os malfeitores dependurados (Lucas 23.35, 39). Assim também Lucas o usa quando descreve o naufrágio do navio da viagem de Paulo para Roma (Atos 27.20).

3º) A acepção do livramento da tribulação (Salmo 34.7; Isaías 33.2; Jeremias 14.8) ou de enfermidades como quando muitas vezes se dá a súplica angustiada da mãe aflita ao médico: “Doutor, salve meu filho!”

Aliás, o latim *“Salus, salutis”*, de onde as nossas palavras “saúde”, “salutar” e suas derivadas, quer dizer “saúde e salvação”.

É o caso da mulher acometida de fluxo de sangue a quem Jesus curou (Mateus 9.21-22; Marcos 5.34; Lucas 8.48); do homem da mão mirrada curado na sinagoga num dia de sábado (Marcos 3.4); do cego de Jericó a quem Jesus disse: **“Vai, a tua fé te salvou”** (Marcos 10.52); daquele único

dos dez leprosos que demonstrou gratidão e a quem Jesus assegurou: **“Levanta-te e vai; a tua fé te salvou”** (Lucas 17.19); do comentário dos discípulos quando Jesus lhes disse estar Lázaro dormindo: **“Senhor, se dorme, estará salvo”** (João 11.12).

4º) O sentido estrito, absoluto, escatológico, em dimensão espiritual, quando uma pessoa se torna participante da salvação espiritual outorgada por Cristo. É a libertação do perdido e o refúgio em completa segurança.

Neste sentido, a palavra “salvação” é verificada por 37 vezes em o Novo Testamento. E, das 111 vezes do emprego do verbo “salvar”, muitas delas o é com esta significação.

Desta forma é entendida:

* no cântico de Zacarias (Lucas 1.77);

* na explicação sobre o Nome Jesus (Mateus 1.21);

* no comentário de João: **“Porque Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele”** (João 3.17);

* na advertência de Jesus à samaritana: **“Porque a salvação vem dos judeus”** (João 4.22);

* na pergunta dos discípulos quando o moço rico recusou o convite do Mestre para segui-lo: **“Quem poderá, pois, salvar-se?”** (Mateus 19.25);

* na proclamação de Cristo em casa de Zaqueu: **“Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido”** (Lucas 19.10);

* na Grande Comissão: **“Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado”** (Marcos 16.15-16);

* na assertiva de Pedro perante o Sinédrio (Atos 4.12);

* na exclamação da possessa de Filipos (Atos 16.17).

Também no Velho Testamento é esta a significância mais freqüente do vocábulo “salvação” e do seu verbo correlato, como em Isaías 45.8; 49.8; 51.5, 6, 8; 56.1; Salmo 12.5; 50.23; 67.2; 91.16; 119.123, 166, 174.

Empregá-lo-emos ao longo destas páginas neste sentido espiritual.

Outros vocábulos importantes, como segurança, certeza, perseverança, terão, a seu tempo, a sua aceção elucidada.

.oOo.

A NATUREZA E OS ASPECTOS DA SALVAÇÃO

Do estudo sobre os efeitos da salvação depreender-se-á a sua natureza espiritual.

Num intento didático, considerá-la-emos em seus resultados sob o duplo enfoque: negativo e positivo.

I A SALVAÇÃO ESPIRITUAL EM SEUS EFEITOS NEGATIVOS

Em primeiro lugar, à luz das Sagradas Escrituras, ela é negativa por resultar em superação ou resgate de um estado precedente de perdição.

Por isso, fundamentalmente, a salvação consiste em:

1) Remissão dos pecados.

Com efeito, o Messias, consoante o anúncio angélico a José, chamar-se-ia Jesus **“porque Ele salvará o Seu povo dos seus pecados”** (Mateus 1.21). João, de resto, foi o Seu precursor **“para dar ao Seu povo conhecimento da salvação, na remissão dos seus pecados”** (Lucas 1.77).

Na sinagoga de Antioquia da Pisídia, Paulo Apóstolo doutrinou: **“Seja-vos pois, notório, varões irmãos, que por Este [Jesus] se vos anuncia a remissão dos pecados. E de tudo o que pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por Ele é justificado todo aquele que crê”** (Atos 13.38-39; 26.18).

Jesus Cristo, **“em Quem temos a redenção pelo Seu sangue, a saber, a remissão dos pecados”**, proclama o apóstolo em Colossenses 1.14.

E, em Hebreus 9.15, ao enaltecer o Sacerdócio ímpar de Jesus Cristo, afirma: **“E por isso é Mediador de um Novo Testamento, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia debaixo do primeiro Testamento, os chamados recebam a promessa da herança eterna”**.

2) Resgate do poder de Satanás.

Quando os judeus blasfemavam assacando contra Jesus a injúria de ser Ele endemoninhado, afirmou o Mestre: **“Como pode Satanás expulsar Satanás? E, se um reino se dividir contra si mesmo, tal reino não pode subsistir; e, se uma casa se divide contra si mesma, tal casa não pode subsistir; e, se Satanás se levantar contra si mesmo, e for dividido, não pode subsistir; antes tem fim. Ninguém pode roubar os bens do valente, entrando-lhe em sua casa, se primeiro não manietar o valente; e então roubará a sua casa”** (Marcos 3.23-27).

Perante o rei Agripa, Paulo repetiu o relato de sua conversão, reafirmando, outrossim, a chamada de Jesus: **“Porque te apareci por isto, para te pôr por ministro... para lhes [aos judeus e gentios] abrires os olhos, e das trevas os converteres à luz, e do poder de Satanás a Deus; a fim de que recebam a remissão dos pecados, e sorte entre os santificados pela fé em Mim”** (Atos 26.18).

“Para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do Diabo” (1ª João 3.8).

3) Libertação da ira divina.

O pecador, por natureza ou por natural impulso, em consequência do pecado de origem, é filho da ira, ou seja, é digno da cólera e da inimizade divinas e sujeito aos castigos correspondentes.

A salvação redonda no livramento desta ira, consoante Paulo Apóstolo: **“Sendo justificados pelo Seu Nome [de Jesus Cristo], seremos por Ele salvos da ira”** (Romanos 5.9). **“Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo”** (1ª Tessalonicenses 5.9). **“Jesus, que nos livra da ira futura”** (1ª Tessalonicenses 1.10).

4) Livramento do juízo divino ou da condenação.

O pecador é um perdido e digno de punição por estar destituído da glória de Deus (Romanos 3.23).

Jesus Cristo, porém, **“veio buscar e salvar o que se havia perdido”** (Lucas 19.10). Por isso, **“quem crê nEle não é condenado”**, elucidada João em 3.18.

Por decorrência de Sua morte vicária e expiatória, nosso Senhor Jesus Cristo pôde certificar: **“Na verdade, na verdade, vos digo que quem ouve a Minha palavra e crê nAquele que Me enviou tem a vida eterna, e não entrará em condenação [ou julgamento], mas passou da morte para a vida”** (João 5.24).

5) Refúgio desta geração perversa.

Pedro, no dia de Pentecostes, testificou de Cristo e exortou o auditório a salvar-se dessa geração perversa (Atos 2.40) ou do mundo posto no maligno (1ª João 5.19) em cujos seguidores não repousa o amor de Deus (1ª João 2.15).

A geração perversa é o mundo comparado por Paulo a trevas em cujas obras o salvo não se comunica, antes condena-as (Efésios 5.8-11).

6) Salvamento do fogo.

O fogo assinala o inferno porque a consciência dos réprobos arde e queima como brasas.

Por esse motivo, em o Novo Testamento o inferno é, por cerca de 30 vezes, chamado de fogo: **“o fogo que nunca se apaga”** (Marcos 9.43-48).

O salvo é, segundo Judas 23, arrebatado do fogo, que também é chamado de segunda morte (Apocalipse 20.14). Para o lago de fogo irá aquele cujo nome for omitido no Livro da Vida (id., v. 15).

7) Libertação da morte eterna.

Este efeito da salvação engloba e consolida todos os resultados anteriores.

Em 2ª Coríntios 7.10, Paulo contrapõe a salvação à morte e Tiago informa: **“Saiba que aquele que fizer converter do erro do seu caminho um pecador salvará da morte uma alma”** (Tiago 5.20).

A salvação do crente é um **“passar da morte para a vida”** (1ª João 3.14; João 5.24).

II

A SALVAÇÃO ESPIRITUAL EM SEUS EFEITOS POSITIVOS

Se, fundamentalmente, a salvação revela a sua natureza através dos seus resultados negativos, ela produz, outrossim, efeitos positivos dos quais destacamos os seguintes:

1) Transfere o salvo para o Reino da Vida, chamado ainda de Reino Celeste.

Paulo Apóstolo magnifica Deus por nos haver abençoado **“com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo”** (Efésios 1.3)

porque **“Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo Seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo... e nos ressuscitou juntamente com Ele e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus”** (Efésios 2.4-6).

Em sua derradeira epístola, às vésperas de sua morte, Paulo se apresentava seguro no Senhor que o preservava **“para o Seu Reino celestial”** (2ª Timóteo 4.18).

2) A posse da liberdade.

O pecado é a escravidão conforme a própria advertência de Jesus em João 8.34: **“Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é servo do pecado”**.

A salvação proporciona ao crente o resgate dessa escravidão.

O Apóstolo aconselhava os gálatas a que se mantivessem firmes **“na liberdade com que Cristo nos libertou”** (Gálatas 5.1) porque **“somos filhos, não da escrava, mas da livre”** (Gálatas 4.31) por sermos **“filhos da promessa, como Isaque”** (Gálatas 4.28).

Pelo fato de o crente ter o Espírito Santo, ele é livre porque **“onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade”** (2ª Coríntios 3.17).

3) A filiação divina.

A salvação originada da regeneração, que é um verdadeiro novo nascimento (João 3.3-7), produz essa filiação gloriosa na conformidade de João em seu prólogo: **“A todos quantos O receberam [a Jesus], deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que crêem no Seu Nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus”** (João 1.12-13).

Em consequência, a salvação proporciona o elevar do homem a uma participação sobrenatural do Ser de Deus, ou seja, a participação da natureza divina (2ª Pedro 1.4), transformando-o em geração eleita.

Ao expressar este assunto, Pedro declara: **“Vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes dAquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhos luz”** (1ª Pedro 2.9).

4) A vida eterna.

Em sua dimensão vertical, aliás, a salvação se sinonimiza com a vida eterna.

OS TRÊS ASPECTOS DA SALVAÇÃO

À falta de entendimento destes aspectos ou etapas, levantam-se objeções infundadas contra o precioso ensino das Escrituras quanto à eternidade da salvação.

Por ignorá-lo, muitos supõem o risco do crente vir a, como resultado dos seus pecados, perder a salvação. E exigem obras para sustentá-la, temendo o perigo de “cair da graça”.

Distingamos e examinemos esses aspectos ou etapas, a fim de evitarmos sustos ao nos depararmos com certas passagens bíblicas, como, por exemplo, Filipenses 2.12: **“Operai a vossa salvação com temor e tremor”**.

Os três aspectos ou fases são: instantâneo, progressivo e final.

PRIMEIRO: A salvação é **INSTANTÂNEA**, passada ou acontecida, que corresponde à regeneração quando da justificação. É a redenção do pecado. **“E acontecerá que todo aquele que invocar o Nome do Senhor será salvo”** (Atos 2.21). **“Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se confessa para a salvação... Porque todo o que invocar o Nome do Senhor será salvo”** (Romanos 10.10, 13).

Os crentes **JÁ FORAM SALVOS DA PENALIDADE DO PECADO**. **“Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a Minha Palavra, e crê naquele que Me enviou tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida”** (João 5.24).

O caso da salvação do malfeitor crucificado é típico. Ao proclamar sua confiança em Jesus, foi, de imediato, salvo. Jesus o salvou no instante em que ele nEle confiou. E o salvou de uma vez e para sempre!

Esta ideia de livramento da pena do pecado é uma experiência sobrevinda imediatamente à conversão. É um resultado fixo expresso na noção da perseverança dos santos, pois todos quantos são verdadeiramente salvos permanecerão firmes até ao fim.

É um fato a que Jesus Cristo, em Sua palestra com Nicodemos, chama de **“nascido de novo”** (João 3.3-7).

Consoante Paulo Apóstolo, a salvação ou regeneração ou novo nascimento é pela graça, sem o concurso das obras (Efésios 2.8-9).

Por essa regeneração a pessoa se torna filho de Deus (João 1.12). E essa filiação é perpétua porque ela é resultado da vida eterna.

A vida eterna é, pois, instantânea nesse sentido de ser concedida no exato momento em que o pecador, arrependido, confia evangelicamente em Jesus Cristo. Recebida a SALVAÇÃO ETERNA, jamais se perde. Torna-se salvo. Salvo DE UMA VEZ e PARA SEMPRE.

SEGUNDO: A salvação **PROGRESSIVA** é o desenvolvimento ou o crescimento do já salvo, do já regenerado, do já nascido de novo, na graça, no conhecimento e no serviço de Cristo e em Cristo (2ª Pedro 3.18; Filipenses 2.12; 2ª Coríntios 1.6).

Já salvos da penalidade do pecado, agora os crentes ESTÃO SENDO SALVOS DO DOMÍNIO DO PECADO.

Destarte, a salvação progressiva é uma atividade incessante sob o fluxo do Espírito Santo, sempre operoso no crente (Tito 2.11; Gálatas 5.22-25).

É sob este enfoque que Paulo apela aos filipenses: **“Operai a vossa salvação com temor e tremor”** (Filipenses 2.12).

Salvação aqui tem o significado de santificação, que é a salvação progressiva ou contínua.

O salvo deve trabalhar, operar, o dom inefável recebido quando da sua regeneração, crescendo nela.

Se a justificação é completa e, portanto, prescinde de escalas ou graus, em contrapartida, a santificação, a ser operada com temor e tremor em virtude da remanescente pecaminosidade da carne (Romanos 7.24), é gradual e susceptível de constante aumento.

Este operar ou trabalhar a salvação é ainda inculcado pelo Apóstolo quando enaltece as obras como resultado da salvação: **“Porque somos feitura Sua [de Deus], criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas”** (Efésios 2.10).

Ninguém é salvo PELAS obras, mas é salvo PARA as obras. Estas não produzem a salvação instantânea. São efeitos da salvação e desenvolvem a santificação ou salvação progressiva.

Ao rematar a sua Segunda Carta, Pedro recomenda: **“Crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo”** (3.18), como num fecho magnífico de sua anterior exortação em que demonstra o desenvolvimento progressivo da vida cristã: **“E vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência, e à ciência temperança, e à temperança paciência, e à paciência piedade, e à piedade amor fraternal, e ao amor fraternal caridade. Porque, se em vós houver e abundar estas coisas, não vos deixarão ociosos nem estéreis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo”** (2ª Pedro 1.5-8).

TERCEIRO: É o aspecto da salvação **FINAL**, ou ulterior, ou glorificação celestial **“a se revelar no último tempo”**, quando o salvo receberá, no processo redentor, em plenitude pela ressurreição (João 5.28; 6.40; 11.25) todos os benefícios da Obra de Cristo (Hebreus 9.28; Romanos 8.11) na proporção da fidelidade ao serviço do Senhor e do desenvolvimento espiritual de cada um (Romanos 8.17; 1ª Coríntios 2.7-9).

Esta etapa acontecerá no céu quando o crente **SERÁ SALVO**, em definitivo, da **PRESENÇA** do pecado, de conformidade com o esclarecimento de Hebreus 9.28: **“Assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que O esperam para a salvação”**.

A essa etapa terminal alude Paulo Apóstolo em Romanos 13.11: **“E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé”**. Em 1ª Tessalonicenses 5.8-9, lemos: **“Mas nós, que somos do dia, sejamos sóbrios, vestindo-nos da couraça da fé e do amor, e tendo por capacete a esperança da salvação. Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo”**. E em Hebreus 1.14: **“Não são, porventura, todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação?”**.

Pedro também é assaz explícito na referência a esta terceira etapa quando diz: **“Mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação, já prestes a se revelar no último tempo”** (1ª Pedro 1.5).

É a sua plena realização, quando na realidade, se apossa definitivamente da visão de Deus.

Essa posse é definitiva em plenitude, na sua verdadeira e total medida, com a gloriosa ressurreição corpórea. **“Porque, se fomos plantados juntamente com Ele na semelhança da Sua morte, também o seremos na da Sua ressurreição”** (Romanos 6.5). **“Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus”** (2ª Coríntios 4.14).

O capítulo 15 inteiro de 1ª Coríntios discorre com inexcedível profundidade acerca desse assunto e sua leitura, agora, é de todo recomendável.

Com o entendimento da diferença dessas três fases da salvação compreender-se-ão muitas passagens das Escrituras, solucionando-se, outrossim, sem quaisquer dificuldades muitas objeções à segurança eterna dos salvos. Objeções, aliás, fictícias porque oriundas da falta de esclarecimento referente às três etapas ou aspectos agora estudados.

.oOo.

A VIDA ETERNA

O homem foi criado para viver!

Será, porém, vida verdadeira esse punhado de 70 ou 80 anos nesta terra?

Há árvores, como as sequoias e os pinheiros de pinhas aristadas, cuja existência atinge milhares de anos. E a das tartarugas gigantes vai além de 150 anos.

O bioquímico Isaac Asinov, estudando a capacidade do cérebro humano, concluiu que o seu sistema de arquivo é “perfeitamente capaz de absorver qualquer quantidade de saber e memória que o ser humano possa lançar sobre ele – e também um bilhão de vezes mais do que esta quantidade”.

Seria lógica uma existência humana assaz curta em vista da existência de seres vegetais e animais irracionais muito mais extensa?

Seria lógico ter o cérebro humano uma capacidade de armazenagem de informações e conhecimentos um bilhão de vezes maior do que a que ele usa durante a permanência mediana desta vida?

Inconformados com esta precariedade, várias pessoas vêm providenciando, apesar do elevadíssimo custo, o congelamento do seu cadáver na presunção do posterior retorno à vida em resultado de alguma possível descoberta científica.

O homem, segundo o plano inicial de Deus, foi criado para viver! Havia no Éden uma **“árvore da vida”**. Lá não se encontrava nenhuma árvore da morte.

A morte do homem é consequência inexorável do pecado (Gênesis 2.17; 3.19; Romanos 5.12).

O dom da salvação, outorgado por Deus em Cristo Jesus, é, contudo, uma salvação para a vida.

No Antigo Testamento – é de se notar – o verbo “salvar” corresponde ao verbo “viver”.

Neste sentido de vida, portanto, a salvação supera o significado puramente negativo da libertação do mal.

Em sendo a morte a grande inimiga do homem, a vida se lhe constitui em dom preciosíssimo.

À luz das Sagradas Escrituras, a salvação sempre tem uma relação estreita com a morte e, na dimensão espiritual, obter salvação da morte significa obter a VIDA ETERNA, pois salvação eterna e vida eterna em nossa compreensão humana são coisas idênticas.

Jesus identificou esta luminosa realidade quando assegurou: **“Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a Minha Palavra, e crê naquele que Me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida”** (João 5.24).

Salvar-se, por conseguinte, é passar da morte para a vida eterna graças ao sacrifício de Cristo, que **“veio a ser causa de ETERNA SALVAÇÃO”** (Hebreus 5.9).

1) A vida eterna se concretiza em plenitude na suma bem-aventurança celestial: “As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem” (1ª Coríntios 2.9).

Em Mateus, por sete vezes, em Marcos por quatro e em Lucas por cinco, os sinóticos aludem a esta bem-aventurança cognominando-a VIDA. Embora não a adjetivem eterna, demonstram tratar-se de uma vida distinta da terrena. É a vida futura, a vida por excelência.

Paulo Apóstolo, por 37 vezes em seu Documentário, incluindo-se as 2 vezes em Hebreus, considera-a a vida excepcional por ser resultado do sacrifício e da ressurreição de Jesus Cristo (1ª Tessalonicenses 5.10).

João, o evangelista da vida, fala dela por 36 vezes em seu evangelho, por 13 nas suas epístolas e por 17 no Apocalipse.

Essa bem-aventurança ou VIDA é o magnífico resultado da salvação. Ela é o tipo da vida que Deus vive.

É a vida de Deus! Obtê-la implica em participar intimamente, através da graça, da vida do Ressuscitado.

Jesus, nos evangelhos, apresentou a bem-aventurança sob a figura ou símbolo do banquete nupcial e da ceia. Em Mateus 22.1-14 e 25.1-12, com um festim de casamento. Em Lucas 12.37 à ceia preparada pelo senhor para os seus criados fiéis. Em Mateus 8.11 e Lucas 13.29 a um banquete ao qual acorrerão todos os povos. Em Lucas 14.16-24 à ceia que um homem poderoso preparou a ricos e pobres, felizes e infelizes.

Assentar-se à mesma mesa de refeição é sinal destacado de amizade. Só convidamos para a nossa mesa as pessoas com as quais comungamos de intimidade.

Ora, a vida eterna, conforme os ensinamentos de Jesus nessas parábolas, é a mais deleitante e íntima comunhão dos salvos com Deus.

Assim como à mesa mantemos a conversa durante as refeições, a vida eterna, na bem-aventurança celestial, é um colóquio face a face com Deus a proporcionar alegria e felicidade imensas para o salvo, o bem-aventurado. É o que João elucida em sua Primeira Carta: **“Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque ASSIM COMO É O VEREMOS”** (3.2). E Paulo Apóstolo: **“Porque agora vemos por espelho em enigma mas, então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então CONHECEREI COMO TAMBÉM SOU CONHECIDO”** (1ª Coríntios 13.12).

Com efeito, a vida eterna consiste na visão beatífica, efetiva, de Deus (Jó 19.25-27; Atos 7.55; Mateus 5.8; 2ª Coríntios 5.1-6).

Pelo fato de o crente participar da filiação eterna de Cristo, se constitui em filho de Deus. Por isso, quando da sua ressurreição, o Senhor o tornará em alma e corpo, configurado à Sua natureza humana e gloriosa. Será ele irmão manifesto de Jesus Cristo e isto lhe possibilitará apossar-se plenamente da herança de filho de Deus. Verá a Jesus Cristo em Sua realidade íntima, divina, **“tal como Ele é”**. E, vendo o Filho, contemplará simultaneamente o Pai, porquanto **“quem vê o Filho vê também o Pai”, “no Pai o Filho está”** (João 14.6-9). Aliás, a vida eterna consiste em que os homens conheçam o Pai e o Seu Enviado, Jesus Cristo (João 17.3).

2) Esta vida outorgada por Deus em Jesus Cristo é marcada com um adjetivo assaz incisivo: ETERNA, a especificar e a engrandecer o substantivo VIDA. Imprime-lhe um sentido de transcendência, de divindade, de eternidade, de verdade, de realidade como tudo o que é de Deus. Por isso, deveríamos sinonimizar esse adjetivo ETERNA por DIVINA.

a) E, com efeito, a vida eterna é a vida do próprio Deus. É uma propriedade estritamente de Deus.

E, de fato, ao Nome de Deus, se acrescenta, como Seu designativo característico, o adjetivo **“VIVO: “o Deus vivo”** (Mateus 16.16; 26.63; Atos 14.15; 1ª Tessalonicenses 1.9). Ele possui em Si, de Si e por Si mesmo a vida. É Ele a vida e a fonte de toda a vida. **“O Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó... não é Deus dos mortos, mas dos vivos”** (Mateus 22.32).

Deus, **“que tem a vida em Si mesmo”** (João 5.26), a tal ponto de ser Jesus Cristo a própria vida (João 11.25; 14.6), com o poder de dá-la a quem Ele quiser. **“O Filho vivifica aqueles que quer”** (João 5.21).

A vida eterna é a vida que o próprio Deus vive. É a vida de Deus!

Entrar na vida eterna é apossar-se desse tipo de vida, que é a vida de Deus. Significa elevar-se acima das coisas meramente humano-temporais, passageiras, fugazes, e atingir a alegria e a paz (= bem-aventurança) que pertencem de modo absoluto só a Deus.

b) O vocábulo “eterno”, encontrado por 65 vezes em o Novo Testamento, implica em duração perpétua, sem fim, ilimitada.

Implica, outrossim, em qualidade excepcional.

Envolve qualidade e duração. Duração sem fim. Qualidade divina. Eterna e divina se sinonimizam por se tratar de vida perfeita. Se fosse uma vida transitória, instável, temporária, não seria vida de boa qualidade porquanto estaria sujeita à corrupção e ao fim. Eternidade é uma das mais importantes qualidades da vida outorgada por Deus ao salvo.

Aliás, a eternidade é a posse total, simultânea e perfeita da vida interminável.

c) Neste caso da vida eterna, o adjetivo realça ao máximo o valor do substantivo que qualifica exatamente por se tratar da vida divina, que é eterna como o próprio Deus.

Deus, **“cujo Nome é santo”**, que **“habita na eternidade”** (Isaiás 57.15).

Deus é eterno por Lhe ser absoluta e essencialmente inerente a eternidade. **“De eternidade a eternidade Tu és Deus”** (Salmo 90.2).

A vida divina, que é eterna como o próprio Jesus Cristo, que tem **“a vida em Si mesmo”** (João 5.26), é eterno em sendo **“o mesmo ontem, hoje e eternamente”** (Hebreus 13.8), e cujo Reino é eterno (2ª Pedro 1.11).

Vida quer dizer atividade, expansão, alegria, comunicação, luz, liberdade. E vida eterna é elevar o conceito de vida ao nível do sobrenatural: da participação na atividade, na expansão, na alegria, na comunicação, na luz, na liberdade do próprio Deus.

d) A vida concedida ao crente, por participação à vida divina, só pode ser eterna, perpétua, sem fim, ainda, por ser outorgada em vista dos méritos do sacrifício redimidor de Jesus Cristo, o qual, sendo **“consumado, veio a ser a causa de eterna salvação para todos os que Lhe obedecem”** (Hebreus 5.9). De Jesus Cristo, consagrado em consequência de Suas aflições, **“o Príncipe da nossa salvação”** (Hebreus 2.10).

“O dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor” (Romanos 6.23).

A vida concedida por Deus ao crente em Cristo em virtude dos méritos infinitos de Seu sacrifício, só poderia ser eterna. Se fosse de duração limitada, temporária, desmereceria a Sua causa.

e) Jesus, sendo Deus, sabia, por antecipação, que esta seria a Sua Promessa a sofrer mais ataques por parte de Satanás. Para não deixar margem a qualquer dúvida em que pudessem incorrer as pessoas honestas, Jesus Cristo, além de proclamá-la positivamente como vida eterna, apresenta-a também sob o enfoque negativo: **“e nunca hão de perecer”, “todo aquele que vive e crê em Mim, nunca morrerá”** (João 10.28; 11.26).

O nosso vernáculo não consegue traduzir perfeitamente o vigor dessa negação como está no original grego.

Uma das importantes características idiomáticas da língua grega é o uso de negativas repetidas para destacar, enfatizar, sublinhar a negação. Quando algum grego deseja dizer que nega com vigor alguma coisa, ele junta duas negativas.

Jesus nega peremptoriamente a possibilidade da perdição do crente por ter este a vida eterna.

Por isso, categórico e decisivo, afirmou: **“E dou-lhes a vida eterna e nunca [não, não] hão de perecer”** (João 10.28).

Estudiosos do Novo Testamento no grego original encontram nele essa dúplice negativa por 91 vezes, sendo que 18 delas estão nas fortes afirmações de Jesus Cristo e dos escritores sagrados alusivas à salvação eterna do crente.

A vida que Jesus Cristo oferece ao crente nEle é eterna. Eterna mesmo! Eterna como eterna é a existência de Deus, consoante o ensino de Romanos 16.26: **“Deus eterno”**.

Eterna como eterna é a verdade de Deus, conforme o Salmo 117.2: **“E a verdade do Senhor é para sempre”** e **“eterna a Sua misericórdia”** (Salmo 100.5).

Eterna como eterna é a glória de Cristo, na conformidade da doutrina de Paulo em 2ª Timóteo 2.10.

Eterna como eterno é o Reino de Cristo, de acordo com a lição de 2ª Pedro 1.11.

Se a salvação do crente não fosse eterna, Deus não seria eterno. A glória, a verdade e a misericórdia divinas não seriam eternas. E o Reino de Cristo, de igual forma, não seria eterno.

O único adjetivo bíblico a qualificar a salvação outorgada por Cristo como vida é “eterna”.

É ela eterna como eterno é Deus (1º Crônicas 16.36; Neemias 9.5; Salmo 55.19; 90.2; 103.17; 106.48; Isaías 57.15; Habacuque 1.12; Miquéias 5.2).

É eterna como eterno é o amor de Deus (Jeremias 31.3).

Eterna, é cognominada de **“eterno peso de glória”** (2ª Coríntios 4.17), **“eterna consolação”** (2ª Tessalonicenses 2.16), **“glória eterna”** (2ª Timóteo 2.10; 1ª Pedro 5.10), **“redenção eterna”** (Hebreus 9.12).

3) A vida eterna não é apenas um bem futuro a gozar-se após a morte física. A sua atualidade se insere neste estágio terreno de peregrinação.

A conversão a Jesus Cristo permite a vida eterna futura (Romanos 6.8), mas também faz o salvo, enquanto ainda peregrino na terra, viver desde já em Cristo para Deus. **“Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor”** (Romanos 6.11).

a) A vida atua no cristão peregrinante e o influencia consoante a magnífica constatação do Apóstolo em 2ª Coríntios 4.10-11: **“Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também em nossos corpos; e assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também em nossa carne mortal”**.

E, como em êxtase maravilhoso, assegura: **“Já estou crucificado com Cristo, e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a Si mesmo por mim”** (Gálatas 2.20). Em 1ª Tessalonicenses 5.10, como conclusão prática, aconselha: **“Quer vigiemos, quer durmamos, vivamos juntamente com Ele”**.

É uma realidade incontestável! A vida eterna já é para o crente um acontecimento atual do qual aqui e já desfruta, pois ele **“tem a vida eterna”, “passou da morte para a vida”** (João 5.24).

É um acontecimento atual porque ela provém da vida começada por Cristo na Sua ressurreição **“porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela Sua vida”** (Romanos 5.10).

b) A vida eterna começa aqui e agora. Significam esta realidade presente os próprios tempo e modo do verbo “ter” usados por Jesus no presente do indicativo quando apresenta a Sua grande promessa: **“Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em Mim TEM a vida eterna”** (João 6.47).

Jesus, de resto, jamais afirma que o salvo só irá se apropriar da vida eterna após a sua morte, quando se transferir para o além.

Ocorrendo a conversão do pecador, recebe ele a vida eterna e o passar da morte para a vida se constitui em fato do passado: **“PASSOU da morte para a vida”**.

c) Há, outrossim, uma observação a acrescentar. É importantíssima!

Só recebe a vida eterna quem crê. Ora, na eternidade ninguém crê. Quem está no céu já não crê porque contempla a Deus face a face (1ª Coríntios 13.12), como os anjos O contemplam (Mateus 18.10).

Lá já é a posse plena da bem-aventurança.

Se a condição de ter a vida eterna é crer, infere-se que quem crê já a tem *“hic et nunc”* (= aqui e agora).

4) É verdade que esta vida eterna é desfruída em esperança, de acordo com o ensino de Paulo Apóstolo. O Espírito Santo **“que abundantemente Ele derramou sobre nós por Jesus Cristo nosso Salvador, para que, sendo justificados pela Sua graça, sejamos feitos herdeiros segundo a ESPERANÇA da vida eterna”** (Tito 3.7), **“EM ESPERANÇA somos salvos”** (Romanos 8.24).

a) A esperança evangélica não é uma expectativa ou um desejo utópico. Não é uma ilusão. Uma quimera. Nem é uma veleidade ou uma suposição.

A esperança evangélica não é um “talvez”. Não é um “quem sabe”.

A esperança evangélica é uma certeza. **“A esperança da vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos”** (Tito 1.2). Essa esperança em Colossenses 1.5 é o próprio céu.

b) A esperança evangélica é **“esperança viva”** (1ª Pedro 1.3), **“bem-aventurada esperança”** (Tito 2.13). É a esperança que **“não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”** (Romanos 5.5).

c) A esperança evangélica é sólida certeza porque o próprio Cristo, **“esperança da glória”** (Colossenses 1.27), é a **“esperança nossa”** (1ª Timóteo 1.1).

UMA CONVENIENTE ADVERTÊNCIA

Afirmamos e à saciedade reafirmamos no decurso destas páginas com a autoridade da santa, inerrante e infalível Palavra de Deus, que o crente evangélico usufrui em absoluta segurança a vida eterna e todos os seus efeitos na medida de sua capacidade de peregrino e em consumação plena quando de sua ressurreição **“no último tempo”**.

Esta vida eternamente inamissível, contudo, não o imuniza em definitivo da oportunidade de pecar. O crente, embora salvo, não é impecante.

A segurança da salvação, outrossim, não consiste numa carta de imunidade a permitir-lhe viver a seu talante.

Em capítulo apropriado examinaremos a conjuntura terrena do salvo como portador da velha natureza de Adão e o seu constante anelo de superação de sua inerente incapacidade.

.oOo.

PRIMEIRA PARTE

A SEGURANÇA OU A PRESERVAÇÃO DO CRENTE

O ASPECTO OBJETIVO OU DIVINO

DA ETERNIDADE DA SALVAÇÃO

O crente em Jesus Cristo não pode perder a salvação por ser ela garantida por Deus Salvador.

A SEGURANÇA DA SALVAÇÃO

Aquele rapaz, o Puga, assustou-se com o fantasma na beira da estrada. Quando descobriu a realidade concreta, saiu assobiando.

1) O nosso estudo requer elucidação cabal dessa palavra SEGURANÇA a fim de nos precavermos no tocante a possíveis espectros.

Segurança é o estado, ou a situação, ou a condição das pessoas ou coisas que as torna livres de perigo ou de dano. E, como resultado, nada mais têm a temer.

É o afastamento de todo o risco.

Exemplifico!

Se alguém está se afogando num rio e é retirado daquele perigo e posto fora das águas, na ribanceira passou da situação de perigo para um estado ou condição de segurança.

Quem está seguro, portanto, isenta-se ou livra-se de qualquer mal ou dano. Acha-se ao abrigo dos ataques ou dos acidentes. Seguro, está amparado, fortificado, firme, garantido. Livre de cuidados e preocupações.

Em decorrência desse conceito de segurança, este vocábulo tem, dentre outros, os seguintes correlatos: confiança, firmeza, certeza, evidência, infalibilidade, convicção, proteção, amparo, salvaguarda, garantia,

estabilidade, solidez, eficácia, constância, lealdade, probidade, honradez. Todos vocábulos esclarecedores do conceito de segurança.

A segurança, pois, exclui a possibilidade, a incerteza, a desconfiança, a instabilidade, o receio, a dúvida, a hesitação, a suspeita, a objeção, a restrição, a angústia.

2) O crente em Jesus Cristo encontra-se no estado ou na condição de absoluta firmeza de estar livre da punição do inferno porque possui a vida eterna.

Este estado torna-o convicto, certo, firme, de sua salvação espiritual. Situação esta que elimina qualquer susto, qualquer apreensão, qualquer temor, qualquer incerteza no tocante à sua salvação. Seguro e firme, sabe que nem os seus possíveis pecados o aluirão desse estado.

Com efeito, a segurança deixaria de ser segurança se pairasse um resquício de dúvida ou de receio. Se o crente tivesse uma sombra de medo, de dúvida, quanto à sua perdição, é evidente, ele não estaria fora de perigo. Se ele temesse perder sua salvação pelo fato de pecar, já não usufruiria de segurança. A sua vida espiritual – se a isso se pode chamar de vida espiritual – seria de sobressaltos e povoada de abantesmas como aquela hora do Puga.

Salvação sem preservação é fraude, falência. É origem de angústia.

As seitas católicas, em consequência, só produzem pavor. Os seus fiéis mais fervorosos são sempre e cada vez mais torturados, angustiados.

No exercício de quinze anos e meio de sacerdócio católico romano constatei essa dolorosa experiência em meu confessor. Os meus fiéis mais fervorosos eram os mais angustiados, oprimidos e sobressaltados.

Segurança implica em firmeza, em solidez inabalável, em estabilidade, em inamovível constância. É esta a certeza do salvo porque ela decorre da eficácia do sacrifício de Cristo, da honradez da Sua Palavra, da constância do Seu propósito, da lealdade da Sua Promessa, da probidade da Sua Pessoa Divina...

Essa salvação do crente, além do mais, só pode ser inabalável e absoluta em decorrência mesmo da maneira incisiva com que ela é designada. Por 16 vezes, só no evangelho de João, ela é apresentada como vida eterna. Como vida eterna, por outras 6 vezes, João a apresenta em sua Primeira Epístola.

Paulo Apóstolo a enaltece como **“salvação eterna”** (Hebreus 5.9), como **“glória eterna”** (2ª Timóteo 2.10), como **“redenção eterna”** (Hebreus 9.12), como **“eterna herança”** (Hebreus 9.15), como **“eterna consolação”** (2ª Tessalonicenses 2.16), como **“um peso eterno de glória”** (2ª Coríntios 4.17).

Se eu, crente em Jesus Cristo, pudesse me perder, teria conveniência essa maneira tão afirmativa, categórica e enérgica de se denominar a salvação espiritual?

Essa salvação que é **“redenção”**, que é **“herança”**, que é **“glória”**, que é **“consolação”** é tão eterna como é eterna a vida de Deus (Daniel 12.2, 7). Tão eterna como a misericórdia de Deus (Salmo 100.5). Tão eterna como a verdade de Deus (Salmo 117.2).

Tão eterna como eterno é o próprio Deus (Salmo 90.2)!!!

Em defluência, alegre e confiante, o salvo, como o salmista, pode clamar: **“Porque só Tu, Senhor, me fazes habitar em segurança”** (Salmo 4.8).

3) O cristianismo que nega essa segurança nada tem de Evangelho.

É pior do que o velho paganismo. Pior que o atual judaísmo.

O Cristo do cristianismo da salvação instável é um pobre simulacro de Jesus Cristo. É um Cristo adulterado. Desfigurado.

Ainda nos tempos apostólicos surgiram hereges com a diabólica incumbência de corromper a Verdade do Evangelho. Exigiam eles para a salvação do pecador a prática de obras e a sujeição a ritos religiosos além de fé em Jesus Cristo (Atos 15.1-5). E este desvio se tornou na tese basilar do catolicismo em todas as suas múltiplas seitas.

Se a salvação depende também das obras do pecador é evidente a falta de segurança por parte do próprio pecador.

Em consequência, todas as seitas católicas negam a eternidade da salvação.

A seita romanista ou vaticana ensina que a vida eterna só se encontra no céu. Que neste mundo ninguém a tem.

Ao nascer, a criança é levada à pia batismal. Com o chamado sacramento do batismo, a criança é perdoada do pecado original. Adquire o “estado de graça”. E passa a ter o germe da salvação.

Este germe ou semente só se desenvolverá em vida eterna lá no céu. E depois do indivíduo passar pelo “purgatório”.

Se o indivíduo comete um pecado mortal, perde o “estado de graça”. Fenece o germe. Apodrece a semente.

Caído da graça, poderá readquiri-la mediante a confissão (outro sacramento) ao sacerdote.

Os sacramentos (em número de sete), segundo a doutrina vaticana, significam e PRODUZEM a graça. Por isso, consoante essa dogmática, o batismo é um sucedâneo da circuncisão.

Os legalistas ou judaizantes de Atos 15.1-5, tenazmente combatidos por Paulo Apóstolo, sobretudo em suas Epístolas de uma possível perda ou perigo.

Romanos e aos Gálatas, teimavam em ver na circuncisão um elemento indispensável para a salvação.

Declarando os seus pecados mortais ao sacerdote e satisfazendo outros requisitos do confessor, o indivíduo readquire o germe da vida eterna, entrando de novo no “estado de graça”.

Se cometer outro pecado mortal, como faltar à missa aos domingos, perde outra vez o “estado de graça”. Confessando-o, porém, é outra vez readmitido a esse estado. É, assim, uma espécie de gangorra.

4) Outras seitas católicas, como a metodista, a adventista, a pentecostalista, têm outra explicação para a sua insegurança.

Apregoam a aquisição da vida eterna já nesse mundo. Mas, com o pecado, o indivíduo perde a salvação.

A bem da verdade, a despeito de sua aberrante tese salvacionista, o romanismo é mais coerente com os seus próprios erros do que estas outras seitas católicas. O vaticano pelo menos admite apenas um germe de vida eterna, enquanto os outros aceitam a vida eterna de modo completo.

Os metodistas, é bom frisar, procedem do anglicanismo. Os dois irmãos (João e Carlos) fundadores do metodismo, foram anglicanos.

Ora, o anglicanismo sempre carregou, desde os seus primórdios, todas as taras romanistas. Apenas substituiu a suposta autoridade do papa vaticano pela do rei inglês.

Por isso, no contexto ecumenista atual, os anglicanos estão bem próximos do retorno a Roma.

Os irmãos Wesley promoveram um cognominado reavivamento. Este sacudiu uma área do anglicanismo.

Foi um reavivamento na base da emoção agravada como sói acontecer com esses movimentos de efervescência emotiva dos quais surgem novas facções heréticas.

Eu sei! Há crentes piedosos admiradores dos Wesley. São mal-informados.

Aqueles irmãos padeciam de acentuado desequilíbrio emocional. Em defluência, o seu movimento reavivalista partiu da inconformação do estado de apatia do anglicanismo. Seus promotores se omitiram quanto à aceitação de todas as conclusões bíblicas decorrentes da luminosa verdade do Evangelho.

Daquele reavivamento wesleyano surgiu o metodismo. Assemelha-se este ao romanismo até na sua organização eclesiástica.

Procedendo do catolicismo anglicano, o metodismo nega a eternidade da salvação. Para ele, o crente, ao pecar, perde a salvação.

5) E do metodismo, sob o enfoque doutrinário, procede o pentecostalismo, sendo também este, por conseguinte, uma outra seita católica.

Aceitar-se o risco da perda da salvação é a negação da essência do Evangelho. Esta se fundamenta na salvação pela graça, e só pela graça.

Afirmar ser a mensagem pentecostalista a do Evangelho da Graça, quando ele anuncia uma salvação instável, é pretender disfarçar a mais criminosa adulteração do Evangelho. E o pior erro ou o erro mais danoso é aquele que se apresenta sob a forma da Verdade!

O pentecostalismo, reconheça-se, não tem certas práticas e certas doutrinas próprias do vaticanismo, como o culto aos pretensos santos, o purgatório e a mariolatria.

Mas nega, como os metodistas, a eternidade da salvação.

A segurança da vida eterna é fundamental no desenvolvimento cristão por ser a natureza mesma da salvação pela graça. Por ser básica, é a primeira bênção. Primeira na significância de principal. Ora, num trágico contra-senso, o pentecostalismo busca a “segunda bênção” (em ordem numérica) no chamado “batismo do Espírito Santo”.

Se não se tem a primeira, como buscar a segunda?

Esta doutrina do “batismo do Espírito Santo”, como segunda bênção, é uma reminiscência romanista. Dentre os sete sacramentos vaticanos há a cognominada confirmação ou crisma à qual o fiel deve se submeter para receber o Espírito Santo. No batismo ele recebe o germe da salvação no “estado de graça” e na crisma, o Espírito Santo.

A exploração demagógica das curas e dos prodígios é do costume romanista. Vez ou outra surge por aí um sacerdote a fazer “maravilhas”. Aqui no Brasil, essa exploração romanista se centraliza em Aparecida do Norte.

Nem se há de admirar o surto do movimento carismático pentecostal, pois é o ressurgimento da onda carismática medieval.

O pentecostalismo, na mesma rota vaticana, difunde a prática de orar sobre roupas, sobre a água (ao invés da água-benta romanista ou da água fluida espírita é a água orada), a de se colocar a mão sobre o rádio e quejandas.

O pentecostalismo, à organização eclesiástica e à doutrina da insegurança do metodismo, do qual ele procede, juntou as feitiçarias romanistas. É o pentecostalismo, seita católica, o ressurgimento no século XX dos romanistas fanáticos e desequilibrados, como os flagelantes, da alta Idade Média.

Estas informações são muito úteis por facilitarem a imunização dos crentes genuínos. Tornam-nos precavidos diante do perigo pentecostalista.

O pentecostalismo – fixe-se com firmeza na memória! –, o pentecostalismo nega a eternidade da salvação. Nega a vida eterna ao ensinar a possibilidade do crente vir a se perder. Recusa a promessa mais gloriosa e mais importante de nosso Senhor Jesus Cristo. Rejeita a própria essência do Evangelho.

Estes informes, outrossim, movem os crentes piedosos a se compadecerem dos pentecostalistas e a lhes pregar a Verdade do Evangelho para se converterem na realidade, podendo, desse modo, usufruir da maravilhosa preservação dos salvos.

.oOo.

A SEGURANÇA DO CRENTE É ETERNA PORQUE DEUS É O SALVADOR

Ser Salvador é um dos atributos exclusivos de Deus. Só Ele pode salvar.

1) Apresentam-nO as Escrituras como a **“Rocha da nossa salvação”** (Salmo 95.1).

“Ó Deus da minha salvação”, invoca o salmista (Salmo 27.9). E o profeta identifica-O como a própria salvação: **“Deus é a minha salvação”** (Isaías 12.2; 17.10; Salmo 79.9).

Através de Isaías Ele próprio destaca esta Sua qualificação: **“Eu, Eu sou o Senhor, e fora de Mim não há Salvador”** (43.11). E através de Oséias: **“Não há Salvador senão Eu”** (13.4).

Prefigurou o Antigo Testamento a grande salvação com o livramento sócio-político do povo eleito de Israel por várias vezes subjugado (2º Samuel 22.3; Salmo 106.21; Isaías 43.3; 45.15, 21; 49.26; 63.8; Jeremias 14.8; Oséias 13.4). Também em sentido espiritual é Ele a **“salvação de Israel”** (Jeremias 3.23; 14.8-10).

Também em o Novo Testamento Deus é apresentado como o Salvador. Chama-O Paulo de **“Deus nosso Salvador”** (1ª Timóteo 1.1; 2.3; Tito 1.3; 2.10; 3.4).

Ele é o **“Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens, principalmente dos fiéis”** (1ª Timóteo 4.10).

Deus é o único e tão grande Salvador em cuja vontade salvífica se incluem todos os homens. Deus **“quer que todos os homens sejam salvos”** (1ª Timóteo 2.4). Ele **“é o Salvador de todos os homens”** (1ª Timóteo 4.10) **“porque a graça de Deus se há manifestado trazendo salvação a todos os homens”** (Tito 2.11) e **“toda a carne verá a salvação de Deus”** (Lucas 3.6).

2) A salvação existe em Deus como vontade e como desígnio.

Vontade e desígnio a se transformarem em dinâmica.

Nesta real dinâmica, Jesus Cristo é a salvação de Deus cujo objetivo é o homem.

Já em Isaías 19.20 o título de Salvador aparece aplicado ao Grande Libertador dos tempos messiânicos.

Em cumprindo Ele o plano salvífico de Deus, é-Lhe transferido, como atributo divino, o título de Salvador. Consustanciam-se nele a Divindade e a Salvação.

Deus é a **“salvação de Israel”** (Jeremias 3.23; 14.8-10). Jesus também é a **“salvação de Israel”** (Lucas 2.29-32). Deus é o Salvador (Lucas 1.47; 1ª Timóteo 1.1; 2.3; Tito 1.3; Judas 25). Jesus, de igual forma, por ser o próprio Deus, é o Salvador (Lucas 2.11; João 4.42; Atos 5.31; 13.23; Efésios 5.23; Filipenses 3.20; 2ª Timóteo 1.10; 2ª Pedro 1.1, 11; 1ª João 4.14).

a) O Seu próprio Nome, JESUS, identifica-O entre os homens como Salvador porque Jesus quer dizer “Deus que salva” ou “salvação de Deus”. **“E dará à luz um filho, e Lhe chamarás o Seu Nome Jesus; porque Ele salvará o Seu povo dos seus pecados”** (Mateus 1.21).

O anjo, na noite de Natal, aclamou-o **“o Salvador, que é Cristo, o Senhor”** (Lucas 2.11).

Ouvindo-O, os samaritanos O reconheceram Salvador: **“Sabemos que Este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo”** (João 4.42).

b) Ele é o Cristo, o Ungido, o Messias, precisamente por ser o Salvador conforme O admitem os samaritanos e o anjo do Natal nas passagens acima transcritas.

Ele é Jesus, o Cristo (= Ungido), o Messias, porque veio salvar os pecadores, **“porque o Filho do Homem veio salvar o que se havia perdido”** (Mateus 18.11). **“Esta é uma palavra fiel e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal”** (1ª Timóteo 1.15).

c) É Ele, como Deus, o único Salvador. Nesta qualidade Ele se apresenta: **“Eu sou o Caminho, e a Verdade, e a Vida. Ninguém vêm ao Pai SENÃO por Mim”** (João 14.6).

Em Isaías 43.11, Deus se mostrou como único Salvador: **“Eu, Eu sou o Senhor, e fora de Mim não há Salvador”**. Perante o Sinédrio, por ser Jesus Cristo a encarnação desse Deus Salvador único, Pedro exibe-O como único Salvador: **“E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”** (Atos 4.12).

d) Deus Salvador é Ele o Senhor. **“Antes, cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”**, exorta Pedro (2ª Pedro 3.18; 2.20; 3.2).

Para o Apóstolo Paulo, outrossim, Ele é o **“Senhor Jesus Cristo, o nosso Salvador”** (Tito 1.4).

e) Por ser Cristo Jesus o Salvador – e não apenas um instrumento de Deus para a salvação do pecador – e desde que a salvação é um dos atributos divinos – por ser Ele o Salvador – as Escrituras revelam a Sua Divindade. Jesus é o Salvador porque Ele é o próprio Deus.

Inspirado pelo Espírito Santo, Paulo Apóstolo reconhece-O **“Deus, nosso Salvador”** (Tito 2.10), o **“grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo”** (Tito 2.13), Deus, cuja Igreja **“Ele resgatou com o Seu próprio sangue”** (Atos 20.28).

Também para o apóstolo Pedro Jesus Cristo é Deus e Salvador, **“o nosso Deus e Salvador Jesus Cristo”** (2ª Pedro 1.11).

Uma rápida digressão!

Os russelitas teimam em negar a Divindade de Jesus Cristo.

De certa feita, um deles me abordou sobre o assunto. Reptou-me: quero um verso só das Escrituras que com clareza ensine a Divindade de Cristo.

Incontinenti, abri o Novo Testamento em Atos dos Apóstolos e li-lhe o versículo 28 do capítulo 20.

O topete do russelita se quebrou. Balbuciu um “até logo” muito murcho. E o seu “até logo” foi “até nunca mais” porque jamais reapareceu.

f) Jesus é o Príncipe da Salvação (Hebreus 2.10) por havê-la realizado com a Sua morte. **“Cristo morreu por nós”** (Romanos 5.8). **“Ele deu a Sua vida por nós”** (1ª João 3.16). Ao derramar o Seu sangue: **“O Meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que é derramado por muitos, para a remissão dos pecados”** (Mateus 26.28).

João, o vidente de Patmos, enaltece-O: **“Àquele que nos ama, e em Seu sangue nos lavou dos nossos pecados, e nos fez reis e sacerdotes para Deus e Seu Pai, a Ele glória e poder para todo o sempre. Amém”** (Apocalipse 1.5-6).

Como **“Príncipe da Salvação”**, voluntariamente ofereceu a Sua vida em resgate dos nossos pecados.

Expressou a Sua livre vontade de se entregar ao declarar: **“Por isto o Pai Me ama, porque dou a Minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém Ma atira de Mim, mas Eu de Mim mesmo a dou: tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la”** (João 10.17-18; Gálatas 1.4; 2.20; Efésios 5.2; 1ª Timóteo 2.6; Tito 2.14).

g) Consagrou-se **“Príncipe da Salvação”** pelas grandes aflições (Hebreus 2.10), tornando-se Ele próprio **“a causa da eterna salvação”** (Hebreus 5.9) ou **“eterna redenção”** (Hebreus 9.12).

3) Se num perigo obtém-se a segurança de salvação da parte de qualquer ser humano, como no caso de um afogamento, como não será indefectível a salvação de Deus?

Certa ocasião, quando ainda criança, presenciei, numa pescaria, o iminente risco de afogamento do sr. Vilas. Compadeci-me de seu enorme desespero enquanto se debatia nas águas e gritava com voz enrouquecida de terror por socorro.

Salvou-o de morrer afogado o meu pai. Posto nas ribanceiras do rio, voltou-lhe a tranquilidade na segurança de estar incólume e, com sorriso nos lábios, agradecia.

O sr. Vilas nada mais temia. Confiava no seu libertador daquela emergência que não mais iria permitir voltasse ele ao rio de águas impetuosas.

Nutro imensa admiração por meu pai por reconhecer-lhe as grandes qualidades. Deus, contudo, é infinitamente superior ao meu pai.

Se o nosso companheiro de pescaria esteve seguro da salvação do afogamento propiciada por meu pai, como o crente não estará seguro de sua salvação eterna concedida por Deus nosso Senhor?

Minha segurança é eterna porque Deus é o meu Salvador! A Rocha da minha salvação. **“O Deus da minha salvação”** (Salmo 27.9). Ele próprio é **“a minha salvação”** (Isaías 12.2). Ele é o único Salvador.

O salvo pode repetir, como o salmista: **“Em Ti confiarão os que conhecem o Teu Nome; porque Tu, Senhor, nunca desamparaste os que Te buscam”** (Salmo 9.10). **“Ele é o meu Deus, o meu Refúgio, a minha Fortaleza, e nEle confiarei”** (Salmo 91.2).

Minha preservação é eterna porque em Jesus Cristo, nosso Deus, se efetivou a minha salvação.

Ele, Jesus Cristo, é o **“Príncipe da Salvação”** porque, como único e todo-suficiente Salvador, com a Sua morte livremente aceita e com o Seu sangue livremente derramado, é **“causa de eterna salvação”**. Salvação eterna! Portanto, inamissível! Indefectível! Imarcessível!

4) A minha salvação não são as minhas obras. Destas jamais poderia decorrer aquela. Seria um efeito muito superior à causa, ocorrência essa do domínio dos impossíveis.

Colocar-se-ia a salvação na dependência do próprio homem. Dar-se-ia uma auto-salvação.

Se as Sagradas Escrituras nos ensinassem tudo quanto ensinam sobre a salvação, em sua natureza e em seus efeitos, sobre Deus Salvador e sobre Jesus Cristo, Deus encarnado, para nos salvar com a Sua morte vicária e expiatória, já teríamos instruções completas do divino sistema salvífico.

Elas, contudo, nos apresentam também, e com toda a clareza, a impossibilidade do proveito das obras em referência a tão extraordinário objetivo. **“Não vem das obras, para que ninguém se glorie”** (Efésios 2.9). Deus nos salvou **“não segundo as nossas obras”** (2ª Timóteo 1.9), eis o insistente anúncio do Apóstolo.

As seitas pseudo-cristãs, como o catolicismo, ao suporem a possibilidade do crente perder a salvação, estribam-se num plano anti-evangélico porque a fazem depender das obras e não de Deus, único Salvador.

Com efeito, se o crente pode perder-se com os seus pecados, quer isto dizer que essa salvação claudicante depende de suas obras. E isto não é Evangelho. Não é Evangelho eterno!

Admitirem-se, outrossim, méritos provenientes das obras implica em negar a Deus o Seu atributo de Salvador e a Jesus Cristo a eficácia infinita do Seu sacrifício.

O cristianismo divulgador daquela instabilidade espiritual, por conseguinte, nega o próprio Deus e de cristianismo nada tem.

.oOo.

A SEGURANÇA DO CRENTE É ETERNA PORQUE JESUS CRISTO É O SALVADOR

Jesus é Deus Salvador, consoante a significância do Seu Nome (Mateus 1.21; 2ª Pedro 1.1).

I

Porém, **“sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas aniquilou-se a Si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e achando-se na forma de homem, humilhou-se a Si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz”** (Filipenses 2.6-8).

A Sua encarnação se constitui em verdadeiro aniquilamento, despojamento de Si próprio. Senhor, tornou-se servo.

Como servo, **“não agradou-se a Si mesmo”** (Romanos 15.3).

Fez-se, sim, como nosso irmão, semelhante em tudo a nós outros, exceto no pecado, com o inefável propósito de se nos revelar misericordioso.

O Seu nivelamento conosco é a revelação de Sua misericórdia. **“Pelo que convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo. Porque naquilo que Ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados”** (Hebreus 2.17-18). **“Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado”** (Hebreus 4.15).

Assemelhando-se a nós, em extremo humilhou-se quando dependurado na cruz.

Na cruz, é verdade, culminaram os Seus padecimentos físico-corporais.

Se, ao encarnar-se, Ele se humilhou, a Sua humilhação extrema e culminante aconteceu com a afronta da cruz (Hebreus 12.2).

Porque a cruz não é só sofrimento físico, apesar de ser considerada pelos próprios romanos como o mais cruel e o mais terrível de todos os suplícios. Além de padecimento corporal, ela é ignomínia.

Nada fere mais o coração do que o escárnio, o desprezo, o chincalhe da própria honra.

Este sofrimento, na sua imensidade, recaiu sobre Jesus Cristo.

Não bastaram as vaias durante o processo de Seu julgamento. Não bastaram as cusparadas em Seu rosto sacratíssimo. Não bastaram as chacotas quando O consideraram louco.

A afronta transbordou ao ser Ele crucificado. Crucificado, tornou-se maldito, ou seja, aborrecido, **“porque está escrito: maldito todo aquele que for pendurado no madeiro”** (Gálatas 3.13; Deuteronômio 21.23).

Conluíram-se todos, desde os mais categorizados até os da ralé, para escarnecer do “Maldito”. Os poderosos líderes do povo: os sacerdotes, os doutores da Lei, os intelectuais, os anciãos, os fariseus. Os transeuntes, espectadores casuais, a plebe. Os ladrões também crucificados, as fezes da sociedade, criminosos sentenciados à morte. Todos escarneceram de Jesus Cristo (Mateus 27.39-44).

Os **“vitupérios de Cristo”** (Hebreus 13.13; 11.26)! Os opróbrios de Sua paixão!!!

Ao anunciar a Sua paixão, o mesmo Jesus os mencionara. **“E começou a ensinar-lhes [aos discípulos] que importava que o Filho do Homem padecesse muito e fosse rejeitado pelos anciãos e príncipes dos sacerdotes, e pelos escribas”** (Marcos 8.31; Lucas 9.22; 17.25).

Rejeitado significa repudiado, abandonado como inútil e sem valor, como nas feiras livres se jogam fora os produtos deteriorados.

É o vocábulo empregado na frase metafórica aplicada a Jesus: **“A pedra que os edificadores rejeitaram”** (Mateus 21.42; Marcos 12.10; Lucas 20.17; Salmo 118.22; Atos 4.11; 1ª Pedro 2.4, 7).

Pedro, outrossim, quando propõe o modelo da paciência de Jesus em Sua paixão focaliza a ignomínia e os opróbrios da cruz (1ª Pedro 2.21, 23).

Sofreu o Salvador a extrema humilhação de ser considerado um trapo, destituído de toda dignidade humana, o lixo e a escória da sociedade.

A Sua humilhação, porém, é mais profunda. Repudiado pelos homens, é também rejeitado e desamparado pelo próprio Deus.

Não O vem salvar Elias, o protetor do povo e dos justos (consoante a crença popular na época em voga), esperado para os tempos escatológicos (Mateus 27.43-44, 47-49).

Deus também não O socorre em Sua extrema aflição!

No instante de intervir em favor do Seu Filho unigênito, o Pai O abandona ao sofrimento e à morte. À morte reconhecida como maldição de Deus (Gálatas 3.13; Deuteronômio 21.23).

Parece que Deus não O reconhece como Filho e confirma terem sido blasfemas as Suas afirmações de ser o Filho de Deus (Mateus 26.65; Marcos 14.64; João 10.33-36).

Como que Deus O contempla na condição de impostor e blasfemo.

Eis a ignomínia da cruz! Afronta da perda total da dignidade e da reputação humanas. E a aparência de verdade e de justiça nesse completo desprezo de Sua Pessoa.

Tudo Ele aceitou, a tamanho vilipêndio livremente se sujeitou, por haver assumido a responsabilidade de pagar pelos pecados de todos quantos nEle confiam. Aceitou tudo no lugar deles. E por eles!

Na carne de Jesus Deus condenou o pecado (Romanos 8.3). O nosso pecado!

Deus **“O fez pecado por nós”** (2ª Coríntios 5.21).

“Cristo nos resgatou da maldição da Lei, fazendo-se maldição por nós” (Gálatas 3.13).

Ao ser cravado na cruz, Deus, com Ele, cravou o escrito de nossa dívida (Colossenses 2.14).

II

“Cristo morreu por nós” (Romanos 5.8). **“Ele deu a Sua vida por nós”** (1ª João 3.16). Ele **“se entregou a Si mesmo em preço de redenção por todos”** (1ª Timóteo 2.6).

A morte vicária ou substitutiva de Cristo era necessária para a salvação dos crentes nEle.

Era necessária porque a expiação não ocorre sem sangue. **“Sem derramamento de sangue não há remissão”** (Hebreus 9.22). **“A vida da carne está no sangue; pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas”** (Levítico 17.11).

Não que o sangue tenha um poder mágico, mas pelo valor da vida oferecida que se esvai com o sangue derramado.

Ao exalar o Seu derradeiro suspiro, o soldado romano com uma espada varou o coração sacratíssimo de Jesus. E dele pingaram as últimas gotas de

sangue. E, a seguir, gotas de água, numa cabal prova de haver Ele efundido por completo o Seu sangue (João 19.34).

Do coração ferido de Cristo jorrou o sangue!

O sangue que purifica (Hebreus 9.14; 12.24; 1ª Pedro 1.2; 1ª João 1.7; Apocalipse 7.14).

O sangue que dá vida (João 6.54-56).

O sangue que redime (Romanos 5.9; Efésios 1.7; 1ª Pedro 1.19).

O sangue que une os crentes entre si (Efésios 2.13; Colossenses 1.20).

O sangue que unifica os crentes com Jesus e com Deus (João 6.56; Atos 20.28; Hebreus 10.19; 13.12; Apocalipse 5.9).

A morte de Cristo com o Seu sangue efundido supera todos os sacrifícios da antiga Lei. Suplanta-os pela excelência da Vítima, pela perfeição de Sua oblação e pela eficácia do Seu sacrifício.

A excelência da Vítima decorre da excelência da vida humana sobre a dos animais sacrificados na sistemática do Velho Testamento. E, mais ainda, por ser a vida de Jesus a vida do Deus-Homem. E, ainda mais, a excelência da Vítima se destaca como decorrência da identidade do Oferente com a Vítima oferecida: Cristo Jesus ao oferecer o Seu próprio sangue, oferece-se a Si próprio.

“Nem por sangue de bodes e bezerros, mas por Seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção. Porque, se o sangue de touros e bodes, e a cinza de uma novilha esparzida sobre os imundos, os santifica quanto à purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo que, pelo Espírito eterno se ofereceu a Si mesmo imaculado a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?” (Hebreus 9.12-14).

Patenteia-se a perfeição do ato da oblação em profunda atitude interna de submissão e obediência, na totalidade da entrega de Jesus ao Pai. **“Pelo que, entrando no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste, mas corpo Me preparaste, holocaustos e oblações pelo pecado não Te agradaram. Então disse: Eis que venho (no princípio do livro está escrito de Mim), para fazer, ó Deus, a Tua vontade”** (Hebreus 10.5-7).

Jesus Cristo executa de modo pleno a única oblação na qual Deus se satisfaz.

A eficácia do sacrifício de Cristo consiste nos seus dois efeitos: por obter perdão total e absoluto do pecado e por rasgar o véu impediendo do acesso ao Pai, abrindo passagem para o verdadeiro santuário da presença de Deus, santuário esse consagrado com o sangue de Jesus (Hebreus 9.12-13, 23-24).

Destas sublimes considerações decorre, numa gloriosa consequência, a unicidade do sacrifício de Cristo.

Único é este sacrifício porque ab-roga todos os antigos sacrifícios e holocaustos, tornando-os caducos (Hebreus 10.8-9).

Único porque unifica numa só oblação a diversa multiplicidade dos sacrifícios de aliança e de expiação do velho sistema judaico (Hebreus 10.15-18).

Único porque, com o único ato de oblação voluntária de Sua vida, obtém, de uma vez por todas e de uma vez para sempre, a abolição do pecado e a nossa salvação (Hebreus 9.25-28; 10.10, 11, 14; 7.27).

Com o Seu sacrifício outorga-nos **“eterna redenção”** (Hebreus 9.12), **“herança eterna”** (Hebreus 9.15).

III

Em consumando nossa **“eterna redenção”** ou a nossa **“herança eterna”** mediante o Seu sacrifício único porque todo-suficiente e de valor infinito, a nossa salvação só pode ser eterna.

As leis da sociedade favorecem os herdeiros, livrando-os de injunções estranhas que podem arriscar a posse efetiva da herança.

Ao tempo de sacerdote católico romano, dirigi em Pernambuco uma vasta rede de obras sociais da jurisdição da Arquidiocese de Olinda e Recife. Dispunha ela de enorme patrimônio imobiliário, em grande parte obtido por doações.

Um casal de velhos resolvera imitar antigos doadores, deixando em testamento a oferta de várias casas para a instituição por mim administrada.

Notificado desse legado, quando se deu a morte de ambos os velhos, na qualidade de representante legal da instituição legatária, fui providenciar a posse dos imóveis.

Mas, por discordar daquela disposição testamentária, um dos filhos recorreu à Justiça no desejo de anulá-la.

Obeve fácil vitória porque a Justiça respeitou o seu direito à herança.

A salvação é uma **“herança eterna”**, conquistada por Jesus Cristo em favor dos crentes nEle.

Essa herança jamais poderá ser desvirtuada. Nunca será perdida! Ela é absolutamente segura porque por ela Jesus Cristo pagou o preço de valor infinito em Seu sangue.

Se alguém pudesse anular essa herança por ser o crente indigno dela, que valor teria a morte do Mestre?

As leis da sociedade, outrossim, amparam o direito à herança para os filhos rebeldes e ingratos aos seus pais. Jamais lei alguma condiciona a posse efetiva da herança à obediência contínua aos pais.

Teria sentido a Palavra de Deus chamar a salvação de **“herança eterna”** se o crente, como resultado dos seus pecados e de suas ingratidões, pudesse perdê-la?

As Escrituras nunca empregam vocábulos inúteis ou desnecessários.

Há mais!

Por ser de valor infinito, o sacrifício de Jesus Cristo é único. E, em sendo único, é irrenovável. Irrepetível.

Atestam-no, aliás, as Sagradas Escrituras.

Jesus **“entrou de uma vez por todas no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção”** (Hebreus 9.12). Ele não mais retornará à terra para outro sacrifício.

A Sua oblação é definitiva. **“Temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo feita uma vez... Havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à destra de Deus”** (Hebreus 10.10, 12).

Então, se o crente, ao pecar, perdesse a salvação, estaria irremediável e irreversivelmente perdido. Nunca mais teria outra oportunidade. Ser-lhe-ia impossível a renovação do arrependimento, porquanto, se fosse o caso, estaria de novo crucificando a Cristo (Hebreus 6.4-6).

Portanto, se o sacrifício de Cristo não pode ser repetido, ninguém se salvaria.

Teria sido completa e absolutamente inútil o sacrifício de Cristo porque quem é que não peca? E todos os dias? Nenhum dos próprios apóstolos teria se salvado, a começar por Pedro.

Graças a Deus, contudo, por haver o sacrifício de Cristo Jesus produzido méritos em tamanha suficiência para sustentar a **“eterna redenção”**.

Nós, os crentes, somos salvos porque Cristo carregou no Seu próprio corpo os nossos pecados (Isaiás 53.4-6). Todos eles e não apenas parte deles. Jesus **“se deu a Si mesmo por nós para nos remir de toda a iniquidade”** (Tito 2.14). E **“o sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo o pecado”** (1ª João 1.7).

“TODA iniquidade”, “TODO o pecado”. Em intenção e em extensão. Em profundidade e em quantidade. Em malícia e em número. Do passado, do presente e do futuro.

A morte é o castigo decorrente da violação da Lei (Romanos 6.23). E Jesus, em nosso lugar, derramou a Sua alma até à morte.

Deus “**O fez pecado**” e, por isso, castigando-O, tratou-O como se Ele fosse o nosso próprio pecado personificado.

Em sendo Deus infinitamente justo, de vez que a Justiça é um atributo inerente à essência divina, não pode Ele exigir um segundo pagamento para o mesmo pecado. Jamais cobrar-me-á o que Jesus Cristo, o meu Vigário, o meu Substituto, pagou por mim. É a realidade objetiva do Evangelho que nos move à segurança.

Se, por causa do pecado, um crente perecesse, sofreria ele o castigo do pecado já pago por Jesus. Pelo qual Ele deu a Sua vida. Ambos, Jesus e o crente, pagariam pelo mesmo pecado.

Neste caso, de duas uma!

Ou o sacrifício de Cristo é ineficiente. Ou Deus é um tirano.

Das duas, contudo, nenhuma!!!

O sacrifício de Jesus Cristo é TODO-SUFICIENTE. E Deus é a própria Justiça!!!

.oOo.

A SEGURANÇA DO CRENTE É ETERNA PORQUE O PRÓPRIO DEUS A GARANTE

Se o próprio Deus é a salvação, como deixaria de preservá-la?

A salvação por Ele concedida só pode ser eterna como Ele mesmo é eterno.

Em sendo, outrossim, infalível a Sua promessa concretizada com o sacrifício de Jesus, Deus jamais se esquivaria de cumpri-la.

Por dois motivos preponderantes o Senhor nosso Deus mantém-na inamissível: O Seu infinito poder e o Seu caráter imutável.

I

Deus se responsabiliza em Seu poder pela eterna segurança do crente.

1) Esta gloriosa, incorrupta e imarcescível preservação só pode depender dAquele que a pode guardar.

O escritor sagrado tributa **“glória e majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, agora, e para todo o sempre”** ao **“único Deus, Salvador nosso”** porque **“é poderoso para vos guardar de tropeçar, e apresentar-vos irrepreensíveis com alegria, perante a Sua glória”** (Judas 24).

Os maiores encômios e a mais sobre-excelente exaltação são dedicados a Deus por ser Ele poderoso no preservar o crente.

Por seu turno, Pedro doutrina os destinatários de sua Primeira Epístola: **“Estais guardados na virtude [poder] de Deus para a salvação, já prestes para se revelar no último tempo”** (1.5).

É o poder de Deus que sustém a salvação do crente. Garante-a para todo o sempre e contra todos.

Qualquer crente, por isso, pode fazer suas as exclamações de absoluta confiança do salmista: **“O Senhor é a minha luz e a minha salvação; a quem temerei? O Senhor é a força da minha vida; de quem me recearei? Ainda que um exército me cercasse, o meu coração não temeria; ainda que a guerra se levantasse contra mim, nEle confiaria”** (Salmo 27.1, 3).

2) Quanto a este nosso consolador tema, a Palavra de Jesus é indiscutível e definitiva: **“Dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da Minha mão. Meu Pai que mas deu é maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las da mão de Meu Pai”** (João 10.28-29).

A mão de Deus significa o Seu poder, o poder criador: **“Quem não entende por todas estas coisas que a mão do Senhor fez isto, que está na Sua mão a alma de tudo quanto vive e o espírito de toda a carne humana?”** (Jó 12.9-10; Isaías 41.18-20). **“Nas Suas mãos estão as profundezas da terra, e as alturas dos montes são Suas. Seu é o mar, pois Ele o fez, e as Suas mãos formaram a terra seca”** (Salmo 95.4-5).

Somos obra das mãos do Senhor (Isaías 64.8) e a Sua mão **“não está encolhida, para que não possa salvar”** (Isaías 59.1).

Mão do Pai! Mão de Jesus! A mesma mão porque Jesus e o Pai são Um (João 10.30). Jesus é igual ao Pai por ser Ele Deus.

Esta unicidade do Pai e do Filho é unidade de vontade, de amor, de conhecimento, de poder! De Ser e de Essência!

Ao proclamar a segurança eterna do crente pelo poder infinito de Deus, Jesus anuncia a Sua Divindade.

A supor-se, pois, a possibilidade de o crente vir a se condenar demonstra negação da Divindade de Jesus Cristo.

3) Deus, em cujas mãos se encontra o salvo, é o poder infinito! “Grande é o nosso Senhor, e de grande poder” (Salmo 147.5).

É-Lhe inerente à Natureza. **“O poder pertence a Deus”**. Ouviu o salmista esta mensagem duas vezes, embora Deus lha haja apresentado uma: **“Uma coisa disse Deus, duas vezes a ouvi: que o poder pertence a Deus”** (Salmo 62.11).

Ele é o Senhor dos Exércitos na medida em que estes expressam poder (Isaías 5.24; 6.3, 5; 8.18; Romanos 9.29; Tiago 5.4).

Ao propor aos discípulos um modelo de oração, Jesus ensina-lhes a reconhecer o poder do Senhor: **“Porque Teu é o Reino, e o poder, e a glória para sempre”** (Mateus 6.13).

4) O Universo inteiro proclama o infinito poder de Deus.

Revela-se Ele na majestade da montanha. Na inconstância constante do oceano. Na imensidão das gláucas águas do mar. Na beleza inexcedível da rosa que se espalma à luz suave da manhã. Na solenidade do trovão tonitroante. No chicotear de fogo do relâmpago. Na inescrutável profundidade da noite estrelada. Na policromia dos pássaros. Nas infindáveis nuances do verde que veste a terra. Na capacidade inesgotável da inteligência humana.

“Levantai ao alto os vossos olhos e vede quem criou estas coisas, quem produziu por conta o Seu exército, quem a todos chama pelos seus nomes; por causa da grandeza das Suas forças e pela fortaleza do Seu poder nenhuma faltará” (Isaías 40.26).

A onipotência de Deus que a tudo criou e a tudo sustenta seria, porventura, impotente para preservar a salvação do crente?

Se Ele não pudesse guardar uma alma por Ele próprio salva seria por haver alguém mais poderoso do que Ele. Deixaria de ser Deus.

5) Paulo, o grande teólogo do Evangelho, soube compreender esta luminosa verdade de que o crente está tão firme em Deus quanto o poder onipotente do mesmo Deus pode fazê-lo. E aos colossenses exclama: “A vossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Colossenses 3.3).

Há em sua Epístola aos Romanos um magnífico hino de vitória do crente em Cristo para todo o sempre custodiado vigorosamente no poder de Deus: **“Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem a altura, nem a profundidade, nem**

alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor” (Romanos 8.38-39).

Nada e ninguém arrebatam o salvo das mãos onipotentíssimas do Senhor.

Ninguém! Nem o próprio salvo poderá, com os seus pecados, escapar delas!!! Porque **“ainda que caia, não ficará prostrado, pois o Senhor o sustém com a Sua mão”** (Salmo 37.24).

II

O caráter imutável e veraz de Deus afiança a segurança da salvação eterna do crente.

1) A natureza, os atributos e a vontade de Deus são imutáveis. Nele há todo o conhecimento e todo o poder. Em defluência, torna-se absolutamente impossível qualquer mudança nEle. **“O conselho do Senhor permanece para sempre; os intentos do Seu coração, de geração em geração”** (Salmo 33.11). **“Muitos propósitos há no coração do homem, mas o conselho do Senhor permanecerá”** (Provérbios 19.21).

a) O nosso mal é também quereremos transferir para os domínios sobrenaturais as conjunturas desta terra, compararmos a Justiça de Deus com a nossa justiça e assemelharmos o caráter de Deus com o do homem. Porém, **“Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa. Porventura diria Ele, e não o faria? Ou falaria, e não o confirmaria?”** (Números 23.19).

Prometeria Deus vida eterna, infundável, e a retiraria por causa da nossa infidelidade? **“Se formos infiéis, Ele permanece fiel: não pode negar-se a Si mesmo”** (2ª Timóteo 2.13).

Sua graça, justamente por ser graça, isto é DOM, não se sujeita às variações e às vacilações de nossa pobre correspondência a ela.

Mas **“as misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos porque as Suas misericórdias não têm fim; novas são cada manhã; grande é a Tua fidelidade”** (Lamentações 3.22-23).

“Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação” (Tiago 1.17).

Ora, o mais precioso dom do Senhor para conosco é o da salvação eterna. **“O dom gratuito de Deus é a vida eterna por Cristo Jesus nosso Senhor”** (Romanos 6.23).

Se é dom, procede exclusivamente de Sua graça porque DOM e GRAÇA se sinonimizam. **“Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus”** (Efésios 2.8).

Ainda Paulo nos ensina sobre a imutabilidade de Deus que **“os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento”** (Romanos 11.29).

Como resultado da imutabilidade do Seu caráter, Ele pode afirmar: **“Porque Eu, o Senhor, não mudo; por isso vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos”** (Malaquias 3.6).

b) Um dos métodos eficientes de ensino é o da refutação dos erros contrários à Verdade.

Ao mencionarmos heresias, pois, é alheio ao nosso propósito magoar pessoas.

Ocorre o contrário! Anelamos instruí-las na Verdade e mostrar-lhes a falácia dos erros.

O caso em seguida narrado demonstra a fragilidade deles.

Certo dia encontrei-me num almoço com um pentecostalista. Decisivo e arrogante, negou a gloriosa promessa de vida eterna:

“Imagem! Que absurdo! Então o crente peca e não perde a salvação? É claro! Se ele se embriaga, se ele assassina, se ele adultera, se é eliminado da igreja, é claro: tem de perder a salvação”.

E ele se alongou em exclamações...

Reconhecendo nele uma pessoa fanática no erro, portanto, com a mente bloqueada pela exacerbação da emotividade, procurei contornar a situação mudando de assunto.

Resolvi aguardar outra oportunidade. Sem muita espera, ela surgiu.

Fora ele ao templo onde eu pregava. Terminado o culto, acompanhou-me no regresso para a casa minha hospedeira.

Com toda a calma, valendo-me dos seus próprios conceitos pentecostalistas, perguntei-lhe:

“Escute aqui! É Deus quem dá o dom de línguas. E o crente agraciado com este dom pode perdê-lo?”

O cidadão se inflamou ao ensejo de discorrer sobre o seu assunto predileto de “línguas”.

“Mas é claro! Quem recebe o dom maravilhoso de falar línguas estranhas jamais o perde”.

“Nem se pecar? Por exemplo, se se embriagar?”, insisti eu.

“Não! De maneira alguma!”, confirmou o meu interlocutor pentecostalista.

E, para confirmar a sua opinião, ele relatou um fato:

“Certa vez um irmão que tem esse dom deu para beber. Foi eliminado da igreja. Num domingo de tarde, ele foi ao campo de futebol para assistir ao jogo. Lá, no instante de um gol, ele, no seu ardor esportivo, começou a gritar de alegria e ali mesmo e naquele entusiasmo voltou a falar línguas, embora estivesse semi-embriagado. Ai voltou para a igreja. É um dom. Deus não o tira depois de dá-lo”.

E fundamentou a sua teoria e a sua história com um versículo das Escrituras: **“Os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento”** (Romanos 11.29).

O pentecostalista chegou onde eu queria. Perguntei-lhe:

“Então, ouça-me! Se ninguém pode perder o dom de línguas por ser um dom e Deus não o toma, eu pergunto: E a salvação, não é um dom? E se é um dom, como Deus o tira se o crente peca? Como se explica essa diferença de comportamento da parte de Deus?”

Sem me dar qualquer resposta, o rapaz despediu-se e nunca mais o vi. Até hoje não me respondeu e até sempre não responderá.

2) Deus garante a salvação eterna do crente por ser um Deus veraz.

Que Deus seria este incapaz de sustentar, havendo prometido, a salvação ao crente evangélico em Jesus Cristo?

Se isso ocorresse, ou seja, se o salvo pudesse perder-se, Deus seria mentiroso, faltaria ao Seu contrato e incidiria em perjuro.

a) **“Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em Seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida”** (1ª João 5.11-12).

Faltaria Deus à verdade se o crente se condenasse.

Contudo, **“de maneira nenhuma; sempre seja Deus verdadeiro; e todo o homem mentiroso”** (Romanos 3.4).

b) Jesus afirmou haver o Pai assumido com Ele um pacto, uma aliança, quando em João 6.37, 39, disse: **“Todo o que o Pai Me dá virá a Mim; e o que vem a Mim de maneira nenhuma o lançarei fora. E a vontade do Pai que Me enviou é esta: que nenhum de todos aqueles que Me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia”**.

Este pacto do Pai com Jesus Cristo foi, aliás, estabelecido antes da fundação do mundo: **“Também por isso Lhe darei o lugar de Primogênito; fá-lo-ei mais elevado do que os reis da terra. A Minha benignidade Lhe guardarei para sempre, e o Meu concerto Lhe será firme, e conservarei para sempre a Sua descendência, e o Seu trono como os dias do céu. Se os Seus filhos deixarem a Minha lei, e não andarem nos Meus juízos, se profanarem os Meus preceitos, e não guardarem os Meus mandamentos, então visitarei com vara a sua transgressão, e a sua iniquidade com**

açoitos. Mas não retirarei totalmente deles a Minha benignidade, nem faltarei à Minha fidelidade. Não quebrarei o Meu concerto, não alterarei o que saiu dos Meus lábios” (Salmo 89.27-34).

Romperia Deus este pacto solene com Jesus Cristo? Falharia com o Seu próprio Filho?

c) Ainda! Se o crente pudesse vir a se perder, Deus se tornaria um perjuro, pois jurara por Si mesmo, não Lhe sendo possível jurar por outro maior, de sustentá-lo. **“Porque os homens certamente juram por alguém superior a eles, e o juramento para confirmação é, para eles, o fim de toda contenda. Pelo que, querendo Deus mostrar mais abundantemente a imutabilidade do Seu conselho aos herdeiros da promessa, se interpôs com juramento; para que, por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos a firme consolação, nós, os que pomos o nosso refúgio em reter a esperança proposta; a qual temos como âncora da alma, segura e firme, e que penetra até ao interior do véu, onde Jesus, nosso precursor, entrou por nós, feito eternamente sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque”** (Hebreus 6.16-20).

O decidiu convidar o Generoso Graciano, cidadão de alta fortuna, para servir de paraninfo no seu casamento.

Sentiu-se sumamente honrado o Generoso com semelhante convite. E recomendou à esposa, Dona Presentina, o cuidado e o capricho em fazer um novo vestido. Do tecido mais caro do comércio da Capital. No modelo do último figurino. Um modelo de fazer cair o queixo das madames grã-finas da sociedade.

Por seu turno, o Generoso procurou o alfaiate para fazer um terno (calça, paletó e colete). Um terno de causar comentários nas rodas da grã-finagem masculina.

Chegou o grande dia.

O quarto dos noivos superabarrotado de presentes. Os presentes disputavam preços altos. Cada um mais caro.

E, em cima de cada um, o cartão coberto de solenes dizeres a indicar o pródigo doador.

Faltava, porém, um cartão. Exatamente o do Generoso Graciano. De presente, até agora nada!

Os familiares dos noivos em cochichos de pé na orelha, lamentavam:

“Pô! Tão rico. Os noivos o convidaram pensando num grande presente... E nada! De Generoso o padrinho só tem o nome. É mais munheca fechada do que papagaio no arame... Em vez de torrar tanto dinheiro com o vestido da mulher (exibida!) e com o terno dele, bem poderia dar alguma coisa para os noivos...”

Na solenidade do casamento, quando o rapaz recebeu a noiva das mãos do pai dela, cochichou-lhe:

“E o presente?”

A moça respondeu só com um olhar de desilusão.

Todos os convivas foram à festança na casa da noiva. Também os paraninfos.

Generalizaram-se os comentários desfavoráveis sobre o Generoso e a Presentina. E ainda foram mal servidos de guloseimas.

A amada noiva se esquivava até de olhar para a “madrinha”.

Já ao final da festa, Generoso, apoiado pelos sorrisos da esposa, toda embonecada no luxuoso vestido, pediu a palavra e com a sua voz redonda explicou o motivo de exhibir na ponta dos dedos aquelas chaves:

“Meus afilhados, entrego a vocês, e o faço com muita alegria, uma “veraneio” zero quilômetros, abastecida até à boca. É o meu presente. Meu, não! Nosso! Da Presentina e meu! Eis os documentos, todos em ordem. E também 50 mil cruzeiros para eventuais despesas. Podem rasgar as passagens de ônibus. Irão passear com esta “veraneio” tão linda quanto a noiva...”

Impossível continuar. Sua voz fora abafada pelas palmas e pelos aplausos.

“Viva os padrinhos! Vivaaaa!”

A tremenda “badalação” foi para compensar o mau juízo feito.

E os noivinhos se foram para a viagem de núpcias rodando no carro novinho.

Regressaram dez dias depois.

Na viagem de volta, porém, tiveram um desentendimento. A primeira briga.

Amuados, chegaram à sua casa. E amuados continuaram. Um zangado com o outro.

Sabendo da volta dos seus paraninfados, Generoso e Presentina resolveram visitá-los.

Desinformados da situação de discórdia do jovem casal, chegam à porta do apartamento.

Sorridentes com a perspectiva de uma recepção calorosa, tocam a campainha.

Vem o rapaz abrir a porta. Lá dos fundos da sala, a moça, olhos vermelhos de chorar e de raiva, espia, curiosa, a ver quem é.

Ao se defrontar com os paraninfos, o moço, furioso, brada um palavrão e com toda a violência bate a porta no rosto dos seus magnânimos “padrinhos”, mandando-os embora.

Pergunto:

GENEROSO TOMOU DE VOLTA O PRESENTE POR CAUSA DA GROSSERIA DO NOIVO?

Não!!!

Presente dado nunca se toma de volta. É dado em definitivo, apesar de possíveis ingratidões.

Deus, o nosso Deus, é muito educado. Mais educado que os homens. Se estes não querem de volta o presente dado, Deus tomaria de volta o presente, o dom magnífico da vida eterna?

Apesar de sermos infiéis, as nossas ingratidões jamais induzem a Deus fazer o mesmo.

.oOo.

A SEGURANÇA DO CRENTE É ETERNA PORQUE JESUS É INFALÍVEL EM SUA PROMESSA

Ele, categórico e peremptório, assegurou: **“O céu e a terra passarão, mas as Minhas palavras não hão de passar”** (Mateus 24.35). Suas promessas são indefectíveis. Serão à risca cumpridas. Em toda profundidade e em toda extensão.

Os quatro relatos evangélicos se recheiam de muitas e gloriosas promessas de nosso Senhor Jesus Cristo. Promessas das mais diferentes bênçãos.

Bênçãos de ordem material aos que sobrepõem o Reino de Deus aos interesses deste mundo (Mateus 6.25-33; 19.29).

Bênçãos do poder de curar enfermidades, de ressuscitar mortos, de expulsar demônios aos Seus apóstolos e aos setenta discípulos (Mateus 10.8; Lucas 10.17).

Bênçãos de repouso para os oprimidos (Mateus 11.28).

Bênçãos de saúde para uma infinidade de doentes, cegos, paralíticos.

Bênçãos das perseguições para os Seus fiéis seguidores (Mateus 5.11-12; Lucas 21.16-17; João 15.18-21).

A Sua soberaníssima promessa, a mais gloriosa de quantas haja feito, é a promessa de vida eterna. **“E esta é a promessa que Ele nos fez: a vida eterna”** (1ª João 2.25).

Jesus é a **“salvação poderosa”** (Lucas 1.69) e Ele pode salvar perfeitamente (Hebreus 7.25). É Ele um Salvador infalível, certo, eficaz. Inspira absoluta confiança pela firmeza de Sua Palavra, pela honradez retilínea de Sua conduta e pela todo-suficiência do Seu sacrifício. Prometeu vida eterna em favor dos crentes evangélicos nEle. Então, Ele cumpre a Sua Palavra estável e inabalável.

A da vida eterna é, de todas as promessas dEle, a mais repetida.

Repetiu-a com acentos solenes, frisantes, incisivos. E nas mais variadas circunstâncias. E com as mais diversas metáforas.

Pelo menos, 19 vezes eu a encontro!

Em Mateus 19.29, em Marcos 10.30 e em Lucas 18.30 promete-a aos que, para segui-IO, abandonam tudo e todos.

No quarto evangelho, João, **“o discípulo o qual Jesus amava”** (João 13.23) e que reclinou a cabeça no Seu sacratíssimo peito, João a registrou 16 vezes.

Nesse evangelho encontro a expressão **“vida eterna”** nos lábios do Senhor por 16 vezes! E repetida por Jesus a pessoas das mais variadas categorias sociais: a um príncipe dos fariseus, a uma pobre prostituta de Samaria, aos enfatuados líderes religiosos de Jerusalém, ao povo simples de Cafarnaum.

É um número deveras expressivo.

Enquanto os três evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) cuidaram de anotar muitos prodígios de Jesus Cristo, João se dedicou mais com o magistério transcendente do Mestre. Em defluência, ao registrar a magnífica promessa por tantas vezes, demonstra a sua preocupação em nos legar absoluta segurança de sua veracidade.

Examinaremos alguns dos pronunciamentos de Jesus Cristo alusivos à luminosa promessa. A evidência e a clareza deles são nítidas, cristalinas e incontestáveis.

1) João 3.15-16: “Para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho

unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.

Deter-nos-íamos por tempo indeterminado se nos debruçássemos em cada vocábulo desta Escritura. Dois, contudo, me chama a atenção de modo particular: **“De tal maneira”** e o verbo **“deu”**.

Deus sempre revela através de muitas maneiras o Seu infinito amor para com a humanidade. A luz do sol, o ar da atmosfera, os alimentos, os momentos de sadio júbilo, tudo se constitui em manifestações desse amor.

A prova extraordinária, sobre-excelente, suma, inimaginável, é a entrega de Seu Filho, Filho unigênito, para com quem tem muitas complacências (Mateus 17.5).

O verbo português “deu” não exprime a profundidade do grego “édoken”, que tem um significado expiatório e sacrificial. O nosso verbo “entregou” talvez expresse melhor aquele infinito amor. **“Deus amou o mundo de tal maneira (= em tal extremo, com tamanha plenitude) que deu (= entregou para sacrifício) o Seu Filho unigênito...”**

É esta a prova culminante do amor de Deus entregue em sacrifício expiatório que dá a vida eterna ao crente evangélico.

A finalidade da “entrega” é a outorga da vida eterna.

Ora, frustrar-se-ia esse propósito se a salvação fosse amissível.

Na eventualidade absurda do salvo perder-se, esta palavra de Jesus seria desproporcionada e despropositada.

Compreendeu-a, contudo, em toda a sua extensão e profundidade, João, que a registrou. Compreendeu-a ao ponto de exclamar logo a seguir o seu registro: **“Quem crê nEle não é condenado; mas quem não crê já está condenado; porquanto não crê no Nome do unigênito Filho de Deus”** (João 3.18).

O escapar da condenação é a consequência ineludível, lógica, límpida, da vida eterna.

Ao concluir o capítulo terceiro, em igual diapasão das palavras do Senhor e do seu comentário (3.18), anota o pronunciamento do Batista Precursor: **“Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece”** (v. 36).

2) João 4.13-14: “Qualquer que beber desta água tornará a ter sede; mas aquele que beber da água que Eu lhe der nunca terá sede, porque a água que Eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna”.

Distinguem-se no texto duas qualidades de água. A do poço de Jacó que a samaritana fora buscar, a água estagnada das cisternas desprovida da capacidade de saciar em definitivo o sedento (Jeremias 2.13), e a **“água viva”** oferecida por Jesus.

A metáfora literária da “**água viva**” já no Velho Testamento qualificava a vida espiritual dispensada por Deus (Ezequiel 47.1-12; Salmo 36.9-10).

É, outrossim, a vida espiritual plena desfrutada na bem-aventurança celestial (Apocalipse 21.6; 22.17).

A água sobrenatural outorgada por Jesus Cristo é simbolizada pela “**água viva**”, de sentido transcendental e messiânico, por infundir dinamismo e vitalidade: “**Aquele que beber desta água que Eu lhe der nunca mais terá sede**”.

Ela mesma, a água perfeita, em sendo “fonte”, é o princípio, a origem, o manancial de atividade sobrenatural. E ainda se constitui em objetivo por saltar “**para a vida eterna**”.

A água de Jesus é perfeita em seus efeitos. É água sempre manante a indicar a própria perfeição vital, a suficiência intrínseca do dom de Cristo, que viera não tanto a pedir como a dar.

O particípio adjetivo, “**que salta para**”, do grego original sublinha a vivacidade e o movimento da “**água viva**”, inspirado na propriedade da água manante, cujo termo é a vida eterna.

Quando a pessoa se apropria de Cristo, Ele lhe dá uma força vital cujo termo ou culminância é a vida eterna, uma supervida, que começa já no tempo presente. É a “**água viva**” de Cristo a formar no crente uma fonte borbulhante para a vida eterna.

E, em consequência, jamais terá sede.

Se a vida eterna se assemelhasse à sede física, que se renova várias vezes ao dia, não procederia da “**água viva**” concedida por Jesus Cristo.

Uma das torturas do inferno é a sede. “**E, clamando [o rico réprobo], disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e manda a Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama**” (Lucas 16.24).

Ora, se algum crente, depois de salvo, pudesse tornar-se réprobo, Jesus Cristo se teria contradito. A Sua vida eterna seria um embuste. E a Sua “**água viva**” tão precária como a das cisternas rotas.

3) João 5.24: “Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a Minha Palavra e crê nAquele que Me enviou tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida”.

Esta Escritura se encontra numa argumentação apologética de Cristo endereçada à liderança de Jerusalém, com o propósito de demonstrar a Sua Unidade com o Pai. É por isso que ouvir-Lhe a palavra e crer no que O enviou se sincronizam. Ouvi-IO e crer no Pai se identificam e o resultado é a vida eterna.

Em obtendo vida eterna, o pecador passa da morte para a vida, ou seja, regenera-se, ressuscita.

O poder de ressuscitar é exclusivo de Deus (Deuteronômio 32.39; 1º Samuel 2.6; 2º Reis 5.7; Isaías 26.19; Ezequiel 37.14; Daniel 12.2; Oseias 6.2). O profeta só podia ressuscitar sob ou em Nome do poder de Deus (2º Reis 4.32-33).

Cristo reivindica para Si este poder de vida e morte em nível de igualdade com o Pai.

E a consequência normal da confiança nEle é a vida eterna.

A vida eterna a implicar em autêntica ressurreição por levar o crente do estado de morte para o de vida.

CONDENAÇÃO e MORTE são sinônimos de idêntica tragédia. Morte é o estado de condenação, de ira, de inimizade com Deus, de privação de vida e de sujeição à morte eterna.

Pelo fato de se crer em Cristo, e no mesmo instante deste gesto íntimo de confiança amorosa nEle, o crente escapa da tragédia da condenação e recebe a vida eterna numa gloriosa ressurreição espiritual a redundar-lhe a ressurreição corporal no evento da Parusia.

Nessa palavra incisiva, Jesus não faz qualquer ressalva. Apresenta-a de modo absoluto e definitivo.

Quem crê, **“passou da morte para a vida”**. O Salvador não expressa e nem permite inferir-se das entrelinhas qualquer possibilidade de se retornar à morte.

E **“não entrará em condenação”** ou julgamento.

O catolicismo romano, em contraposição ao ensino de Jesus, divulga a ideia de um falso julgamento. Diz ele que, após a morte física, o indivíduo comparece diante de Deus para, por suas obras, ser julgado para a salvação ou para a condenação.

À luz do ensino de Cristo, o pecador é julgado para salvação no exato instante em que nEle crê. E este julgamento é definitivo; é de uma vez por todas. Por isso é irrepetível.

Repetir-se-ia na hipótese do crente perder a salvação e tornar a recuperá-la, fato esse totalmente impossível e sem qualquer indício na Palavra de Jesus.

4) No capítulo 6 do seu livro, João registrou o sermão de Jesus proferido após a multiplicação dos pães.

E nesta passagem, em que o Senhor se apresenta como o **“Pão da Vida”**, por quatro vezes menciona a promessa de vida eterna.

“Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará; porque a Este o Pai, Deus, O selou” (v. 27).

“Porquanto a vontade dAquele que Me enviou é esta: que todo aquele que vê o Filho, e crê nEle, tenha a vida eterna e Eu o ressuscitarei no último dia” (v. 40).

“Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em Mim tem a vida eterna” (v. 47).

“Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue tem a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia” (v. 54).

Estes quatro versículos chamam a nossa atenção para algumas observações:

PRIMEIRA: Jesus Cristo, em Seus ensinamentos, para se fazer entendido pelo auditório, valia-se de coisas bem comuns, comparando-as com as realidades espirituais.

O que há de mais comum do que a água e o pão?

O que há de mais sensível do que a fome e a sede?

Ao conversar com a samaritana, falou de sede e água para significar-lhe a vida eterna, a necessidade dessa vida e os seus efeitos permanentes.

Na oportunidade desse discurso, apresenta-se como o **“Pão da Vida”** capaz de saciar a alma faminta como a **“Água Viva”** o é de dessedentar.

A água e o pão que Jesus oferece são verdadeiros e perfeitos alimentos do homem por lhe darem a vida eterna e divina.

SEGUNDA: No v. 27 o Mestre distingue duas espécies de alimento: o perecível e o permanente.

O maná que cada manhã caía dos céus para alimentar os hebreus em sua longa jornada de quarenta anos pelos desertos (Êxodo 16.3-5, 18, 35) era alimento perecível, deteriorável. E os que dele comeram morreram (v. 49).

O **“Pão da Vida”** é imperecível. Permanece em si e em seus efeitos, ou seja, a vida eterna.

Este resultado do indeteriorável **“Pão da Vida”**, que é a própria vida eterna, é tão eterno como é eterno o **“Pão da Vida”** que o produz.

O **“Pão da Vida”**, Jesus Cristo, o Filho do Homem pelo Pai foi selado.

Ao apresentar-se como selado por Deus Pai, Ele se refere à autenticidade de Sua missão. Missão esta totalmente diversa da missão de

Moises, de João Batista e dos profetas. Jesus Cristo veio do seio do próprio Pai com a incumbência de dar vida.

No fato de haver sido selado pelo Pai incluem-se dois aspectos: a origem divina de Sua missão (vv. 29, 39-40, 44, 46, 57) e o propósito dela que é o de dar vida.

A missão de Jesus Cristo, tanto por causa da Sua origem divina como de Seu objetivo, confirma ser eterna a vida que Ele dá.

Na hipótese da possibilidade de o crente não perder a salvação, essa missão do Senhor se reduziria à incumbência de um legado qualquer e o Seu pão a um maná desprezível, incapaz de alimentar em definitivo, como aconteceu com os hebreus no deserto.

Ao nível dessa hipótese absurda, redundaria a um arroubo demagógico de discurso de comício político esta assertiva de Jesus Cristo: **“Eu sou o Pão da Vida; aquele que vem a Mim não terá fome; e quem crê em Mim nunca terá sede”** (v. 35).

TERCEIRA: O v. 40 é uma síntese, um resumo, uma recapitulação da primeira parte do sermão.

Ver o Filho como os Seus contemporâneos O viram é importante, mas insuficiente. É preciso crer e isto é o principal.

O Mestre alude outra vez à vida eterna tendo em vista a ressurreição final como a sua plenitude e a sua manifestação definitiva.

Se o crente pudesse perder a salvação seria descabido o anúncio dessa ressurreição, que é o complemento definitivo e plenário da própria vida eterna. Sua missão, outrossim, se frustraria porque na obra de dar a vida eterna a ressurreição dos crentes é a Sua tarefa complementária e plenária.

QUARTA: A fórmula solene: **“Na verdade, na verdade”** do v. 47 foi, na afirmação de Sua autoridade messiânica, usada por Cristo 30 vezes em Mateus e 25 em João.

É a tradução vernáculo do hebraico “amém”, derivado de um radical que implica a ideia de firmeza, de realidade, dando origem a termos assaz importantes como subsistir, crer, verdade, solidez, fidelidade, certeza.

“Amém” ou “na verdade” corresponde a “verdadeiro, verdadeiramente, certo, certamente”. Equivale à palavra empenhada na assinatura de um documento.

Por 12 vezes em Deuteronômio 27 o povo responde **“Amém”** às propostas de Moisés, comprometendo-se a cumpri-las.

Esse vocábulo repetido, como o usou Jesus (= amém, amém; = na verdade, na verdade) se constitui numa expressão de quase juramento, porquanto a sua prolação exprime firmeza de convicção acerca do Seu pronunciamento ou declaração.

A locução **“na verdade, na verdade”** garante a sua total veracidade. Garante-a a tal ponto que Paulo Apóstolo anuncia em Jesus Cristo o “amém” das promessas de Deus. **“Porque quantas promessas há de Deus, são nEle [em Jesus] sim (= amém) e por Ele [por Jesus] o amém, para a glória de Deus por nós”** (2ª Coríntios 1.20).

Se em nenhuma outra parte dos evangelhos se encontrasse uma declaração de Jesus alusiva à vida eterna do crente nEle, só esta do versículo 47 seria suficiente por ser apresentada em termos tão claros e firmada na soleníssima fórmula **“na verdade, na verdade”**.

Se o próprio Jesus Cristo é o **“amém”**, o **“sim”**, por ser a **“testemunha fiel e verdadeira”** (Apocalipse 3.14), a solenidade de Sua afirmação em João 6.47 seria intempestiva e improcedente se a salvação fosse insegura e intermitente.

QUINTA: A teologia católica romana se distrai ao buscar nesta passagem de Cristo contida neste capítulo 6 de João os dogmas sobre a sua missa. Faz acrobacias em seus sofismas e se perde nos labirintos de suas próprias contradições.

Preocupada aquela teologia com essa procura deixa de contemplar a magnífica realidade da mais gloriosa promessa do Senhor.

Em nosso livro A MISSA desenvolvemos um capítulo inteiro no estudo do assunto A Missa sob o enfoque de João 6.

É de se lamentar o enorme esforço da teologia romanista naquele intento, quando poderia reconhecer o ensino claro e evidente da segurança eterna de salvação repetido pelo Mestre ao longo do Seu discurso.

SEXTA: A expressão **“quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue”** é metafórica. Significa crer com total decisão. Significa uma plena apropriação de Cristo pela fé.

À samaritana Jesus se apresentara como a **“Água Viva”** e disse: **“Aquele que beber da água que Eu lhe der nunca terá sede”** (João 4.14).

Ora, a admitir-se a literalidade da expressão **“quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue”** há de se aceitar também a literalidade desta declaração à samaritana: **“Aquele que beber da água que Eu lhe der nunca terá sede”**.

Tanto o “beber” como o “comer”, porém, são comparações do “crer”.

Este pleno crer nos leva à apropriação total de Cristo. E o resultado é a posse da vida eterna como realidade já presente na alma a se plenificar com a ressurreição em corpo **“no último dia”**.

Esta ressurreição é o corolário lógico, a decorrência inevitável, da vida eterna que o crente recebe de modo definitivo desde o instante de sua conversão evangélica ao Senhor.

5) João 10.28-20: “E dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da Minha mão. Meu Pai, que Mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebata-las da mão de Meu Pai. Eu e o Pai somos Um”.

Este outro pronunciamento de Jesus Cristo quanto à Sua promessa de vida eterna foi feito aos judeus após a cura do cego de nascença.

Apresentara-se Jesus como o Bom Pastor e, na oportunidade da Festa da Dedicção no Templo, persistiam eles em altercar com o Mestre. Foi no contexto de Suas invectivas aos judeus incrédulos que Ele, na qualidade de Pastor, apresenta o valor da Sua dádiva às Suas ovelhas.

O dom da vida eterna é definitivo porque decorrente do Seu poder divino, haja vista a unidade do Pai e do Filho.

Nas Escrituras, a mão Deus é o símbolo do Seu poder infinito. Ninguém pode arrebatar as ovelhas das mãos do Pai e das mãos do Filho porque ambos são Um. E o mesmo poder é tanto do Pai quanto do Filho. E, se ninguém pode arrebata-las das mãos do Pai, também não o poderá das mãos do Filho.

A identidade do poder resulta da unidade e da identidade da natureza divina comum a ambos.

Se o crente, em alguma circunstância, pudesse correr o risco de perder a vida eterna, limitar-se-ia o poder de Jesus Cristo. Ele não seria Um com o Pai.

O Pai **“é maior do que todos”**, do que todas as coisas e do que todos os inimigos, inclusive Satanás. O Pai é o Ser supremo, o Onipotente. Supor-se a possibilidade da perda da salvação implica em reconhecer-se uma inferiorização do Pai.

Em todas as Suas declarações acerca desta promessa, Jesus foi muito claro. E, para não deixar qualquer margem a qualquer dúvida nestes versículos 28 e 29, Ele a apresenta positivamente: **“E dou-lhes a vida eterna”** e a confirma apresentando-a de forma negativa: **“E nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da Minha mão”** (duplamente negativa no original grego para destacar a impossibilidade absoluta).

A vida eterna por Ele concedida é imediata ao ato de crer nEle, porquanto quem já está no céu de lá não sairá jamais. Ao assegurar com tamanha intenção que **“nunca hão de perecer”** e que **“ninguém as arrebatará”** de Sua mão, o Senhor Jesus, é evidente, pensa na vida eterna de que o crente já desfrui nesta terra, somente onde poderia correr o risco de sua perda, caso o nosso Redentor não fosse Jesus Cristo, o Filho de Deus, Um com o Pai e tão onipotente quanto Ele.

6) O quarto evangelho é o evangelho complementar. João quis registrar o que fora omitido nos três sinóticos.

Escreveu ele a sua obra cerca de 60 anos após a ressurreição de Cristo; portanto, já na fase final dos tempos apostólicos. Seu longo ministério demonstrara-lhe a necessidade de nos transmitir os sólidos ensinamentos do Salvador alusivos à segurança eterna da salvação.

Deus, por isso, permitiu empreendesse ele em sua Primeira Epístola, a obra de expor, numa autêntica tese de teologia, a doutrina da vida eterna.

João, ao abrir, como em magnífico cenário de convicção e certeza, a sua Primeira Epístola, num incisivo entre parêntese a sublinhar a tônica do seu conteúdo, proclama: **“Porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificamos dela, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai, e nos foi manifestada”** (1ª João 1.2).

No v. 25 do capítulo 2, numa exclamação categórica e incontida, ele brada: **“E esta é a promessa que Ele nos fez: a vida eterna”**.

Supor-se o risco da admissibilidade desta vida quer dizer resvalar-se para a negação da própria Divindade de Jesus Cristo.

Ainda depois de sessenta anos de haver ouvido a assertiva do Mestre de que ninguém arrebataria de Suas mãos (do Seu poder) as Suas ovelhas, porque o Pai que Lhas deu é maior do que todos, porquanto Jesus e o Pai são Um (João 10.28-30), ressoa em seu coração esse impressionante pronunciamento de Jesus Cristo. O crente nEle tem a vida eterna porque, pelo fato de nEle crer, recebe-O. Recebe a Jesus Cristo, que é o próprio Deus.

“Sabemos que já o Filho de Deus é vindo, e nos deu entendimento para conhecermos o que é verdadeiro; e no que é verdadeiro estamos, isto é, em Seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna” (1ª João 5.20).

Jesus Cristo **“é o verdadeiro Deus e a vida eterna”**. Por ser **“verdadeiro Deus”** é que Ele é a vida eterna.

Ao nEle crermos O recebemos. Em, consequência, recebemos a própria vida eterna.

Duvidar-se, pois, da preservação eterna do salvo é negar a própria Divindade de Jesus Cristo.

O **“discípulo a quem Jesus amava”**, certo e convicto desta absoluta impossibilidade de o crente se condenar, apresenta a eternidade da salvação como a própria essência do Evangelho.

Sim! A impossibilidade de o crente vir a perder-se é da própria essência do Evangelho. É o seu cerne. A sua medula. A sua espinha dorsal.

“Se recebemos o testemunho dos homens”, elucidada João, **“o testemunho de Deus é maior; porque o testemunho de Deus é este, que de Seu Filho testemunhou. Quem crê no Filho de Deus em si mesmo tem o testemunho; quem a Deus não crê, mentiroso O fez; porquanto não creu no testemunho que Deus de Seu Filho deu. E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em Seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida. Estas coisas vos escrevo para que saibais que tendes a vida eterna, e para que creiais no Nome do Filho de Deus”** (1ª João 5.9-13).

.oOo.

A SEGURANÇA DO CRENTE É ETERNA PORQUE JESUS CRISTO É O SUMO SACERDOTE

A Epístola aos Hebreus, que nos apresenta Jesus Cristo como o **“Príncipe da salvação”** (2.10) por haver efetuado uma **“eterna redenção”** (9.12) e por oferecer-nos **“a promessa da herança eterna”** (9.15), é o documento neo-testamentário a, com exclusividade, no-IO revelar na qualidade de Sumo Sacerdote.

Muitas vezes, citando o Salmo 110, cognomina Cristo simplesmente de Sacerdote (5.6; 7.11, 15, 17, 21; 8.4; 10.21). Compara-O também com o sacerdote Melquisedeque (7.1, 3) ou O contrapõe aos sacerdotes levíticos

(7.14, 20, 23; 9.6; 10.11). Com maior frequência, contudo, chama-O de Sumo Sacerdote (2.17; 3.1; 4.14, 15; 5.5, 10; 6.20; 7.26; 8.1; 9.11) e ainda O opõe ao sumo sacerdote arãoico (5.1; 7.27, 28; 8.3; 9.7, 25; 13.112).

A Epistola é, portanto, um autêntico tratado sobre o Sacerdócio de Cristo já enunciado no seu prólogo (2,17; 3.1), cujo desenvolvimento começa no final do capítulo quarto (4.14-15). Assentam-se as premissas da argumentação no capítulo quinto (5.1-10). De 5.11 a 6.19, abre-se uma digressão exortatória e em 6.20 retoma-se o assunto com a declaração: **“Feito eternamente Sumo Sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque”**.

Ao longo dos capítulos 7 e 8, estende-se a sua demonstração. No capítulo 9, analisa-se a ação sacrificial desse Sacerdote e, enfim, no capítulo 10 (10.1-18) recapitula-se toda a doutrina.

1) Em 5.1-4, tendo em mente o sacerdócio levítico do sistema judaico, a Epistola propõe uma definição descritiva do conceito de sacerdote: **“Porque todo o sumo sacerdote, tomado dentre os homens, é constituído a favor dos homens nas coisas concernentes a Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados; e possa compadecer-se ternamente dos ignorantes e errados; pois também ele mesmo está rodeado de fraqueza. E, por esta causa, deve ele, tanto pelo povo, como também por si mesmo, fazer oferta pelos pecados. E ninguém toma para si esta honra, senão o que é chamado por Deus, como Arão”**.

Descobrem-se aí as cinco condições indispensáveis para o sacerdote:

1ª) NATUREZA HUMANA – No fato que expressa a condição ou o estado permanente de ser homem – **“tomado dentre os homens”**. Este fato, outrossim, é a causa de estar ele **“rodeado de fraqueza”**, o que lhe possibilita **“compadecer-se ternamente dos ignorantes e errados”**.

Sacerdote quer dizer mediador entre Deus e os homens. Convém, portanto, seja ele homem, não anjo, a fim de representar os homens perante Deus e para que os homens com confiança dele se aproximem.

2ª) VOCAÇÃO DIVINA – **“Ninguém pode tomar para si esta honra, senão o que é chamado por Deus, como Arão”**.

3ª) ABRANGÊNCIA SOCIAL – Para estabelecer as relações do povo com Deus. **“É constituído a favor dos homens nas coisas concernentes a Deus”**.

O ofício sacerdotal é, por conseguinte, uma graça em benefício da comunidade acima do proveito pessoal do próprio sacerdote.

4ª) ATUAÇÃO MINISTERIAL – Sua capacitação para cumprir o seu ofício de concretizar a paz do pecador com Deus pelo perdão dos pecados. As vantagens do ofício sacerdotal não são de ordem material ou terrena.

5ª) CULTO SACRIFICIAL – Sua ação sacerdotal específica, que é a de oferecer **“dons e sacrifícios pelo pecado”**.

2) Ora, em Jesus Cristo se encontram todos estes requisitos.

1º) Ele, ao encarnar, tornou-se Homem. A Sua Humanidade se distingue ao longo dos evangelhos. Sentiu sede. Teve fome. Cansou-se (João 4.6-8). Dormiu (Marcos 4.38). Chorou (Lucas 19.41; João 11.35).

2º) O Pai O investiu deste múnus. **“Assim também Cristo se não glorificou a Si mesmo, para se fazer Sumo Sacerdote, mas Aquele que Lhe disse: Tu és Meu Filho, hoje Te gerei. Como também noutra lugar diz: Tu és Sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque”** (5.5-6).

3º) A terceira condição Ele a satisfaz como Mediador.

4º) Ninguém como Jesus Cristo pode oferecer paz ao pecador com perdão pleno dos seus pecados. Os sacrifícios da Velha Economia se limitavam a fazer comemoração dos pecados, porque é impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire os pecados. **“E assim todo sacerdote aparece cada dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar pecados; mas Este [Jesus], havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à destra de Deus... Porque, com uma só oblação, aperfeiçoou para sempre os que são santificados”** (10.11-12, 14).

5º) Na cruz consumou a ação sacerdotal específica. Com inteira liberdade (João 10.17-18), ofereceu-se como Vítima.

Nesta função fundamental do sacerdócio inexistente qualquer intermediário. Só há o Cristo que se oferece e o Pai que aceita a Sua oblação. **“E se entregou a Si mesmo”** (Gálatas 2.20). **“Cristo se entregou a Si**

mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave” (Efésios 5.2).

3) Na realidade salvífica de Cristo Mediador se ressaltam todas as qualificações ou requisitos do Seu Sacerdócio.

a) Mediador é aquele que, colocando-se no meio de duas pessoas distantes e, em certo sentido, opostas, se encarrega de uni-las, transmitindo de uma para a outra os pensamentos e desejos de cada uma, numa espécie de ir e vir entre ambas.

O êxito dessa tarefa será tanto mais eficaz quanto maior for a intimidade do mediador com as duas partes.

b) O título de Mediador é poucas vezes empregado em o Novo Testamento. Outros títulos, no entanto, como o de Enviado de Deus, Profeta, Sacerdote, Messias, enunciam os múltiplos aspectos da mediação de Jesus Cristo: o da revelação, o da reconciliação, o da aliança, o da salvação.

A atuação de Jesus Cristo, seja como Enviado, seja como Profeta, seja como Sacerdote ou seja como Messias, expressa a Sua mediação dinâmica: Ele é Intermediário e Intermédio.

Intermédio porquanto, pela Sua natureza humana, dista de Deus e se sintoniza com os homens, ao passo que, por Sua Natureza Divina, se sintoniza com Deus e se distancia dos homens.

Intermediário enquanto leva os assuntos e as bênçãos de Deus aos homens e as necessidades e os assuntos dos homens a Deus.

c) A Epístola aos Hebreus sublinha a superioridade da mediação de Cristo em confronto com a precedente do Velho Testamento.

A mediação de Moisés na conclusão da aliança e na promulgação da Lei era considerada fundamental, tanto assim que nesta última ocorreu a intervenção dos anjos.

Ora, Moisés era apenas um servo na casa de Deus (3.5) e os anjos, simples ministros e mensageiros de Deus. Nem Moisés e nem os anjos ostentam o título e nem a dignidade de Filho de Deus (1.4-14; 3.1-6).

d) A superioridade da mediação de Jesus Cristo se fundamenta na Sua dignidade de Filho. Filho unigênito, a Sua mediação é superior a qualquer outra mediação. É, aliás, a única mediação credenciada a esse nome: **“Um só Mediador, Jesus Cristo”** (1ª Timóteo 2.5).

Não é Ele UM mediador. É o Mediador. Exclusivo porque todo-eficaz.

Com efeito, à Sua ação mediadora nada há a se acrescentar. Nem à Sua mediação reveladora. Nem à Sua mediação sacrificial. Nem à Sua mediação salvadora. Nem à Sua mediação intercessora.

e) Mediação única afirma-se necessária e universal, enquanto a de Moisés foi transitória e restrita a um povo.

Necessária, imprescindível, porque, excluindo-a, faz-se impossível o acesso ao Pai. **“Ninguém vem ao Pai, senão por Mim”**, asseverou Jesus (João 14.6). E, doutra feita, afirmou: **“Ninguém conhece o Pai se o Filho não O revelar”** (Mateus 11.27). E Pedro reconhece: **“E em nenhum outro há salvação”** (Atos 4.12).

Universal porque não se limita a um povo apenas, como no caso da mediação mosaica.

Estende-se ela a todos os homens. Deus **“quer que todos os homens sejam salvos, e venham ao conhecimento da Verdade. Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem, o qual se deu a Si mesmo em preço de redenção por todos”** (1ª Timóteo 2.4-6).

f) **“Mediador de uma nova aliança”** (12.24), **“Mediador dum novo testamento”** (9.15), **“Mediador dum melhor concerto”** (8.6), deste melhor concerto Jesus foi feito Fiador (7.22). Fiador, responsabiliza-se pelo nosso futuro.

O fiador ou abonador é o responsável pelo cumprimento das obrigações contraídas pelo seu afiançado. É uma espécie de mediador entre o devedor e o credor.

Os locadores de imóveis e muitas firmas comerciais exigem dos seus locatários e dos seus crediários um fiador. Este também assina o contrato de locação ou o de compra e venda, assumindo todos os ônus dele na eventualidade de qualquer infração contratual.

Na ocorrência do locatário ou do crediário deixar de pagar, o fiador terá de fazê-lo.

Jesus Cristo, o Fiador desse melhor concerto, antecipadamente já pagou o nosso débito para com Deus.

Aliás, que mediação seria a de Jesus Cristo se faltasse à Sua fiança?

Que Fiador seria Ele se não pudesse satisfazer o Seu compromisso perante o Pai na conjuntura do crente pecar? E o Seu concerto deixaria de ser novo e não seria melhor.

Jesus, no entanto, é Fiador diferente dos fiadores humanos. Estes só satisfazem suas responsabilidades posteriormente. Isto é, só depois do seu afiançado falhar.

O nosso Jesus, sabendo, como Deus, por antecipação, de todas as nossas mazelas, satisfez antecipadamente o nosso débito para com Deus.

E se Deus fosse cobrar do crente o pecado dele, cometeria grave desonestidade porque estaria cobrando aquilo que já recebeu do Fiador Jesus Cristo.

4) Por três motivos o sacerdócio do Antigo Testamento era ineficaz:

1º) Os sacerdotes, por serem imperfeitos como pecadores, também necessitavam de sacrifícios para se reconciliarem com Deus e aproximarem-se do Seu altar a fim de interceder pelo povo (5.3; 7.27; 9.7).

2º) O sangue dos cordeiros e dos novilhos era sangue de animais; portanto, inferiores ao do homem e inadequados para Deus (9.25; 10.4, 8).

Multiplicavam-se os sacrifícios e multiplicavam-se os sacerdotes porque nem sacerdotes e nem sacrifícios conseguiam realizar em sua pessoa e em sua oferta a plenitude ideal do sacerdócio.

3º) A existência de outro sacerdócio, o sacerdócio de Melquisedeque, independente do araônico e superior a ele na história e na profecia.

Na história, porque Melquisedeque, na qualidade de sacerdote, abençoara o Patriarca Abraão e nele a sua descendência sacerdotal (7.1-10).

Na profecia, porquanto o próprio Deus prometera um novo sacerdócio, não da linhagem de Arão, mas **“segundo a ordem de Melquisedeque”** (7.11, 15-19).

Porque o Sacerdócio de Jesus Cristo, sendo todo-eficaz, nem à tribo sacerdotal de Levi pertenceu Ele. Jesus, de resto, procede segundo a carne da tribo de Judá.

“Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque”, Jesus Cristo aboliu a lei da sucessão sacerdotal hereditária carregada da mesma imperfeição e ineficácia como o sacerdócio por ela legislado (7.12, 18-19).

Rescindida a Antiga Aliança para se estabelecer a Nova, suprimiu-se o sacerdócio que naquela se arrimava.

5) Por três motivos ainda o sacerdócio de Cristo é sobre-excelente ao levítico:

1º) O novo sacerdócio foi instituído por Deus **“com juramento”**, fato este não acontecido com o sacerdócio levítico (7.20-21; Salmo 110.4).

Juramento nesse caso é uma maneira antropomórfica de elucidar a decisão irrevogável e o decreto absoluto e definitivo, isento de mudanças, da parte de Deus quanto ao Sumo Sacerdócio da nova lei.

Trata-se, por conseguinte, de um sacerdócio mais excelente que o de Arão por instaurar também uma economia espiritual mais perfeita (7.22).

Com efeito, jura-se somente em decisões de maior importância quando se faz necessário valorizar e destacar a segurança da palavra empenhada. **“Mas a Palavra do juramento, que veio depois da Lei, constitui ao Filho, perfeito para sempre”** (7.28).

Esta estabilidade, perpétua e indefectível permanência do sacerdócio de Cristo, opõe-se à transitoriedade do sacerdócio levítico, cujos múltiplos e sucessivos sacerdotes se substituíam pela morte (7.22-23).

Em decorrência da indefectibilidade do Sacerdócio de Cristo, Ele **“pode salvar perfeitamente”** ou **“para sempre os que por Ele se chegam a Deus”** (7.25) porque Cristo, Sumo Sacerdote vivo e permanente, nos pode levar à salvação perfeita, íntegra e completa. Nenhuma salvação será perfeita se não for para sempre ou eterna. A salvação iniciada e abandonada não é salvação!

2º) Cristo é o Sumo Sacerdote eternamente perfeito. Perfeito, revestido das mais excelentes qualidades. Se dos sacerdotes da Antiga Lei se exigiam santidade e separação dos pecados (Levítico 21.6-15), Jesus Cristo superou todas as velhas exigências, sendo **“santo”** já na Sua concepção (Lucas 1.35), **“inocente”** em Sua retidão para com os homens, **“imaculado”** por Sua absoluta pureza moral, **“separado dos pecadores”** porque nunca pecou e porque, de fato, não podia haver pecado (4.15) e, enfim, **“mais sublime do que os céus”** por Sua transcendência de todas as criaturas (7.26).

3º) O último dos três motivos de sobre-excelência do Sacerdócio de Cristo se constitui na unicidade do Seu sacrifício. Ele não precisa oferecer **“como os sumos sacerdotes cada dia sacrifícios, primeiramente por seus próprios pecados, e depois pelos do povo”**, como acontecia com os da Antiga Lei (7.27).

O Seu sacrifício é único por ser oblação perfeita e o Seu Sacerdócio, portanto, é eterno, irrevogável e insubstituível (5.9; 9.11-14, 24-25; 10.5-10, 19, 21).

Com um único sacrifício conseguiu-nos uma eterna redenção (7.27; 9.25-28; 10.12, 14, 18), pois a oblação perfeita em sua ação e em seus efeitos oferecida pelo Sacerdócio por excelência é essa redenção também irrevogável e irrepitível.

6) A Novo Sacerdócio, Novo Santuário. À excelência do Sacerdote corresponde a do Santuário em que oficia o Seu Sacerdócio.

Existe, com efeito, um Santuário celeste, Habitação de Deus, erigido pelo Senhor, onde Jesus Cristo exerce as Suas funções sacerdotais.

Deste Santuário o mosaico foi “exemplar e sombra”.

O Santuário celestial do sacerdócio de Cristo é perfeito!

Tendo consumado na cruz o sacrifício de uma vez para sempre, **“entrou uma vez [definitivamente] no Santuário, havendo efetuado uma eterna redenção”** (9.12). E **“alcançou Ele ministério tanto mais excelente, quanto é Mediador dum melhor concerto, que está confirmado em melhores promessas”** (8.6).

O sacerdócio caduco da Velha Sistemática era um sacerdócio de dissolução porque se separava do povo ao penetrar sozinho o recinto sagrado. Separava a vítima de si próprio porque oferecia o sangue alheio. E dissociava de Deus o povo ao lhe embargar acesso ao interior do santuário onde morava a **“glória de Deus”**.

O Sacerdócio de Cristo, ao contrário, é de integração ou de união. União do Sacerdote com Deus por ser santo, imaculado e Filho do próprio Deus (4.15; 5.5-6). União do sacerdote com o povo desde que se fez Homem e se assemelhou **“aos irmãos, para ser misericordioso”** (2.17). **“O qual, nos dias da Sua carne, oferecendo com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que O podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia. Ainda que era Filho, aprendeu a obediência por aquilo que padeceu. E, sendo Ele consumado, veio a ser a causa da eterna salvação para todos os que Lhe obedecem”** (5.7-9).

União ou, melhor ainda, identidade do Sacerdote com a Vítima por oferecer Ele o Seu próprio sangue em sacrifício (9.12-14).

União da Vítima com Deus, por ser Ela digna de ser apresentada no altar e a única plenamente aceita por Deus em sendo ela Vítima imaculada que, livremente, se ofereceu em obediência à vontade de Deus (10.5-10).

União, afinal, do povo com Deus desde que Cristo, Sacerdote, penetrou o Santuário celeste, abrindo o caminho e rompendo o véu a fim de nos favorecer acesso à presença de Deus (6.19-20; 9.8-9, 11, 14; 10.19-22).

7) Sumo Sacerdote, Jesus Cristo, habitando no Santuário celeste, desenvolve o Seu ministério de intercessor, uma das funções do Sacerdote (7.25).

Realiza a Sua perpétua Obra intercessória mostrando de contínuo ao Pai a Sua santa Humanidade oferecida e imolada em prol dos crentes.

Paulo Apóstolo, em sua Carta aos Romanos, concatena quatro provas exuberantes do amor de Jesus Cristo, destacando, em cada uma delas, um benefício concreto:

- * morreu para nos justificar;
- * ressuscitou para nos associar à Sua glória;
- * está assentado à direita de Deus para nos fazer reinar com Ele;
- * continua a interceder por nós, sustentando-nos na salvação.

“Quem os condenará? [os crentes] Pois é Cristo quem morreu, ou antes, quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós” (Romanos 8.34).

Depois de morrer para nos justificar, depois de ressuscitar para nos glorificar, depois de assentar-se à destra do Pai para que com Ele reinemos, à direita do Pai prossegue, a plenitude da Sua eficácia, o Seu ministério intercessório começado na terra em favor dos crentes: **“Pai, aqueles que Me deste quero que, onde Eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a Minha glória que Me deste”** (João 17.24).

Em outro passo, as Escrituras Sagradas esclarecem, outrossim, constituir-se essa intercessão em defesa, por ser Jesus Cristo Advogado. **“Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo”** (1ª João 2.1).

Compete ao advogado, como patrono, protetor, defensor e mediano, a tarefa de defender em juízo, mediar e interceder. Nos tribunais da terra até quando ele acusa tem a intenção de defender. O advogado de acusação, em última análise, envida esforços para defender a vítima e a sociedade.

Os advogados deste mundo, porém, são muito diferentes do Advogado Jesus Cristo.

Eles, na sua defesa, via de regra, partem da declaração, como premissa, de inocência do seu constituinte. Se as evidências das provas, contudo, denunciam, por exemplo, a sua autoria de homicídio, alegam eles haver-se tratado de legítima defesa. Sempre procuram um meio de eximir o seu patrocinado da responsabilidade do ato delituoso.

Jesus Cristo age de modo por completo diverso. Jamais Ele nega a culpa do réu. Confirma-a até.

Defende-o, sim, alegando os méritos do Seu sacrifício vicário. **“Ele é a propiciação pelos nossos pecados”** (1ª João 2.2). No céu está **“vivendo sempre para interceder por eles”** (7.25). Entrou no céu **“para agora comparecer por nós perante a face de Deus”** (9.24).

Advogado, a Sua Obra intercessória de Sumo Sacerdote é uma Obra de absoluta misericórdia, a qual só Ele pode realizar, de vez que se fez **“semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel Sumo Sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo. Porque naquilo**

que Ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados” (2.17-18).

Cumprido de modo perfeito a Sua missão sacerdotal de **“compadecer-se ternamente dos ignorantes e errados; pois também Ele mesmo está rodeado de fraqueza” (5.2).**

Com efeito, ofereceu **“nos dias da Sua carne, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas... e, ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu” (5.7-8).**

Em todos os aspectos Ele é um excelente, um superior e **“grande Sumo Sacerdote” (4.14).**

Esse **“grande Sumo Sacerdote”** penetrou nos céus (4.14) como **“ministro do santuário” (8.8),** ministro de misericórdia **“porque não temos um Sumo Sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado” (4.15).**

Em consequência, podemos chegar a Ele, com plena confiança, na certeza de **“alcançar graça e misericórdia” (4.16).**

Comprometeu-se Ele em ser misericordioso, sobretudo ao cancelar em definitivo os pecados dos que a Ele se achegam: **“Porque serei misericordioso para com suas iniquidades, e de seus pecados e de suas prevaricações não Me lembrarei mais” (8.12). “E jamais Me lembrarei dos seus pecados e de suas iniquidades” (10.17).** Eis o concerto estabelecido à base do Seu sacrifício pelo nosso inefável Intecessor!

Os bons e conscientes advogados da terra sentem enorme frustração na eventualidade de uma sentença **Sumo Sacerdote sobre a Casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em INTEIRA CERTEZA de fé, tendo os corações purificados da má consciência e o corpo lavado com água limpa, retenhamos firmes a confissão da nossa esperança, porque FIEL É O QUE PROMETEU” (10.19-23).**

.oOo.

A SEGURANÇA DO CRENTE É ETERNA EM DECORRÊNCIA DO NOVO NASCIMENTO E DA FESTA NO CÉU

A conversão do pecador é uma autêntica regeneração e é um inefável acontecimento de repercussão vitoriosa no céu.

I

Nicodemos, o magistrado e príncipe entre os judeus, partícipe do Sinédrio, o tribunal religioso de Jerusalém, vivamente impressionado com os portentos de Cristo, visitou-O à noite.

Nas trevas, o destacado personagem aproxima-se de Cristo-luz!

Indiferente aos pomposos títulos de Seu interlocutor, sobrepuja-o com a autoridade de Sua missão, que deve atingir também os magnatas do mundo. Jesus Cristo, o Mestre por excelência, entre grave e majestoso, preconiza: **“Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus”**.

Desejando esclarecimentos precisos da proposta do Mestre, o príncipe interroga: **“Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?”**

A explicação de Jesus Cristo é fundamental: **“Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo”** (João 3.3-7).

1) Elucidem-se três expressões:

a) **“VER”** quer dizer experimentar, **“ENTRAR”** (v. 5). **“VER”** tem, pois, valor de visão experimental, de usufruir, de ingresso e posse do Reino.

b) **“NASCER DE NOVO”**, a experiência indispensável para se entrar no Reino, é um nascer do **“ALTO”**.

O vocábulo grego *“anotem”* (= “de novo”, ou “de cima”, ou “do alto”) tanto tem o sentido local: “de cima”, como o temporal: “de novo”.

Conceitualmente, porém, os dois significados se equivalem.

“Do alto” é do céu, segundo se pode inferir de Tiago: **“Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vêm DO ALTO, descendo do Pai das luzes... Mas a sabedoria que DO ALTO vem é principalmente pura...”** (1.17; 3.17).

O Mestre Divino usou-a com esse sentido local em outras vezes, como quando contestou Pilatos: **“Nenhum poder terias contra Mim, se DE CIMA te não fosse dado”** (João 19.11).

O renascimento espiritual é, por conseguinte, do alto, do céu, de Deus, o **“Pai das luzes”**, porque os crentes **“não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas DE DEUS”** (João 1.13).

O crente é nascido de Deus (1ª João 3.9; 5.1, 4, 18). Deus **“o gerou”** (1ª João 5.1). **“De Deus é gerado”** (1ª João 5.18).

c) **“NASCER DA ÁGUA E DO ESPÍRITO”** ou, com mais precisão, consoante o grego original: **“De água e Espírito”**.

A doutrinação de algumas seitas católicas cobiça ver nesta fórmula fundamento para o seu “sacramento” do batismo.

A conjunção **“de água e Espírito”**, todavia, já se revela no Antigo Testamento.

Com efeito, ambos, água e Espírito, são fecundos desde que o **“Espírito de Deus se movia sobre as águas”** (Gênesis 1.2). **“Até que se derrame sobre nós o Espírito lá do alto; então o deserto se tornará em campo fértil, e o campo fértil será reputado por bosque”** (Isaías 32.15).

Neste mundo natural, a água tem a força vivificante, à semelhança do Espírito na ordem sobrenatural.

Bem assim, o Espírito é derramado como a água. **“E há de ser que, depois, derramarei do Meu Espírito sobre toda a carne”** (Joel 2.28). **“E sobre a casa de Davi, e sobre os habitantes de Jerusalém, derramarei o Meu Espírito de graça e de súplicas”** (Zacarias 12.10).

Ele, como a água, purifica e regenera. **“Então espalharei água pura sobre vós, e ficareis purificados de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne, e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o Meu Espírito, e farei que andeis nos Meus estatutos, e guardeis os Meus juízos, e os observeis”** (Ezequiel 36.25-27).

Os regenerados são lavados dos seus pecados (Apocalipse 1.5).

A versão concorde com o original: **“de água e Espírito”** (e não a conhecida **“da água e do Espírito”**) sublinha a contento a união ou conjunção de água e Espírito num só todo.

Uma digressão oportuna!

“Da água e do Espírito” favorece a ideia de duas coisas distintas ou dois elementos separados no processo do novo nascimento.

Apegam-se os sacramentólatras a esta distinção de dois elementos ou fatores para apregoar o episódio do batismo como essencial à regeneração espiritual.

É um contrassenso, contudo, admitir-se um tão magno efeito espiritual, como o da regeneração, por meio de um objeto material, a água. A ordem material é absolutamente distinta da sobrenatural. A conceituação sacramentária católica, portanto, se reduz a um crasso materialismo.

A versão consentânea com o grego original, todavia, destaca a conjunção **“de água e Espírito”** a exprimir a noção já conhecida do Antigo Testamento à semelhança da atuação do Espírito com a da água. Confirma-se também neste pormenor o hábito constante das Escrituras que se valem das coisas naturais para esclarecer as espirituais. O próprio Jesus Cristo em Suas pregações recorreu constantemente ao emprego das metáforas, como nas parábolas e nas alegorias.

Em sendo o novo nascimento **“de água e Espírito”**, ocorre a salvação pela **“lavagem da regeneração”** (Tito 3.5). E, de fato, a regeneração é uma genuína limpeza espiritual.

“Água” é, pois, o símbolo desta lavagem.

Deus, **“não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a Sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração [= novo nascimento “de água e Espírito”] e da renovação do Espírito Santo”** (Tito 3.5; Efésios 5.26).

2) O novo nascimento define a filiação sobrenatural.

Pelo nascimento na carne, somos filhos de pais carnis. Pela regeneração, somos filhos do Pai celestial.

Esta filiação sobrenatural é cognominada pelas Escrituras de ADOÇÃO (Romanos 8.15, 23; 9.4; Gálatas 4.5; Efésios 1.5).

Adoção e regeneração ou novo nascimento são palavras congêneres.

O vocábulo ADOÇÃO define e legitima o caráter jurídico da filiação sobrenatural e a posição legal do crente na Família de Deus, pois ao crente, pela experiência vital da regeneração, foi transmitida a Natureza de Deus.

Os filhos carregam as marcas dos seus pais. Nos traços fisionômicos. Nas linhas dos gestos. Nas características do andar. Nas virtudes e nas taras do caráter e do temperamento.

Conquanto os pais desalmados rejeitam o filho, jamais lograrão romper os vínculos da relação indestrutível (pai ou mãe e filho).

Em contrapartida, jamais a desobediência e a rebeldia dos filhos insurgentes romperão os liames inquebrantáveis de filho com relação ao pai ou a mãe.

Nem o tempo e nem a distância causarão esse rompimento, apesar de proceder a filiação humana de uma semente terrena e perecível.

O crente nasce de Deus. Não do sangue. Não da vontade da carne. Nem da vontade do varão (João 1.13). É gerado, **“não da semente corruptível, mas da incorruptível, pela Palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre”** (1ª Pedro 1.23).

A semente da geração humana no seio materno se desfaz logo. Ao primeiro instante da concepção ela se transforma em embrião. Embrião que se desenvolve.

A semente de Deus que nos regenera, todavia, **“permanece para sempre”** (1ª Pedro 1.23; 1ª João 3.9). Permanece no regenerado a sustentar-lhe a incorruptibilidade espiritual, pois a entrada do crente na filiação divina é eterna e imutável.

Se houvesse possibilidade de ocorrer o “desnascimento”, ele seria mais fácil na ordem física em virtude de ser a sua semente corruptível.

Ora, se o “desnascimento” é inquestionavelmente inexequível na ordem física, como poderá se dar na ordem sobrenatural?

É ainda total e absolutamente impossível também em defluência do nascimento para a vida eterna, superabundante como a própria vida divina.

Ao **“nascer de novo”**, o homem passa a participar da Natureza Divina. **“Pelas quais Ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiquéis participantes da Natureza Divina, havendo escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo”** (2ª Pedro 1.4).

Ora, se o crente pudesse morrer espiritualmente, pergunta-se: O que sucederia com a Natureza Divina? Se a salvação fosse exígua que participação seria essa?

Ademais, as Escrituras Sagradas só falam de um nascimento espiritual. Portanto, se o crente pudesse perder-se, “desnascendo”, estaria irremediável e irreversivelmente “desnascido” porque as Escrituras não aludem a segundo, a terceiro e a quarto nascimento. De uma vez por todas, estaria morto em seus delitos e pecados.

3) O novo nascimento determina também a posição do regenerado. “Criados em Cristo Jesus” (Efésios 2.10), os crentes, cuja **“vida está escondida com Cristo em Deus”** (Colossenses 3.3), vivificados com Cristo (Efésios 2.1, 5), são feitos **“reis e sacerdotes para Deus”** (Apocalipse 1.6),

“herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo” (Romanos 8.17), revestidos de Cristo (Gálatas 3.27), primícias das criaturas de Deus (Tiago 1.18), **“santificados para sempre”** (Hebreus 10.10, 14-15), **“selados com o Espírito Santo da promessa”** (Efésios 1.13), chamados a receber **“a promessa da herança eterna”** (Hebreus 9.15), **“idôneos para participar da herança dos santos na luz”** (Colossenses 1.12), entronizados nos lugares celestiais (Efésios 2.6) e abençoados **“com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo”** (Efésios 1.3).

Pedro sintetiza todas estas prerrogativas numa só palavra: HERANÇA.

Herança incorruptível e incontaminável: **“Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a Sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável, e que se não pode murchar, guardada nos céus para vós, que, mediante a fê, estais guardados na virtude de Deus para a salvação, prestes a se revelar no último tempo”** (1ª Pedro 1.4-5).

Dessa posição, da qual emanam tão indestrutíveis privilégios, o nascido de Deus não poderá por força alguma ser destronado.

Ou cremos na experiência vital do novo nascimento exigida por Jesus Cristo, com todas as suas conseqüências, ou rasguemos as Sagradas Escrituras. Se todas estas prerrogativas forem utópicas, irreais, fantasmagóricas, Jesus Cristo é o maior impostor. E o Cristianismo é uma mistificação.

Os apostasianistas, isto é, os propugnadores da possibilidade do crente, em conseqüência dos seus pecados ou do abandono da fê, vir a se perder, os apostasianistas deveriam ser coerentes. Deveriam chegar às últimas conclusões de sua tese e retirar do frontispício dos seus templos o nome IGREJA, de vez que Igreja é a comunhão dos salvos.

II

O nascimento de um filho é motivo de alegria na família.

Júbilo maior ocorre no céu quando da regeneração de um pecador.

Ao arrematar a Sua enternecedora parábola da ovelha perdida e resgatada, Jesus descreve a alegria do pastor e informa: **“Assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento”** (Lucas 15.7). E, no v. 10, ao concluir a parábola da dracma perdida e encontrada, menciona a alegria da mulher diligente, comparando-a com a **“alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende”**.

Por inútil, escusamo-nos de delongado comentário.

Seria frustrado tão imenso júbilo celestial se o renascido pudesse “desnascer” ou “desgenerar”, se o salvo pudesse se “dessalvar”.

Nem Deus se alegraria prevendo em Sua onisciência uma regeneração momentânea.

A regeneração transitória, ao invés de causar alegria aos anjos, os faria tristes como acontece às famílias quando nasce uma criança enferma já com os sintomas da morte.

Rejubilam-se os anjos em vista do lugar preparado nos céus por Jesus a ser ocupado pelos crentes, os quais Ele virá buscar (João 14.2-3).

Inoportuno seria o júbilo angelical e malogradas a obra de preparar lugar e a disposição da parte de Jesus Cristo no sentido de vir buscar os salvos, se estes fossem sujeitos ao risco da perdição ou se a salvação fosse instável.

.oOo.

A SEGURANÇA DO CRENTE É ETERNA PORQUE O SEU NOME ESTÁ ESCRITO NO LIVRO DA VIDA

As provas bíblicas desta absoluta firmeza são fartíssimas a ponto de, na proporção do nosso estudo, surgirem com toda a naturalidade.

Leio o Salmo 69, cujo verso 28 nos informa: **“Sejam riscados do Livro da Vida e não sejam inscritos com os justos”**.

1) Dois são os livros. De um é riscado o nome de uma pessoa quando morre. É o livro da vida natural, terrena.

Quando Moisés desceu do Monte Sinai, encontrou o seu povo a cultuar o bezerro de ouro, acendeu-se-lhe o furor, espatifou as tábuas do Decálogo e passou ao fio da espada uns três mil idólatras. Em seguida, clamou ao Senhor em prol do povo prevaricador: **“Perdoa o seu pecado, se não, risca-me, peço-Te, do Teu livro, que tens escrito. Então disse o Senhor a**

Moisés: Aquele que pecar contra Mim, a este riscarei Eu do Meu livro” (Êxodo 32.32).

Trata-se, é lógico, de uma metáfora sobre a morte física. É uma expressão significativa desta morte, como se pode inferir das ameaças contra os desrespeitadores do dia da expiação: **“Toda alma [pessoa] que naquele mesmo dia se não afligir, será extirpada do seu povo. Também toda a alma [pessoa] que naquele mesmo dia fizer alguma obra, aquela alma [pessoa] Eu destruirei do meio do seu povo”** (Levítico 23.29-30). Ao incircunciso, Deus ameaça extirpá-lo dos seus povos (Gênesis 17.14).

É evidente tratar-se da morte física, tendo-se em vista ser a extirpação do meio do povo e não da salvação espiritual. Quem morre deixa de fazer parte do seu povo. É o extinto!

2) O outro livro, o Livro da Vida, é o Livro da Vida Eterna, no qual estão inscritos os salvos. E dele jamais Deus ameaça riscar o nome de ninguém!

Menciona-o Daniel ao ensejo de falar acerca do livramento dos salvos quando da Grande Angústia (Daniel 12.1).

Reporta-se a ele Paulo Apóstolo quando cita alguns cooperadores seus, **“cujos nomes estão no Livro da Vida”** (Filipenses 4.3).

Nome inscrito nesse Livro é uma figura da certeza garantida do gozo da bem-aventurança celestial.

Essa figura faz-nos lembrar os remotíssimos tempos quando cada cidade conservava anotados em livros oficiais, guardados com o máximo cuidado, os nomes dos seus cidadãos.

3) O Livro da Vida é um livro irrasurável! Os nomes neles escritos em tempo algum poderão ser eliminados. As Sagradas Escrituras em muitas passagens corroboram esta irrasurabilidade.

De tantas, leiamos apenas uma. O pronunciamento de Paulo Apóstolo é por demais suficiente pela clareza cristalina: **“E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por Seu decreto. Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho, a fim de que Ele seja o Primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou”** (Romanos 8.28-30).

O registro dos seus nomes no Livro da Vida é eterno, inapagável, porque chamados por decreto divino a se constituírem irmãos do Cristo Primogênito.

Se pudesse ocorrer a raspagem desses nomes, seria vacilante a Primogenitura de Jesus Cristo como foi a de Esaú, trocada por um prato de lentilhas.

4) Temos, os salvos, os nossos nomes escritos no Livro da Vida **“desde a fundação do mundo”** (Apocalipse 17.8), **“no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo”** (Apocalipse 13.8).

Seria um contra-senso estar um nome registrado nesse Livro **“desde a fundação do mundo”**, nesse **“Livro da Vida do Cordeiro desde a fundação do mundo”** se, após muitos séculos, fosse ele cancelado.

Seria uma desonra para o Cordeiro enaltecido com as palavras mais impressionantes pela sua solenidade (Apocalipse 5.9-10, 12-13).

5) A inapagabilidade dos nomes dos salvos deste Livro da Vida é ainda uma forma das Sagradas Escrituras exibirem a segurança eterna deles.

Quaisquer rasuras no Livro da Vida postergariam o Cordeiro, haja vista ser ele o Livro da Vida do próprio Cordeiro.

Apocalipse 3.5, contudo, aclama essa irrasurabilidade: **“E de maneira nenhuma riscarei o seu nome do Livro da Vida”**.

A sociedade dos homens criou os cartórios onde se registram em livros apropriados os nomes dos nascidos. Semelhantes arquivos sempre estão sujeitos à destruição ou pelo fogo, ou pelos insetos, ou pela umidade.

O Livro da Vida dos salvos, todavia, se conserva incólume ao abrigo desses riscos por ser custodiado nos arcanos celestiais.

6) Aos Setenta Discípulos, Jesus Cristo investiu de grave múnus e os advertiu do seu peso e vicissitudes inerentes.

Certo dia, numa jornada de trabalho no Reino, retornaram à presença do Mestre. Jubilosos, relataram-Lhe: **“Senhor, pelo Teu Nome, até os demônios se nos sujeitam”**.

Confirmou-lhes Jesus o poder de subjugar os espíritos malignos e frisou ser motivo de maior alegria que o do exorcismo o de terem eles a firmeza eterna: **“Mas não vos alegréis porque se vos sujeitem os espíritos; alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus”** (Lucas 10.17, 20).

O dom da vida eterna, no entanto, é definitivo e nenhum elemento comprometerá a certeza do seu gozo.

O crente pode desfruir do contentamento das muitas bênçãos derramadas por Deus sobre a sua vida. Da bênção da cura de alguma enfermidade. Da bênção do aumento de salário, da reforma da casa, da

roupa nova, do carro novo... Da bênção das vitórias dos filhos na escola, no emprego, no casamento... De bênções incontáveis...

Todas elas se constituem em motivo de pura alegria.

Mas o máximo motivo de júbilo, de júbilo mais intenso, é o da convicção de estar o seu nome registrado no Livro da Vida, cuja lista principia com o Nome sacratíssimo do Cordeiro, O dom carismático é transitório e o seu exercício pode-se comprometer com a fraqueza humana, como sucedeu aos apóstolos incapacitados, pela sua pouca fé, de exorcizar o demônio do rapaz lunático (Mateus 17.14-20).

.oOo.

A SEGURANÇA DO CRENTE É ETERNA PORQUE JESUS CRISTO É O BOM PASTOR

As profecias do Antigo Testamento prenunciavam a terna figura do grande Pastor dos tempos futuros. Seria um **“Pastor único”** (Ezequiel 34.23).

“E as tirarei dos povos, e as farei vir dos diversos países, e as trarei à sua terra, e as apascentarei nos montes de Israel, junto às correntes, e em todas as habitações da terra. Em bons pastos as apascentarei, e nos altos montes de Israel será a sua malhada; ali se deitarão numa boa malhada, e pastarão em pastos gordos nos montes de Israel. Eu apascentarei as Minhas ovelhas de todas as terras para onde as tiver afugentado, e as farei voltar aos seus apriscos; e frutificarão e se multiplicarão” (Jeremias 23.3).

O profeta Isaías prevê a solicitude do **“Pastor único”** em favor de Suas ovelhas: **“Como Pastor apascentará o Seu rebanho; entre os Seus braços recolherá os cordeirinhos, e os levará no Seu regaço; as que amamentam, Ele guiará mansamente”** (Isaías 40.11).

O suave e terno Pastor, através de Ezequiel, promete: **“A perdida buscarei, e a desgarrada tornarei a trazer, e a quebrada ligarei e a enferma fortalecerei”** (Ezequiel 34.16).

E garante-lhes segurança: **“E levantarei sobre elas pastores que as apascentem, e nunca mais temerão, nem se assombrarão, e nem uma delas faltará”** (Jeremias 23.4).

O Salmo 23, o salmo mui querido dos crentes, exalta o **“único Pastor”** e aclama a segurança que Ele oferece às Suas ovelhas: **“O Senhor é o meu Pastor; nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas. Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do Seu Nome. Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque Tu estás comigo; a Tua vara e o Teu cajado me consolam”** (Salmo 23.1-4).

A figura veterotestamentária do **“Pastor único”** revela Jesus Cristo, porquanto esse Pastor personifica o Seu amor por Seus crentes.

Jesus é esse Pastor amoroso, terno e solícito: **“Eu sou o Bom Pastor”** (João 10.11), apresentou-se Ele.

É o Bom Pastor que veio ao mundo para congregar o rebanho de Deus, consoante a lembrança de Pedro: **“Éreis como ovelhas desgarradas, mas agora tendes voltado ao Pastor e Bispo das vossas almas”** (1ª Pedro 2.25).

É o Bom Pastor que veio ao mundo recolhê-lo do seu extraviado, de acordo com a parábola do próprio Salvador (Lucas 15.4-6).

É o Bom Pastor que veio ao mundo para guiar o rebanho de Deus! **“E quando tira para fora as Suas ovelhas, vai adiante delas, e as ovelhas O seguem, porque conhecem a Sua voz”** (João 10.4).

É o Bom Pastor que veio ao mundo para defendê-lo e, por isso, conforta: **“Não temas, ó pequeno rebanho, porque a vosso Pai agradou dar-vos o Reino”** (Lucas 12.32).

É o Bom Pastor que veio ao mundo para alimentar com a Sua doutrina o rebanho de Deus. Em certa ocasião, nota Marcos, **“teve compaixão deles [do povo], porque eram como ovelhas que não têm pastor; e começou a ensinar-lhes muitas coisas”**, sublinha o mesmo autor (Marcos 6.34).

É o Bom Pastor que veio ao mundo para conduzir aos prados exuberantes regados pela Água da Vida, conforme nos sugere o apóstolo Pedro: **“E quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa da glória”** (1ª Pedro 5.4). No Apocalipse, antecipando as visões de glória, lemos: **“Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida”** (7.17).

Ele, Jesus Cristo, na realidade, é o **“Pastor único”** predito pelo profeta Ezequiel. **“E haverá um rebanho e um Pastor”**, confirma Jesus em João 10.16.

Os antigos escritores sagrados, contudo, foram incapazes de anunciar e exaltar a grandeza do amor desse **“Pastor único”** pelo Seu rebanho ao extremo de morrer por ele. **“Eu sou o Bom Pastor; o Bom Pastor dá a Sua vida pelas ovelhas”** (João 10.11), assegurou Jesus em presença dos fariseus na capital de Jerusalém nos dias da Festa dos Tabernáculos.

O amor de Jesus Cristo pelo Seu rebanho leva-O à imolação de Sua vida por todo o rebanho porque em favor de cada ovelha em particular. Ele conhece cada uma e chama cada uma de Suas ovelhas pelo nome (João 10.3).

Paulo Apóstolo tinha íntima convicção desta doação feita pelo Pastor a ele pessoal e individualmente quando escreveu: Jesus **“me amou e se entregou a Si mesmo POR MIM”** (Gálatas 2.20).

Entregou-se por mim! Por este homem que sou eu, com o meu nome e a minha pobre história, com os meus receios e as minhas ilusões. Por mim que, neste momento, interrompo a tarefa de escrever para pronunciar com todo o amor, seguindo a minha capacidade, o Nome bendito do meu Pastor, com esta minha voz que Ele distingue entre todas as outras.

Eu sei que, se me emaranhasse pelos vãos e desvãos escuros do mundo, embora me disfarçasse sob as lantejoulas da sociedade dos homens iníquos, Ele me descobriria e me retornaria ao Seu redil.

Ah!, eu sei que, se me perdesse no meio das multidões, o meu Pastor me reconheceria, chamar-me-ia pelo meu nome.

Ele, o Bom Pastor, o único Pastor, que dá a Sua vida pelas ovelhas, que as conhece, que as chama pelo nome, que as defende dos lobos rapaces, que as alimenta... Que as ama! Ele, esse Bom Pastor, **“único Pastor”**, não por simples exclusão de outros, mas sobretudo único em Seu amor, em Sua solicitude, em Sua imolação, Ele nunca deixará de ir ao encalço da ovelha imprudente fascinada pelos acenos do mundo. Deu-lhe a vida e, se tresmalhada, procura-a até reencontrá-la.

Passei minha infância e a minha adolescência no cenário bucólico da zona rural.

No quintal grande de minha casa havia uma belíssima horta com os canteiros retangulares traçados em linhas retas, cobertos de permanente e variegado verde das hortaliças marchetado com o branco da flor da couve-flor, com o vermelho do tomate...

O Vulcão era o meu companheiro desde as 5 horas da manhã, quando já estava de regador na mão molhando a horta. Acompanhava-me à escola

e, ao meio-dia, quando terminavam as aulas, lá o encontrava postado junto do portão à minha espera. E aí de alguém se ousasse tocar-me. O meu cachorro Vulcão se transformava numa fera.

Um dia, ao sair da escola, não vi o meu cão. Preocupado, pus-me a caminho de casa. A umas três quadras encontro o meu Vulcão estirado na rua. Assassinara-o aquela “bola” venenosa do fiscal da Prefeitura. Nunca mais me esqueci do meu amigo Vulcão. E, vez ou outra, vem-me à retina dos olhos aquele quadro dele estendido na rua...

Já tive também dois carneiros. Todas as tardes percorria as vizinhanças a colher capim para eles. Acompanhavam-me e se fartavam. Os molhos que carregava eram para alimentá-los durante a noite e a manhã do dia posterior.

Deram-me uma carrocinha para nela atrelá-los e me carregar. Nunca a usei. Apodreceu, jogada num canto do quintal. Onde já se viu judiar dos pobrezinhos, fazendo-os puxar uma carroça comigo em cima...

Ganhei nesse tempo um outro carneirinho. Branco e esperto como ele só. Novinho. De um mês. Dormia junto de minha cama sobre uma colcha dobrada.

Os carneiros, penso, enciumaram-se dele...

Um dia, quando cheguei da escola, não encontrei o meu carneirinho. Aproximou-se de mim meu pai, afagou-me a cabeça com a mão direita e, com a esquerda em meu queixo, ergueu-me a cabeça, fazendo-me olhar para ele. Recomendou-me que almoçasse e depois iria me ajudar a procurar o meu carneirinho.

Sem conseguir comer, triste e apreensivo, saí à procura do Dodô.

Chorando e chamando, andei a tarde toda. Bati os matos vizinhos. Arranharam-se as pernas nos cipós. Furaram-me os pés os espinhos. Anoiteceu. E voltei para casa sozinho. E doente!

O Dr. Fortes foi um grande amigo. Gostava muito de mim e eu dele.

Tempos antes fora à minha casa para ver minha mãe enferma. Olha na parede da sala, em cartolina grande, o mapa do Estado de São Paulo. Desenhara-o eu no primeiro ano. Aproximou-se. Observou os seus pormenores. Até as curvas dos rios. Elogiou muito o trabalho. Pediu-me um igual.

Contentíssimo com o pedido dele, dois dias depois levei-lhe o novo mapa. Mandou emoldurá-lo e instalou-o no seu consultório, depois de exigir que o autografasse num canto da cartolina. Foi meu primeiro autógrafo.

Trinta anos depois, ainda vi este mapa no consultório do Dr. Fortes. Lá no mesmo lugar e com as mesmas honrarias...

Muitas vezes o nosso telefone (aquele telefone de se dar manivela) me chamava da casa do Dr. Fortes. Aprendi dele tanta coisa boa. Só coisa boa. Discorria sobre o Brasil, os seus heróis e os acontecimentos de sua História. Ensinou-me brasilidade. O Dr. Fortes era um grande patriota. Injetou-me na massa do sangue verdadeiro e vibrante patriotismo.

Médico famoso na região. Em 1938 fez andar minha avó materna cujos membros inferiores se paralisaram com um violento derrame cerebral. Quero ver um médico formado hoje, por uma das nossas 76 Faculdades de Medicina e que dispõe de tantos recursos modernos, fazer essa proeza...

O Dr. Fortes morreu pobre porque fez da Medicina um ministério de amor ao próximo. Nunca reclamou honorários. Nem dos ricos. Nunca fez isso: cobrar caro dos ricos para atender de graça os pobres. Nunca!

À minha cabeceira naquela noite, examinou-me. Perguntou-me. Conversou comigo. Enxugou-me as lágrimas da minha tristeza porque o Dodô havia fugido. Até o seu lenço me emprestou para assoar a coriza da minha dor.

Receitou-me quinino. Só para poder dormir durante a noite. O remédio verdadeiro, disse ele a meu pai, era achar o carneirinho.

Soube depois. Durante a madrugada, o Dr. Fortes telefonara lá para casa duas vezes. Queria saber como passava o seu cliente enfermo de tristeza porque o Dodô havia desaparecido.

Meus pais ficaram a noite inteira ao meu lado, ouvindo os gemidos dos meus pesadelos.

Ao primeiro clarão da manhã, quem me segurou no leito?

Cambaleando de fraqueza e em jejum, saí à procura do carneirinho.

Pelos trilhos e atalhos, pelas moitas e à sombra das árvores, ia eu chorando e chamando. Tantas vezes atravessei aquele riacho onde pescara muitas traíras...

Sem eu perceber, de longe, meu pai me seguia... Deixara o balcão do seu armazém enorme.

Aí por onze horas, quando o sol a pino queimava, a uns dois quilômetros de casa, ouço um berro. Fraco e enrouquecido.

Caminho na direção dele...

Estava lá ele, no meio dos cipós e dos espinheiros. Patas feridas. Lã salpicada de sangue e coberta de carrapichos. Sujo e fraco, já com as formigas a lhe subirem o corpo.

Colhi-o nos braços. Cantando, voltei para casa. Tratei do Dodô. Banhei-o. Limpei-lhe os carrapichos. Penteei a lã. Dei-lhe comida. Tornei a amarrar-lhe ao pescoço a fita vermelha. Depois fui almoçar feliz da vida por haver reencontrado o meu carneirinho.

E a febre?

Que febre?

Desapareceu!

À noite, o Dr Fortes voltou lá em casa para me dar os parabéns.

Após longos anos, há quase 50, toda vez que me lembro de Jesus, o Bom Pastor, vem-me à memória esse fato. Não podia deixar de registrá-lo nestas páginas.

Essa minha experiência é uma tênue figura da solicitude do Bom Pastor, do Sumo Pastor.

Não! Mil vezes não!!! Jamais o Bom Pastor poderia permitir que a leviandade da Sua ovelha vencesse o Seu cuidado por ela.

Se um menino não sossega enquanto não resgata do perigo e das formigas o seu carneirinho Dodô, nosso Senhor e Bom Pastor Jesus Cristo, que deu a Sua vida pelas Suas ovelhas, poderá relegar ao abandono, aos carrapichos do mundo, a teimosa e imprudente ovelha?

Na eventualidade do crente poder se perder por causa de sua teimosia e imprudência, os antigos profetas, como Ezequiel e Jeremias, falharam. Anunciaram um Pastor de ficção. Falhou Jesus Cristo quando se apresentou como o Bom Pastor. E, se falhasse, tornar-se-ia pior do que mercenário.

Graças a Deus, contudo, porque Jesus é Verdadeiro. Ele é, na verdade, o Bom Pastor!

Cada crente é uma ovelha de Jesus.

Nenhuma ovelha poderá extraviar-se para tão distante que o Bom Pastor não possa ir buscá-la e encontrá-la.

A ovelha teimosa, estúpida, pode até cair nos laços de Satanás, o leão rugidor (1ª Pedro 5.8). O Divino Pastor livrá-la-á.

Davi prefigurou Jesus em vários sentidos. Como Rei, por exemplo. E como Pastor também.

De certa feita, um leão acometeu-se sobre uma das ovelhas de Davi. Atrás dele foi o jovem pastor. Livrou da fera a ovelha. E feriu o leão (1º Samuel 17.34-35).

Jesus Cristo, o nosso Pastor, **“o Grande Pastor das ovelhas”** (Hebreus 13.20), se contentaria em fazer menos do que Davi?

A parábola por Ele próprio apresentada demonstra o Seu zelo e o Seu cuidado em encontrar a Sua ovelha tresmalhada. **“Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove, e não vai após a perdida até que venha a achá-la? E, achando-a, a põe sobre seus ombros, gostoso; e, chegando à casa, convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida”** (Lucas 15.4-6).

.oOo.

A SEGURANÇA DO CRENTE É ETERNA PORQUE ELE ESTÁ SELADO COM O ESPÍRITO SANTO

O selo ou “*sigillum*” em latim é remotíssimo. Hoje essa palavra, em seu emprego, está desfigurada por causa da ampla divulgação da vinheta móvel com esse nome designada que se cola em certos documentos sujeitos a imposto ou na sobrecarta e que representa o pagamento da respectiva taxa.

1) No passado, o selo servia para duas finalidades:

* confirmar ou atestar;

* lacrar (= selar, = guardar em segredo).

a) Para o uso da primeira significação, empregava-se uma peça comumente de metal com as armas (= símbolos) ou a divisa de algum país, de alguma comunidade ou de qualquer autoridade para autenticar os seus documentos, as suas cartas ou os seus papéis de importância a fim de torná-los válidos. Neste caso, o selo se sinonimiza com o sinete e a chancela por ser um distintivo, uma marca, um sinal ou um cunho.

O selo, por conseguinte, é sinal, vestígio, manifestação, prova, rasto, traço, marca, firma, etiqueta, rótulo.

Os pecuaristas usam uma espécie de selo para confirmar a sua propriedade dos animais. Em geral, marcam com um ferrete nas ancas do boi as suas iniciais. Na hipótese do animal se desgarrar, com facilidade será encontrado porque o selo o identifica.

Neste sentido, encontram-se exemplos do seu emprego nas Escrituras. A aliança da promessa a Abraão foi confirmada com o selo da circuncisão. E a do Sinai com o sangue.

O Pai confirma a Cristo selando-O com o selo da multiplicação dos pães (João 6.27). Este estupendo milagre perante tamanha multidão se constitui

no selo, na prova, na marca, na confirmação, no atestado de Messianidade de Jesus Cristo.

b) A outra significância do selo é a de guardar em segredo ou em secreto. Daí o vocábulo português “sigilo”, que vem do latim **“sigillum”**. “Selar”, de **“sigillare”**, então quer dizer fechar hermeticamente ou guardar em absoluto segredo.

Também nas Escrituras Sagradas encontramos este uso. Em Daniel 8.26; 12.4, 9 e em Isaías 29.11. Em Apocalipse 10.4: **“E, sendo ouvidas dos sete trovões as suas vozes, eu ia escrevê-las, e ouvi uma voz do céu, que me dizia: Sela o que os sete trovões falaram, e não o escrevas”**.

2) O Espírito Santo de Deus atua na consciência do pecador perdido para levá-lo à salvação, convencendo-o do pecado, da justiça e do juízo (João 16.8).

Ele tem de igual forma uma obra específica quanto à sustentação da vida eterna e ao crescimento espiritual no pecador regenerado.

Quanto a este desenvolvimento espiritual, o Espírito Santo opera de quatro maneiras fundamentais em todos os crentes:

1ª) Testemunha de sua fé.

No Concílio de Jerusalém, o apóstolo Pedro elucidou: **“Varões irmãos, bem sabeis que já há muito tempo Deus me elegeu dentre vós para que gentios ouvissem de minha boca a Palavra do Evangelho, e cressem. E Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós”** (Atos 15.7-8).

2ª) Prova a adoção.

“Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Abba, Pai. O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Romanos 8.15-16). **“E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de Seu Filho, que clama: Abba Pai”** (Gálatas 4.6).

3ª) Prova que Cristo está nos crentes.

“E nisto conhecemos que Ele [Jesus] está em nós: pelo Espírito que nos tem dado” (1ª João 3.24).

4ª) Sela os crentes.

Em o Novo Testamento, deparamo-nos com três Escrituras que aplicam o verbo SELAR:

“Deus, o qual também nos SELOU e deu o penhor do Espírito Santo em nossos corações” (2^a Coríntios 1.22).

“E, tendo nEle também crido, fostes SELADOS com o Espírito Santo da promessa” (Efésios 1.13).

“E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais SELADOS para o dia da redenção” (Efésios 4.30).

3) Os crentes de Éfeso compreendiam muito bem o símbolo do selo usado por Paulo em sua Epístola a eles endereçada, pois Éfeso era porto marítimo, com intenso comércio de madeiras. O madeireiro ia lá, fazia as suas compras de madeira e a SELAVA com a marca reconhecida de sua propriedade. O encarregado de transportar os lotes de madeira sabia distingui-los e separá-los com a ajuda do SELO afixado em cada peça.

A metáfora SELO, ou SELAR, atribuída à tarefa do Espírito Santo na vida do crente abrange os seus dois significados: o de confirmar ou atestar e o de lacrar ou guardar em secreto.

a) Incorporando-nos a Cristo com a regeneração, tornamo-nos “selados”, ou seja, marcados com o distintivo de propriedade dEle. **“Pois na comunhão de um só Espírito fomos todos nós batizados em um só Corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres; e a todos nós foi dado beber de um só Espírito”** (1^a Coríntios 12.13).

Seria de todo conveniente a tradução para o nosso idioma e não a mera transliteração da palavra **“batizados”**, a fim de se retirar do texto qualquer ideia sacramentalista falsamente atribuída à ordenança do batismo (= imersão ou mergulho) ou qualquer idéia da suposta “segunda bênção” ao estilo pentecostalista.

Quando da nossa conversão evangélica, entramos todos na comunhão, na união comum, vital, do Espírito Santo. Tornou-se este Espírito o nosso clima, o nosso meio ambiente, o nosso habitat normal dos filhos de Deus. E nessa comunhão fomos imersos num só Corpo, isto é, numa só comunidade, onde inexistem quaisquer barreiras de cultura, de nacionalidade, de língua, de posição social, porquanto gregos, gentios, escravos e livres, todos se nivelam no mesmo amor.

Não nos pertencemos mais. Somos posse de Jesus. **“Vós de Cristo, e Cristo de Deus”** (1^a Coríntios 3.23).

E o dístico, o sinal, a manifestação, a prova, a etiqueta, o rótulo, a marca dessa propriedade é o Espírito Santo, porquanto **“se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dEle”** (Romanos 8.9).

O Espírito Santo, ao selar o crente, atesta e confirma como legítima essa propriedade.

Marcado como propriedade de Jesus Cristo com o indelével selo do Espírito Santo até o **“dia da redenção”**.

O Selo do Espírito Santo revela o Senhor a quem pertence o crente.

Há certas etiquetas de grande apreço entre os homens por valorizarem a origem do produto que as traz. Há um célebre modista masculino francês cujo rótulo é de fama internacional. Os homens se gabam de vestir uma camisa ou de usar uma gravata que ostenta a sua etiqueta.

Essa marca inapagável do Espírito Santo distingue o crente sempre e em todos os lugares, inclusive se se permite imergir entre as tempestades do mundo. É uma marca tão pujante e vigorosa que o seu Senhor o encontrará em qualquer situação. Jamais se perderá em definitivo.

A marca identifica a posse. O Espírito Santo é a marca de Deus sobre nós como propriedade dEle. É, outrossim, uma etiqueta, um rótulo, que valoriza sobremaneira o salvo na presença de Deus.

b) A metáfora do “selo” aplicada ao Espírito Divino no crente tem, outrossim, a significância de “guardar em secreto”, ou seja, “guardar em total segurança”.

É o ensino de Paulo Apóstolo em Efésios 4.30: **“E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção”**. O dia da consumação da Obra salvadora de Cristo com a nossa ressurreição.

Pedro disse que estamos **“guardados na virtude [no poder] de Deus para a salvação já prestes a se revelar no último tempo”** (1ª Pedro 1.5).

“Ser selado” é uma expressão muito mais vigorosa porque nos lembra uma guarda hermética de absoluta segurança. As caixas-fortes construídas em aço de grossa espessura, dotadas de enormes e pesadas portas que se trancam com fechaduras de intrincados segredos, instaladas nos subsolos das grandes agências bancárias fazem-nos recordar a onipotente fortaleza do “selo” do Espírito Santo que nos custodia ao abrigo de quaisquer ataques de quaisquer inimigos. E durante todo o nosso jornada por este mundo de provações. Até o dia de nossa redenção na volta gloriosa do Senhor Jesus Cristo (Lucas 21.28).

Sólidos em Cristo porque selados com o Espírito Santo, certos de que ninguém pode inutilizar ou violar o SELO DIVINO lacrado pelo Rei.

Somos a **“CARTA de Cristo”**, escrita, não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo (2ª Coríntios 3.3). **“Escrita pelo Espírito de Deus vivo”** e SELADA [lacrada hermeticamente] com o mesmo Espírito Santo, essa carta, essa escritura que somos nós, nunca pode ser violada e nem revogada. **“Escrevei em nome do rei, e selai-o com o anel do rei; porque**

a escritura [= a carta] que se escreve em nome do rei, e se sela com o anel do rei, não é para revogar” (Ester 8.8).

Por isso – é o inefável resultado! –, por isso a nossa **“vida está escondida em Deus”** (Colossenses 3.3). Escondida – hermeticamente lacrada! – **“para o dia da redenção”**, quando Cristo vier.

Então abrir-se-á o selo e eu **“conhecerei como também sou conhecido”** (1ª Coríntios 13.12).

4) Espantamo-nos profundamente com o alarido dos pentecostalistas em torno dos chamados dons carismáticos como manifestação do poder do Espírito Santo ou do “batismo do Espírito Santo”.

Agarram-se aos excessos de emoções confundindo-as com a Obra do Espírito Santo. Esta, em consequência destas exacerbações, é deturpada e dela os embusteiros se valem para iludir os ignorantes das Escrituras e os pobres psicopatas.

As informações das Sagradas Escrituras acima expostas nos tornam refratários às heresias pentecostalistas se delas nos tornarmos convictos e as vivermos em nossa conduta.

Nada a se estranhar, porém, quanto aos desmandos e destemperos emotivos pentecostalistas, pois eles, como católicos, repetem as seitas fanáticas da Idade Média, como a dos flagelantes.

Na ignorância espessa dos ensinamentos fundamentais das Escrituras desconhecem possuir o crente – e todos os crentes – o Espírito Santo.

Nenhum crente precisa da “segunda bênção” para receber o Espírito Santo. Desde que o pecador se arrepende e crê em Jesus, nesse mesmo instante de sua regeneração, recebe o Espírito Santo, consoante a palavra do apóstolo: **“E tendo nEle [em Cristo] crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa”** (Efésios 1.13).

Consciente dessa magnífica realidade, há o crente de viver, usufruindo de todas as suas potencialidades no seu desenvolvimento espiritual.

5) Em 2ª Coríntios 1.22, há um vocábulo a nos alertar a atenção: PENHOR.

Encontramo-lo, ainda, com idêntica aplicação figurada em mais duas Escrituras: Deus **“nos deu também o penhor do Espírito”** (2ª Coríntios 5.5) e **“tendo nEle [em Jesus] também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa, o qual é o penhor de nossa herança, para redenção da possessão de Deus, para louvor da Sua glória”** (Efésios 1.13-14).

a) PENHOR ou caução, sinal ou arras, é um termo comercial e jurídico que consiste em uma parte adiantada como garantia da totalidade que se entregará depois. É tudo quanto uma das partes contratantes entrega à outra como garantia da firmeza e cumprimento da obrigação contraída. É o objeto que assegura o pagamento de uma dívida.

O Código Civil Brasileiro, em seu artigo 1094, define: “O sinal, ou arras, dado por um dos contraentes firma a presunção do acordo final e torna obrigatório o contrato”.

Quando alguém compra uma casa, no instante de fechar a transação, entrega ao vendedor uma parte do custo desse imóvel não só como princípio de pagamento, mas, sobretudo, como sinal da irrevogabilidade do negócio.

Penhor consiste também num objeto que se entrega em fiança ou garantia pelo empréstimo de uma soma de dinheiro. Certos bancos têm um departamento de empréstimos na condição de objetos penhorados. No passado, havia os brechós, famosos em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Nas Sagradas Escrituras do Antigo Testamento, encontramos um fato a comprovar a antiquíssima prática do penhor quando Judá contraiu débito para com Tamar (Gênesis 38.17-18, 25).

Nas Escrituras do Novo Testamento, o vocábulo expressa uma gloriosa realidade espiritual.

b) Em nossa conceituação humana, a exigência do penhor sugere a ideia de desconfiança. Exige-se garantia ou porque não se conhece bem a pessoa ou porque nossa confiança nela é limitada.

Se José for emprestar dinheiro a Joaquim, seu amigo íntimo e de absoluta confiança, jamais lhe exigirá penhor.

Tamar exigiu de Judá uma caução porque desconfiava do cumprimento da promessa do sogro.

Nos domínios da espiritualidade evangélica, contudo, é Deus quem oferece penhor.

Ao nível da conceituação humana, é Deus quem deveria exigir fiança de fidelidade ao crente porque este, sim, sempre está sujeita a fraquezas.

Todavia, dá-se o contrário. É o Senhor nosso Deus que, além de ser limpidamente claro e categoricamente afirmativo em Sua promessa de segurança eterna, além de jurar o cumprimento dela, além de conceder o Seu Espírito como Seu selo, Sua marca indelével, oferece também penhor, uma inabalável garantia dessa segurança na Pessoa do Espírito Santo. Deus como que se nos faz devedor!

É o extremo da misericórdia!

João observa que Jesus amou os Seus **“amou-os até ao fim”** (13.1). Não só até ao fim dos Seus dias na carne padecente. Mas, sobretudo, até ao fim da prova, até às culminâncias da demonstração.

Deus nosso Senhor sabe das nossas fraquezas, dos nossos titubeios. Empregou, por isso, todos os meios para nos sustentar a confiança nEle. Ele quer, por todos os meios, nos convencer de Sua fidelidade.

“Todas as Suas obras são fiéis”! (Salmo 33.4). A Sua promessa, os sofrimentos de Cristo, o Seu juramento, o Seu selo, o Seu penhor, **“todas as Suas obras são fiéis”**.

c) O magnífico penhor do Espírito Santo consolida todos os recursos que Deus usou para nos provar a Sua inabalável disposição de fidelidade (2^a Coríntios 1.17).

“Deus é fiel”, sublinha o apóstolo. E elucida: **“Porque todas quantas promessas há de Deus, são nEle sim, e por Ele [Jesus] o Amém, para glória de Deus por nós... o qual [Deus] também nos selou e deu o penhor do Espírito Santo em nossos corações”** (2^a Coríntios 1.20-22).

d) O Espírito Santo, com o qual fomos selados desde a nossa conversão, tornou-se ainda o **“penhor da nossa herança”** (Efésios 1.14).

Assim como na conceituação jurídico-comercial o penhor é, além de garantia, o princípio de pagamento e uma parcela do preço total, o Espírito Santo se constitui numa parte dada de antemão – uma caução de nossa herança eterna – e o início, desde este mundo, da total redenção quando do cumprimento pleno das promessas divinas no glorioso evento de nossa ressurreição. **“Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo [o nosso corpo] se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa, não feita por mão, eterna, nos céus... Porque também nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados; não porque queremos ser despedidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, quem para isso mesmo nos preparou foi Deus, o qual nos deu também o penhor do Espírito”** (2^a Coríntios 5.1, 4-5).

No Espírito Santo, do qual o nosso corpo já é o templo (1^a Coríntios 6.19) porque Ele habita em nós; no Espírito Santo, no qual estamos selados, no Espírito Santo temos o **“penhor da nossa herança”**, da nossa **“herança eterna”** cuja promessa nos é feita pelo Mediador do Novo Testamento (Hebreus 9.15).

O mesmo princípio ou agente divino da ressurreição de Cristo, o Espírito Santo, operará em nós a transmutação de nosso corpo de morte para corpo glorioso (Romanos 8.11).

Ele é o penhor da plena transformação futura que culminará no dia da nossa ressurreição quando de nós estarão, em definitivo, eliminadas a velha natureza de Adão e a morte.

6) Como uma espécie de sinônimo de “penhor”, Paulo Apóstolo, em Romanos 8.23, emprega a palavra “primícias” do Espírito. **“E não só ela [a criação], mas nós mesmos [os crentes] que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo”.**

Ao longo do capítulo 8 desta Epístola, Paulo explica como se realiza a vitória do Espírito: como decorrência da redenção efetivada por Cristo na cruz, existe já uma humanidade nova (os crentes) no poder do Espírito. Essa humanidade ainda vive num mundo onde o pecado, apesar de derrotado, permanece ativo.

O crente só conseguirá o completo uso de sua liberdade de filho de Deus quando a corrupção for, por inteiro, aniquilada.

As primícias são os primeiros frutos que anunciam a proximidade da colheita. O **“penhor”** ou as **“primícias”** do Espírito Santo nos garantem a nossa próxima incorrupção, a nossa próxima vigorização, a nossa próxima espiritualização (1ª Coríntios 15.42-44).

7) Quando um indivíduo entregou um penhor, uma caução, e deixa de atender compromisso assumido, perde o valor dessa caução.

Imagine-se Deus nosso Senhor perder o Seu Espírito Santo!

Até o pensar nisso é absurdo!

Esse absurdo aconteceria se o crente pudesse se perder, tanto mais que Deus não condiciona o manter o Seu Penhor à perseverança do ser humano. Paulo Apóstolo nos recomenda a que não entristecemos o Espírito Santo com os nossos pecados (Efésios 4.30), mas nem menciona a Sua possível (?) perda, pois nEle estamos selados, em definitivo, para o dia da redenção com a nossa ressurreição.

À luz deste estudo, verificam-se as monstruosas contradições do pentecostalismo. Insiste ele em dons carismáticos. Confundindo-os com destemperos emocionais, mas nega os fundamentos da vida cristã.

Ao admitir a possibilidade de o crente se condenar como resultado dos seus pecados, o pentecostalismo comete a iniquidade de blasfêmia contra o Espírito Santo, de cujo Nome sacratíssimo vivem os seus seguidores com a boca cheia, pronunciando-O, aliás, em vão.

.oOo.

A SEGURANÇA DO CRENTE É ETERNA EM DECORRÊNCIA DE UM JURAMENTO DE DEUS

Jesus, o nosso Salvador, num livro só das Escrituras, o quarto evangelho, por 14 vezes alude à “vida eterna”.

João, que as registrou, compreendeu em sua total profundidade o pronunciamento do Mestre a ponto de, em sua Primeira Epístola, se alongar em considerações sobre o assunto, repetindo a expressão por 6 vezes.

Com o intento de demonstrar a seriedade de Sua afirmação, em duas oportunidades Jesus Cristo apresenta a promessa da vida eterna com a fórmula incisiva e categórica: **“Na verdade, na verdade”** (João 5.24; 6.47).

E em Sua inaudita misericórdia, decidiu JURAR cumpri-la. Em sendo dessa forma, nenhuma possibilidade pode haver de dúvidas quanto à segurança eterna do salvo. Só a má vontade de aceitá-la.

I

Consoante o excelente método eclesiástico, entendamos o vocábulo.
O que é um juramento?

1) JURAMENTO é a invocação do sagrado Nome de Deus como testemunha ou prova de veracidade de um pronunciamento ou de uma promessa.

O juramento assertivo (no caso de um depoimento) ou promissório (na eventualidade de uma promessa), por conseguinte, é o meio ou recurso moral de maior firmeza da verdade e da fidelidade entre os homens.

Uma afirmação ou um compromisso fundamentado nele é considerado indiscutível, incontrovertível, por causa da santidade do Ser superior e da submissão às consequências na eventualidade de um perjúrio. **“O juramento para confirmação é, para eles [os homens], o fim de toda a contenda”** (Hebreus 6.16).

Invocado o Nome de Deus no juramento como Testemunha suprema, é Ele considerado superior aos litigantes.

Na circunstância de ser falsa a declaração ou de falhar o cumprimento da promessa, os faltosos desonram sobremodo o santíssimo Nome invocado (2º Crônicas 36.13; Ezequiel 17.13, 18).

É o perjúrio!

2) Nas Sagradas Escrituras encontram-se também juramentos com a invocação de objetos sagrados (Gênesis 42.15; 2º Samuel 11.11; Mateus 5.33; 23.16-22) em lugar do santíssimo Nome, porém com idêntico destaque porque o objeto mencionado o é como substituto dEle.

3) Além do sagrado, há fórmulas profanas de juramento nas quais o apelo é feito para uma pessoa humana (o soberano, o pai ou a mãe) ou para a própria honra pessoal.

4) Jesus Cristo reprovou a prática do juramento como procedente do mal (Mateus 5.33-37).

Numa pequena, mas oportuna digressão, contudo, desejamos elucidar que é lícito o seu emprego nesta Dispensação da Igreja quando se trata de assunto sumamente grave numa circunstância também assaz grave, o que pode acontecer em raríssimas ocasiões. Encontra-se esta liceidade no exemplo do próprio Jesus, quando não hesitou em responder sob juramento pelo Deus vivo a interpelação de ser Ele o Cristo (Mateus

26.63). O apóstolo Paulo, de semelhante maneira, pelo menos por duas vezes jurou (2ª Coríntios 11.31; Gálatas 1.20).

II

No decurso de todas as Sagradas Escrituras, encontram-se apenas algumas oportunidades nas quais Deus jurou.

Duas delas se ligam ao nosso estudo por serem estreitamente relacionadas com o Plano Salvífico.

1) A primeira vez ocorreu quando do episódio da entrega de Isaque ao sacrifício, por parte de Abraão, em atendimento à vontade de Deus (Gênesis 22.1-18).

No instante decisivo de baixar o cutelo para imolar o filho, intercepta-lhe o gesto consumidor o anjo de Deus. E, em lugar do menino, o patriarca oferece em holocausto o cordeiro de aparecimento prodigioso.

Entrementes, o anjo do Senhor informou: **“Por Mim mesmo jurei, diz o Senhor, porquanto fizeste isto, e não Me negaste o teu filho, o teu unigênito filho, que deveras te abençoarei, e grandemente multiplicarei a tua descendência, como as estrelas do céu e como a areia que está na praia do mar”** (Gênesis 22.16-17).

O salmista, memorando os maravilhosos feitos de Deus, menciona este juramento, posteriormente confirmado, a **“Jacó por estatuto, e a Israel por pacto eterno”** (Salmo 105.10).

2) A promessa de Deus sustentada sob juramento foi referida bastas vezes nas Escrituras Veterotestamentárias. Encontramo-la bem assim aludida em o Novo Testamento, na plenitude dos tempos, quando do início dos tempos messiânicos, com o nascimento de João, o Batista, o Precursor, no cântico de seu pai Zacarias: **“Bendito seja o Senhor Deus de Israel, porque visitou e remiu o Seu povo, e para nós fez surgir uma salvação poderosa na casa de Davi... para usar de misericórdia com nossos pais, e lembrando-se do Seu santo pacto e do juramento que fez a Abraão, nosso pai”** (Lucas 1.68-73).

3) Deus indefectivelmente cumprirá o Seu juramento ao suscitar a incontável descendência do patriarca nos crentes em Jesus Cristo, pois **“os que são da fé, esses são filhos de Abraão”** (Gálatas 3.7), pois **“os que são da fé são abençoados como o crente Abraão”** (Gálatas 3.9). **“E, se sois de Cristo”**, esclarece Paulo, **“então sois descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa”** (Gálatas 3.29).

Numa das alterações dos judeus com Jesus, eles alegaram: **“Somos descendência de Abraão”** (João 8.33).

Conquanto teimassem nessa procedência carnal, enganavam-se. João, o Batista, já lhes havia contestado a petulância: **“E não queirais dizer dentro de vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão”** (Mateus 3.9).

A herança abraâmica, portanto, não procedia da transmissão carnal.

Paulo Apóstolo, em Romanos, esclarece que **“procede da fé o ser herdeiro, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme a toda a descendência, não somente à que é da Lei, mas também à que é da fé que teve Abraão, o qual é pai de todos nós”** (4.16; 4.17-25).

Em sendo o **“crente Abraão”** (Gálatas 3.9) pai dos crentes, Deus cumpriu a Sua promessa firmada em juramento ao suscitar a multidão dentre todos os povos dos discípulos de Cristo, descendentes do patriarca.

III

O segundo juramento de Deus no contexto do Plano Salvífico vincula-se ao primeiro pelo fato de Deus recordá-lo a fim de destacar não só a sua validade, mas, sobretudo, a Sua capacidade de cumpri-lo.

Registra-o Hebreus 6.13-20:

O texto é solene e se torna relevante lê-lo: **“Porque quando Deus fez a promessa a Abraão, como não tinha outro maior por quem jurasse, jurou por Si mesmo, dizendo: Certamente, abençoando te abençoarei, e multiplicando, te multiplicarei.**

“E assim, esperando com paciência, alcançou a promessa. Porque os homens certamente juram por alguém superior a eles, e o juramento para confirmação é, para eles, o fim de toda a contenda.

“Pelo que, querendo Deus mostrar mais abundantemente a imutabilidade do Seu conselho aos herdeiros da promessa, se interpôs com juramento; para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos a firme consolação, nós, os que pomos o nosso refúgio em reter a esperança proposta; a qual temos como âncora da alma segura e firme, e que penetra até ao interior do véu, onde Jesus, nosso Precursor, entrou por nós, feito eternamente Sumo Sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque”.

1) A misericórdia do Senhor nosso Deus atinge os extremos neste capítulo 6 de Hebreus. Nos versículos 4 a 8, os contraditores da eternidade da salvação, os apóstasistas, forçam, com seus malabarismos de sofismas, uma suposta fundamentação bíblica para a sua nefasta incredulidade.

Pois bem, é neste mesmo capítulo 6 de Hebreus que está registrado este juramento de Deus como incontrovertível segurança e firmeza da salvação do crente.

2) Com a referência a Abraão (v. 13), o modelo de fé perseverante e heróico (v. 15), o escritor não quer propô-lo como exemplo. Insiste, sim, no fato glorioso de que a promessa a ele feita também vale para nós os crentes como fundamento da nossa esperança.

Deus nosso Senhor cumpriu a promessa feita ao patriarca quanto a suscitar enorme descendência para ele e, de igual forma, cumprirá a promessa de sustentar na firmeza da salvação o crente em Jesus Cristo.

3) À semelhança de Romanos 4.13-17 e Gálatas 3.7-29, a promessa, superando os limites carnis, tem a amplitude messiânica. Jesus Cristo é a Descendência e os crentes nEle são os herdeiros de número incontável.

4) O v. 14 é marcado com o advérbio **“certamente”** que, no original, significa uma fórmula de juramento. **“Certamente, abençoando te abençoarei, e multiplicando, te multiplicarei”**.

Em nosso idioma, esse advérbio, em geral, exprime dúvida, um “quem sabe”. No grego, porém, ele sublinha e destaca segurança e certeza.

Essa certeza realçada pelo advérbio **“certamente”** é reforçada pela repetição do verbo: **“abençoando, te abençoarei”** e **“multiplicando, te multiplicarei”**.

5) Nos vv. 13 e 14, alude-se à promessa feita por Deus com juramento (Gênesis 22.16-17).

6) “Assim” (v. 15) Abraão esperou nas condições adversas da sua velhice e da de sua mulher, nas quais ela lhe havia sido feita. Promessa essa, depois, selada com juramento.

Esperou **“com paciência”** (v. 15) todo o tempo da sua vida sem, contudo, vê-la cumprida em plenitude.

“Alcançou a promessa” – viu o começo da bênção com os seus próprios olhos em seu filho Isaque e nos filhos deste: Esaú e Jacó. Em visão profética, contemplou com gozo o dia do Messias (João 8.56). Sua efetivação total, porém, se deu quando dele nasceu a sua Descendência e, por Ele a bênção prometida extrapassou os limites do Israel carnal, estendendo-se a todos os povos.

7) Nos vv. 13 e 14, Deus memorou intencionalmente as Suas promessas feitas a Abraão com juramento, no propósito de provar a Sua indefectível fidelidade.

Em várias oportunidades havia o Senhor Deus repetido a promessa ao pai dos crentes (Gênesis 12.2; 17.5-6; 18.18), mas sem juramento.

Este só foi acrescentado à promessa quando da terrível e decisiva prova de Moriá. No v. 18, de propósito, faz-se a distinção entre as duas coisas: a Promessa e o Juramento.

8) A Promessa e o Juramento feitos a Abraão foram de uma seriedade inexcedível. Deus assim fez para que Abraão não tivesse dúvida alguma. Não

porque pudesse haver da parte dEle alguma possibilidade de não cumprir o Seu plano.

A Promessa e o Juramento se constituíram em inabalável motivação para a fé do patriarca.

9) Abraão foi designado por Deus como **“o pai dos crentes”**. Em sua experiência, já naqueles primórdios, se encontra o Evangelho da Graça.

É assaz relevante notar-se a presença do juramento promissório divino no grande anúncio no Evangelho da Graça através dos acontecimentos da vida de Abraão.

10) Agora, quando Deus irá proferir pela segunda vez nas Escrituras um juramento no contexto do Plano da Salvação, Ele recorda aquele primeiro, já cumprido, para nos convencer de Sua absoluta fidelidade.

11) E, além da recordação, Ele se refere ao valor decisivo desta invocação: **“E o juramento para confirmação é, para eles [os homens], o fim de toda a contenda”**.

12) É de se notar ainda o pormenor de haver o Senhor nosso Deus jurado nesta segunda vez depois daquela advertência seríssima de Jesus Cristo: **“Outrossim, ouvistes que foi dito aos antigos: Não perjurarás, mas cumprirás teus juramentos ao Senhor. Eu, porém, vos digo que de maneira nenhuma jureis... Seja, porém, o vosso falar: sim, sim; não, não; porque o que passa disto é de procedência maligna”** (Mateus 5.33-37).

Em Êxodo 20.7, Deus proibia o perjúrio, mas não o juramento em si.

Agora o Mestre veta de maneira categórica o próprio juramento mau.

No interesse de revelar-nos a Sua fidelidade – absolutíssima, firmíssima e imutabilíssima fidelidade – numa infinita condescendência, Deus, servindo-se de uma expressão antropomórfica, confirma com juramento a Sua promessa de segurança eterna do crente.

Confirma de modo solene – soleníssimo! – a Sua Palavra. Confirma a Sua Promessa!

“Pelo que” (isto é, conformando-se em infinita condescendência aos costumes dos homens que aceitam o juramento como **“fim de todas as coisas”**). **“Pelo que, querendo Deus mostrar mais abundantemente a imutabilidade do Seu conselho aos herdeiros da promessa, se interpôs com juramento”** (v. 17).

13) É impossível Deus mentir numa promessa Sua. E mais impossível quando ela é firmada em juramento (v. 18).

Permite a intervenção do jurar por misericórdia condescendência para com Abraão, no passado, e para nós, no presente.

Deus se humilha a falar na linguagem humana a fim de ressaltar, sublinhar, destacar, realçar a insistência quanto à segurança eterna dos salvos.

Se os homens confirmam e corroboram as suas afirmações com o juramento em o Nome de Deus, santo e justo, que tomam por Testemunha de suas alegações e declarações, também Deus nosso Senhor, humilhando-se ao se expressar em nível tão humano, Deus jura por Si próprio de imprimir vivamente na consciência e no coração do crente o sentimento da grandeza do poder, da santidade e da indefectibilidade da Sua promessa (v. 17).

O juramento provisório do Deus fidelíssimo, indefectível, é o inabalável fundamento da nossa confiança na firmeza eterna dos salvos. É a nossa **“firme consolação”, “o nosso refúgio”**.

Com efeito, nada é mais consolador para o coração crente do que saber que a sua salvação está guardada no poder de Deus, que jamais se engana em Seus desígnios e nem pode enganar-nos em Sua promessa jurada.

14) “Querendo Deus mostrar mais abundantemente a imutabilidade do Seu conselho aos herdeiros da promessa, se interpôs com juramento” (v. 17).

Já em Isaías 45.23, 25 se antecipara em jurar por Si mesmo ser no futuro justificada e glorificada toda a descendência de Israel.

Os homens juram por Deus. Mas **“Deus não tinha outro maior por quem jurasse, jurou por Si mesmo”** (v.13), **“para que, por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta”** (v. 18).

Essas duas coisas imutáveis são, é evidente, o Seu SER e a Sua ESSÊNCIA, a revelar Sua promessa e o Seu juramento.

15) A “esperança proposta”, a promessa objeto do juramento, é a da “herança eterna”.

Esperança que não é um “quem sabe”, um “talvez”, um “pode ser”. Esperança que, nas Sagradas Escrituras, significa a espera daquilo que, com certeza absoluta, se receberá.

16) Esta esperança é firmemente sólida a ponto de Hebreus 6.19 compará-la à **“âncora”**.

Aliás, em todas as Escrituras esta é a única vez a aparecer a âncora como emblema da esperança.

No vocabulário marítimo, âncora é uma peça feita de uma haste de ferro terminada superiormente por uma argola à que se prende uma corrente de suspensão e inferiormente por duplo braço recurvado para cima e terminado em ponta na forma de unha. Este instrumento, carregado pelos navios e embarcações, se destina a arremessar-se e a enterrar-se no fundo do mar para fixá-los.

Além da âncora comum, os navios transportam uma âncora de salvação, a mais forte de todas, que é lançada como último recurso para impedir o choque do navio contra a costa ou, quando as águas se encapelam, contra os rochedos dos mares.

Nem os vendavais, nem as tempestades, deslocam a embarcação quando a âncora firme se firma na terra sólida.

A âncora do crente, **“segura e firme”** (v. 19), se fixa no **“interior do véu”** (v. 19), ou seja, no santuário celeste, santuário **“o qual o Senhor fundou e não o homem”** (Hebreus 8.2), cujo Ministro é nosso Senhor Jesus Cristo, para onde, **“como Mediador de um Novo Testamento”** (Hebreus 9.15), foi, **“havendo efetuado uma eterna redenção”** (Hebreus 9.12). E onde se encontra em definitivo (Hebreus 9.12) com a incumbência de sempre interceder em favor daqueles que por Ele se chegam a Deus (Hebreus 7.25; Romanos 8.34).

A âncora da esperança do crente se planta no céu, a própria morada de Deus, a sede da Sua imutável fidelidade.

Qual força e quais tempestades poderão aluir sequer essa âncora segura e firme, segurada e firmada nesse santuário celestial?

Embora fixadas embaixo, nos fundos do oceano, as âncoras marítimas cravam o navio; quanto mais firme e seguramente está fixada a nossa âncora voltada para o alto, para o céu, o nosso indefectível ancoradouro!

17) O céu, onde Jesus, como “nosso Precursor, entrou por nós, feito eternamente Sumo Sacerdote” (v. 20).

Precursor por nos preceder no céu, onde Ele está a nos preparar lugar (João 14.2).

João, o Batista, foi enaltecido por haver sido constituído por Deus precursor de Jesus Cristo quando, em carne padecente, veio ao mundo.

Neste caso, invertem-se as posições de glória. Os enaltecidos somos nós por termos em Jesus Cristo o nosso Precursor celeste.

IV

Toda apresentação da Verdade tem cunho apologético.

Melindrado com a apresentação dela, o erro se insurge. E o autêntico anunciador da Verdade, conquanto o não queira, é investido do múnus de defensor da Verdade, como o foi Paulo Apóstolo (Filipenses 1.16).

No grego neotestamentário, “defesa” é “apologia”.

Proclamada a magnífica e esplêndida Verdade do Evangelho quanto à segurança eterna do crente, sustentada por Deus nosso Senhor com juramento, em tom de defesa (“apologia”) dessa mesma Verdade e no propósito de firmá-la mais em nossa convicção, a fim de ser cada vez mais segura e firme âncora de nossa alma, erguerei algumas interrogações aos apostasianistas, os contestadores da gloriosa promessa da segurança eterna do crente:

1ª) Em sendo translúcida a evidência do juramento provisório divino quanto à sustentação da preservação eterna dos **“herdeiros da promessa”**, não seria imputar a Deus o perjúrio se o crente, ao pecar, viesse a se perder?;

2ª) A satisfação completa do primeiro juramento com a vinda ao mundo da Descendência de Abraão, na Pessoa Divina de Jesus Cristo, porventura, não se constitui em inabalabilidade e irrevogabilidade do segundo juramento? Tanto mais que o segundo é uma decorrência do cumprimento do primeiro?;

3ª) Tendo em mente os “quase induzidos” de Hebreus 6.4-6, faço minha a pergunta do Apóstolo Paulo: **“Pois que? Se alguns foram incrédulos, a sua incredulidade aniquilará a fidelidade de Deus?”** (Romanos 3.3);

4ª) Se, pois, **“querendo Deus mostrar mais abundantemente a imutabilidade do Seu conselho aos herdeiros da promessa, se interpôs com juramento”** (v. 17), se não se tiver **“firme consolação”** em **“reter a esperança proposta”**, acaso não é chamar Deus de mentiroso?;

5ª) Ah!, e os pecados do crente? Levam-no à perdição? Esses pecados coonestariam a infidelidade de Deus? O Seu perjúrio?

Depois de lhe haver feito repetidas vezes a promessa, Abraão pecou. Tendo o Senhor Deus feito pela primeira vez a promessa ao Patriarca, no intuito de fugir à fome, desceu com Sara ao Egito, induzindo-a a apresentar-

se apenas como sua irmã. A mentira levou o Faraó a tomá-la para sua casa e, como castigo, o Senhor feriu a Faraó com grandes pragas (Gênesis 12.1-20).

Depois de haver Deus repetido a Sua promessa ao Patriarca, quando da visita do Rei Melquisedeque, as Escrituras afirmam: **“E creu ele [Abraão] no Senhor, e foi-lhe imputado isto por justiça”** (Gênesis 15.6).

Pois bem, em seguida Abraão caiu na insensata proposta de Sara e da escrava Agar teve um filho espúrio (Gênesis 16.1-15).

Outra vez pecou quando, peregrino em Gerar, mentiu ao Rei Abimeleque, como o fizera ao Faraó, dizendo ser Sara apenas sua irmã para expor ambos, o Rei e Sara, ao pecado (Gênesis 20.1-11). E desta vez Abraão reincidiu na iniquidade de expor sua mulher ao adultério depois do juramento de Deus.

Se Deus não faltou à Sua promessa e ao Seu juramento, embora Abraão pecasse – e tão iniquamente pecasse! – faltaria agora o Senhor nosso Deus? E exatamente agora quando os crentes já são lavados no sangue de Jesus Cristo?

6ª) O juramento, de resto, não terá sido motivado por causa do pecado de Abraão?

O mentiroso é quem se inclina mais a duvidar dos outros. A dúvida do próximo é própria da psicologia do mentiroso.

Abraão mentia e estava, portanto, sujeito a duvidar até da Veracidade de Deus.

Em Sua infinita condescendência, Deus jurou a Abraão precisamente para livrá-lo do risco de vacilar de Sua fidelidade.

Olhando para as suas próprias iniquidades, o Patriarca poderia titubear da promessa, supondo que Deus a deixaria de cumprir em consequência dos pecados praticados. Interpôs-se Deus com juramento a fim de sustentar o pobre Abrão.

7ª) De igual forma, não terá Deus jurado garantir a nossa salvação exatamente porque muitas vezes, nós, os crentes, nos abismamos com as nossas misérias e delas nos horrorizamos e temos o ímpeto de fugir de Deus, como aconteceu com Adão?

Não terá Deus feito este juramento precisamente porque a nossa estrutura moral é igual à do pai dos crentes?

Fê-lo, por conseguinte, por nosso amor a fim de jamais nos permitir, em hipótese alguma, dúvidas e vacilações quanto à Sua fidelidade, apesar das nossas infidelidades.

8ª) Se o crente pudesse se perder, como poderia ser cognominada de “**segura e firme**” (v. 19) essa âncora?

9ª) E que santuário celestial seria esse onde a âncora está penetrada? Seria mais inconsistente do que as profundezas do mar?

10ª) Se, ao pecar, o crente pudesse ser condenado à perdição, que espécie de Precursor celeste seria Jesus Cristo?

Configuramos a situação de se haver apresentado João, o Batista, na qualidade de precursor do Messias e de não haver chegado o Messias. Não teria sido, e com razão, o Batista taxado de impostor?

Querer-se-á transformar Cristo num impostor?

11ª) Como Precursor fiel, Ele foi nos preparar lugar (João 14.2). Na hipótese da tragédia de não ser eterna a salvação do crente, para quem ficariam aqueles lugares? Seriam habitações inabitáveis? E o trabalho de Jesus teria sido em vão e inútil?

12ª) Parece-me ouvir um aparte dos contestadores.

Têm eles a palavra. Dou-lha, pois sou democrata.

Ouço-os a dizer:

“Bem, Hebreus 6.4-6 não se refere ao pecado do crente. Então, não se trata do crente perder a salvação por haver pecado. Mas, e se ele perder a fé? Os que recaem (Hebreus 6.6) acaso não seriam aqueles os que se perdem?”

Como veremos em capítulo próprio, o texto mencionado nem por sombra trata dessa possibilidade.

Abraão caiu na astúcia de Sara entrando a Agar, a serva, precisamente num instante de vacilação quanto ao cumprimento da promessa. Naquele momento faltou-lhe a fé.

Ele titubeou, apesar de haver o registro sagrado declarado: “**E creu ele no Senhor, e foi-lhe imputado isto por justiça**” (Gênesis 15.6).

E Deus quis provar a sua fé quando mandou sacrificar Isaque. E para que jamais vacilasse quanto ao crer no cumprimento da parcela futura, a mais importante da promessa, jurou.

Perdeu o Patriarca a justiça por haver fraquejado?

Sua perplexidade impediu-o de ser “**o pai dos crentes**”?

Se Abraão, apesar de suas hesitações na fé, não deixou de crer, qual é o crente que deixará de crer?

Jesus é o Autor da fé? É Ele também o Consumador da fé! (Hebreus 12.2).

O que significa “consumar”? Não quer dizer “completar, aperfeiçoar”?

Se Jesus é o Autor da fé do crente não é também Ele o Aperfeiçoador dessa mesma fé?

Como iria Ele permitir que essa fé retroagisse? Que essa fé se reduzisse, diminuísse, até desaparecer? Omitir-se-ia Ele na operação de Aperfeiçoador da fé?

Louvado seja Deus nosso Senhor porque Jesus, o Príncipe da salvação (Hebreus 2.10), a Causa de eterna salvação, nosso Precursor no céu (Hebreus 6.20), Rocha da nossa salvação (Salmo 95.1), é o Autor e o Consumador da nossa fé (Hebreus 12.2). É Ele, por isso, a Rocha Eterna, a Fortaleza e a Força da nossa salvação (Isaiás 26.4; Salmo 140.7; Salmo 18.2) que nos livra da ira futura (1^a Tessalonicenses 1.10).

.oOo.

SEGUNDA PARTE

A PERSEVERANÇA DOS SALVOS

Na primeira parte deste estudo, constatamos, **SOB O ENFOQUE DIVINO**, numa torrente maciça de provas bíblicas, a Segurança Eterna do crente.

Nesta outra parte examinaremos, **SOB O PRISMA DO CRENTE**, o mesmo fato glorioso da Eternidade da Salvação, ou seja, A PERSEVERANÇA DOS SALVOS.

A PERSEVERANÇA

Perseverança é persistência, prosseguimento, firmeza, continuação, constância. Perseverar é persistir, é conservar-se firme e constante no mesmo estado de espírito ou numa resolução.

Em nosso caso, é a permanência ou continuação efetiva no Evangelho até ao fim da vida.

Nessa contextura espiritual evangélica é a junção do objetivo e do subjetivo. É o nexa entre o Calvário e a experiência pessoal na psicologia da salvação.

O fato objetivo da vida eterna com todas as suas implicações se prolonga na experiência subjetiva da perseverança.

Perseverança e preservação, na realidade, se correlacionam. Se Deus preserva, o salvo persevera. É inquestionável!

1) O crente evangélico genuíno, verdadeiro, persevera, prossegue salvo até ao fim. Ou, em outras palavras, os que perseveram até ao fim, são os crentes legítimos e autênticos.

Jamais cairão do estado de graça. Persistem até ao final, quando serão salvos no sentido de entrar na posse da bem-aventurança eterna.

A Primeira Parte deste livro provou de sobejo e com argumentos irrespondíveis que o salvo é salvo para sempre.

O crente evangélico, renascido pelo poder do Espírito Santo, nunca se afastará ou nunca poderá ser afastado totalmente de Cristo. É a própria palavra do Senhor Jesus que nos garante: **“NUNCA hão de perecer, e NINGUÉM as arrebatará da Minha mão”** (João 10.28; Romanos 8.1, 38-39).

A perseverança é decorrência da preservação divina. Não depende da vontade do homem, mas da graça sustentadora de Deus.

O salvo é a descendência de Cristo. Deus, em Sua infinita condescendência, se responsabiliza por sua perseverança: **“E conservarei para sempre a Sua [de Cristo] descendência, ao Seu trono como os dias do céu”** (Salmo 89.29).

2) Distinga-se o crente verdadeiro do “crente” falso.

O verdadeiro, o genuíno, é o que persevera até ao fim. O que permanece na palavra de Jesus (João 8.31).

João lembra esta persistência quando acentua: **“O que é de Deus gerado conserva-se a si mesmo”** (1ª João 5.18).

Há muitos seguidores de Cristo com uma fé deficiente. Creem parcialmente nEle ou apenas acreditam nEle sem nEle confiar como seu único e pessoal Salvador. São o Himeneu, os Fileto, os Diótrefes, os Alexandre latoeiro, os Ananias e Safira, os Judas Iscariotes.

Em Jerusalém, muitos, vendo os prodígios feitos por Jesus, creram no Seu Nome; mas Jesus, que conhece o íntimo de cada um, não confiava neles (João 2.23-25). Embora demonstrassem uma fé parcial em Cristo, não foram regenerados.

Jesus sabia dos Seus escolhidos (João 13.18). Quando, na primeira multiplicação dos pães, Ele pronunciou o Seu célebre sermão sobre a vida eterna e Se apresentou como o verdadeiro alimento dessa vida, sendo Ele próprio o seu doador, muitos dos Seus seguidores e discípulos, escandalizados, deram-Lhe as costas.

Ao concluir o Seu sermão, destacou: **“Há alguns de vós que não creem. Porque bem sabia Jesus, desde o princípio, quem eram os que não criam, e quem O havia de entregar”** (João 6.64).

“Desde então, MUITOS dos Seus discípulos tornaram para trás, e já não andavam com Ele” (João 6.66).

Bem assim, na parábola do semeador, o Mestre lembra quatro tipos de terreno: o da beira da estrada é rival ao coração que não entende a Palavra, nesta parábola confrontada à semente; o dos pedregais ilustra os que recebem a Palavra, mas, por causa da perseguição, a abandonam; o da terra coberta de espinhos compara-se ao coração que aceitou superficialmente a semente, sufocada depois pelos negócios e pelas preocupações deste mundo; e o da boa terra, ao qual se assemelha a alma receptiva, onde a semente produz frutos.

É evidente que só estas almas parecidas com o bom terreno são os crentes verdadeiros, embora alguns produzam apenas 30 por cento. As anteriores estão na fila de tantos “cristãos” os quais do Cristianismo só têm o rótulo.

Numa outra parábola, a do joio e do trigo, Jesus Cristo distingue muito bem o crente genuíno do crente nominal.

O cristão nominal pode até ter uma aparência exterior de vida cristã, tendo passado por uma transformação externa. Pode até mesmo até pregar o Evangelho. Mas é joio no meio de trigo.

Trigo é o crente verdadeiro. Nunca deixa de ser trigo até ser recolhido nos celeiros da Pátria bem-aventurada.

Exteriormente, o joio se parece muito com o trigo. Quando nasce, as suas ramas e as suas folhas rivalizam tanto com o trigo que só pessoas peritas podem distingui-los. Só quando o joio lança espigas é que a diferença se caracteriza porque as suas espigas são menores que as do trigo os seus grãos, enegrecidos, se comidos, conquanto em pequena porção, ao invés de alimentar, provocam náuseas, razão porque o joio é denominado pelos botânicos de *lolium temulentum*.

O joio é o símbolo dos hipócritas. Eles não perseveram porque, de fato, jamais se converteram. **“Saíram de nós”,** lembra o apóstolo João, **“mas não eram de nós; porque, se fossem de nós, ficariam conosco; mas isto é para que se manifestasse que não são todos de nós”** (1ª João 2.19).

O hipócrita, o “crente” nominal, o joio (que se assemelha tanto ao trigo), pode inclusive fazer prodígios, porquanto o milagre não é evidência de salvação.

Das **“muitas maravilhas”** que podem fazer, Jesus menciona duas: profetizar e expulsar demônios, muito em voga em nossos dias.

O destino dos falsários, apesar de seus prodígios espetaculares, será o de serem lançados no inferno. **“Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai que está nos céus. Muitos Me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em Teu Nome? E em Teu Nome não expulsamos muitos demônios? E em Teu Nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente? Nunca vos conheci; apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade”** (Mateus 7.21-23).

O crente verdadeiro compara-se ao fogo persistente e contínuo da lenha compacta e pesada. O nominal, ao fogo de palha. A labareda deste, apesar de luminosa, se esvai num instante. Não dá para ferver a água para meio litro de café.

O crente legítimo, o cristão do Cristianismo de Jesus Cristo, jamais perecerá, pois, arrependido dos seus pecados, confia de coração, com vontade plena, em Jesus Cristo como seu único e todo-suficiente Salvador e a Ele se submete como o seu Soberano Senhor.

É este crente que persevera até ao final da senda de Cristo.

.oOo.

A GRAÇA DE DEUS NA PERSEVERANÇA

Eis a tese: A perseverança do crente é essencial à salvação pela graça.

Ou, em outras palavras: o crente jamais se afastará do domínio da graça, mas, com absoluta certeza, perseverará até ao fim, quando entrará no gozo da bem-aventurança celestial.

Toda a vida cristã, desde o seu início com a regeneração e seu desenvolvimento, até ao momento da partida para a glória bem-aventurada, depende da graça de Deus. **“Não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus”** (Romanos 9.16).

“Pela graça sois salvos” (Efésios 2.5, 8) é o ensino claro e categórico das Escrituras Sagradas em que se pode incluir a salvação, a salvação progressiva ou santificação e a salvação final.

Esta salvação final é a culminância da perseverança.

Ao escrever a Tito, Paulo Apóstolo memora a graça preservadora do crente: **“Porque a graça de Deus se há manifestado trazendo salvação a todos os homens, ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, e justa, e piamente. Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo”** (Tito 2.11-13).

Encontro quatro motivos pelos quais a perseverança também é fruto da graça misericordiosa de Deus:

1º) A perseverança final é um dom gratuito e misericordioso inerente à própria vida eterna.

Se quando o pecador arrependido confia de coração em Jesus Cristo recebe dEle a vida eterna, é lógico e inquestionável que essa vida, pelo fato de ser eterna, é duradoura. Há de persistir pela eternidade em fora.

Ao salvar o pecador, Deus se compromete consigo mesmo, com a Sua graça, preservá-lo. Ele **“não consente que resvalém os nossos pés”** (Salmo 66.9).

E, com efeito, a vida que Jesus dá ao crente é eterna. Para sempre! Se essa vida, que é graça, é eterna, o crente jamais a perde, a perseverança faz parte dela. É graça como a própria vida eterna. Cristo, concomitantemente, dá a perseverança: **“Nunca hão de perecer”**, diz Ele em João 10.28.

Imutável, em Seu decreto de eleição, jamais Jesus Cristo se proporia dar vida eterna se Lhe faltassem os recursos para cumprir a Sua promessa.

2º) A perseverança se inclui na CHAMADA Divina.

Deus nosso Senhor oferece a graça salvadora a todos porque Ele quer que todos os homens sejam salvos, vindo ao conhecimento da Verdade (1ª Timóteo 2.4). É a Chamada Universal.

Há também a chamada feita no íntimo da consciência de cada pecador. É uma chamada eficaz, sentida também por Paulo Apóstolo: **“E me chamou pela Sua graça”** (Gálatas 1.15).

Esta chamada é eficaz por ser poderosa manifestação da graça. Vinculam-se esta chamada e a graça de acordo com a lembrança do apóstolo: **“Fiel é o que vos CHAMA, O qual também o fará”** (1ª Tessalonicenses 5.24). E o **“Deus de toda a graça que vos CHAMOU à Sua eterna glória”**, declara Pedro aos cristãos dispersos pela Gentilidade (1ª Pedro 5.10).

A palavra de Paulo em 2ª Timóteo é, outrossim, incisiva: **“Deus nos salvou e CHAMOU com uma santa VOCAÇÃO; não segundo as nossas obras, mas segundo o Seu propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos”** (1.9).

Paulo, resolutivo, tem **“por certo isto mesmo, que Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo”** (Filipenses 1.6; 2.13).

O chamamento gratuito de Deus é todo eficaz e permanente. Ele não chama hoje para dispensar amanhã os que atendem ao Seu chamado. O próprio Jesus salientou com garantia: **“E o que vem a Mim de maneira nenhuma o lançarei fora”** (João 6.37) porque a vontade do Pai que O enviou **“é esta: que nenhum de todos aqueles que Me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia”** (João 6.39).

Em sendo chamada eficaz, a salvação que abrange a regeneração, a santificação e a glorificação (= salvação inicial, progressiva e final) é um todo, um bloco único.

Em sua Epístola aos Romanos, Paulo nos apresenta a concatenação.

Indissolúvel da magnífica cadeia da salvação em seu desenvolvimento até o seu clímax. **“E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são CHAMADOS segundo o Seu decreto. Porque aos que dantes conheceu também os predestinou para serem conforme à imagem de Seu Filho, a fim de que Ele seja o Primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a**

estes também CHAMOU; e aos que CHAMOU a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou” (Romanos 8.28-30).

Quebrar-se-ia um dos elos desse glorioso encadeamento de bênçãos se o salvo deixasse de perseverar.

Discorrendo acerca dessa graça preservadora que, ao se sinonimizar com a chamada divina, fundamenta a perseverança do crente, em sua Primeira Epístola aos Coríntios, o Apóstolo declara: **“Sempre dou graças ao meu Deus por vós pela graça de Deus que vos foi dada em Jesus Cristo. Porque em tudo fostes enriquecidos nEle, em toda a palavra e em todo o conhecimento (como foi mesmo o testemunho de Cristo confirmado entre vós). De maneira que nenhum dom vos falte, esperando a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual vos confirmará também até ao fim, para serdes irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados para a comunhão de Seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor”** (1.4-9).

3º) Neste perseverar do crente, Deus tem também o propósito de enaltecer a Sua graça. **“Como também nos elegeu nEle [Jesus Cristo] antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dEle em amor; e nos destinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para Si mesmo, segundo o beneplácito de Sua vontade, para louvor e glória da Sua graça, pela qual nos fez agradáveis a Si no Amado”** (Efésios 1.4-6).

Sua graça, pois, seria ineficaz e frustrar-se-ia a sua exaltação na eventualidade da não perseverança do salvo.

4º) Se Cristo com o Seu sacrifício de valor infinito nos mereceu a vida eterna, com a Sua intercessão Ele a sustenta até à nossa perseverança final.

O Apóstolo Pedro, apesar de advertido pelo Senhor, caiu em hediondo pecado ao negá-lo. Perseverou, contudo, na confiança em Jesus a demonstrar a eficácia valiosíssima da oração do Divino Intercessor: **“Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça”** (Lucas 22.32).

A perseverança do crente foi objeto de Sua oração sacerdotal proferida no instante solene de Sua despedida ao encerrar a Ceia Pascal: **“Pai Santo, guarda em Teu Nome aqueles que Me deste, para que sejam um, assim como Nós. Estando Eu com eles no mundo, guardava-os em Teu Nome. Tenho guardado aqueles que Tu Me deste, e nenhum deles se perdeu, senão o filho da perdição, para que a Escritura se cumprisse”** (João 17.11-12).

Como Advogado perante o Pai (1ª João 2.1), Jesus prossegue a Sua intercessão a fim de, perseverando, sejam os crentes **“irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo”** (1ª Coríntios 1.8).

Conquanto seja a nossa perseverança o prisma humano da salvação, depende ela por esses quatro motivos da graça divina porque **“tendo por certo isso mesmo”**, consoante o ensino de Paulo Apóstolo, **“que Aquele que começou em vós a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo”** (Filipenses 1.6).

.oOo.

AS TENTAÇÕES NA VIDA DO CRENTE

Por acaso as tentações não ameaçam a perseverança? Não denotam elas certa fraqueza e não revelam instabilidade e propensão para o mal?

Bem ao contrário! As tentações de Satanás são uma vicissitude constante na vida do salvo. E elas não lhe arriscam a salvação. Proporcionam-lhe, ao invés, oportunidades de grandes bênçãos.

1) Nada a se estranhar com a presença delas porque o próprio Jesus Cristo as enfrentou, de vez que, em tudo, exceto no pecado, se nos assemelhou.

Assemelhou-se-nos para ser misericordioso e fiel Sumo Sacerdote (Hebreus 2.17).

Teve fome (Mateus 4.2; Lucas 4.2).

Padeceu sede (João 4.7; 19.28).

Cansou-se (João 4.6).

Chorou (João 11.35; Lucas 19.41).

Permitiu-se ser tentado (Mateus 4.1-11; Lucas 4.1-13).

Em havendo sido tentado, sem, contudo, pecar, pode Ele, como nosso Sumo Sacerdote, compadecer-se de nossas fraquezas (Hebreus 4.15).

Por isso mesmo, o crente, quando acometido de tentações, se lança nos braços onipotentes e ternos de Jesus Cristo consoante a exortação de Paulo: **“Cheguemo-nos, pois, com confiança, ao trono da graça, para que**

possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno” (Hebreus 4.16).

2) Esclareça-se! A tentação, a solicitação ao mal feita pelo diabo, de si mesma, não é pecado. Esse só ocorre quando se consente ou se aceita a tentação.

O nosso Salvador foi tentado (e violentamente tentado), mas não pecou. Ele recusou as insídias de Satanás. A leitura do registro das investidas do maligno contra Ele (Mateus 4.1-11; Lucas 4.1-13) nos revela haver Ele repellido as insinuações do espírito das trevas. **“Em tudo foi tentado, MAS SEM PECADO”** é a afirmação definitiva das Sagradas Escrituras (Hebreus 4.15).

De semelhante forma, o crente pode ser tentado e permanecer invulnerado aos ataques satânicos. Neste caso, aliás, a tentação se constitui numa excelente prova por lhe possibilitar a avaliação de sua fé e numa mais excelente oportunidade de enrijecimento espiritual.

Os cristãos apostólicos viveram em tempos assaz dificultosos por serem violentamente tentados sob a pressão das perseguições a abandonar o Evangelho.

Nessa conjuntura de tantas lutas, Pedro, em sua Primeira Epístola, encoraja-os: **“Mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação, já prestes por se revelar no último tempo, em que vós grandemente vos alegrais, ainda que agora importa, sendo necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações”** (1.5-6).

E esclarece-lhes, outrossim, a grande utilidade das tentações: **“Para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo, se ache em louvor, e honra, e glória, na revelação de Jesus Cristo”** (1.7).

3) Tanto o crente pode ser tentado e apesar desta luta se manter salvo que o próprio Deus é quem permite esta prova.

Permite-a na medida justa e concede graça suficiente para resisti-la: **“Não veio sobre vós tentação senão humana; mas fiel é Deus que vos não deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape para que a possais suportar”** (1ª Coríntios 10.13). **“Sabe o Senhor livrar da tentação”** (2ª Pedro 2.9).

Jamais Deus nos manda fazer o impossível, mas, ao nos mandar fazer alguma coisa, avisa-nos a fazer o que está ao nosso alcance e a Lhe pedirmos o que não podemos.

Em Jó, o santo patriarca idumeu, temos um exemplo de superação das insídias de Satanás e de cabal vitória sobre a tentação.

Permitiu o Senhor Deus ao diabo tentá-lo com as mais brutais provações, oprimindo-o com toda a fúria sob única restrição de poupar-lhe a vida.

Num só dia aniquilou-se toda a riqueza. Perdera os filhos carbonizados. Importunaram-no amigos inconvenientes: Elifaz, Zofar e Bildade. Sua própria esposa induziu-o a proferir palavras de revolta contra Deus.

Todos os embates foram incapazes de aluí-lo em sua firmeza de manter-se íntegro e íntegra a sua fé em Deus.

Suas expressões de intrepidez na fidelidade são dignas de meditadas: **“Ainda que Ele [Deus] me mate, nEle esperarei... Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra. E, depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros, O verão; e por isso os meus rins se consomem dentro de mim”** (Jó 13.15; 19.25-27).

Ora, se Satanás, com tantas condições favoráveis, foi incapaz de conseguir a não-perseverança de Jó, com toda a certeza não a obterá de mais ninguém nesta dispensação da Igreja.

Esses três motivos: Jesus Cristo sofreu tentações, as Sagradas Escrituras reconhecem essas vicissitudes espirituais na vida cristã e elas, enfim, se constituem em preciosas oportunidades de bênçãos para o crente; esses três motivos nos levam a render graças a Deus por tão excelente prova.

Demonstram que, ao invés de instabilizar a salvação, confirmam-na no crescimento da vida cristã.

.oOo.

O PECADO NA VIDA DO SALVO

É episódio corriqueiro! O crente vai evangelizar alguém. E quando lhe fala da segurança eterna da salvação surge o espanto: “Mas quem pode estar

salvo? Quem não peca? O crente não peca? Peca! E, se peca, como permanece salvo?”

E se enfileira uma série de casos de crentes.

O pecado do crente é tropeço para muitos. Incapacita-os entender a esplêndida verdade do Evangelho da bendita segurança.

Ninguém, contudo, afirma estar o salvo isento e imune do pecado e nem se pode confundir perseverança sem solução de continuidade com a isenção total de pecado.

Aliás, o lado humano da perseverança não se baseia na perfeição humana.

A incidência das faltas morais, porém, não quer dizer falta de persistência ou de constância naquela resolução de confiança em Jesus Cristo.

As Sagradas Escrituras são todo-suficientes porque, por inteiro, completas. Oferecem-nos solução adequada e definitiva também para esse problema do pecado na conduta do crente, uma dolorosa realidade em nossa peregrinação terrena.

1) As Santas Escrituras sem reboços reconhecem a possibilidade do pecado na vida terreal do salvo. Admitem-na numa confirmação da nossa própria experiência cotidiana no tocante aos nossos resvalos. “Sete vezes cairá o justo” (Provérbios 24.16).

Negar o incorrer no pecado por negligência ou por fragilidade em nossa vida seria incidir em mentira contra nós próprios, consoante expressa declaração bíblica: **“Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós”** (1ª João 1.8).

E mais! Com extrema petulância e desmedida arrogância taxaríamos Deus de mentiroso se afirmássemos que não pecamos. **“Se dissermos que não pecamos, fazemo-lo mentiroso e a Sua Palavra não está em nós”** (1ª João 1.10).

É incontestável serem os destinatários desta Carta de João os próprios crentes, os salvos, os **“filhos de Deus”** (3.2), aos quais o escritor trata carinhosamente de **“meus filhinhos”** (2.1; 3.18), de **“filhinhos”** (2.12, 18, 28; 3.7; 4.4; 5.21).

Releva notar-se ainda o pormenor de se incluir a si mesmo entre os imperfeitos, pois João fala na primeira pessoa do plural: **“se dissermos”, “pecamos”, “fazemo-lo”, “em nós”**.

Na majestosa solenidade inaugural do Templo de Jerusalém, em sua oração dedicatória, o rei Salomão já testemunhou: **“Não há homem que não peque”** (2º Crônicas 6.36).

Quando apresentou aos discípulos a oração modelo do “Pai Nosso”, Jesus, outrossim, ensinou a mesma triste realidade ao incluir todos os discípulos Seus na petição. **“Perdoa-nos os nossos pecados”** (Mateus 6.12).

2) A dolorosa realidade das quedas no comportamento diário do crente constatada pela Escrituras Sagradas tem a sua causa também por estas declarada. Ou seja, a Bíblia elucidou-nos a razão dessas vicissitudes.

Ela está na contingência de o salvo continuar com o fardo da velha natureza de Adão ou da **“lei do pecado”**, como a denomina Paulo (Romanos 7.23, 25).

O Apóstolo, no capítulo 7 de sua Epístola aos Romanos, em pinceladas magistrais, traça a psicologia do salvo peregrino sujeito à carne ainda ferida pelo pecado, ou a cognominada natureza adâmica: **“Porque o que faço não aprovo; pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço. E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa... Acho então esta lei em mim; que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo. Porque, segundo o meu homem interior, tenho prazer na Lei de Deus; mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus ombros. Miserável homem que eu sou. Quem me livrará do corpo desta morte? Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor. Assim que eu mesmo com entendimento sirvo à Lei de Deus, mas com a carne, à lei do pecado”** (Romanos 7.15-16, 21-25).

Foi neste quadro psicológico do crente em luta com a lei do pecado que o Apóstolo clamou a estupenda verdade da segurança eterna do crente, apesar da força do pecado: **“PORTANTO, AGORA NENHUMA CONDENAÇÃO HÁ PARA OS QUE ESTÃO EM CRISTO JESUS”** (Romanos 8.1).

Conquanto sujeito na carne à lei do pecado e muitas vezes sofrendo as suas consequências, o salvo, em espírito da lei do pecado, anda, em Jesus Cristo, na lei do espírito de vida.

Já algumas vezes ouvi esta pergunta: “Se o crente tem a vida eterna, por que há de morrer? Não parece um contra-senso o ter ele a vida eterna e assim mesmo ter que se submeter à dolorosa contingência da morte? Se ele tem a vida eterna nunca deveria morrer, não é verdade?”

A explicação dessa dificuldade, contudo, é muito simples e patente. Ela está exatamente na realidade de o crente carregar incrustada em si a velha natureza de Adão, ou **“lei do pecado”**.

A morte física, na experiência cristã, é uma autêntica libertação. Por ela, o salvo se despoja daquela humilhante **“lei do pecado”** e se prepara para a sua gloriosa transfiguração ressurrecional.

3) A Bíblia, precisamente por ser o Livro Divino, é o mais humano de todos os livros. Em defluência, além de reconhecer o pecado na vida do crente e apontar a causa dessa circunstância, desce a casos concretos ao nos informar em suas páginas, sem lhes ocultar os nomes, o exemplo de pessoas consagradas a Deus que pecaram.

Os indivíduos que, ao serem evangelizados, à semelhança de uma válvula de escape, minuciam fatos desabonadores da vida de crentes, precisam ser informados de que a Bíblia é a primeira a reconhecê-los e a exibí-los. Não precisamos de que alguém nos relate faltas dos nossos atuais irmãos na fé. As Páginas Sagradas os trazem.

Logo em Gênesis encontro Abraão, o próprio pai dos crentes, acovardado diante de possíveis sofrimentos, a acertar com Sara, sua esposa, o cometer a mentira, expondo-a ao adultério.

Davi, o grande rei, com extremos de malícia, adulterou com Bate-Seba e mandou assassinar Urias, o esposo dela, para, em definitivo, ficar com a mulher. Além de haver tomado outras mulheres (1º Crônicas 14.3) e concubinas (2º Samuel 5.13), incidiu Davi em outro pecado quando, por orgulho, mandou recensear os seus soldados (1º Crônicas 21.2, 5). Nem por isso, contudo, deixou de ser ele a lâmpada escolhida como protótipo de fidelidade ao Senhor (1º Reis 11.36), o servo de Deus ao fazer o que é reto aos Seus olhos (1º Reis 14.8; 15.5), o homem de Deus (Neemias 12.24, 36), Jesus, por ser da descendência de Davi (João 7.42), é chamado Filho de Davi (Marcos 12.35; Lucas 20.41). E nem, pelo infeliz fato de Davi pecar, deixou de receber a graça de Deus (Atos 7.46).

No livro de Números encontra-se a anotação da insistência do rei dos moabitas, Balaque, a Balaão no sentido de que amaldiçoasse os filhos de Israel acampados nas campinas de Moabe quando de sua longa jornada em busca de Canaã.

No capítulo 22, cuja leitura por inteiro agora se recomenda, estão as peripécias da viagem de Balaão à cidade de Moabe.

Quando se encontraram Balaque e Balaão, o rei moabita insistiu com vigor para amaldiçoar o povo de Israel.

Respondeu-lhe Balaão: **“Como amaldiçoarei o que Deus não amaldiçoa? E como detestarei, quando o Senhor não detesta?... Eis que recebi mandado de abençoar; pois Ele tem abençoado, e eu não o posso revogar. Não viu iniquidade em Israel, nem contemplou maldade em Jacó; o Senhor seu Deus é com ele, e nele, e entre eles se ouve o alarido dum rei”** (Números 23.8, 20-21).

No decurso daquela longa viagem, aquele povo pecou vezes sem conta. Em Mara reclamou, queixando-se das águas amargas; murmurou contra o Senhor no deserto de Sim por lhe faltar alimento; em Refidim se revoltou por carecer de água; apesar dos prodígios se sucederem, o povo, ingrato, se resvalou para a idolatria cultuando ao pé do Sinai um bezerro de ouro; de dura cerviz, obstinado, quer regressar ao Egito; sua rebeldia moveu-o à extrema ingratidão de reclamar do maná celeste como **“pão tão vil”**. E Deus, que **“não é homem para que minta”** (Números 23.19), **“não viu iniquidade em Israel, nem contemplou maldade em Jacó”** (Números 23.21).

Extrema misericórdia de Deus para com os Seus! Nele se ocultam todas as iniquidades do Seu povo.

Reconheceu-o Paulo Apóstolo em Romanos 4.7-8: **“Bem-aventurados aqueles cujas maldades são perdoadas e cujos pecados são cobertos. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa pecado”**.

Deus nosso Senhor olha o Seu povo através do sangue de Jesus Cristo. A Sua justiça, nEle, os vê perfeitos.

Graças ao Senhor pela inefável condescendência do Seu infinito poder em nos sustentar perseverantes!

Em o Novo Testamento também encontro muitos servos de Deus que incorreram em pecado, sem, contudo, perder a salvação.

Os apóstolos não fugiram na hora decisiva do sacrifício de Cristo?

E Pedro?

Pedro que se destacava no grupo dos Doze pela sua disposição de servir e de ser fiel. Embora advertido por Jesus (Lucas 22.31-34), escandalosamente, negou-O. Negou-O até diante de uma simples empregada (Lucas 22.54-60).

Ainda depois de haver sido no dia de Pentecostes prodigiosamente revestido do poder do Espírito Santo, o discípulo impetuoso pecou. Em Antioquia, com sua atitude, renegou a Verdade do Evangelho e Paulo Apóstolo o repreendeu com aspereza (Gálatas 2.11-12).

Conquanto houvesse Pedro caído em pecados sempre tão graves, perseverou salvo.

As Sagradas Escrituras reconhecem a possibilidade do crente pecar, apontam a causa desse risco, referem exemplos de destacados servos de Deus que incorreram em vergonhosas faltas e, por isso mesmo, exortam: **“Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe, não caia”** (1ª Coríntios 10.12).

.oOo.

O CRENTE E O PECADO

A perseverança até ao fim é o apanágio do crente. Perseverança que não é impecabilidade.

Se o fosse, quem se salvaria?

Todos pecamos (1ª João 1.10). **“Porque TODOS tropeçamos em MUITAS coisas”** (Tiago 3.2). Todos, inclusive o próprio escritor Tiago.

A Santa Lei de Deus é um todo e quem viola um dos seus preceitos torna-se réu de todos, como se a todos houvesse transgredido. **“Porque qualquer que guardar toda a Lei, e tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos”** (Tiago 2.10).

Em conclusão, quem se salvaria, caso alguém pudesse perder a sua salvação por haver pecado?

Se a minha permanência na salvação fosse depender de eu não pecar, jamais teria sido salvo. Nem por um segundo!

Seria fantasmagórico ou crasso farisaísmo supor-se que algum crente nesta terra de peregrinação atingisse tão alto cume de perfeição espiritual que nunca pecasse.

1) Sujeito a pecar, o crente, todavia, não permanece no pecado quando tem a infelicidade de nele cair e nem o pecado é a tônica de sua vida, como acontece com os escravos dele.

Abraão pecou, mas não se agradou dessa circunstância e escapou dela.

Davi pecou, mas chorou os seus extravios e deles sempre se reabilitou.

Pedro pecou, mas **“chorou amargamente”** (Lucas 22.62) e, arrependido, abominou a sua covardia.

Em todos eles a nota dominante de sua vida foi a de serviço ao Senhor e correspondência à graça. Alguns frutos deteriorados ou raquíticos, aliás, não prejudicam a safra e nem desvalorizam a boa árvore.

Após haver reconhecido a terrível realidade do pecado muitas vezes na vida do crente, João elucida: **“E qualquer que nEle tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também Ele é puro”** (1ª João 3.3).

Exortado pelo profeta Natã, de imediato, Davi arrependeu-se e exorou ao Senhor: **“Tem misericórdia de mim, ó Deus, segundo a Tua benignidade; apaga as minhas transgressões, segundo a multidão das Tuas misericórdias. Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado. Porque eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim. Contra Ti, contra Ti somente pequei, e fiz o que a Teus olhos parece mal, para que sejas justificado quando falares e puro quando julgares... Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito reto”** (Salmo 51.1-4, 10).

O santo rei, que experimentara sobre si a preservação poderosa de Deus, com autoridade não só da inspiração divina, mas também com a da sua experiência, pôde ensinar: **“Os passos de um homem bom são confirmados pelo Senhor, e ele deleita-se no seu caminho. Ainda que caia, não ficará prostrado, pois o Senhor o sustém com a Sua mão”** (Salmo 37.23-24).

Tantos séculos depois, ao proclamar a Sua magnífica promessa de segurança eterna dos salvos, Jesus Cristo menciona a mão do Pai e a Sua própria mão porque a mão do Pai e a mão de Jesus são uma única mão onipotente, porquanto o Pai e Jesus são Um (João 10.28-30).

Pois é essa mão onipotentíssima que sustém o salvo ao reerguê-lo de suas reincidências no pecado.

2) Pessoas há conhecedoras apenas superficialmente das Escrituras e sempre dispostas a achar nelas contradições ou fundamento para as suas opiniões.

Neste assunto referente à pecabilidade do crente ou veem contradições ou descambam para um impossível perfeccionismo por entenderem mal certos versículos da Primeira Epístola de João.

Com efeito, em 1.8 e 10, o Apóstolo salienta a ocorrência do pecado na vida do crente. E em 3.6, 8-9 e 5.18 parece assegurar a impecabilidade do salvo.

Leiamos os textos aludidos:

“Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós... Se dissermos que não pecamos, fazemo-lo mentiroso, e a Sua Palavra não está em nós” (1ª João 1.8, 10).

“Qualquer que permanece nEle não peca; qualquer que peca não O viu nem O conheceu... Quem comete pecado é do diabo; porque o diabo peca desde o princípio. Para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo. Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado; porque a Sua semente permanece nele; e não pode pecar porque é nascido de Deus... Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca; mas o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca” (1ª João 3.6, 8-9; 5.18).

Contradição clamorosa nessas Escrituras? Por parte de um só escritor e dentro do mesmo livro?

A contradição é aparente. Analisando os últimos versículos, verificaremos que ela, de fato, não existe. A antinomia é resultado da diferença de perspectiva.

Naqueles primórdios apostólicos do Cristianismo já surgiram heresias e o Epistolário Neotestamentário primou por combatê-las.

Dentre elas havia a dos “gnósticos”. Em sua gnose mística, pretendiam ter um superior conhecimento (= gnosis) de Deus. Em moral, supunham-se muito espirituais, sem pecado algum porque desprezavam os mandamentos divinos. Ensinavam que, ao se ter a gnose mística, o conhecimento especial e perfeito de Deus, estava-se absolutamente santificado e se tornava transcendente dos próprios preceitos.

O pecado na vida do gnóstico não era propriamente pecado segundo a conceituação dos heretizantes, porque ele se tornara superior e acima dos preceitos. Baseado neste falso princípio, não se sentia ele obrigado a evitar o pecado (1ª João 2.4-6).

O escritor sagrado, em tom polêmico, combate esse ensino falso e afirma com destaque a nossa pecância (1.8, 10).

Se João, contudo, não completasse os seus ensinamentos em 3.6, 8-9; 5.18, outros poderiam incorrer no outro extremo. Poderiam imaginar assim: “Bem, se a minha condição como criatura humana aqui na terra me coloca numa situação de pecaminosidade e se tenho em Cristo o perdão toda vez que pecar, bastando procurá-lo, então, vamos pecar à vontade”.

Exatamente com o intuito de prevenir esse outro extremo, tão prejudicial quanto o dos gnósticos, João escreveu os versículos 3.6, 8-9 e 5.18.

Estes completam os anteriores.

O escritor, nestes versículos, evidentemente, não contradiz o ensino dos anteriores.

Muitas vezes assustamo-nos com “contradições” na Bíblia. Elas aparecem nas traduções vernáculas. Se formos examinar a língua original da Escrituras, neste caso o grego, constataremos a inexistência dessas contradições.

Com efeito, o verbo PECAR constante nestes últimos casos, no original grego, encontra-se no particípio presente, O AMARTÁNOON, a indicar ação contínua, repetida, habitual, constante.

A sua tradução exata em português seria **“não peca continuamente”, “não peca habitualmente”, “não vive na prática do pecado”**.

Esses textos não tratam, portanto, do pecador esporádico. Tratam, sim, do pecador habitual, contumaz, para quem o pecado é uma prática constante, normal e voluntária da vida.

À luz de 1.8, 10, os verdadeiros crentes pecam. Nestes versículos, porém, o verbo PECAR está no Aoristo, a indicar um ato concreto, isolado. Não se trata de pecar como regra dominante, ou a tônica da vida ou o estado habitual.

João apresenta três motivos pelos quais o crente genuíno não vive habitualmente em pecado.

1º) Porque o que faz do pecado uma prática habitual não viu e nem conheceu a Jesus Cristo (3.6).

Os gnósticos alegavam o seu conhecimento místico de Deus e, em consequência mesmo desse suposto conhecimento, afirmavam falsamente que podiam desprezar os preceitos porque a sua “gnosis” os fazia isentos do pecado, embora vivessem a transgredir os mandamentos.

Em tom polêmico, João contesta-lhes o erro, pois quem peca habitualmente como faziam os gnósticos não viu e nem conheceu Deus.

VER, no vocabulário joaneico, designa a visão interior da fé (João 6.36; 14.7, 9; 3ª João 11). Ver a Cristo é ser espiritualmente consciente da Sua presença. É ter fé nEle.

Os judeus viram-nO com os olhos da carne e não creram. O cristão O vê com os olhos do espírito numa visão viva e transformante (João 14.19; 16.22).

CONHECER, conquanto não seja sinônimo de VER, é, na experiência cristã, uma variação de VER. Conhecer é reconhecer o Seu caráter santo e as Suas relações para conosco.

A dedução lógica é a seguinte: O que peca habitualmente em desprezo à vontade de Deus é porque não conhece a Cristo, é porque não O viu com

os olhos da fé. Em contrapartida, aquele que O viu e O conhece pratica a justiça e não tem o pecado como norma no curso de sua vida.

2º) O outro motivo pelo qual o crente, o salvo, não vive habitualmente no pecado é que **“quem comete o pecado** [costumeiramente, contumazmente] **é do diabo”**, numa relação de dependência e de propriedade.

Ser do diabo implica em deixar-se conduzir por ele, seguindo-lhe as inspirações (2ª Tessalonicenses 2.9; João 13.2, 27).

3º) O terceiro motivo se origina do “novo nascimento”.

O crente não peca habitualmente e nem pode pecar costumeiramente, ou viver na prática do pecado, como regra constante de sua vida **“porque é nascido de Deus”**.

“Nascido de Deus” é expressão própria de João, que registrou a conversa de Jesus com Nicodemos quando lhe falou da necessidade absoluta do novo nascimento. Esta expressão ocorre uma vez no quarto evangelho (1.13) e nove vezes em sua Primeira Epístola.

As flexões dos verbos sempre têm muita importância e devemos observá-las se desejamos entender o que se escreve e o que se diz.

O verbo NASCER usado em 3.9 e 5.18 desta carta encontra-se no particípio perfeito passivo, O GEGENEMÉNOS, indicando por conseguinte, que a atividade divina permanece a surtir sempre os seus efeitos.

O verbo naquela flexão diz que o crente de fato e sempre é filho de Deus, que o **“nascido de Deus”** perdura indefinidamente, agora e sempre, desde a regeneração. Indica que permanecem sempre os efeitos da regeneração divina adotiva.

No verso 9, repete João perifrasticamente a mesma locução do verso 6: **“não peca habitualmente”**. Eleva-a, outrossim, ao seu máximo destaque: **“e não pode pecar”**.

Afirmção exorbitante?

Não, porque, em sendo filho de Deus, **“nascido de Deus”**, o crente tem em si o princípio da impecabilidade que o leva a não viver em pecado, embora a contingência

de ainda carregar incrustada em si a **“lei do pecado”** o induza a pecar esporadicamente.

“Nascido de Deus”, o crente é onticamente outro como decorrência do novo nascimento (João 1.12; 3.3-5; 1ª João 2.29; 3.1, 9; 5.1), carregando em si o novo princípio de vida do Espírito Santo (João 3.6; 1ª João 3.9), que

lhe faculta a vitória sobre o pecado propiciada pela graça (1ª João 2.29; 3.7; 4.7).

O crente pode ter a infelicidade de pecar, mas ele não permanece no pecado.

Pelo fato de ser **“nascido de Deus”**, sua consciência iluminada pelo Espírito Santo que, no processo da conversão, o convenceu do pecado, da justiça e do juízo (João 16.8) tornou-se e permanece muito delicada e sensível ao pecado.

Enquanto os gnósticos pecam por desprezo aos preceitos do Senhor, os salvos, os nascidos de Deus, abominam o pecado e o evitam, vendo nele uma ocorrência assaz dolorosa da qual procuram sair de pronto.

.oOo.

A SANTIFICAÇÃO DO SALVO

A segurança eterna da salvação nunca se constitui em carta de imunidade a nos permitir viver como queremos, de acordo com os impulsos dos nossos caprichos e do nosso temperamento.

As Sagradas Escrituras jamais ensinam esse absurdo imoral e, ao longo deste livro, não o afirmamos e nem o sugerimos.

Pessoas há, menos avisadas ou perscrutadoras superficiais do Santo Livro, daquelas praticantes da “leitura dinâmica”, que julgam ser mui perigosa a doutrina da segurança eterna por facilitar o abrir das comportas a todos os desmandos.

Nada disso!

Bem ao contrário!

Doutrina perigosa é a da apostasia. Aliás, os seus efeitos aí estão. Veja-se a conduta dos seguidores das inumeráveis facções do cristianismo da não-perseverança. Na sua total e esmagadora maioria, eles se conduzem com uma moral muito abaixo de imoral. Os de boa e íntegra conduta são contados nos dedos.

O comportamento dos legítimos crentes, todavia, pela sua correção, fica em nível muito acima daqueles.

Os salvos, no desfruir da segurança eterna, crescem em santificação.

1) O que é santificação?

O vulgo conserva, por nefasta influência das seitas católicas, noções assaz erradas deste assunto. Noções estas tão divulgadas e tão arraigadas na mente das pessoas que afetam muitos crentes evangélicos.

Em vista desta circunstância, reputo de bom alvitre oferecer alguns esclarecimentos.

Considera-se, à luz das Escrituras, a santificação sob dois sentidos ou aspectos:

PRIMEIRO: O sentido lato como sinônimo da conversão ou regeneração. É a operação pela qual Deus separa o pecador do mundo, da perdição, da iniquidade, do estado de condenação, e o faz Sua propriedade.

Neste aspecto, todos os crentes são, pelas Escrituras do Novo Testamento, chamados de SANTOS (Romanos 1.7; 1 Coríntios 1.2; 2ª Coríntios 1.1; Filipenses 1,1; Colossenses 1.2; 1ª Tessalonicenses 5.27).

SEGUNDO: O sentido restrito que consiste na gradativa transformação espiritual do salvo após a sua justificação.

Este processo é mencionado por Paulo em Romanos 6.22: **“Mas agora, libertos do pecado e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna”**. E também na sua exortação: **“Ora, amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus”** (2ª Coríntios 7.1).

Diante destes dois aspectos da santificação, verifica-se ser ela o desenvolvimento da salvação.

Aliás, já constatamos a inclusividade do vocábulo salvação (a instantânea = regeneração; a progressiva = santificação; a final = glorificação).

Fundamentalmente, a santificação, por conseguinte, consiste na separação do crente, por graça do Espírito Santo, para Deus.

Nesse caso, ela abrange dois fatos preponderantes: a separação e a dedicação.

2) Compreendido o conceito do termo deste nosso estudo, diante dele próprio, observamos alguns elementos:

a) A santificação requer inicialmente a separação. Separação completa. Da iniquidade. Do vício. Da mentalidade mundana. E das mentiras religiosas.

Sobretudo das mentiras religiosas. Separadas desta, a pessoa, com naturalidade, se afasta do vício, da iniquidade e da concupiscência do mundo.

No transcurso de todo o Velho Testamento, encontramos Deus a exigir do Seu povo de Israel absoluta separação da falsidade religiosa, de maneira específica da idolatria, ao ponto de mandar matar os que nela incorriam.

Essa exigência, outrossim, é repetida com muita constância nas Sagradas Escrituras do Novo Testamento. Jesus Cristo insurge-se contra a liderança religiosa da Sua nação por estar ela comprometida com o erro doutrinário e taxa de hipócritas (Mateus 15.7) os seus seguidores.

Paulo Apóstolo vê em 2ª Coríntios 6.14-18 absoluta inviabilidade de concórdia, de entendimento, de ecumenismo, de “diálogo”, entre o salvo e o adepto de mentiras religiosas.

É a trágica constatação nestes desgraçados dias! Em nossas igrejas escasseiam os santos, haja vista a proliferação descomunal dos “dialogantes” acomodados com os asseclas das falsidades religiosas.

b) Separado, por obra do Espírito Santo, o crente é dedicado ou consagrado a Deus, tornando-se propriedade dEle.

O salvo não se pertence mais a si mesmo. É possessão exclusiva de Deus. **“Ou não sabeis... que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus”** (1ª Coríntios 6.19-20).

c) A santificação é progressiva, pois é o desenvolvimento da salvação. É o trabalhá-la (Filipenses 2.12).

Ao invés de ser ela um estado ocioso, estático, é uma atividade dinâmica, contínua, porquanto o Espírito

Santo se mantém atuante no crente com a produção de FRUTO, que se encontra no amor e se manifesta em virtudes (Gálatas 5.22).

3) A salvação produz santificação no sentido estrito. Aquela é o motivo desta. Excluída a primeira, frustra-se a segunda.

Sem a salvação inexistente a santificação.

As seitas católicas, a principiar da vaticanista, querem que a santificação produza a salvação. Daí a sua exigência de tantas práticas e a imposição de tantos preceitos.

O pontífice vaticano canoniza pessoas, ou seja, reconhece-as na bem-aventurança celestial se foram santas aqui na terra. Admite-as salvas na glória porque mereceram com a santificação obtida por méritos pessoais.

Por isso também o catolicismo não faz parte do legítimo Cristianismo. Não é denominação evangélica.

4) A vida cristã é uma verdadeira batalha constante. É uma permanente tensão entre o despojar do velho homem e o revestimento do novo homem.

Com efeito, a santificação não se efetiva pela reforma do homem porque o crente não é devedor à carne. Assim viveria segundo a carne (Romanos 8.13). Ela se concretiza pela crucifixão do velho homem (Mateus 16.24; 18.8-9).

É a luta do crente, santo enquanto novo homem (Romanos 6.1-11; Efésios 4.24; 1ª João 3.9) contra o velho homem corrupto (a natureza adâmica), ainda incrustada em si (Romanos 7.18).

Essa guerra é constante a provar a vivência da salvação em processo de desenvolvimento na santificação (Romanos 7.22-25) e a estimular o crente a prosseguir na crucifixão de sua carne (Romanos 8.13; Gálatas 5.24; Colossenses 3.5; 1ª Coríntios 9.27).

Todo o soldado em campo de batalha está arriscado a ser alvejado pelo inimigo. Na luta da vida cristã, o salvo, de igual forma, está sujeito a, vez por outra, ver-se atingido pelos dardos do velho homem caindo em pecados até grosseiros (Romanos 7.18; 1ª Tessalonicenses 4.3-7). As Sagradas Escrituras, para nosso conforto e estímulo, registram semelhantes fracassos na vida de grandes e destacados servos de Deus, como Davi, Abraão, Pedro, João.

Esta luta incessante, todavia, é o bom combate da fé, cuja vitória final pertence, infalivelmente, ao crente (2ª Timóteo 4.7).

A vida cristã, portanto, longe de ser um mar de rosas, é de renúncia, de crucifixão, de grande tribulação.

Renúncia, crucifixão, tribulação a provarem haver vida. Porque donde aquelas vicissitudes se ausentam é evidência da incredulidade, da irregeneração, da iniquidade, da não-conversão.

5) Neste batalhar aguerrido e constante da crucifixão do velho homem, a santificação leva o crente a servir a Deus com boas obras, frutos da salvação em desenvolvimento e estímulo de seu crescimento.

As Escrituras Novotestamentárias se recheiam de convites à produção dessas obras.

Depois de haver, em Efésios 2.8-9, apresentado o aspecto negativo das obras, ou seja, a inutilidade delas para a salvação, a Escritura revela no versículo a seguir o seu aspecto positivo: **“Porque somos feitura Sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas”** (Efésios 2.10).

Em defluência, o Apóstolo Paulo aconselha: **“E, quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei tudo em Nome do Senhor Jesus, dando por Ele graças a Deus Pai”** (Colossenses 3.17).

A conduta do crente precisa ser irrepreensível por refletir e externar o conteúdo da alma. As Escrituras, por isso, são vigorosas na exortação quanto ao comportamento exterior: **“Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos**

em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Romanos 12.1-2).

“Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação: que vos abstenhais da prostituição; que cada um de vós saiba possuir o seu vaso em santificação e honra; não na paixão de concupiscência, como os gentios, que não conhecem a Deus. Ninguém oprima ou engane a seu irmão em negócio algum, porque o Senhor é vingador de todas estas coisas, como também antes vo-lo dissemos e testificamos. Porque não nos chamou Deus para a imundícia, mas para a santificação. Portanto, quem despreza a isso, não despreza ao homem, mas sim a Deus, que nos deu também o Seu Espírito Santo” (1ª Tessalonicenses 4.3-8).

“A noite é passada e o dia é chegado. Rejeitemos, pois, as obras das trevas e vistamo-nos das armas da luz. Andemos honestamente, como de dia, não em glotonarias, nem em bebedices, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas, e inveja; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências” (Romanos 13.13-14).

6) A oportunidade da pergunta é sempre atual! O crente pode crescer tanto na santificação a ponto de não mais pecar?

O catolicismo romano ensina que os seus chamados “santos” atingiram a tão elevada santidade que deixaram por completo de pecar. Com a sua vida ilibada, obtiveram méritos mais que suficientes para compensar os seus pecados de sua vida passada e as sobras desses mesmos méritos são aplicados em favor dos seus devotos. Em consequência, todos os “santos” do romanismo são coredutores.

A Bíblia, contudo, recusa qualquer embasamento a essa ambição clericalista. Esse perfeccionismo, de resto, é em si próprio resultado da presunção, da má natureza humana, sempre insubmissa a Deus.

Os hierofantes católicos são confiantes em si fora da medida (Lucas 18.9). **“Porque falando coisas mui arrogantes de vaidades, engodam, com as concupiscências da carne, e com dissoluções, aqueles que se estavam afastando dos que andam em erro, prometendo-lhes liberdade, sendo eles mesmo servos da corrupção”** (2ª Pedro 2.8-19).

A justificação e a regeneração são completas e não comportam graus. A santificação, porém, em consequência da remanescente pecaminosidade da carne (Romanos 7.24), nunca será nesta vida perfeita e completa. Em razão disto mesmo, ela é gradual. E lenta!

Paulo Apóstolo reconhecia-se aquém do alvo da perfeição e confessava: **“Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus”** (Filipenses 3.13-14).

Em Efésios 4.14-16, outrossim, o Apóstolo admite a santificação gradual e susceptível de constante crescimento: **“Para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulentamente. Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a Cabeça, Cristo. Do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz aumento do corpo, para a sua edificação em amor”**.

Reconhecendo a Bíblia ser a santificação sujeita a imperfeições, admoesta com muita frequência os crentes a serem abundantes na Obra do Senhor (1ª Coríntios 15.58), a superabundarem **“em toda a boa obra”** (2ª Coríntios 9.8), a crescerem **“no pleno conhecimento de Deus”** (Colossenses 1.10), a aumentarem **“no amor uns para com os outros e para com todos”** (1ª Tessalonicenses 3.12), a serem **“fortalecidos com todo o poder... em toda a perseverança, e longanimidade com alegria”** (Colossenses 1.11), a se dedicarem cada vez mais em agradar a Deus (1ª Tessalonicenses 4.1).

Separaríamos, se quiséssemos, centenas e centenas de passagens exortativas das Escrituras comprobatórias da imperfeição da santificação dos crentes peregrinos.

7) Se a promessa da segurança eterna da salvação jamais move o crente a levar vida lassa, esta realidade da imperfeição da santidade do salvo, quer dizer, a possibilidade de vir ele a pecar, submetendo-se às vezes ao domínio da velha natureza de Adão, de sua parte, também não o leva a aceitar o pecado na sua vida.

As Escrituras, ao registrarem para nosso ensino as falhas morais de grandes servos de Deus, também anotaram a sua inconformidade com o pecado cometido e a sua reabilitação. Se Davi incorreu em iniquidade, encontramos-lo, todavia, arrependido. Se Pedro, num momento de covardia, negou o Mestre, vamos vê-lo depois a chorar amargamente.

A consciência do salvo é muito diferente da do irregenerado. Ela tem a luz do Espírito Santo. Por Ele, ela é muito mais sensível. Vê realmente o pecado onde ele existe e em toda a sua hediondez.

A consciência do pecador incrédulo, porém, é embrutecida, procrastinante, encegada por preconceitos, orgulhosa.

O crente, ao se resvalar no pecado, de imediato, sente a circunstância. Logo assume a responsabilidade de seu fracasso. Arrepende-se e, valendo-se do sangue de Cristo, busca o perdão, na certeza inarredável dele.

O ensino constante e claro das Escrituras Sagradas quanto à santificação gradual e incompleta na vida térrea não favorece a indolência espiritual de molde a

incitar o crente a cruzar os braços, deixando de fazer qualquer esforço no sentido de sua santificação. Dá-se, com efeito, o contrário! Exatamente em decorrência dessa santificação imperfeita, o crente porfia, no santo temor de Deus, por aperfeiçoá-la e desenvolvê-la.

Aliás, é esta a vontade de Deus aceita pelo crente: que **“seja santo em toda a maneira de viver”** (1ª Pedro 1.15), que se purifique **“de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus”** (2ª Coríntios 7.1).

Multiplicam as Escrituras os seus apelos à santidade e insistem em apresentar ao crente o Modelo de sua perfeição espiritual na própria santidade de Deus. **“Sede vós, pois, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai que está nos céus”** (Mateus 5.48).

A caminhada para este alvo soberano da santificação ao nível desse Modelo de perfeição infinita, consoante a Bíblia, exige mortificação pessoal completa: **“E todo aquele que luta de tudo se abstém; eles o fazem para alcançar uma coroa corruptível, nós, porém, uma incorruptível. Pois eu assim corro, não como coisa incerta; assim combato, não como batendo no ar. Antes, subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão para que,**

pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado” (1ª Coríntios 9.25-27).

Essa caminhada exige renúncia e sofrimentos: **“Então disse Jesus aos Seus discípulos: Se alguém quiser vir após Mim, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-Me”** (Mateus 16.24). **“Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; e porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, poucos há que a encontrem”** (Mateus 7.13-14). **“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom”** (Mateus 6.24).

Estabelecido o conceito de santificação ao lume das Escrituras Sagradas, e reconhecida a nossa insuficiência e as nossas limitações pessoais dada a **“lei do pecado”**, ainda em nós remanescente, o salvo, em santo temor de Deus, gemendo e chorando muitas vezes, contando sempre com a graça divina, prossegue escalada acima na subida da sua santificação.

Sabe que a misericórdia do Senhor o envolve e que **“como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que O temem. Pois Ele conhece a nossa estrutura; lembra-se de que somos pó”** (Salmo 103.13-14).

Embora o crente tropece, nesse árduo caminhar, a amorosa voz do Pai se faz ouvir em sua consciência: **“Porque Eu, o Senhor teu Deus, te tomo pela mão direita e te digo: Não temas, que Eu te ajudo”** (Isaías 41.13).

.oOo.

O FILHO PRÓDIGO

Assinala-se o capítulo 15 do evangelho segundo Lucas pelas três parábolas sobre a misericórdia de Deus: a da ovelha perdida, a da dracma perdida e a do filho pródigo.

As três exibem a mesma realidade humana do crente infiel e fascinado pelas aparentes louçanias do mundo. Demonstram, outrossim, a eficiência da graça de Deus em fazer voltar o transviado às sendas santas e em

preservá-lo até ao fim. **“As Minhas ovelhas ouvem a Minha voz, e Eu as conheço e elas Me seguem”** (João 10.27).

Ligam as três parábolas vários pontos de contato. Destaca-se, contudo, a psicologia dos personagens centrais: o pastor, a mulher e o pai pelo seu empenho em recuperar o perdido e pela alegria em reavê-lo.

Sob estes três personagens sublinha-se Deus. O pai do filho pródigo é o Pai por antonomásia. Revela ele o coração de Deus.

Consideraremos o quadro humano em forma de história a que está sujeito todo o crente peregrino nesta terra.

Antes de prosseguirmos na análise rápida a que nos propomos, faz-se necessária a leitura do texto em Lucas 15.11-31.

Dos dois filhos, o **“mais moço”**, o inexperiente, exige a sua parte da herança. O **“filho mais novo”**, em sua irreflexão, fascinado pelas glórias do mundo, ajunta tudo e parte para longe. Perdulário, em **“terra longínqua”**, esbanja seus bens numa vida dissoluta entre meretrizes.

Ao propor a parábola, Jesus omite censuras ao rapaz. Apenas nota o fato do pecado.

O moço é o tipo do crente infiel!

O mesmo esquema de deslealdade à graça divina repete-se em toda a alma transviada: a soberba, que exige do pai; o desamor, que abandona a casa paterna; a vida desvairada no mundo.

Enfeitiçado pelos atrativos mundanos, infelizmente, o filho de Deus pode imaginar-se cerceado em sua liberdade quando no serviço do Pai, privado dos prazeres intensos, oprimido por um jugo insuportável.

Rebela-se. Afasta-se de Deus. Aparta-se da comunhão evangélica dos crentes.

Rebelde, tudo despreza. E de tudo zomba.

Sôfrego de prazer, atira-se ao mundo. Encantado com os seus atrativos, lamenta o tempo perdido com as práticas espirituais.

Agora sente-se livre...

Com poucas palavras, Jesus descreve a vida do rapaz leviano em total licenciosidade desviado. Ele quer ensinar-nos a soberana misericórdia de Deus. Apesar de distante, apesar de o doidivanas enterrado no pecado, Deus nosso Senhor não o abandona. A Sua graça o acompanha. Até permite-lhe a graça divina a sofreguidão de aproveitar os atrativos terrenos.

Deus é o pai que saía ao caminho a ver se o filho regressava (v. 20).

Ah, o mundo oferece prazeres... E oferece mais ainda miséria e opressão.

Os bens que o rapaz levava chegaram ao fim. Desprovido deles, perdeu os amigos de orgia. Coincidiu com a sua falência financeira uma grave crise econômica na região.

Oprimido pelas necessidades, foi apascentar porcos, os animais imundos detestados pelos judeus. Sua fome é tamanha ao extremo de ansiar pela ração dos próprios porcos.

Ao máximo da rebeldia corresponde a dureza das consequências em dolorosas provações.

Antes, o **“filho mais novo”**, junto ao pai, sentia-se oprimido, sem liberdade. Seus bens continuavam sob a administração paterna e, por isso, deles considerava-se sonegado quando os queria esbanjar. Agora, sua opressão é muito pior, a sua humilhação abate-o e a fome subjuga-o na degradante tarefa de cuidar de porcos.

Nesse ignóbil trabalho, ao cair em si, constatara a tristeza de sua vida. O crente, ao pecar, também perde a alegria da salvação. É o começo da punição divina! O pecado de Davi também o achara e do seu profundo abatimento exorara a Deus: **“Restitui-me a alegria da Tua salvação”** (Salmo 51.12).

A graça preservadora de Deus pode se manifestar em favor do crente desviado em pecado com as mais duras e humilhantes provações. Na Sua misericórdia, Deus, que conhece o íntimo de cada um, sabe perfeitamente discernir os recursos para reconduzir o transviado ao redil, e muitas vezes usa o azorrague do sofrimento.

“Porque o Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho... porque, que filho há a quem o pai não corrija?” (Hebreus 12.6-7).

Nas Sagradas Escrituras encontramos todas as explicações para qualquer circunstância da nossa vida. Elas são, além da Única Regra de Fé, também Única Regra de Prática, de vida, de conduta. Sem subterfúgios, elas registram este ensino do Senhor Deus: **“Eu repreendo e castigo a todos quantos amo”** (Apocalipse 3.19). **“Filho Meu, não rejeites a correção do Senhor, nem te enojas da Sua repreensão; porque o Senhor repreende aquele a quem ama, assim como o pai ao filho a quem quer bem”** (Provérbios 3.11-12).

É o caso de Zacarias, pai de João, o Batista. Embora fosse ele justo (Lucas 1.6), pecou quando duvidou do Senhor. Este, sem lhe retirar a bênção, disciplinou-o com rigor (Lucas 1.20, 22, 64).

A vara de Deus é a prova do Seu amor quando o crente escapa das Suas santas veredas. É a manifestação da Sua graça sobre o crente rebelde

porque **“somos corrigidos para não sermos condenados com o mundo”** (1ª Coríntios 11.32).

Justamente porque o crente não perde a salvação, que é eterna, na circunstância de se tornar rebelde, o Senhor nosso Deus consente ser ele **“entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor”** (1ª Coríntios 5.5).

Em contrapartida, quando um cristão nominal toma os caminhos do mundo e volta à sua autenticidade porque, enquanto se passou por cristão, o fez como hipócrita, o Senhor não o corrige. A vida de materialista corre-lhe bem e a sua consciência empedernida impede-lhe até ter saudades de ter abandonado o convívio evangélico. É a advertência da Palavra de Deus: **“Mas, se estais sem disciplina, da qual todos [os filhos] são feitos participantes, sois então bastardos, e não filhos”** (Hebreus 12.8).

O grande teste do genuíno crente é este: o chicote da provação quando ele se rebela.

Se, ao se insurgir contra o Senhor, tudo lhe vai bem e ele permanece tranquilo nos seus extravios, é a prova de ser bastardo e espúrio. Jamais se converteu, apesar de, por algum tempo, haver sido iluminado pelo Espírito Santo. Ao cair-lhe a máscara da hipocrisia, as forças do mundo acorreram ao seu encontro para lhe incentivar o gozo efêmero da concupiscência.

A parábola do filho pródigo ressalta os padecimentos do rebelde no propósito de enaltecer a graça preservadora de Deus, que se manifesta em disciplina a fim de recuperar ao transviado.

Com efeito, o moço, fustigado pela provação, caiu em si. Sua fome o fez lembrar-se da abundância da casa paterna.

É a experiência de todos os crentes desviados! A disciplina os faz recordar o Pai. Move-os ao arrependimento: **“Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus jornaleiros”** (vv. 18-19).

É-lhe poderosamente eficaz a graça. Levanta-se e vai para o Pai.

O pecador regenerado, inconformado com a sua situação de penúria espiritual, busca reabilitar-se perante o Pai.

Lucas, com pena de mestre, exhibe a ansiedade amorosa do Pai pelo retorno do filho e a sua paternal acolhida: viu-o quando ainda estava distante porque, ao pensar continuamente nele, saía a esperá-lo; moveu-se de íntima compaixão por vê-lo maltrapilho e marcado pelas consequências do pecado; correu em sua sôfrega recepção a abraçá-lo e a beijá-lo. Na sua compaixão, nem lhe ouve a confissão dos pecados, interrompida pela ordem

paterna aos criados encarregando-os dos aprestos para a recepção festiva (vv. 20-23).

“Porque este meu filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido, e foi achado” (v. 24).

O pai da parábola tipifica Deus misericordioso em busca do filho desviado e feliz quando o tem de regresso.

A justiça divina difere da justiça dos homens como o céu da terra. A justiça divina conhece a intimidade do coração arrependido e não exige ao pródigo a humilhação de pormenorizar sua má conduta. A justiça divina se satisfaz com o sincero arrependimento e não inflige penas que reparem a ofensa porque o perdão de Deus é pleno, absoluto, total quanto à malícia e quanto ao castigo merecido pelo pecador. A justiça divina se rejubila com a volta do filho e o reveste de todas as regalias de filho.

A alegria do Pai é a alegria dos anjos e do céu (Lucas 15.7, 10).

Só Jesus, o nosso Salvador, poderia elaborar semelhante parábola para nos ensinar a causa verdadeira da perseverança do crente.

A nossa preservação divina no estado de salvação é a nossa perseverança!

.oOo.

CERTEZA DE SALVAÇÃO

É o corolário, é a consequência direta da eternidade e da segurança da salvação, assunto este já desenvolvido na primeira parte deste livro.

1) À guisa de introdução, verificaremos o conceito de certeza em atendimento do nosso desejo de compreensão do assunto.

CERTEZA é conhecimento exato.

Se alguém me pergunta quantos são dois mais dois, dou a pronta resposta: quatro, pois meu conhecimento dessa singela operação aritmética é exato.

CERTEZA é a convicção baseada, de fato, na objetividade que temos de assuntos de nosso exato conhecimento.

Se alguém me pergunta a localização de uma determinada rua, tendo eu o conhecimento exato do assunto, respondo com convicção externa e íntima.

Faltando a base objetiva, embora revele convicção, corro o risco de cometer um engano. O elemento objetividade é, portanto, fundamental na certeza.

CERTEZA, por conseguinte, quer dizer estabilidade e firmeza. Quer dizer segurança.

Em nosso caso, a minha SEGURANÇA SUBJETIVA (= certeza) de salvação se enraíza na SEGURANÇA OBJETIVA que está no próprio Deus.

Podem-se distinguir seis espécies de certeza:

A CERTEZA EMPÍRICA, baseada na experiência individual ou universal. Tenho certeza, e todos a temos, de que o sono descansa.

A CERTEZA FÍSICA, baseada no testemunho dos sentidos. Tenho certeza que o fogo queima.

A CERTEZA MATEMÁTICA, baseada nas relações dos números e quantidades. Assim, dois mais dois são quatro.

A CERTEZA METAFÍSICA, baseada na experiência e na razão. O meu raciocínio me diz que trinta laranjas distribuídas equitativamente entre dez pessoas dão três laranjas para cada uma. Procedendo ao ato de distribuição, tenho a certeza mista.

A CERTEZA MORAL, baseada nos ditames do coração e no testemunho da consciência. É uma certeza apenas subjetiva, como no caso da mãe que, embora desprovida de dados concretos, espera o filho distante no dia do seu aniversário, ou no caso de alguém, apesar da falta de documentos comprobatórios, estar conscientemente convencido de que pagou uma conta quando, na verdade, ainda deve.

A CERTEZA da salvação eterna por parte do crente em Jesus Cristo é empírica ou experimental. É mista. É moral. E é, sobretudo, metafísica.

Não é apenas empírica porque não se baseia somente na sua experiência.

Não é apenas mista porque não se baseia somente na experiência e na razão.

Não é apenas moral porque não se baseia apenas nos ditames do coração e no testemunho da consciência.

Não é apenas metafísica porque não se baseia apenas na essência das coisas.

É uma CERTEZA TOTAL, em todos os aspectos.

Ela se enraíza na essência do próprio Deus, Verdade Infinita, que não pode se enganar e nem enganar.

Cumprindo os requisitos subjetivos pessoais do arrependimento e da fé em Jesus Cristo como único e todo-suficiente Salvador, eu experimento em minha vida a regeneração vital de que participam minha consciência e meu coração.

É falsa a suposição católica de que só se pode ter uma certeza moral da salvação. Neste assunto, à luz das Escrituras, conforme já examinamos, a certeza moral não é certeza alguma. É uma mera presunção ou expectativa. É a certeza do “mais ou menos”, do “quem sabe”, do “salvo hoje e talvez perdido amanhã”.

Tenho certeza absoluta da minha salvação porque o meu Salvador é um Salvador certo, objetivo, verdadeiro, infalível, seguro, eterno.

A minha inteligência, a faculdade mais nobre que Deus outorga ao ser humano, compreendeu porque aprendeu nas Escrituras Sagradas o Plano Salvífico. Minha vontade, iluminada e dirigida pelo Espírito Santo, levou-me a aceitar para mim esse plano e a confiar de todo o coração em Jesus Cristo como meu único porque todo-suficiente Salvador.

E, em decorrência de Sua promessa, sou salvo por Ele. Salvo com CERTEZA TOTAL, ABSOLUTA, INABALÁVEL porque estruturada na objetividade, na mais inconcussa de todas as objetividades.

Se eu tenho a vida eterna, estou certo de que jamais perecerei. Não se trata de uma persuasão provável ou de uma mera conjuntura.

Se eu tenho a vida eterna, Aquele que começou esta obra a aperfeiçoará até a sua consumação em Jesus Cristo. Esta minha certeza, portanto, não procede de qualquer força humana. Tenho-a enraizada e alicerçada na objetiva Promessa Divina de me guardar.

2) A vida eterna é um dom que não pode ser perdido.

As afirmações claras, límpidas e solenes de nosso Senhor Jesus Cristo, repletas de otimismo salvífico, fundamentam com solidez inabalável a certeza de salvação.

A dúvida quanto à salvação do crente evangélico exige a necessidade de se rasgarem páginas seguidas das Escrituras e suprimir delas todo o quarto evangelho.

As religiões do mundo negam a consequência lógica e irresistível dessa gloriosa certeza porque fazem a salvação depender das obras.

São coerentes! Com efeito, se minha salvação dependesse de minhas obras, jamais poderia ter certeza dela, porquanto nada tão frágil e inconsistente, tão irreal, como os méritos dessas obras.

Os “cristãos” dos méritos por obras, na sua incredulidade, quando alguém lhes diz desta segurança, meneiam a cabeça num gesto de ceticismo,

perguntam e respondem: “Quem pode ter certeza disso? Só quando a gente morre é que vai saber...”

É a exteriorização de sua religião de dúvidas e de insegurança.

O crente evangélico, contudo, está firme – inabalavelmente firme – em Jesus Cristo, a Rocha Eterna de sua salvação, cujo sangue, espargido na cruz, acumulou méritos infinitamente suficientes para remi-lo.

A nossa certeza é, portanto, certeza mesmo!

3) A teologia católica em todas as suas seitas apregoa a impossibilidade de se saber com certeza se se está salvo, a não ser por revelação especial.

Os modernos teólogos da angústia na tradicional esteira católica propalam que “o Novo Testamento não dá uma resposta clara e direta à questão da certeza da salvação, a não ser que se dê a sentenças isoladas e tiradas do contexto um valor que elas não têm”.

O Concílio de Trento, reatualizado pelo Concílio Vaticano II, em sua sessão de 13 de janeiro de 1547, definiu: “Se alguém disser, com absoluta e infalível certeza que recebeu o grande dom da perseverança final, a não ser que soubera por revelação especial, seja anátema” (Cn. 16, Dz. 826).

4) Arrisco-me ao anátema dos homens! Tenho essa certeza absoluta, inamovível.

Tenho-a por revelação especial de Deus!

Não, não foi um anjo que veio-me trazê-la. Não foi um líder religioso. Nem um moderno profeta. Nem um papa se pronunciou ex-catedra sobre o meu assunto particular.

Recebi uma revelação especial. Especialíssima!

Recebi-a do próprio Jesus Cristo.

Aliás, proclamou-a Ele muitas vezes:

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3.16);

“Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a Minha Palavra e crê nAquele que Me enviou tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida” (João 5.24);

“Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em Mim tem a vida eterna” (João 6.47);

“E dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da Minha mão. Meu Pai, que Mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatar-las da mão de Meu Pai. Eu e o Pai somos Um” (João 10.28-30);

“Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá” (João 11.25).

Querem revelação mais especial?

Porventura essas palavras de Jesus Cristo não se constituem em resposta clara, evidente, direta à questão da certeza da salvação?

A essas palavras de Jesus falta o valor dessa certeza?

Seria de se perguntar aos teólogos da angústia que expressões e sentença Jesus Cristo deveria usar para ser mais claro e afirmativo.

Sob o pálio da Verdade do Evangelho, tenho certeza irrefragável da minha perseverança final na salvação porque a salvação que Jesus me deu é ETERNA.

Aliás, a única salvação que Jesus dá é eterna. Se não for eterna, não é salvação. Não é dom divino. Porque **“o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor”** (Romanos 6.23).

Esta é a segurança indefectível demonstrada por Paulo Apóstolo quando já se lavrara a sentença de sua pena de morte: **“Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a Sua vinda”** (2ª Timóteo 4.8).

De igual forma, já no final de sua árdua jornada terrena, manifestava-se o apóstolo João: **“Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque, assim como é, O veremos”** (1ª João 3.2).

Impossível recusar-se a luminosa realidade! Todo o crente genuíno, ainda nesta vida terrenal, tem o conhecimento íntimo e a certeza inconcussa de sua salvação, apesar de, por vezes, estar sujeito a arrefecer e, até mesmo, a perder a alegria da salvação se negligencia no servir a Deus.

5) Anos passados, dirigia sob a égide de uma igreja batista, uma Campanha de Evangelização numa cidade do interior brasileiro. Na noite de sábado, ao expor a minha experiência de conversão, frisei com muita insistência a maravilhosa bênção dessa certeza que Jesus Cristo dá ao crente nEle.

Ao apelo, decidiu-se, dentre outras pessoas, um cidadão de muito boa aparência. Em seu rosto se estampava a convicção da atitude assumida ao manifestar em público a sua fé em Cristo. E suas palavras em surdina aos meus ouvidos confirmaram essa minha verificação.

No dia seguinte, correu a notícia. Ao chegar em casa, no auge da alegria irreprimitível, contou à esposa o fato de sua conversão. Esta, seguidora

fervorosa de sua religião, rebelou-se contra o marido. Agastada, furiosa, arremessou-se de encontro a ele e, entre impropérios e interjeições religiosas, arreventou o cabo de uma vassoura na cabeça do seu cônjuge, surpreso com a reação insana da mulher.

Pedi ao pastor da igreja que me levasse à casa da vítima da impetuosa madame.

O senhor, muito constrangido, nos recebeu na sala de visitas. Nenhuma alusão lhe fizemos acerca dos brancos curativos fixados por tiras de esparadrapo na cabeça. Nossa visita, contudo, de pronto, fez-lhe sentir nossa solidariedade fraterna e nossa disposição de servi-lo em tudo e em qualquer emergência.

Conversamos sobre o Reino de Deus e lemos várias passagens das Escrituras.

Lá pelas tantas, alteou a voz e pediu café à senhora recolhida na cozinha.

Vimo-la pela primeira vez quando trouxe a bandeja com o café.

Evitava olhar-nos. Vendo-a amuada, antecipei-me a cumprimentá-la.

Entre dentes, resmungou um “boa tarde”. Largou a bandeja na mesinha de centro e, num repelão, retirou-se.

Minutos após, o esposo tornou a chamá-la solicitando-lhe a repetição do café.

Tentei desanuviar-lhe a raiva elogiando o crochê da toalha da mesa, de fato, muito lindo. Rosnou um: “obrigado”. Ao meu convite para ir à noite ouvir a Palavra de Deus, destampou sobre mim a sua fúria.

Não me assustei tanto porque notei logo a ausência de qualquer vassoura na sala.

“Detesto os tais crentes. Crente de... [e despejou um palavrão]. Onde já se viu alguém dizer que tem certeza da salvação? Isso é petulância. É querer mandar em Deus. Qual o pecador que pode ter certeza da salvação de sua alma? Os crentes são, isto sim, uns atrevidos...”

E por aí se foi na sua violência.

Quando já cansada de gritar e o coração já esvaziado de cólera, antes que o diabo o enchesse outra vez de ódio e ela recomeçasse o seu destempero, perguntei-lhe:

“A senhora tem a Bíblia?”

Ela explodiu: “Tenho, sim senhor. Mas não ando com ela debaixo do braço. Eu, sim, sigo a Bíblia. Sou católica e a minha religião é a única religião da Bíblia”.

Daí a pouco, volta ela com o volume das Escrituras, a pedido meu.

Antes de me entregar, mostrou-me na primeira página a dedicatória de um sacerdote, por sinal, antigo companheiro meu de seminário romanista.

“Aí, é a Bíblia católica. Aí a assinatura do padre Pimenta”.

Abri na folha seguinte e lhe mostrei:

“É católica mesmo. Olhe a carta do papa João XXIII, aprovando-a”.

Minha intenção era mostrar-lhe que a Bíblia aprovada pelo papa trazia um texto muito importante a respeito da eternidade da salvação: Romanos 8.31-39.

Folheava lentamente o Livro. Queria que a minha tranquilidade acalmasse a pobre mulher a fim de ficar mais disposta e receptiva ao ouvir a leitura.

E, enquanto com muita calma, estupefato, surpreso, vejo o que nunca havia notado.

Leio o subtítulo a encimar o texto: CERTEZA DE SALVAÇÃO”.

Pensei comigo: a certeza de salvação é tão evidente nas Escrituras que nem o catolicismo, apesar de negá-la, pode encobri-la.

E, com o indicador direito, aproximando o Livro da mulher, mostrei a importante frase, comentando:

“A senhora recusa admitir alguém com certeza de salvação. Veja, por favor, a própria Bíblia católica a reconhece”.

Pálida de espanto, a mulher tomou a Bíblia e, com mãos trêmulas, voltou às primeiras páginas a constatar se era o mesmo volume da Bíblia, supondo, quem sabe, haver eu, num ato de prestidigitação, substituído o livro.

Conferiu a dedicatória do padre Pimenta. Ajudei-a a conferir a carta-apresentação de João XXIII. Auxiliei-a a voltar para Romanos 8.31-39.

Com completa calma e agradecendo intimamente a Deus aquela esplêndida descoberta em hora tão oportuna, li o magnífico texto.

À noite, a mulher foi ouvir a mensagem. Converteu-se. Pediu perdão ao marido por havê-lo agredido e machucado. E, ao pregador, por havê-lo tratado mal. É hoje uma das pessoas mais dedicadas ao Evangelho que conheço.

Esse texto de Romanos 8.31-39 é o apogeu do Plano da Salvação exposto por Paulo Apóstolo nessa Epístola. O acesso à graça salvadora é possibilitado ao pecador pela justificação através da fé em Jesus Cristo, entregue pelos nossos pecados e ressuscitado para nossa justificação (Romanos 3.21-25).

Os oito primeiros capítulos de Romanos despertam a iniludível consciência de salvação (5.1-11). **“E nos gloriamos na esperança da glória de Deus... Ora, a esperança não traz confusão, porquanto o amor de**

Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (5.2-3).

No capítulo 6, o Apóstolo fundamenta a segurança de salvação, fortalecendo-a, pelo acúmulo de expressões e verbos compostos com *OUN* com que demonstra as suas razões.

O seu raciocínio inspirado culmina com o mais belo hino das Escrituras sobre o Plano da Salvação ao proclamar a gloriosa certeza que dela os salvos possuem.

O Apóstolo, de resto, pôde justificar com eloquência essa imarcessível certeza: **“Eu sei em Quem tenho crido e ESTOU CERTO de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele dia”** (2ª Timóteo 1.12).

.oOo.

TERCEIRA PARTE

OBJEÇÕES

E SUAS RESPOSTAS

“Aquele que procura
na Bíblia a Palavra de Deus
a encontrará,
e aquele que na Bíblia procura justificação
de seus erros e das suas heresias
a encontrará da parte do diabo”

(Frase atribuída a Lutero)

ADVERTÊNCIA

Ao teimoso abundam objeções para fugir da Verdade. Na sua presunção procrastina e nada consegue vencer o seu orgulho.

Cuidaremos nesta Terceira Parte de esclarecer algumas dificuldades no propósito de ajudar pessoas sinceras prejudicadas com a sua fé embaida por falsos pregadores do Evangelho, cuja missão se caracteriza pela pertinácia em adular a Verdade do próprio Evangelho.

Reconhecemos! Há algumas passagens que parecem apoiar a hipótese da não-perseverança. Contudo, admitamos, não existe nenhuma sequer,

nenhuma mesmo, que, com clareza, afirme a possibilidade de o crente perder a fé ou, com os seus pecados, a salvação.

Muitas, porém, clara, categórica e firmemente, asseguram a eternidade da salvação. A salvação inamissível para todo o sempre e em quaisquer eventualidades.

O bom-senso, portanto, nos move a entender aquelas primeiras passagens à luz das que ensinam clara e plenamente a segurança eterna do genuíno crente.

.oOo.

ESCRITURAS EM XEQUE?

Foram horas seguidas de tardes contínuas de uma excepcional oportunidade. Sugeriram-me, inclusive, a ideia de escrever este livro.

Combinaram e chegaram os dois juntos. Um, sabatista, o Alexandre, e o outro, o Reginaldo, pentecostalista. Conquanto divergentes em tantos pontos, no de contestar a eternidade da salvação se afinaram.

De início, cada um ocultou a sua filiação religiosa.

Após alguns elogios à guisa de prefácio, o sabatista Alexandre revelou a estranheza de ambos pelo fato de haver eu, na noite anterior, em minha mensagem, aludido à segurança absoluta de salvação.

Constatei logo encontrar-me na presença de dois apóstasistas, ou seja, seguidores do apóstasismo.

Apóstasismo é a teoria da salvação insegura, claudicante e instável.

Apóstasia quer dizer defecção, ou afastamento, ou rejeição da doutrina evangélica (2ª Tessalonicenses 2.3). Ora, a segurança eterna do salvo é da essência do Evangelho, consoante os capítulos da primeira e da segunda parte deste livro, enraizados nas Escrituras do Novo Testamento. Negar essa bendita segurança é incorrer em apóstasia. E o repúdio da doutrina evangélica da segurança eterna do crente é apóstasismo, cujos asseclas são os apóstasistas ou apóstasianos.

Alegou o sabadeador sua presença ali agora para demonstrar a possibilidade do crente vir a se condenar porque a Bíblia assim ensina.

Abriu, imitado pelo pentecostalista, o Livro Sagrado em Hebreus 6.4-8 e em 10.26-31.

Sua leitura insipiente o fez tropeçar algumas vezes, omitiu vírgulas e os pontos (porque também se leem estes sinais ortográficos) e engoliu algumas letras, sobretudo, o s. Os “aleluias” resmungados e os gemidos do pentecostalista estimularam-no a vencer a inicial inibição e a altear a voz num rompante de vitória com o apoio das Sagradas Escrituras à sua objeção.

Concluída a leitura, por supor longo o debate, solicitei aos meus contendores que se assentassem. Apanhei o meu exemplar da Bíblia, abrindo-o no texto lido.

O entusiasmo dos dois visitantes já se diluiu consideravelmente ao perceberem a minha calma com a disposição de levar avante o assunto a fim de dissecá-lo.

Durante o arrazoado do sabadeador, limitei-me a ouvir com a máxima atenção. Esta circunstância, de propósito criada por mim, favoreceu-me exigir dos dois apóstasistas silêncio total durante as minhas explicações. Só falariam se eu lhes permitisse ou para responder alguma pergunta minha.

Imperturbável, de novo, li as passagens:

“Porque é impossível que os que já uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se fizeram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa Palavra de Deus, e as virtudes do século futuro, e recaíram, sejam outra vez renovados para arrependimento; pois assim, quanto a eles, de novo crucificam o Filho de Deus, e O expõem ao vitupério. Porque a terra que embebe a chuva, que muitas vezes cai sobre ela, e produz erva proveitosa para aqueles por quem é lavrada, recebe a bênção de Deus. Mas a que produz espinhos e abrolhos, é reprovada, e perto está da maldição; o seu fim é ser queimada” (Hebreus 6.4-8).

“Porque, se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da Verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados, mas uma certa expectação horrível de juízo, e ardor de fogo, que há de devorar aos adversários. Quebrantando alguém a lei de Moisés, morre sem misericórdia, só pela palavra de duas ou três testemunhas. De quanto maior castigo cuidais vós será julgado merecedor aquele que pisar o Filho de Deus, e tiver por profano o sangue de Testamento, com que foi santificado, e fizer agravo ao Espírito da graça? Porque bem conhecemos Aquele que disse: Minha é a vingança, Eu darei a

recompensa, diz o Senhor. E outra vez: O Senhor julgará o Seu povo. Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hebreus 10.26-31).

Concluída a leitura, para maior admiração dos meus visitantes, Alexandre e Reginaldo, concordei: “São passagens de difícil compreensão assim à primeira vista. Lendo-as, tem-se a impressão de terem os senhores contadores motivos para expender a opinião favorável à insegurança do salvo”.

E propus-lhes: “Vamos, por conseguinte, analisá-las sem pressa. Então constataremos serem estes textos de fácil entendimento e se constituírem também eles mesmos em argumento sólido pró segurança eterna do salvo. Repartiremos o nosso estudo em alguns pontos”.

I

1) A primeira regra para se entender a Bíblia ou a norma áurea da chamada hermenêutica e da exegese é a genuína conversão evangélica a Jesus Cristo.

É o que Paulo quis dizer aos coríntios: **“Ora, o homem natural [o irregenerado] não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Mas o que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido”** (1ª Coríntios 2.14-15).

2) O verdadeiro crente aceita as Sagradas Escrituras como Única Regra de Fé, como Única Fonte de Revelação Divina, na qual não existe contradição alguma.

A segunda norma de completo entendimento da Bíblia, portanto, é crer nela como Palavra santa, inerrante e infalível de Deus.

Nela não há contradições! A sua harmonia é absoluta e completa a sua concordância interna.

Partindo desse postulado da inerrância e da absoluta harmonia das Escrituras, ao encontrarmos passagens menos claras sobre qualquer assunto, precisamos, em oração, estudá-las melhor e com mais cuidado. Desta maneira escaparemos de nos assemelharmos aos **“inconstantes e indoutos”** que torcem as Escrituras **“para sua própria perdição”** (2ª Pedro 3.16) e de incorrerem em **“heresias de perdição”** (2ª Pedro 2.1).

Insisto! As Sagradas Escrituras jamais incorrem em incoerências.

Se, em algum texto, eu encontro possível objeção a algum ensino claro exposto em outros textos, devo reconhecer que a dificuldade está em mim. Está na minha limitada inteligência.

Preciso, portanto, examinar com critério, com consciência, sem quaisquer pré-julgamentos, e, sobretudo, com respeito, com reverência à Palavra de Deus, o texto obscuro ou em aparente contradição.

3) A terceira regra importante para a perfeita compreensão de alguma Escritura de mais difícil entendimento é a de se examiná-la no contexto em que se encontra.

Em geral, as heresias se constroem sobre textos separados à força do seu contexto. Arrancados dele.

4) A quarta norma neste estudo é a de confrontar, comparar, a passagem tida como difícil ou contestadora com passagens afins, semelhantes, isto é, com passagens que tratam do mesmo assunto.

É o princípio soberano para entender as Escrituras! A verdade completa resulta do conjunto das Escrituras. Jamais de uma determinada declaração isolada.

Estas duas últimas normas, aliás, são empregadas por estudiosos de qualquer livro, de qualquer compêndio, também profano.

Estas regras ou normas, dentre outras, que os estudos da introdução à Bíblia trazem, irão nos auxiliar em nossa pesquisa.

Alexandre e Reginaldo anuíram.

Prosseguiremos!

II

1) Com a mente aberta às instruções da Palavra de Deus, destituída a nossa consciência de todos os interesses dogmáticos de seitas religiosas, admitindo as Escrituras como Única Regra de Fé, sem a intercessão dos “disse” da senhora Ellen White e de atuais “profetas”, vamos abrir a Bíblia. Ela é o nosso último e único Tribunal de instância!

“Ah!, proponhamo-nos desde o começo deste estudo a acatar os ensinamentos da Bíblia com toda a sinceridade!”, insisti com as duas visitas.

2) No quarto evangelho, ouço o Salvador repetindo com clareza de sol no zéfiro em céu límpido, por 15 vezes, a locução **“vida eterna”** ao se referir ao dom da salvação outorgada aos crentes nEle (3.15, 16; 4.14, 36; 5.24, 39; 6.27, 40, 47, 54; 10.28; 12.25, 50; 17.2, 3).

QUINZE VEZES!!!

E não foram as Suas declarações ambíguas, hesitantes, incertas, equívocas. Muito pelo contrário! Foram categóricas, claríssimas, terminantes, inquestionáveis.

Em Sua palestra com Nicodemos, o príncipe dos judeus, assegurou categórico o Mestre: **“E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado; para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna”** (João 3.14-16).

À Sua interlocutora samaritana asseverou: **“Mas aquele que beber da água que Eu lhe der nunca terá sede, porque a água que Eu lhe der se fará nele uma fonte d’água que salte para a vida eterna”** (João 4.14).

Em Suas exortações aos discípulos, incitando-os à ceifa, afirmou: **“E o que ceifa recebe galardão, e ajunta fruto para a vida eterna”** (João 4.36).

Em Sua disputa com os Seus encarniçados adversários, após a cura do paralítico de Jerusalém, decisivo, insistiu em garantir: **“Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a Minha Palavra, e crê nAquele que Me enviou tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida... Examinais as Escrituras porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que testificam de Mim”** (João 5.24, 39).

Na oportunidade da Festa da Dedicção, outra vez, falando aos judeus, instou: **“E dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da Minha mão”** (João 10.28).

Encontro-O a repetir a gloriosa expressão **“vida eterna”** por quatro vezes no sermão em Cafarnaum dirigido ao povo alimentado com o pão milagrosamente por Ele multiplicado: **“Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará; porque a Esse, o Pai, Deus, O selou... Porquanto a vontade d’Aquele que Me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho, e crê nEle, tenha a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia... Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em Mim tem a vida eterna... Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue tem a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia”** (João 6.27, 40, 47, 54).

Quando os gregos, logo após a Sua entrada triunfal em Jerusalém, quiseram vê-lo, persistiu em reassegurar: **“Quem ama a sua vida perdê-la-á, e quem neste mundo aborrece a sua vida, guardá-la-á para a vida eterna... E sei que o Seu [do Pai] mandamento é a vida eterna”** (João 12.25, 50).

E, enfim, em Sua solene oração sacerdotal, logo em seguida à instituição da Ceia Memorial: **“Pai, é chegada a hora; glorifica a Teu Filho, para que também o Teu Filho Te glorifique a Ti. Assim como Lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos Lhe deste”** (João 17.1-2).

3) Nas Escrituras Novotestamentárias, encontro também insignes servos de Deus repetindo a expressão **“vida eterna”** sob o diapasão do Mestre.

Nos evangelhos se realça a figura impertérrita do precursor, João, o Batista. No desenvolver do seu ministério, apresentara aos seus próprios discípulos Jesus Cristo na qualidade de o **“Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”** (João 1.29). Explicara-lhes, ainda, o motivo de estar Jesus também a batizar e a causa de ser Ele superior ao próprio João, arrematando seus esclarecimentos com esta magnífica conclusão: **“Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece”** (João 3.36).

Pedro é o outro personagem que encontro a usar a gloriosa locução.

Quando muitos discípulos de Cristo, escandalizados com os Seus ensinamentos, Lhe deram as costas, acicatado pela invectiva do Mestre na forma de pergunta aos Doze: **“Quereis vós também retirar-vos?”**, Pedro contesta: **“Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras de vida eterna”** (João 6.67-68).

O próprio João, que registrou as indiscutíveis declarações do Mestre, entendeu com exatidão perfeita o significado delas e, em sua Primeira Epístola, repete por CINCO vezes a locução **“vida eterna”**.

Abram, srs. Alexandre e Reginaldo, a Bíblia em 1ª João.

Eis as assertivas categóricas do **“discípulo a quem Jesus amava”**: **“Porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificamos dela, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai, e que nos foi manifestada”** (2.25)... **“Qualquer que aborrece a seu irmão é homicida. E vós sabeis que nenhum homicida tem permanente nele a vida eterna”** (3.15)... **“E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em Seu Filho... Estas coisas vos escrevi para que saibais que tendes a vida eterna, e para que creiais no Nome do Filho de Deus”** (5.11, 13).

O eminente e insuperável teólogo, o único realmente digno deste título, Paulo Apóstolo, por haver compreendido o verdadeiro significado da vida eterna, **“o dom gratuito de Deus”** (Romanos 6.23), como eterna de verdade, assim se expressa: **“Quem intentará acusação contra os escolhidos de**

Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? Pois é Cristo quem morreu ou, antes, quem ressuscitou dentre os mortos e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada?... Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor” (Romanos 8.33-39).

4) Muito bem!

Releiam-se as duas Escrituras de Hebreus em exame e, na aparência, obstaculantes.

Coloquem-nas ao enfoque das solenes e insofismáveis declarações de Jesus Cristo e de Seus destacados discípulos e do Seu precursor.

À primeira vista, tem-se a impressão de se contradizerem as Escrituras. Supõe-se estar a razão do lado dos apóstasistas. À primeira vista, presume-se que os textos de Hebreus opõem-se aos ensinamentos claros acerca da eternidade da salvação.

Pergunto:

Há de se concluir, efetivamente, em favor da possibilidade do crente verdadeiro vir a se perder?

Ou há de se admitir contradição nas Escrituras acerca de um assunto assaz importante?

À luz do ensino incontestável de Jesus, o pecador verdadeiramente regenerado não pode perder a salvação, em decorrência de uma transformação de fato metafísica em sua personalidade, uma mudança fundamental em seu coração à semelhança do nascimento físico no começo da vida.

Com efeito, a regeneração é uma nova criação (João 3.3-7; 2ª Coríntios 5.17; Efésios 2.10).

O resultado inarredável da regeneração é a da impossibilidade de condenação da nova criatura, consoante, aliás, a assertiva do apóstolo: **“Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”** (Romanos 8.1).

Apesar da aparente objeção de Hebreus 6.4-8 e 10.26-31, qualquer pessoa de mediano juízo e de razoável equilíbrio psíquico acatará a preponderância da Palavra de Jesus.

Apesar da aparente objeção de Hebreus 6.4-8 e 10.26-31...

Sublinho aqui, realço e destaco o adjetivo APARENTE, porque estes textos de Hebreus, como veremos, não contradizem a afirmação de Jesus Cristo, antes, confirmam-na!

Apesar da aparente objeção de Hebreus 6.4-8 e 10.26-31.

O que me dizem as minhas ilustres visitas Alexandre e Reginaldo? As Escrituras se contradizem em revolução interna? São elas um saco de contradições?

Os dois apologistas nunca supuseram semelhante enrascadela. Pasmos com a evidência da conclusão em favor da inamissibilidade da salvação, entreolharam-se... E permaneciam mudos.

“Por acreditar”, prossegui eu, “no seu anelo de justo e sensato esclarecimento, srs. Alexandre e Reginaldo, vamos juntos examinar os versículos de Hebreus”.

Rebati as escusas deles quanto ao tempo que iriam me tomar. Desejava, isto sim, esclarecer-lhes as mentes a fim de facilitar-lhes uma real e genuína conversão a Jesus Cristo.

Em vista de minha firmeza em continuar a discussão e porque não queriam passar por trãnsfugas, anuíram em prosseguirmos no estudo.

Concordaram, outrossim, em se deixar assentado, formado, solidamente fixado em nossas consciências que partiremos a nossa pesquisa do princípio, do postulado da completa harmonia e da absoluta concordância internas das Escrituras Sagradas.

Esforçar-nos-emos – e isto ficou assente – por compreender Hebreus 6.4-8 e 10.26-31 à luz das solenes, indiscutíveis, claras, cristalinas e translúcidas declarações de nosso Senhor Jesus Cristo, de João, o Batista, do Apóstolo Pedro, do apóstolo João e do teólogo Paulo.

.oOo.

MEMBROS DE IGREJA EM TRÊS CATEGORIAS

I

Na busca de entendimento, a primeira medida a se adotar a fim de se entender o contexto dos textos de Hebreus 6.4-8 e 10.26-31 é a de nos

informarmos sobre os destinatários do Livro aos Hebreus e as circunstâncias em que eles viviam na época de haver ele sido escrito e divulgado.

1) A Epístola foi dirigida aos cristãos originários do judaísmo residentes na Palestina em geral e em Jerusalém em particular.

Com efeito, a forma de argumentar a Carta é a marcada pelo método rabínico em voga entre os israelitas (4.3-10; 7.4-10). A sua terminologia alusiva ao Templo, ao culto mosaico e aos seus ritos (8.1-10, 18) demonstra serem os seus destinatários cristãos-judeus, incluindo-se os muitos sacerdotes (Atos 6.7).

De certo, de há muito eram cristãos como se pode inferir de 5.12.

2) Como em todos os tempos (também hoje em nossas igrejas), havia entre aqueles cristãos-judeus três categorias de pessoas: os crentes resolutos e piedosos, os crentes acomodados e os cristãos nominais ou os “quase induzidos”, os “temporãos”.

3) Quando lemos Atos dos Apóstolos, o registro histórico dos primórdios do Cristianismo, não se há de cuidar que todos os episódios anotados por Lucas hajam se desenrolado de uma semana para outra ou na sucessão de meia dúzia de meses.

Eles foram acontecendo no decorrer de anos. Se Jesus ascendeu aos céus por volta do ano 33 de nossa era e se Paulo escreveu a sua derradeira epístola (2ª Timóteo) pelo ano 67, conclui-se que os fatos de Atos dos Apóstolos abarcam uns 35 anos, os primeiros 35 anos do Cristianismo.

O martírio de Estêvão e a conversão de Paulo devem ter sucedido aí por 37, a morte de Tiago por 45, o Concílio de Jerusalém em 50, a prisão de Paulo em Cesareia aí por 60, o seu cativeiro romano por 64.

4) Releva observar-se o importantíssimo fato da temporária convivência do Cristianismo incipiente e o mosaísmo caduco. Os cristãos-judeus permaneciam naquele contexto judaico vinculado aos costumes e tradições de sua pátria (Atos 21.18-26).

Frequentavam o Templo, assistiam às solenidades religiosas, praticavam a Páscoa, a circuncisão, como nós, crentes brasileiros, submetemo-nos às características nacionais do Brasil e até, apesar de rejeitarmos as doutrinas e as práticas da religião da maioria, deixarmos de ir ao trabalho nos “dias santos”, quando a Lei os adota como feriados, os

quais por nós são aproveitados para os nossos programas especiais, sobretudo de evangelização.

5) Terríveis acontecimentos ocorriam como preparativos próximos à iminente destruição completa de Jerusalém profetizada por Jesus Cristo. Fato este, conquanto doloroso, necessário para o definitivo afastamento do Cristianismo do judaísmo caduco e vencido.

Na conjuntura dessas ocorrências de cerco cada vez mais apertado e sufocante dos romanos dominadores contra a Palestina, recrudesceu a perseguição levantada pelos próprios judeus contra a Igreja.

Se, por algum tempo, os cristãos gozavam de simpatia popular, agora sobre eles pesavam as mais severas recriminações e as mais graves suspeitas.

A pressão romana contra a Judeia exacerbava o nacionalismo israelita e os próprios crentes judeus sentiam o seu natural patriotismo incitado por essa circunstância e, como os seus patrícios incrédulos, ansiavam pela libertação da Pátria.

Encaixados na emergência de transição quando ainda se ligavam às práticas judaicas, os cristãos eram tentados pela pompa e pelas solenidades externas do culto mosaico ainda vigente (2.1; 3.12; 4.11; 7.4-8, 13; 10.19-39; 12.4-7).

Os cristãos viviam as agruras de todos os israelitas oprimidos pela tirania romana e anelantes de livramento nacional. Sofriam, outrossim, as incriminações violentas dos seus próprios patrícios inconversos, que os inculcavam como responsáveis pelos castigos divinos por serem trãnsfugas da fé mosaica.

Segundo o antigo historiador Flávio Josefo (Antq. 20, 9, I), no ano 62, a prevenção contra os crentes se transbordou em atroz perseguição, levando ao martírio Tiago, irmão do Senhor e pastor em Jerusalém.

Pelo outono de 66, o nacionalismo hebreu, ferido pela longa série de truculências, desencadeou grave insurreição contra a tirania imperialista de Roma, sufocada com violência acrescida, por Cestio Galo. Vencidos os judeus, se encheram mais de ódio contra os seus patrícios cristãos, responsabilizando-os pelo fracasso da intentona.

A opressão dos romanos imperialistas e a dos judeus mosaicos criou para os crentes uma situação em extremo intolerável, que os obrigou a fugir da capital judaica para Pela.

Foi nesse pavoroso contexto de opressão dos romanos e dos judeus e de atração natural e humana pelo esplendor do culto judaico, com o conseqüente perigo de abandono da fé e o regresso ao judaísmo por parte

dos “quase induzidos” e de resfriamento no serviço do Senhor por parte dos verdadeiros cristãos, que a Epístola aos Hebreus, escrita entre os anos de 64 e 66, passou a, como anônima e clandestina, circular entre os cristãos-judeus, seus destinatários, redigida com o propósito de exortá-los à paciência (10.36) e a animá-los a dar cabal testemunho de Cristo (13.13), bem como a advertir com rigorosa severidade os cristãos nominais (6.4-8; 10.26-31), cuja deserção, se realmente ocorresse, causaria escândalo contra o Evangelho.

A Carta, portanto, visa a dar coragem perseverante aos crentes judeus residentes em Jerusalém e em Pela nessa situação assaz crítica.

Por causa do perigo proveniente das saudades do pomposo culto judaico do Templo, o escritor da Epístola exalta a superioridade do Cristianismo sobre o judaísmo (1.1-10.18), sobretudo nestes pontos principais: Jesus Cristo, o Mediador da Nova Aliança, é superior aos anjos e a Moisés, mediadores do Antigo Testamento; o sacerdócio e o sacrifício de Cristo, são superiores ao sacerdócio e sacrifícios levíticos (4.14-10.18). E conclui o enaltecimento do Cristianismo, exortando os seus destinatários à perseverança (10.19-12-29), sem se deixarem desanimar diante das vicissitudes e deslumbrar pelo brilho do culto mosaico.

Memoremos! Dentre os destinatários da Carta, havia, sem dúvida, os fiéis marcados pelo sofrimento (10.32-34), mas também havia os acomodados, cuja fé estava abalada e o seu zelo esfriado e, portanto, muito necessitados de sérias advertências e severas exortações. E, é evidente, havia os nominais que, diante das perseguições, encontravam-se vacilantes e na iminência de abandonar o Cristianismo, para quem foi dirigida aquela palavra de Hebreus 6.4-8 e 10.26-31.

Compreendidas estas circunstâncias quanto ao tempo, à situação e aos destinatários da Epístola, aclara-se o texto discutido.

II

Contrariando os meus prognósticos, na tarde posterior, retornaram os srs. Alexandre e Reginaldo.

Confessaram-me seus sobressaltos decorrentes de nossa palestra anterior. Jamais poderiam supor a presença nas Escrituras de afirmações tão expressivas acerca da eternidade da salvação.

Compadeci-me dos dois por vê-los atrelados a uma orientação espiritual muito deficiente e, por isso, decidi ser bem metuculoso em nossa pesquisa.

E entramos, conforme prometera, no estudo do contexto dos versos de Hebreus 6.4-8 e 10.26-31.

1) O contexto de Hebreus 6.4-8 vai do versículo 11 do capítulo 5 ao último verso do capítulo 6.

Paulo Apóstolo discorre sobre a superioridade de Cristo no tocante a Moisés e O exalta como Sumo Sacerdote da Nova Aliança, quando interrompe as suas considerações e, numa longa digressão de caráter exortatório, repreende a indolência dos leitores como causadora de sua deficiente condição espiritual.

A interrupção do doutrinamento é evidente, pois as palavras de 5.10 são praticamente repetidas em 6.20, quando conclui a longa advertência e retoma o fio da exposição.

Nesta altura do nosso estudo é de todo conveniente a leitura tranquila e refletida da perícopé digretória Hebreus 5.11-6.20, por favorecer a diluição de ideias errôneas impingidas pelos advogados da salvação frágil e perecível.

Aguardei o tempo necessário para que cada um dos meus visitantes a lesse com muita serenidade.

2) Da leitura dessa passagem digretória nota-se a dificuldade do escritor em desenvolver o tema do sacerdócio de Cristo, haja vista a negligência dos destinatários, dos quais se ausentara o antigo interesse de aprender.

Se houvessem eles conservado aquele desejo, a essa altura já seriam mestres e jamais se deixariam fascinar pela suntuosidade do culto mosaico. Com efeito, um crente amadurecido e sustentado por sólido alimento espiritual nem é sujeito a certas tentações.

“Porque”, repreende Paulo, **“devendo já ser mestres pelo tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar quais sejam os primeiros rudimentos das palavras de Deus; e vos haveis feito tais que necessitais de leite, e não de sólido alimento. Porque qualquer que ainda se alimenta de leite não está experimentado na palavra da justiça, porque é menino”** (5.12-13).

A igreja em Jerusalém também tinha em seu meio esse tipo de crentes sempre criancinhas necessitadas de leite, como se encontravam eles em Corinto, a quem Paulo Apóstolo, de igual maneira, os adverte por estar ele impossibilitado de falar-lhes: **“Eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a meninos em Cristo. Com leite vos criei, e não com manjar, porque ainda não podíeis, nem tampouco agora podeis, porque ainda sois carnis”** (1ª Corintios 3.1-3).

Muitas igrejas de hoje se encontram em análoga situação de anemia espiritual, por estarem infestadas de lactantes espirituais ou crentes carnis.

Paulo se conduz como excelente didático quando, nesta digressão, retarda o desenvolvimento do tema para destacar a sua importância e preparar a mente dos leitores.

3) No v. 14 do capítulo 5, o escritor alude ao grupo dos crentes desenvolvidos que, de certo, havia entre os hebreus. **“Mas o mantimento sólido é para os perfeitos, os quais, em razão do costume, têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal”**.

É para eles, de modo particular, que o escritor desenvolve ao longo dos capítulos seguintes o tema do sacerdócio de Cristo. Conquanto houvesse entre os destinatários os negligentes, os lactantes espirituais (5.11-13), pelo fato de serem também crentes antigos (5.12), Paulo se propõe alargar também para eles a sua tese central, pois eles devem tratar de assimilar o alimento próprio dos adultos.

Exorta-os, todavia, a que o acompanhem na exposição da importante matéria, apesar de omitir maiores explicações sobre os **“rudimentos da doutrina de Cristo”**. **“Pelo que, deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até à perfeição, não lançando de novo o fundamento do arrependimento de obras mortas e de fé em Deus, e da doutrina dos batismos, e da imposição das mãos, e da ressurreição dos mortos, e do juízo eterno. E isto faremos, se Deus o permitir”** (Hebreus 6.1-3).

4) E nos versículos 4 a 8 refere-se aos crentes nominais. São estes cinco versículos, extraídos ou deslocados do contexto, os utilizados pelos apóstasistas.

Paulo Apóstolo, nestes cinco versículos, não menciona os crentes espiritualmente subdesenvolvidos. Deles falou a contento nos versos acima transcritos.

Os nominais nunca passaram pela genuína experiência da conversão. Jamais foram salvos.

Tanto o escritor aludia nestes versículos só aos nominais que, ao voltar a se dirigir aos crentes verdadeiros, inclusive aos anêmicos, ele sublinha no verso 9: **“MAS DE VÓS, Ó AMADOS, ESPERAMOS COISAS MELHORES, E COISAS QUE ACOMPANHAM A SALVAÇÃO”**.

Após mencionar a triste situação do grupo dos nominais, retorna a falar aos verdadeiros crentes e emprega a conjunção **“mas”**, designativa de

oposição, pois com os crentes a situação espiritual é diferente da situação dos “quase induzidos”.

Em hipótese alguma, Paulo sequer insinua que um só dos seus leitores crentes se encontra a pique de se condenar.

Bem ao contrário!

Declara positivamente ser oposta à heresia da insegurança a sua instrução.

Leiam-se os versos 9-11: **“Mas de vós, ó amados, esperamos coisas melhores, e coisas que acompanham a salvação, ainda que assim falamos. Porque Deus não é injusto para se esquecer da vossa obra e do trabalho da caridade que para com o Seu Nome mostrastes, enquanto servistes aos santos, e ainda servis. Mas desejamos que cada um de vós mostre o mesmo cuidado até ao fim, para completa certeza da esperança”**.

Tendo descrito a terrível situação dos cristãos nominais, em contraposição, espera dos verdadeiros crentes o zelo **“até ao fim, para completa certeza da esperança”**.

5) Para o perfeito entendimento das Sagradas Escrituras, como de resto de qualquer obra literária, é de necessidade a observação das pessoas dos verbos e dos pronomes empregados.

Nessa perícopa digretória, o escritor, ao se referir aos crentes legítimos, embora negligentes e lactantes espirituais, emprega verbos e pronomes na primeira e segunda pessoas do plural: **“vos fizestes negligentes”** (5.11), **“necessitais de que se vos torne”**, **“e vos haveis feito tais que necessitais”** (5.12), **“prossigamos”** (6.1), **“faremos”** (6.3).

No texto-objeção usa nos verbos a terceira pessoa do plural. É a pessoa de quem se fala e não com quem se fala.

E só retoma a segunda pessoa a partir do verso 9, depois de concluir sua advertência aos “quase induzidos”, quando outra vez passa a se dirigir diretamente aos crentes.

6) Em 6.1, o escritor convida: **“Prossigamos até à perfeição”**. **“E isto faremos, se Deus o permitir”**, em 6.3.

Ora, não teria cabimento o uso dessas expressões para incrédulos, para os perdidos, embora “quase induzidos”.

7) Com efeito, a advertência termina nos versos 7-8 com uma alegoria: a da terra beneficiada pela chuva.

O apóstata assemelha-se a uma terra próxima do repúdio definitivo por produzir só espinhos e abrolhos, em lugar dos frutos desejados.

A terra representa o coração humano, como na parábola do semeador.

Esta terra **“embebe a chuva”**, isto é, absorve água que, no caso, simboliza todo o influxo espiritual que vem de Deus (6.4-5).

“Embebe” denota um completo aproveitamento da água pela terra. Não é aquela água que cai e corre, deixando a terra seca. Ela cai e fica. É absorvida pela terra.

A **“chuva que cai muitas vezes sobre ela”**. Não se trata, pois, de uma instrução esporádica ou escassa, mas frequente e constante.

Agora, há duplicidade de resultados: uma terra **“recebe a bênção da parte de Deus”** (v. 7), produzindo frutos; a outra **“produz espinhos e abrolhos”** (v. 8).

A primeira terra é **“lavrada”**, cultivada. É o desenvolvimento da salvação. É a salvação progressiva.

A segunda representa os professantes da vida cristã, mas produz obras más. Essa terra **“é rejeitada e perto está da maldição, o seu fim é ser queimada”** (v. 8). Trata-se, evidentemente, dos que jamais foram regenerados.

E, de fato, os vocábulo **“reprovada”**, **“espinhos e abrolhos”**, **“maldição”**, **“ser queimada”** nunca indicam a salvação, mas sim a condenação a que incorrem os cristãos nominais, “temporãos”, os “falsos irmãos”.

8) O escritor sagrado lembra, outrossim, que a perseverança do crente é uma consequência da justiça divina, ou seja, o salvo permanece porque Deus é justo ao lhe conceder proteção especial para não se perder. **“Porque Deus não é injusto”**, argumenta o escritor, **“para se esquecer da vossa obra, e do trabalho da caridade que para com o Seu Nome mostrastes, enquanto servistes aos santos, e ainda servis”** (6.10).

9) Precisamente neste capítulo 6, como coroa do magnífico quadro do texto-objeção utilizado pelos apóstasistas, encontra-se – caso único em todas as Escrituras! – a confirmação SOB JURAMENTO da eternidade da salvação.

Este juramento inserido no próprio contexto da digressão exortatória onde os incrédulos querem achar fundamentação para a sua repulsa da perseverança do salvo, este juramento destrói todas as suas aspirações.

Deus, na Sua onisciência, sabia dessa réplica contra a gloriosa promessa do Redentor e, por isso, confirma-a nesta perícopes e a confirma

com juramento, que é o máximo recurso moral de soberana e suprema garantia de verdade no juramento assertivo ou de cumprimento da palavra empenhada no juramento promissório.

Dada a transcendente importância da matéria, solicitei ao sr. Alexandre que lesse o texto de Hebreus 6.16-20.

“Porque os homens certamente juram por alguém superior a eles, e o juramento para confirmação é, para eles, o fim de toda a contenda. Pelo que, querendo Deus mostrar mais abundantemente a imutabilidade do Seu conselho aos herdeiros da promessa, se interpôs com juramento; para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos a firme consolação, nós, os que pomos o nosso refúgio em reter a esperança proposta; a qual temos como âncora da alma segura e firme, e que penetra até ao interior do véu, onde Jesus, nosso Precursor, entrou por nós, feito eternamente Sumo Sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque”.

Esta declaração jurada é incontrovertível!

Esse juramento simultaneamente assertivo e promissório é baseado por Deus em duas coisas imutáveis: o Seu Ser e a Sua Essência a revelar a Sua promessa e o Seu juramento, porquanto a verdade, a veracidade e a santidade são atributos divinos, sendo impossível que Deus minta.

Deus garante a perseverança do salvo até sob o extremo recurso do juramento.

Na terrível e inconcebível hipótese da condenação do crente, Deus, além de mentiroso (1^a João 5.11), seria um perjuro (Hebreus 6.18).

Em nossas considerações procuramos sintetizar tudo quanto foi conversado e debatido com os meus dois interlocutores.

Para a tarde posterior, prometi prosseguir a investigação do nosso assunto, mesmo porque os dois amigos teriam mais tempo para refletir em tudo o que hoje foi apresentado.

.oOo.

HEBREUS 6.4-8

EM FOCO

Já ao final do nosso segundo encontro, as duas visitas haviam perdido aquele ímpeto inicial de contradição. Dilui-lhes a Palavra de Deus na mente e na consciência o espírito de procrastinação. Reconheceram ser o assunto mui sério e fundamentado em graves afirmações de Jesus Cristo.

O próprio pentecostalista Reginaldo, sempre movido pelos ímpetos da emoção, passou a pensar nos ensinamentos da Bíblia sobre a eternidade da salvação.

A nossa terceira reunião já principiou sob um clima sereno. Os dois, agora vencidos pela evidência da Palavra de Deus quanto à preservação dos crentes, em suas perguntas denotavam grande interesse de aprender.

O estudo anterior demonstrara-lhes ser o texto-objeção uma verdadeira confirmação da gloriosa promessa do Senhor Jesus Cristo em favor da segurança dos salvos.

Passamos, por conseguinte, ao exame do próprio texto depois de termos, na tarde anterior, verificado o contexto.

Fomos sondar o texto de Hebreus 6.4-8 em si mesmo a ver se, apesar de isolado do seu contexto, ele dá margem a se pôr em dúvida a preservação do salvo.

1) Tendo lido outra vez Hebreus 6.4-8, perguntei aos meus companheiros de investigação: “Acaso esta Escritura favorece a restauração de quem recai?”

A resposta, evidentemente, é negativa.

Se fosse o caso de sua reabilitação, Cristo estaria sendo outra vez crucificado e exposto ao vitupério.

Se o verbo **“recair”** (v. 6) quer dizer “pecar”, então ninguém jamais se salvou. E ninguém jamais se salvará, porque quem é que não peca? Qual o crente que não peca todos os dias? A própria Bíblia admite esta eventualidade (Provérbios 24.16) e em suas páginas encontramos pecados dos discípulos de Cristo.

Pedro pecou ao negar a Jesus. A aceitar-se a interpretação apostasista de Hebreus 6.4-8, tornou-se impossível para o discípulo ser outra vez renovado para o arrependimento.

Quando, em nossa dissertação, exemplifiquei o meu argumento com o fato de Pedro, Reginaldo, por ser marcado pela obtusidade pentecostalista, notou: “Mas Pedro ainda não havia sido batizado com o Espírito Santo!”

Observei-lhe a maravilhosa bênção de serem as Escrituras Sagradas totalmente completas. Nelas encontramos o esclarecimento para a dificuldade de todos os Reginaldos. Lá na Carta aos Gálatas está o discípulo teimoso a cometer outro pecado. E depois de muito tempo do Pentecostes.

Depois de haver ele presenciado por muitas vezes a manifestação do poder de Deus, inclusive na ressurreição de Tabita. O seu pecado de dissimulação, de hipocrisia, de carência de convicção, o fez merecer de Paulo áspera repreensão (Gálatas 2.11).

Se se admitir a interpretação apostasista, nem Pedro está no céu. Foi-lhe inútil o sacrifício de Cristo. Ou Cristo teria voltado à terra e se submetido a novo vitupério só para reabilitar Pedro?!

Essa interpretação, assaz exorbitante, expõe o sacrifício de Cristo à ineficácia.

Se ela fosse certa e verdadeira, quem se salvaria? Cristo teria que estar morrendo a cada instante de cada dia e em favor de cada crente. A oferta do Seu sacrifício se multiplicaria muito mais do que todos os sacrifícios de animais imolados no Templo de Jerusalém na Velha Dispensação.

2) Entendendo-se aquele verbo **“recair”** do verso 6 por “pecar”, é o caso de também se perguntar: E que pecado? Todos os pecados? O de adultério? O da embriaguez? O do roubo? O do homicídio? O da mentira? O da irreverência no culto? O da gula? O da ociosidade? O da omissão?

O texto não alude a qualquer espécie de pecado.

Portanto, se **“recair”** significa “pecar”, trata-se de todo e qualquer pecado.

Esta sinonimização torna absolutamente impossível a salvação para qualquer pessoa, de vez que todos os crentes estão sujeitos à contingência de pecar. E voltamos à absurda conclusão da ineficácia do sacrifício de Cristo.

3) O texto, contudo, não trata de crentes. Graças a Deus!

No capítulo anterior já observamos a referência na Epístola aos Hebreus a três espécies diferentes de seus destinatários: os crentes dedicados, os acomodados e os nominais (os **“falsos irmãos”** – 2ª Coríntios 11.26).

Nos três últimos versos do capítulo 5, Paulo menciona os **“negligentes”**, **“sempre necessitados de leite”**, usando os verbos na segunda pessoa do plural: **“vos fizestes negligentes”** (5.11), **“ainda necessitais”**, **“e vos haveis feito tais que necessitais”** (5.12).

Mas, quando o escritor passa a falar sobre os nominais, emprega o verbo na terceira pessoa: **“os que já uma vez foram iluminados, e provaram... e se fizeram”** (6.4), **“e provaram”** (6.5), **“e recaíram... crucificam... expõem”** (6.6).

Nesses versículos dirigidos aos **“falsos irmãos”**, ele não usa os verbos na segunda pessoa. Ele não diz: os que uma vez fostes iluminados, e provastes, e vos fizestes, e recaístes, crucificais, expondes.

Tendo encerrado a brutal advertência para os “quase induzidos”, a partir do verso 9 retorna a se dirigir aos verdadeiros crentes, falando-lhes outra vez na segunda pessoa do plural: **“mas de vós”** (6.9), **“da vossa obra”**, **“mostrastes”**, **“servistes”**, **“servis”** (6.10).

Dirigindo-se aos verdadeiros crentes, o escritor emprega a primeira pessoa do plural do presente do indicativo, incluindo-se entre eles: **“prossigamos”** (6.1).

Nesse quadro das Escrituras, ressaltam-se duas distintas categorias de pessoas: os crentes e os nominais. Entre o v. 1 e os versos 4-8 de Hebreus 6, ocorre profunda diferença de experiências.

4) Os “quase induzidos”, ou os nominais, ou os **“falsos irmãos”** gozaram de excelente oportunidade caracterizada pelas seguintes circunstâncias lembradas no texto, embora a experiência haja sido incompleta, de vez que não quiseram dar o passo definitivo da conversão. Preferiram permanecer nos subúrbios dela:

a) **“FORAM ILUMINADOS”** – Jesus Cristo é a luz do mundo (João 8.12). A luz universal.

João, no prólogo do seu evangelho, diz que o Verbo é a luz que resplandece nas trevas (1.5).

Ele emprega o mesmo verbo de Hebreus 6.4, quando informa: **“A luz verdadeira, que alumia a TODO O HOMEM que vem ao mundo”** (1.9).

Então todos são crentes? Estão todos salvos? Não! Mas todos podem dela se beneficiar se a aceitarem. A todos a luz do mundo é oferecida.

O próprio escritor João reconhece que **“o mundo não O conheceu. Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam”** (1.10-11).

Só se tornam filhos de Deus os que recebem Jesus Cristo (1.12), conquanto haja Ele vindo para alumiar a TODO homem.

b) **“PROVARAM O DOM CELESTIAL”**, ou seja, a graça de Deus.

“Porque a graça se há manifestado, trazendo salvação a TODOS os homens” (Tito 2.11). **“Porque se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais a graça de Deus, e o dom pela graça, que é dum só Homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos... Por um só ato de justiça veio a graça sobre TODOS os homens para justificação de vida”** (Romanos 5.15, 18).

“E TODA A CARNE verá a salvação de Deus” (Lucas 3.6), dizia João, o Batista.

É a vontade UNIVERSAL salvífica de Deus que **“quer que TODOS OS HOMENS sejam salvos e venham ao conhecimento da verdade”** (1^a Timóteo 2.4).

O Espírito Santo, que opera desde o início na conversão do pecador, é chamado em Hebreus 10.29 de **“Espírito da graça”**.

Ao **“Espírito da graça”** compete convencer o MUNDO do pecado (João 16.8).

Há profunda diferença entre convicção e arrependimento do pecado.

Quantos se convencem dos seus pecados, mas deles não se arrependem! Impedem que o Espírito Santo complete a obra da conversão.

A obra de convencer do pecado também é UNIVERSAL. Jesus disse que o Espírito Santo **“convencerá o MUNDO do pecado”** (João 16.8). Toda a pessoa que cometer certas iniquidades se convence de que errou. É a graça de Deus. Ela, nesta circunstância, prova o dom celestial. Lamenta-se, contudo, o triste fato muito comum de a maioria não se arrepender de verdade.

c) **“E SE FIZERAM PARTICIPANTES DO ESPÍRITO SANTO”**. Provar o dom celestial da graça é participar do Espírito Santo, sem, contudo, significar plena conversão. Mesmo na vida física somos participantes do Espírito Santo (Gênesis 1.2; Jó 16.13; Salmo 104.30).

No domínio espiritual, de modo particular, a operação é toda atribuída ao Espírito de Deus. Receber o Seu influxo é, pois, participar dEle. Ele age nas consciências de todos os homens, até dos piores bandidos, sem que, contudo, a maioria permita levar Ele a cabo a Sua atuação culminante com a genuína regeneração.

d) **“E PROVARAM A BOA PALAVRA DE DEUS”**. No conjunto de tantas circunstâncias, muitos pecadores ouvem a Palavra de Deus. Provam-na. Convencem-se dos seus pecados. A atuação do Espírito da graça é sensível. Mas voltam atrás. Muitos permanecem até anos e anos entre os crentes sob a influência da Palavra de Deus e dela desfrutando em cada mensagem ouvida.

e) **“PROVARAM... AS VIRTUDES DO SÉCULO FUTURO”**. Foi a experiência do governador Félix. No seu longo processo judiciário, Paulo se defrontou com várias autoridades, dentre as quais Félix. No seu depoimento, aludiu à sua esperança quanto às **“virtudes do século futuro”**, isto é, à **“ressurreição de mortos, assim dos justos como dos injustos”** (Atos 24.15).

O governador se interessou por ser melhor informado do **“Caminho”** e quis ouvi-lo mais **“acerca da fé em Cristo”** (Atos 24.22-24).

Félix se iluminara da doutrina, provara o dom da graça tanto assim que quis ouvir mais e com todo o interesse, tornando-se, portanto, participante do Espírito Santo da graça ao provar da boa Palavra de Deus.

Dava ele todos os passos para a sua genuína conversão. Ouviu do apóstolo ainda sobre **“as virtudes do século futuro”**, isto é, **“da justiça, e da temperança, e do juízo vindouro”** (Atos 24.25).

Félix é o exemplo típico do “quase induzido” de Hebreus 6.4-5.

Voluntariamente, porém, rejeitou a salvação.

Sua avareza, porque contava com propinas para libertar o Apóstolo, o impediu de se arrepender e confiar em Jesus Cristo.

Nestes dois versículos de Hebreus 6.4-8, em que o escritor sacro descreve o evangélico nominal, não existe qualquer alusão ao arrependimento e à fé salvadora em Cristo. Há apenas referências aos preâmbulos da conversão total.

Íamos prosseguindo em nosso estudo com os comentários de satisfação por parte dos nossos dois amigos: “Assim que se estuda a Bíblia!”

5) No verso 6, o nosso texto diz: “DEPOIS CAÍRAM” ou “RECAÍRAM”.

O sentido deste verbo, segundo o grego original, não é o de “cair de novo” ou “cair outra vez”, mas sim o de “sair para um lado”, “esgueirar-se do caminho”, “desviar-se do caminho reto”, “esquivar-se”.

O nosso sertanejo paulista e mineiro, quando na discussão de um assunto que o pode complicar ou no fuxico de uma notícia que o pode envolver, diz: “saltei de banda”.

Trata-se em nosso estudo de um desvio intelectual, de um “saltar de banda” da Verdade do Evangelho. É a renúncia voluntária do conhecimento da Verdade (Hebreus 10.26). É o **“pisar o Filho de Deus”**, é o **“tomar por profano o sangue do Testamento”**, é o fazer **“agravo ao Espírito da graça”** (Hebreus 10.29).

Aquelas pessoas, depois de receberem tanto, descuidadas de atingirem a verdadeira conversão, abandonaram o Cristianismo e voltaram ao judaísmo.

Não se trata, pois, de alguma fraqueza ou de um pecado em que caíram.

É um ato específico e determinado da vontade pela qual o crente nominal rejeita em definitivo o Plano da Salvação.

O termo grego **“PARAPESONTAS”**, empregado nesta passagem e que quer dizer **“CAIR PARA UM LADO, DESVIAR-SE DO CAMINHO RETO”** (= afastar-se), donde a palavra apostasia, que consiste no abandono, na defecção da fé, tomada no sentido de doutrina do Evangelho.

Nas Escrituras, a palavra fê pode ser tomada em duplo significado: confiança e conjunto de doutrinas.

A fê-confiança o crente nunca a perde. Quem confiou em Jesus Cristo como o seu único Salvador, jamais deixará de confiar nEle.

A apostasia ocorre quando alguém se afasta dos ensinamentos das Escrituras.

O indivíduo que ouve o Evangelho e, em defluência, é iluminado, prova a graça, participa da atuação do Espírito Santo que o convence do pecado e prova a virtude do mundo vindouro, como no caso do governador Félix, e antes de atingir à plenitude da conversão (= arrependimento e fé em Jesus como único Salvador) afasta-se de tudo, escapa da influência da Verdade do Evangelho, apostatou retirando-se para a perdição.

6) Esses nominais que receberam todos os favores divinos mencionados nos versos 4 e 5, recuando para a perdição, incorrem numa gravíssima dificuldade.

Renunciaram voluntariamente o Plano de Salvação e como poderão ser renovados para o arrependimento?

“RENOVADOS PARA O ARREPENDIMENTO” quer dizer retornar ao anterior estado de interesse quando chegaram à beira da conversão.

Releva frisar que eles, conquanto atingidos por tantas bênçãos e se aproximando do Reino, não haviam chegado ao arrependimento. Estiveram naquela situação de “tão perto do Reino mas sem salvação”.

Com a apostasia, o escritor sagrado assegura a impossibilidade de renovarem à situação espiritual anterior que lhes propicie a luz suficiente para o arrependimento, a fim de que mudem sua atitude mental. Jamais se renovarão para que se arrependam.

É impossível este renovamento para que se arrependam porque, ao apostatarem, estão se identificando com os algozes crucificadores de Jesus Cristo, expondo-O ao vitupério. É este o significado da expressão **“estão crucificando de novo o Filho de Deus”** (v. 6), pois é evidente que não se repete jamais o fato da cruz.

Expô-lo ao ludíbrio ou ao vitupério é porque a apostasia O ofende e O deprecia publicamente como quando contra Ele se comportaram os algozes ao escarnecerem dEle (Mateus 27.39-44).

Esse afastamento de Cristo com a renúncia do Seu plano salvífico é o pecado irremissível contra o Espírito Santo (Mateus 12.31-32).

Na parábola das dez virgens encontram-se as cinco insensatas que se viram privadas de nova oportunidade (Mateus 25.1-13).

Na parábola das bodas há um conviva a participar das festas nupciais. As circunstâncias agraciaram-no sobremodo, mas foi excluído sem qualquer oportunidade por lhe faltar vestimenta adequada (Mateus 22.11-13).

Na parábola do semeador há um tipo de coração semelhante aos pedregais. Ouve a Palavra e, **“LOGO COM PRAZER”** a recebe (Marcos 4.16). Estes, porém, **“não têm raiz em si mesmos, antes são temporãos; depois, sobrevindo a tribulação ou a perseguição por causa da Palavra, logo se escandalizam”** (Marcos 4.17). Escandalizados, abandonam os primeiros influxos do Espírito Santo e retornam à vida antiga.

Ao relatar a situação destes corações semelhantes aos pedregais, de certo, Jesus já prognosticava aquele grupo de destinatários da Epístola aos Hebreus.

E a condição deles se torna pior do que a anterior. Pior **“porque àquele que tem se lhe dará e terá em abundância; mas àquele que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado”** (Mateus 13.12).

E o demônio retorna a essa pessoa. **“Acha-a varrida e adornada”** porque aquela influência espiritual promoveu-lhe certa limpeza e lhe reparou alguns estragos deixados por pecados anteriores. **“Então vai e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele e, entrando, habitam ali; e o último estado desse homem é pior do que o primeiro”** (Lucas 11.26).

Essa dolorosa experiência se repete a cada dia. É se ter olhos para ver!

EM CONCLUSÃO: A períclope de Hebreus 6.4-8, mesmo considerada em si mesma, separada do seu contexto e fora do teor de todas as Escrituras Sagradas concernentes à vida eterna, não permite fundamentação alguma para se afirmar as hipóteses da amissibilidade da salvação para o crente na contingência de pecar e da possibilidade de perder ele a fé em Jesus Cristo.

Deus nosso Senhor, todavia, permitiu Hebreus 6.4-8 como uma esplêndida oportunidade de provarmos a nossa fé na segurança em Cristo e para nos exigir um estudo mais acurado da sua gloriosa promessa fundamentada em solene juramento Seu.

.oOo.

HEBREUS 10.26-31

Naquela tarde, os srs. Alexandre e Reginaldo, na ânsia de me encostar na parede porque, na noite anterior, durante a mensagem de evangelização, afirmara eu a absoluta segurança do crente a ponto de jamais se perder, apesar de incorrer em pecados, apresentaram-me dois textos das Escrituras: Hebreus 6.4-8 e Hebreus 10.26-31.

Quiseram, com estas duas passagens, demonstrar o apoio da Bíblia quanto ao perigo de condenação que também incorre o crente.

Nos vários encontros mantidos, cujo registro, em resumo, nas páginas anteriores lavramos, enfocamos o texto de Hebreus 6.4-8.

Os meus dois ex-contendores já ao final da primeira tarde se deram por vencidos. A partícula “ex” tem nessa frase toda a razão de ser.

Nos outros encontros abriram os seus corações à graça de Deus, aceitando sem quaisquer restrições o ensino claro e categórico das Escrituras no tocante à inadmissibilidade da salvação por parte do verdadeiro crente.

Usufruímos de horas muito agradáveis na pesquisa da santa, infalível e inerrante Palavra de Deus para nos esclarecer acerca da inefável promessa garantida sob juramento por Deus.

O nosso enlevo espiritual foi de intenso regozijo no Senhor, em cuja presença augusta nos mantivemos em oração.

Na tarde de ontem, ao instante da nossa despedida, o sr. Reginaldo observou: “Falou-se tanto em Hebreus 6.4-8. Fiquei plenamente satisfeito e convencido, mas e Hebreus 10.26-31? Teria algum estudo para nós a respeito dele?”

Encontramo-nos, pois, na tarde posterior.

Releu-se Hebreus 10.26-31.

Ao seu lume, fizemos as seguintes reflexões:

1) Chegados à conclusão a que chegamos no exame de Hebreus 6.4-8, da afinidade das duas Escrituras, nossa razão nos impele a aceitar o texto epigrafado destituído de qualquer base favorável ao apostasismo.

2) Hebreus 10.26-31 é a conclusão de Hebreus 6.4-8.

Nesta última passagem, o escritor sacro enfileira os grandes favores concedidos ao cristão nominal e apresenta o motivo pelo qual ele jamais poderá ser salvo se, evitando a conversão, descambar para a apostasia, ou seja, se, desprezando tantos benefícios espirituais, der as costas a Jesus Cristo, ao invés de aceitá-lo em definitivo como seu único Salvador. Só no verso 8 há uma sucinta alusão aos castigos decorrentes da rebeldia.

Já Hebreus 10.26-31, conquanto mencione com vivas pinceladas em expressões contundentes a apostasia, se alonga em considerar os pavorosos castigos.

As duas perícopes, portanto, se completam.

3) Verifiquem, em síntese, o contexto desta Escritura, lembrando, outrossim, serem válidas as considerações sobre a contextura de Hebreus 6.4-8 explanadas em capítulo anterior.

a) Paulo [**N. E.:** Ou quem seja o escritor desta carta], ao longo dos capítulos da Epístola, objetivou fortalecer as convicções dos seus destinatários sujeitos a uma conjuntura de indizíveis provações a fim de se manterem fiéis ao Evangelho por ser este muito superior ao judaísmo.

O Evangelho é muito mais excelente por ser Jesus Cristo infinitamente superior a Moisés e aos anjos. O sacerdócio de Cristo é infinitamente superior ao sacerdócio da Antiga Aliança. O sacrifício de Jesus Cristo é infinitamente superior aos sacrifícios do culto mosaico.

Do versículo 1 do capítulo 8 até o versículo 18 do capítulo 10, o Apóstolo desenvolve um profundo tratado de teologia do sacrifício de Cristo, com o qual Ele efetuou o Seu sacerdócio.

b) É nessa tessitura teológica sobre a unicidade do sacrifício do Redentor que, aplicando os princípios para a vida prática, em outra digressão, alude aos castigos que serão cominados contra os que pisam o Filho de Deus, tendo por comum o Seu sangue e agravado o Espírito da graça.

Frequentadores das igrejas da Judeia havia com o perigo de se deixarem mover pela lembrança da suntuosidade do culto mosaico, o qual, no passado, praticaram. Se retornassem a ele, estariam considerando comum o sangue de Cristo (v. 29), visto que o reputariam em nada acima do sangue dos touros e bodes.

As ofertas de animais, contudo, se repetiam por serem incapazes de remover o pecado (Hebreus 10.4), enquanto o sacrifício de Cristo foi oferecido uma única vez e pode salvar perfeitamente. Se alguém o despreza, renega-o, estará em definitivo perdido porque ele não pode se renovar. Cristo não morrerá outra vez (9.25-26; 10.14; Romanos 6.9).

Repelindo-se esse sacrifício de valor infinito, não há outro que o possa substituir (v. 26). Recusando-se o sangue pelo qual Jesus nos obteve a **“redenção eterna”** (9.12), já não existe nenhuma outra perspectiva senão a do terrível juízo divino (v. 27).

c) Em versículo algum de Hebreus 10.26-31 o escritor dá qualquer margem a se ler pelo menos nas suas entrelinhas uma informação quanto

à não perseverança do crente. Ele, isto sim, discorrendo sobre os pavorosos castigos dos apóstatas, confirma a unicidade do sacrifício de Cristo por ser de valor infinito e infinitamente superior aos sacrifícios do culto da Aliança caduca.

4) Ao analisarmos o texto em si, consideraremos: o próprio pecado e os castigos dele decorrentes.

A

Em Hebreus 6.4-8, Paulo Apóstolo minuciou os dons concedidos por Deus aos cristãos nominais. Em Hebreus 10.26-31, menciona o pecado em si.

Ele, a partir de 10.19, está exortando os verdadeiros crentes. E do verso 26 ao 31, numa nova digressão, passa a falar aos “quase induzidos” a fim de lhes mostrar a situação de perigo em que se encontram e de estimulá-los a uma pronta e legítima conversão evangélica.

a) **“Se pecarmos”** (v. 26) – É uma suposição. Uma hipótese inexecutável para o crente, na circunstância de pecar para perder a salvação.

Paulo usa a primeira pessoa do plural numa forma literária de argumentar. Um pregador, ao se dirigir a um auditório heterogêneo, pode dizer, por exemplo: “Se nos envenenarmos, se fumarmos, se usarmos entorpecentes...” É um modo de chamar a atenção dos ouvintes. É claro que ele não está afirmando que em pessoa fará uma dessas coisas.

A expressão **“se pecarmos”** é uma suposição apresentada pelo futuro do subjuntivo do verbo.

Releva anotar-se que não está no futuro do indicativo, “pecaremos”, o que denotaria disposição de pecar.

b) **“Voluntariamente”** (v. 26) – O escritor sagrado, na língua original, ao sabor idiomático do grego, coloca este advérbio (*ekousíos*) em primeiro lugar na frase com o intuito de ressaltá-lo. É o mesmo vocábulo encontrado em 1ª Pedro 5.2 que também poderia ser traduzido por “livremente” ou “espontaneamente”.

Esse advérbio destaca a contumacidade, a malícia, do pecado de deserção.

Com efeito, o pecador recebeu de Deus todos os preâmbulos da fé: foi iluminado; provou o dom celestial, a boa Palavra de Deus e as virtudes do século futuro; fez-se participante do Espírito Santo (Hebreus 6.4-5). Sua

apostasia, ou seja, o seu abandono de todos estes favores só é resultado de uma particular, pessoal e contumaz voluntariedade.

c) **“Depois de recebido o conhecimento da Verdade”** (v. 27) – Não vem ao caso qualquer outro pecado, só o da recusa da Verdade do Evangelho no tocante ao autêntico sacrifício de valor expiatório infinito.

Este é o pecado imperdoável. Irremissível!

Ê a resistência à graça do Espírito. Ê o pecado contra o Espírito Santo. Ê a blasfêmia contra Ele.

A blasfêmia é o ultraje máximo assacado contra Deus (Mateus 12.32; Marcos 3.29).

Essa iniquidade implica três aspectos:

O de atribuir a Satanás as obras de Deus, como faziam os fariseus procrastinadores sempre a exigir de Jesus sinais, apesar de verem-nos tantos (Mateus 12.22-32; Marcos 3.22-30);

O deve fazer passar-se por mentiroso, se se nega a segurança ou a preservação eterna do salvo. **“Quem crê no Filho de Deus em si mesmo tem o testemunho; quem a Deus não crê, MENTIROSO O FEZ; porquanto não creu no testemunho que Deus de Seu Filho deu. Há pecado para a morte...”** (1ª João 5.10, 16). O fazer Deus mentiroso, rejeitando o Seu testemunho quanto à vida eterna é o **“pecado para a morte”** ou imperdoável.

O de recusar em definitivo Jesus Cristo como Salvador único, fato este que significa atribuir a Satanás as obras de Deus ao pisar o Seu Filho, tendo por profano ou comum o sangue do Testamento.

Aqueles antigos fariseus, apesar de agraciados com o contemplar fisicamente o Mestre e presenciar *de visu* os Seus prodigiosos sinais, não tinham recebido os maiores dons que os cristãos nominais recebem.

Afinal de contas, estes “quase induzidos”, como resultado de tantas graças (Hebreus 6.4-8), tornaram-se “amigos do Evangelho” enquanto aqueles fariseus sempre foram inimigos acirrados de Cristo.

Incidiram no pecado irremissível de injúria ao Espírito Santo por acusarem Jesus Cristo de operar sob o impulso do diabo e por resistirem ao testemunho evidente dos Seus sinais.

Com mais vigorosos motivos cometem o pecado para a morte os “temporãos” do Evangelho quando dele apostatam, pois foram participantes do Espírito Santo.

Contra este Espírito blasfemam eles, porquanto Deus, pelo testemunho do Seu Espírito Santo, lhes tem revelado intimamente.

Assemelhou-os Jesus Cristo àquele servo mau e negligente a quem o Senhor dera um talento, que, pela sua incúria, se tornara inútil e réprobo das trevas (Mateus 25.24-30).

O pecado imperdoável tratado nesta ocasião (Hebreus 10.26) é, por conseguinte, o da rejeição da Verdade depois de conhecê-la.

B

1) Do pecado de defecção da Verdade do Evangelho as sanções são as mais pavorosas.

a) Toda sociedade bem organizada ao Código Civil anexa o Código Penal para as infrações da lei.

Por isso, Deus promulgou sanções para a sociedade israelita da Antiga Aliança.

O Apóstolo menciona a penalidade máxima para os infratores de certos artigos da Lei: **“QUEBRANTANDO ALGUÉM A LEI DE MOISÉS, MORRE SEM MISERICÓRDIA, SÓ PELA PALAVRA DE DUAS OU TRÊS TESTEMUNHAS”** (v. 28).

Naquele código veterotestamentário havia crimes passíveis de pena de morte: os pecados de contumaz malícia (Números 15.30-31); a blasfêmia do Santo Nome de Deus (Levítico 24.131-16); as violações sexuais do adultério, incesto, sodomia e bestialidade (Levítico 20.11-17); a insolência contra os sacerdotes (Deuteronômio 17.12); a profecia falsa (Deuteronômio 18.20); o homicídio voluntário (Números 35.30); a idolatria (Deuteronômio 13.7-12; 17.2-7); a feitiçaria (Êxodo 22.18); a maldição contra os próprios pais (Êxodo 21.17).

Nesses casos, o criminoso **“SEM MISERICÓRDIA”** era condenado à morte sob **“a palavra de duas ou três testemunhas”** (v. 28), memorando Paulo Deuteronômio 19.15.

b) Será, porém, muito maior a inexorabilidade da punição contra quem comete o maior crime. Crime muito maior do que aqueles da Velha Legislação que exigiam a pena capital: **“DE QUANTO MAIOR CASTIGO CUIDAIS VÓS SERÁ JULGADO MERECEDOR AQUELE QUE PISAR O FILHO DE DEUS”** (v. 29).

“Pisar” ou pisotear, calcar, espezinhar, no grego original (*katapatésas*) tem algo de onomatopéico. Ao pronunciar o vocábulo grego, tem-se a impressão de se estar ouvindo o sapatear de pisar ou conculcar com os pés.

“Pisar” é o ato de supremo desprezo, de aviltamento, de humilhação, de quando se calca sob os pés o sal insosso (Mateus 5.13) ou de quando os porcos, animais imundos, pisam as pérolas preciosas (Mateus 7.6).

A essa repulsa do Filho de Deus depois de havê-lo conhecido como único Salvador, assemelha-se o gesto insano dos porcos que desprezam as gemas de alto valor.

c) O apóstata considera **“profano o sangue do Testamento”** (v. 29). Recusa-o como de valor propiciatório por tê-lo por comum, vulgar, vil. Renega o sangue redentor do homem e santificador do Testamento (Efésios 1.7; Romanos 3.25; Colossenses 1.14, 20; Apocalipse 1.5; 5.9).

d) O desertor da Verdade do Evangelho pisa o Filho de Deus, equipara o sangue do Testamento ao sangue vil e comum e faz **“agravo ao Espírito da graça”** (v. 29).

Lá em Hebreus 6.4-8, o escritor da Epístola se refere às bênçãos outorgadas ao coração empedernido do “amigo” do Evangelho. Aqui ele procura demonstrar a extrema malícia desse “quase induzido” na eventualidade de desprezar aquelas bênçãos ao procrastinar.

Esta resistência ao Espírito da graça por haver este cercado o apóstata com a Sua gratuita benevolência.

e) A tremenda realidade do castigo divino é ameaçada pela própria infalível Palavra de Deus: **“Porque bem conhecemos Aquele que disse”** (v. 30).

No Antigo Testamento se precisava do depoimento de duas ou três testemunhas. Agora, a Palavra de Deus é além de suficiente.

A Palavra de Deus que disse: **“Minha é a vingança; Eu darei a recompensa”** (v. 30). Expressões estas do cântico de Moisés (Deuteronômio 32.35).

Ele disse: **“Outra vez: O Senhor julgará o Seu povo”** (v. 30).

A punição cabe ao próprio Deus justo!

2) A pena é tão pavorosa que está fora do alcance da nossa imaginação. Tão indizível que a própria espera já se torna tremendo castigo.

a) **“Uma certa expectativa horrível de juízo”** (v. 27). É o aguardo, a espera da chegada do juízo. Angustiosa, ela é terrível e temível.

Tão horrorosa que o escritor nem sequer ousa qualificá-la ou defini-la. Restringe-se a designá-la genericamente por **“uma certa”**.

Já presenciei a morte de apóstatas. De pessoas esclarecidas no tocante à Verdade do Evangelho, por elas **“voluntariamente”** (v. 26) recusada. Só o terror do juízo iminente é pavoroso castigo!

Conquanto conheçam o Plano de Salvação e apesar da certeza de juízo horrendo, cristalizadas para as penas eternas, são incapazes de se arrepender. Estrangula-lhes a consciência em pânico a **“expectação horrível do juízo”**.

b) **“Ardor de fogo que há de devorar os adversários”** (v. 27). É a realidade da punição muito mais terrível do que a expectativa.

Este **“ardor”** ou **“furor de fogo”** é a pena da ira de Deus, o qual castiga com fogo (Mateus 25.41; Marcos 9.44, 46, 48; Apocalipse 11.5). Fogo inextinguível (Isaías 66.24).

c) A expectativa do juízo é horrível (v. 27). Porém supremamente **“horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo”** (v.31).

A perícopa digressória é concluída com esta sentença inimaginável ao cérebro humano.

Se é horrível a espera, a execução da sentença em sua terribilidade ultrapassa todos os limites.

Se as mãos onipotentíssimas de Deus guardam o crente (João 10.228-29), essas mesmas mãos infinitamente justas e justiceiras vingarão o sangue do Cordeiro naqueles que dEle apostatarem.

Davi, numa circunstância de perplexidade angustiada, quando ameaçado de disciplina por haver desagradado ao Senhor, alvitrou cair nas mãos de Deus. **“Estou com grande angústia, porém caímos nas mãos do Senhor, porque muitas são as Suas misericórdias, mas nas mãos dos homens não caia eu”** (2º Samuel 24.14).

Com efeito, as mãos de Deus são paternais, são de misericórdia para com os crentes, os que, pela fé evangélica, honram o sangue do Cordeiro. A Sua disciplina é de bênçãos e de recondução às sendas do crescimento na graça.

São elas, contudo, de extrema vingança para os apóstatas.

Com o versículo 31, posto o fecho da digressão, nos versículos 32 e seguintes o escritor retoma o fio de suas exortações de cunho moral dirigidas aos genuínos crentes: **“Lembra-vos, porém...”** (v. 32).

E no verso 39, para não deixar margem alguma a possíveis dúvidas, relembra a divisão entre os salvos e os **“falsos irmãos”** apostatados: **“NÓS, PORÉM, NÃO SOMOS DAQUELES QUE SE RETIRAM [apostatam] PARA A PERDIÇÃO, MAS DAQUELES QUE CRÊM PARA A CONSERVAÇÃO DA ALMA”**.

Concluído o nosso estudo, os três nos ajoelhamos. Louvamos o nosso grande Deus pelo inefável Dom da segurança eterna da salvação que Ele nos deu em Jesus Cristo.

E ali mesmo, naquele instante de glória, glória do Senhor nosso Deus, os meus ex-contendores arrependem-se das falsas noções religiosas nas quais criam. Arrependem-se da heresia da insegurança dos salvos. Arrependidos, o ex-sabadeador e o ex-pentecostalista, abriram seus corações à fé evangélica em Jesus Cristo nosso Senhor. Depois, batizaram-

se e integram, no serviço dedicado ao Senhor, uma igreja seguidora fiel dos princípios e das práticas do Novo Testamento.

.oOo.

CAIR DA GRAÇA

Dona Hilota, esposa do sr. Reginaldo, enfureceu-se como um furacão quando soube da nova experiência do seu marido.

Mãos nos quadris, como um açucareiro, gordura sacolejante, a expelir faíscas pelos olhos, invectivou-me: “Sim, sr., virou a cabeça do Naldo. Aquilo é um molóide. Onde já se viu esta história de crente não perder a salvação. Se peca, tem de perder. Perde mesmo! Veja aqui na Bíblia. Ou o sr. não conhece a Bíblia? Veja aqui. O crente pecou? Caiu da graça!”

A fúria de dona Hilota impedia-lhe seguir qualquer raciocínio ou esclarecimento. A emoção de raiva bloqueara-lhe a mente.

É muito difícil, quase impossível, conversar a sério com um pentecostalista. A sensibilidade, agravada por suas práticas religiosas, desequilibra-o por completo.

Caiu da graça!

É a expressão corrente entre os pentecostalistas. Pecou o crente? Caiu da graça! Perdeu a salvação!

É legítimo o anelo de crescimento espiritual por parte de todo crente.

Satanás sabe que a sua atuação está chegando ao fim e, então, envida todos os esforços no afã de conservar os perdidos agrilhoados ao seu império e de embaraçar o processo de santificação dos salvos.

Neste propósito, deflagrou nos meios evangélicos o aluvião pentecostalista marcado pela exacerbação do emocionalismo confundida com o poder do Espírito Santo.

Numa destas semanas, encontrava-me pregando numa igreja batista do Rio de Janeiro. No domingo de manhã, naquela parte do encerramento da Escola Dominical antecedente do Culto de Adoração, fui até o gabinete pastoral. Encostei a porta no desejo de me recolher numa preparação mais intensa para a mensagem. Mal começara minhas reflexões, um rapaz, com um safanão na porta, à semelhança de um tufão, invade o recinto e disca o telefone.

Ao ser atendido, chama por Fulana. Uma garota.

Fora ela membro daquela igreja batista. Dizia-se com os outros jovens ansiosa de progresso espiritual.

Organizaram eles um conjunto musical. Vieram os instrumentos usados nas festas do mundo. Os corinhos se cantavam ao gingo dos corpos. O ruído das palmas competia com o barulho da aparelhagem eletrônica.

Uma das moças visitou um templo pentecostalista. Deixou-se enfeitiçar. Contagiou quase todo o grupo, inclusive a garota do telefone. “Lá, sim, existe o fogo do Espírito!”

Eles confundem a barulheira atordoante e a exasperação das emoções com o fogo do Espírito.

Aquele templo pentecostalista é de grã-finos num dos bairros chiques do Rio.

A garota batizada “com” o Espírito Santo, às 10 horas da manhã daquele domingo, estava dormindo quando o rapaz pé-de-vento a chamou ao telefone. Ao invés de estar na Escola Dominical, a grã-fininha, cheia do fogo do Espírito, puxava o ronco.

E sabem o motivo do telefonema?

O rapaz combinou com ela um encontro. Vários outros e várias outras do conjunto avivado iriam à sessão das 2 da tarde do cine tal porque o filme era “bacana”, “legal às pampas”.

O impetuoso garotão, dado o meu espanto, esclareceu-me: “O pastor desta igreja é joia à beça. Ele fala que ir no cinema [sic] de domingo é higiene mental. A gente não cai da graça. Se tivesse cinema no tempo de Jesus, Ele também iria”.

À minha pergunta não tocante a pecados que levam o crente a cair da graça, o garotão pentecostalizado naquela igreja grã-fina exemplificou: “Mulher cortar cabelo, usar calça comprida”.

Se a mulher corta o cabelo caiu da graça, perdeu a salvação.

Cada grupo pentecostalista tem o seu elenco de pecados que, praticados, fazem cair da graça ou perder a salvação.

Quando anos passados morei num edifício, a sua faxineira era pentecostalista. Certa manhã, caiu-lhe sobre o pé direito, cortando-o fundo, um latão de lixo. Correu acudi-la a esposa do zelador. Deitou-a sobre um sofá e, quando foi pôr o remédio sobre o ferimento, a paciente protestou: “Não faz isso! Minha religião proíbe usar remédio. Jesus cura. Se usar remédio, eu peço e caio da graça”.

Um cidadão, num fim de ano, recusou comprar um brinquedo para o filhinho porque não se deve gastar o dinheiro com aquilo que não é pão (Isaias 55.2). Explicou: “Se eu comprar o brinquedo, vou pecar e cair da graça, perdendo a salvação”. Mas ele, porque o seu grupo religioso faz vista

grossa, fuma. Fumo não é pão. E, apesar disso, ele gasta dinheiro com cigarro.

Os crentes verdadeiros e anelantes de crescimento espiritual, quando doutrinados insuficientemente, se deixam encantar pelo pentecostalismo e se carregam de conflitos íntimos terríveis sob o pavor de caírem da graça, com a conseqüente perda da salvação.

Essa “interpretação” decorre da prática insensata de se montar uma doutrina aberrante sobre um versículo isolado das Escrituras Sagradas.

Uma análise, apesar de resumida em poucos tópicos, nos removerá essa “interpretação” estapafúrdia, por inconseqüente, ilógica e, sobretudo, anti-evangélica.

1) A expressão “cair da graça” encontra-se em Gálatas 5.4: “Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei; da graça decaístes”.

Uma breve recordação histórica contribuirá em muito para o entendimento dessa afirmação taxativa e definitiva de Paulo.

Abramos a Bíblia no capítulo 15 de Atos dos Apóstolos. Leiam-se os versículos 1 e 5: **“Então alguns que tinham descido da Judeia ensinavam aos irmãos: Se não vos circuncidardes, segundo o rito de Moisés, não podeis ser salvos... Mas alguns da seita dos fariseus, que tinham crido, levantaram-se dizendo que era necessário circuncidá-los e mandar-lhes observar a lei de Moisés”.**

Aqueles fariseus foram a Antioquia e exigiam que os gentios convertidos fossem circuncidados e observassem a lei de Moisés, como os judeus, se quisessem ser salvos. É o primeiro desvio, a primeira corrupção, da Verdade do Evangelho surgido no seio do Cristianismo. Para aqueles fariseus, aspirando judaizar o Evangelho, ou seja, transformar o Cristianismo numa seita judaica, a fé em Jesus como único Salvador era insuficiente para a salvação. Havia a necessidade também da prática de obras, inclusive ritos religiosos como, no caso, a circuncisão. Ora, aí está a base do catolicismo em todas as suas inumeráveis seitas.

Com efeito, o catolicismo exige a fé em Jesus Cristo para a salvação. A fé somente, porém, não basta, de conformidade com a doutrina católica. Há a necessidade de obras, dentre as quais se incluem as cerimônias religiosas, como os sacramentos. Em conseqüência dessa precisão de obras acontece o perigo da perda do estado de graça ou da salvação (segundo as seitas católicas acobertadas sob o nome de evangélicas).

De fato, se eu posso perder a salvação porque pequei, por haver falhado perante a lei, quer dizer que a minha salvação depende das minhas obras.

Já se vê, portanto, como os propagandistas do **“cair da graça”** no sentido de perda da salvação se constituem na permanência continuada daqueles primitivos judaizantes.

2) O Apóstolo Paulo se rebelou com vigorosa energia contra essa adulteração do Evangelho e se pôs na estacada da defesa de Sua Verdade.

As igrejas da Galácia se agitavam com a mensagem corruptora daqueles **“falsos irmãos intrusos”** (Gálatas 2.4) anunciadores do outro evangelho, o evangelho corrompido.

Paulo nunca teve papas na língua quando se tratava de resguardar a pureza da Doutrina. Por isso mesmo, muitos o antipatizavam.

Nesta conjuntura de perturbação doutrinária, tomou a atitude radical, compatível com a Verdade sempre radical: **“Estou admirado de que tão depressa estejais desertando daquele que vos chamou à graça de Cristo para OUTRO EVANGELHO, o qual não é outro, senão que há alguns que vos perturbam e querem PERVERTER o Evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos pregasse OUTRO EVANGELHO além do que já vos pregamos, seja anátema”** (Gálatas 1.6-8).

A Epístola de Paulo aos Gálatas divide os campos. Antagoniza os dois ensinamentos. Radicaliza as posições para que a Verdade do Evangelho permaneça (Gálatas 2.5).

De um lado, o Evangelho incorrupto. Puro. Verdadeiro. **“Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da Lei, mas sim pela fé em Cristo Jesus, temos também crido em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé em Cristo, E NÃO POR OBRAS DA LEI; pois por obras da Lei nenhuma carne será justificada”** (Gálatas 2.16).

Do outro lado, o evangelho pervertido, falso e escravizante. O evangelho da condenação. **“Pois todos quantos são das obras da Lei estão debaixo da maldição; porque escrito está: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas que estão escritas no Livro da Lei, para fazê-las”** (Gálatas 3.10).

3) Quem aceita os ensinamentos dos **“falsos irmãos intrusos”**, os judaizantes, os farisaizantes, cai, escapa, foge, rejeita a doutrina do Verdadeiro Evangelho, cuja mensagem fundamental é a da salvação exclusivamente pela graça.

Quem acata o evangelho deturpado dos **“falsos irmãos inclusos”** abandona o regime da graça e se volta para a doutrina da Lei.

“Cair da graça”, portanto, não quer dizer que quem era salvo perdeu a salvação.

Assemelham-se os pregadores do falso evangelho ao ladrão que tentou subir a uma janela por uma escada quebrada e caiu da janela sem lograr entrar.

Ladrão e salteador, aliás, é todo aquele que se esforça por penetrar no rebanho de Cristo sem passar pela única porta de salvação, Jesus Cristo, cuja vida Ele deu pelas ovelhas (João 10.1, 28).

Naquele texto de Gálatas, Paulo Apóstolo nem menciona o vocábulo pecado. Ele não diz que quem comete um pecado perde a graça da salvação.

4) Desculpem-me um argumento *ad hominem*.

Argumento *ad hominem* é uma refutação valendo-se do próprio argumento do adversário.

SUPONHAMOS...

Veja bem! Eu disse: SUPONHAMOS...

Vamos configurar uma hipótese!

SUPONHAMOS que Paulo tratasse nesta Escritura de pecado mesmo. Por exemplo, o da omissão. E dissesse: Quem comete o pecado da omissão cai da graça. Estaria afirmando que esse indivíduo perdeu a salvação? Não!

Quantas vezes o crente peca? Tiago diz: **“Porque todos nós tropeçamos em muitas coisas”** (Tiago 3.2).

Se um crente é omissos em pregar o Evangelho deixa de receber uma graça de Deus. Se é omissos ao se ausentar das reuniões de oração de sua igreja, perde tantas graças.

Perdeu a salvação?

Se eu estou viajando num navio e subo ao convés e, por causa dos balanços do navio, caio... Torno a me levantar. Não caí ao mar e nem me afoguei.

Quantas vezes a criança cai. E não perde a vida. Pode amarrotar o nariz ou fraturar um braço. Mas perdeu a vida?

Ao pecar, o crente cai da graça, ou seja, deixa de receber determinada bênção, como a da alegria da salvação, mas, por isso, perdeu a vida eterna?

5) A Lei é a economia da escravidão (Gálatas 4.1-3). Compara-a o Apóstolo ao aio (Gálatas 3.24-25). Assemelha-a à descendência de Agar, o protótipo da servidão (Gálatas 4.21-31).

E conclama os crentes gálatas: **“Para a liberdade Cristo nos libertou; permanecemos, pois, firmes e não nos dobreis novamente a um jugo de escravidão”** (Gálatas 5.1).

Não vos dobreis ao jugo da escravidão da Lei, à situação de tutela anterior à liberdade de Cristo.

6) Paulo é categórico ao esclarecer os gálatas, aos quais, por se deixarem induzir pelos judaizantes, chama de insensatos (Gálatas 3.1).

Como numa síntese de sua exposição doutrinária em que radicalizou a Verdade do Evangelho e a distinguiu do **“outro evangelho”**, assevera: **“Separados estais de Cristo vós os que vos justificais pela Lei; da graça decaístes”** (Gálatas 5.4).

Pergunte-se: Quem decaiu da graça? Ou abandonou a Doutrina da graça?

A resposta é clara no próprio versículo: Os que buscam a justificação pela Lei.

Não se pode ser salvo e justificado pela fé em Cristo e, juntamente, pelas obras. Tem que se escolher. Ou a fé em Cristo para a salvação. Ou as obras para a maldição.

Gálatas 5.4 não quer dizer que alguém estava na graça e dela caiu. Quer dizer que alguém rejeitou o Plano de Salvação que é pela graça. E caiu do ensino sobre a salvação, fruto exclusivo da graça.

À luz da contextura de Gálatas 5.4, encontra-se Paulo a falar sobre o desvio doutrinário dos judaizantes caídos, alheados, escapados, fugidos, da doutrina da graça. Eles valorizavam as obras ao invés de valorizarem com exclusividade a graça salvadora.

Ensinavam, repita-se, ser preciso crer em Cristo, mas acrescentavam a circuncisão, a necessidade de se fazer “isto e aquilo”. Só depois do pecador atender as exigências da Lei é que se salvaria.

Insurge-se o Apóstolo contra essa heresia. Em outras palavras, ele quer dizer: Se vocês ensinam dessa maneira, vocês “caíram da graça”, quer dizer, não pregam mais a graça como exclusivo meio de salvação. Vocês caíram, escaparam ou fugiram da doutrina da graça. **“Vós os que vos justificais pela Lei, da graça decaístes”**.

Em sã consciência, por conseguinte, jamais se poderá inferir desse versículo a possibilidade da perda da salvação na desventura do crente pecar. Seria forçar o texto a dizer o que Paulo nem sequer pensou.

7) A teimosia obtusa dos deturpadores do Evangelho da Graça não quer se deixar vencer. Nem a Palavra clara, insofismável, de Jesus quanto à vida eterna dilui esta teimosia.

E lá vêm os teologistas do **“cair da graça”** com outro versículo que fala em cair. É 1ª Coríntios 10.12: **“Aquele, pois, que pensa estar em pé, olhe não caia”**.

É uma exortação de atualidade constante sempre válida em nosso desenvolvimento espiritual cristão.

Ao longo das Escrituras encontram-se os servos de Deus caindo. Moisés caiu, mas não perdeu a salvação. Com Abraão, com Davi, com Elias, com Paulo aconteceu o mesmo.

Num dia destes, minha esposa subiu uma escada doméstica para substituir uma lâmpada queimada. Com a mais simples espontaneidade, adverti-a: “Cuidado para não cair”.

Lembrei-me daquele cidadão que foi realizar a mesma operação. Não sei porque cargas d’água, desequilibrou-se e caiu, fraturando o braço. Caiu, fraturou o braço, mas não perdeu a vida.

Tiago recorda a experiência de sempre e de todos. Também dele! **“Pois todos tropeçamos em muitas coisas”** (Tiago 3.2).

Esse escritor nada inovou com a sua observação. O sábio Salomão, milênios antes dele, já constatará: **“Porque sete vezes cai o justo”** (Provérbios 24.16). Sete que dizer muitas vezes.

Salomão, contudo, completa a verificação: **“E SE LEVANTA”**.

E Davi, que por algumas vezes caíra de quebrar a cara, reconhece: **“Ainda que caia, não ficará prostrado, pois o Senhor lhe segura a mão”** (Salmo 37.24).

Quando Paulo escreveu aquela advertência, por estar absolutamente alheia do seu pensamento a ideia da perda da salvação quando o crente cai, concluiu-a: **“Não vos sobreveio nenhuma tentação, senão humana; mas fiel é Deus, o qual não deixará que sejais tentados acima do que podeis resistir, antes, com a tentação, dará também o meio de saída, para que a possais suportar”** (1ª Coríntios 10.13).

É preciso acrescentar algo mais?

.oOo.

“AQUELE QUE PERSEVERAR ATÉ AO FIM SERÁ SALVO”

De certa feita, encontrava-me em um templo pentecostalista. Sabendo da minha presença, o pastor, em sua alocução desalinhavada, teceu comentários sobre o perigo de o crente ir a se condenar em consequência de

certos pecados cometidos. E enfileirou, a título de exemplo, alguns deles: embriagar-se, adulterar, procurar prostituta, fumar, ir ao cinema, a mulher usar calça comprida e minissaia, cortar o cabelo, pintar-se; o rapaz deixar crescer o cabelo; afastar-se da igreja...

Fixando-me seu olhar, disse estarem perdidos todos os batistas porque fazem certas coisas. Admitem os batistas e os presbiterianos, dizia ele, a eternidade da salvação porque assim eles acham que podem pecar à vontade. Por isso, as igreja batistas, segundo o pregador apostasista, não ligam importância para as moças de calça esporte, de cabelo curto, de lábios e unhas pintados...

No afã de fundamentar o seu argumento, recorreu a Mateus 24.13: **“Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo”**.

Sinceramente, não me surpreendi com essa arenga. Compadeci-me, sim, dos seguidores do incoerente pregador. Pobres pessoas sob o jugo de semelhante doutrinação e de semelhante “exegese”!!!

Não me surpreendi por já conhecer os massacres a que submete esse texto a teologia romanista. A muque encaixa-o na sua anti-evangélica tese da imprescindibilidade das obras no Plano de Salvação. É, de resto, conhecida a Versão de Matos Soares: “Mas aquele que perseverar (no bem) até o fim (da vida) será salvo”.

Nos seus entre-parênteses, ao sabor daquela teologia, faz os seus enxertos espúrios e criminosos, incorrendo nas ameaças de Apocalipse 22.18.

Muitos crentes batistas, no anelo de crescimento espiritual, e também na sua espessa ingenuidade se deixam envolver por pentecostais. Acabam recebendo deles uma exegese estapafúrdia e erros clamorosos que os deixam em conflitos torturantes.

É essa a maior tragédia provocada pelos movimentos avivalistas caracterizados pelo incitamento das emoções.

Sei de batistas angustiados sob séria tensão provocada pelo pavor do perigo da perda da salvação. E se refugiam num legalismo inconsequente.

Aquela palavra de Jesus, anotada em Mateus 24.13, deve ser aceita no sentido em que ela foi proferida.

Por amor aos corações em conflito, vamos analisá-la sob a iluminação do Espírito Santo.

I

Pronunciou-a Jesus. É inegável! E por várias vezes:

No encadeamento do Sermão Escatológico. Em Mateus 24.13: **“Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo”**. E em Marcos 13.13: **“E sereis aborrecidos por todos por amor do Meu Nome; mas quem perseverar até ao fim esse será salvo”**.

Ao investir os Doze na sua missão apostólica em Mateus 10.22: **“E odiados de todos sereis por causa do Meu Nome; mas aquele que perseverar até ao fim será salvo”**.

Em Apocalipse 2.10, sob outra forma, ao exortar o anjo da igreja em Esmirna: **“Nada temas das coisas que hás de padecer. Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados; e tereis tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte e dar-te-ei a coroa da vida”**.

Algumas considerações sobre esses textos desanuviarão os perplexos sob o efeito das desorientações heréticas:

1) Note-se o pormenor de se encontrar essa frase de Jesus em Seus pronunciamentos acerca das horas apocalípticas.

Em Mateus 24.13 e em Marcos 13.13 ela foi prolatada quando o Mestre discorria sobre a Grande Tribulação.

Em Mateus 10.2, quando precatava os Doze das futuras perseguições às quais estariam sujeitos.

Em Apocalipse 2.10, ao incentivar à fortaleza o pastor da igreja em Esmirna, na previsão das torturas a que Satanás submeteria alguns.

Nada, absolutamente nada, diz Jesus sobre a perda da salvação eterna nesses textos.

A salvação aludida – **“será salvo”** – é atinente às torturas físicas. Aqueles que resistem aos sofrimentos serão salvos ou libertos desses mesmos sacrifícios.

Quando proferiu essa frase, de certo, Jesus estava se recordando da promessa de Deus a Daniel (Mateus 24.15) referente à circunstância da Grande Tribulação: **“Tu, porém, vai até ao fim; porque repousarás, e estarás na tua sorte, no fim dos dias”** (Daniel 12.13).

2) Com efeito, Daniel jamais esmoreceu com as perseguições que lhe foram infligidas. Por haver transgredido o edito do rei Dario que proibia, por espaço de 30 dias, dirigirem-se orações a não ser ao próprio rei. Intimorato diante do veto real, Daniel orava a Deus, de joelhos e com as janelas abertas, três vezes ao dia.

Custou-lhe caro a fidelidade. Lançaram-no na cova dos leões. Mas perseverou nos sofrimentos até ao fim da prova. E o Senhor o salvou,

libertou-o desses mesmos sofrimentos. **“Ele livrou Daniel do poder dos leões”** (Daniel 6.27).

Doutra feita, por não haverem adorado a estátua de ouro, os três companheiros de Daniel, sob a sentença de Nabucodonosor, foram atirados a uma fornalha ardente. Persistiram na resistência e o Senhor Deus os salvou do suplício.

Em Atos dos Apóstolos encontramos Pedro a perseverar quando encarcerado, sendo salvo milagrosamente pelo anjo do Senhor (12.3-12).

Encontramos Paulo a perseverar, quando preso na cadeia de Filipos, sendo liberto em circunstâncias prodigiosas (16.22-40).

Encontramos Estêvão a perseverar ao cúmulo de extrema ousadia perante o Sinédrio de Jerusalém, proferindo um sermão audacioso, sendo liberto das torturas dos seus algozes pela gloriosa partida para a Eternidade, momento em que, **“fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus e Jesus, que estava à direita de Deus”** (7.56).

3) Nesses textos onde se encontra a frase de Jesus nenhuma referência há sobre a perda da salvação eterna.

Releva recordarem-se as várias espécies de significados do vocábulo “salvação” já examinados no começo deste livro.

4) Prossigamos além do verso 13 de Mateus 24 a leitura do Sermão Profético de Jesus registrado de modo mais extenso por Mateus. Ele continua a revelar as pavorosas desgraças que se abaterão sobre a humanidade nos dias trágicos da Grande Tribulação.

Detenhamo-nos na leitura do verso 22.

O que diz Jesus aí? Qual é a Sua promessa?

“E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria, mas, por causa dos escolhidos, serão abreviados aqueles dias”.

Estas palavras de Jesus são de fácil compreensão.

Vejamos!

Mesmo na hipótese de mencionar Jesus em Mateus 24.13 a salvação eterna, a sua perda seria impossível. Ele a preserva nem que seja para fazer os maiores prodígios.

A salvação eterna outorgada por Jesus aos crentes é, de fato, eterna, de duração interminável, e o crente jamais poderá perdê-la. Se este perigo pudesse acontecer, Ele abreviaria o tempo das catástrofes e convulsões apocalípticas do final desta Dispensação.

5) Em Mateus 10.22 encontra-se a frase em estudo ao referir Jesus Cristo os sofrimentos que os apóstolos enfrentariam.

Se o perseverar neste caso se trata de permanecer sem pecado até ao fim da vida, eu pergunto: Qual o apóstolo que não pecou?

Judas traiu! E Pedro? A negação deste não equivale em sua hediondez à traição daquele?

6) Consoante Apocalipse 2.10. à perseverança Jesus não promete salvação. Ele promete aos já salvos que persistem no sofrer por Ele a COROA DA VIDA, ou seja, o prêmio da sua constância, apesar das vicissitudes.

Paulo Apóstolo, por se incluir entre os salvos quando empregou a primeira pessoa do plural (“**nos**”), ao assegurar: Deus “**que NOS salvou**” (2ª Timóteo 1.9), pôde confessar: “**Porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele dia**” (2ª Timóteo 1.12). Esse Paulo, seguro de sua salvação eterna, aguardava receber o título de prêmio pelos combates por ele combatidos, a gloriosa coroa. “**Desde agora, a coroa da justiça**”, dizia ele, “**me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia**” (2ª Timóteo 4.8).

Tiago também alude à COROA DA VIDA como prêmio do sofrimento por parte dos que amam a Deus. “**Bem-aventurado o varão que sofre a tentação** [ou seja, a provação]; **porque quando for provado, receberá a COROA DA VIDA, a qual o Senhor tem prometido aos que O amam**” (Tiago 1.12).

Não confundamos, pois, os assuntos!

A salvação eterna é uma coisa e a coroa da vida, como prêmio, outra coisa.

II

1) Se na frase de Jesus Cristo: “**Aquele que perseverar até ao fim será salvo**” trata-se de pecado, vem ao caso a pergunta: “Que espécie de pecado? Aqueles pecados mencionados pelo pastor pentecostalista? A embriaguez? O adultério? A prostituição? O tabagismo? Ir ao cinema? Cortar a mulher o cabelo? Que espécie de pecados? Só alguns?”

E, se for só alguns, pergunto: “Quais? Onde nas Sagradas Escrituras a lista dos pecados que, se cometidos pelo crente, produzem-lhe a perda da salvação?”

E, se forem todos os pecados a causa da perda da salvação, ainda pergunto: “Então, quem persevera na impecância? Quem não peca?”

Aliás, se alguém perdesse a salvação porque comete pecado, ninguém, absolutamente ninguém, estaria sequer um minuto salvo. Não se é pecador porque se cometem pecados, mas cometem-se pecados porque se é pecador.

Os atos pecaminosos são frutos do pecado que há em nós, que se encontra no íntimo de cada ser

E exatamente porque esse pecado, a lei do pecado, se incrusta no homem, quem poderia ser salvo?

2) Qual o crente que, enquanto peregrino neste mundo, não peca?

Nas Sagradas Escrituras deparo-me com personagens muito santos, grandes varões de Deus. Nelas vejo Elias, o grande profeta, de tamanha envergadura moral que enfrentou Acabe e Jezabel. De imensa estatura espiritual que desafiou o deus Baal.

Pois bem, após a sua retumbante vitória sobre os sacerdotes de Baal, atordoado pela covardia, fugiu para o deserto e suplicava a Deus que apoiasse a sua covardia dando-lhe a morte. No seu desespero, supunha-se só e desamparado para prosseguir na sustentação da luta contra a idolatria.

Elias pecou! Se se entender aquele perseverar de Mateus 24.13 como permanecer sem pecar, Elias não perseverou. E perdeu a salvação!!!

Tanto não a perdeu, contudo, que foi arrebatado ao céu num carro de fogo e, séculos após, os discípulos o viram no Monte da Transfiguração a conversar com Jesus.

Moisés, o grande servo de Deus, também não perseverou sempre. Até ao fim. Quando já no término da jornada pelos desertos, cometeu o pecado de orgulho e de desobediência. Faltava água para o povo acampado no deserto de Zim e Deus mandou Moisés, vara em punho, falar à rocha perante a congregação e ela daria água. Moisés, todavia, desobedeceu ao Senhor. Ao invés de falar à rocha, bateu-lhe duas vezes com a vara.

Embora houvesse sido privado de entrar na Canã Prometida, Moisés continuou salvo, apesar do seu pecado.

Viram-no salvo séculos seguintes os discípulos de Jesus falar com o Mestre transfigurado no Monte.

Abraão é o pai dos crentes. E não perseverou até ao fim. Pecou ao mentir várias vezes e ao induzir sua esposa Sara a mentir.

E Jonas? Leia-se o seu livro! Ele não oculta os seus pecados. Conquanto houvesse deixado de perseverar até ao fim, permaneceu salvo. Se houvesse se perdido, é inquestionável, Jesus Cristo não o usaria como tipo de Sua ressurreição.

Ah, também em o Novo Testamento encontramos pessoas salvas cuja conduta demonstra falta de perseverança no bem.

Na igreja de Corinto havia um rapaz que adulterou com a própria madrasta. Paulo orientou a igreja a eliminá-lo e até a censurou por havê-lo tolerado. Embora a carne do moço fosse para a destruição entregue pela igreja a Satanás, o seu espírito não sofreu detrimento quanto à salvação (1ª Coríntios 5.1-5).

Pedro negou Jesus quando da Sua paixão. Anos depois da ascensão do Senhor tornou-se repreensível por causa da sua hipocrisia (Gálatas 2.11). Mereceu áspera repreensão da parte de Paulo, mas não perdeu a salvação.

Paulo, depois de convertido, terá perseverado sempre? Já no fim da vida, com cerca de 30 anos de ministério profícuo, tendo padecido tantas agruras, confessava ser dentre todos os pecadores o principal (1ª Timóteo 1.15). De certo, ao dizer isso, estava sendo verdadeiro. Do contrário, estaria mentindo.

Mas, quando, em vésperas de sua morte, firme em Cristo, mantinha-se convicto de sua salvação eterna (2ª Timóteo 1.2; 4.7-8).

.oOo.

“OPERAI A VOSSA SALVAÇÃO COM TEMOR E TREMOR”

Os anunciadores do risco da não-perseverança do crente, em sua argumentação, arrolam também esta exortação de Paulo Apóstolo em Filipenses 2.12.

Participam todos eles de seitas católicas cuja tese fundamental é a da salvação pelas obras. E, com efeito, a doutrina romana, para exigir méritos provenientes de obras, em frontal discordância de Efésios 2.8-9, invoca esta palavra do apóstolo: **“Operai a vossa salvação”**, isto é, produzi boas obras para a salvação, conforme a pregação clerical.

Incorrem os católicos de todas as seitas também aqui no velho método da exegese obtusa de se montar uma doutrina sobre um meio-versículo isolado e com uma “interpretação” em flagrante oposição ao maciço ensino das Escrituras quanto à dispensa de obras para a salvação e quanto à perseverança infalível do crente.

Na conjuntura católica, a moderna e pós-ecumênica Versão Vaticana do Instituto Pontifício de Roma traz esta tradução de Filipenses 2.12: “Trabalhai com tremor e temor na realização da vossa salvação”. E persistem os ecumenistóides, sempre de espessa obtusidade, em aplaudir as grandes reformas (???) do romanismo.

Os russelitas, na sua sanha demolidora das verdades básicas do Evangelho, outrossim, trazem esta tradução totalmente distorcida e contrária ao original! “Persisti em produzir a vossa própria salvação, com temor e tremor”.

Algumas considerações, todavia, diluirão as absurdas conclusões católicas:

1) A advertência: **“Operai a vossa salvação”** não dá sequer a ideia da exigência de se praticarem boas obras para a salvação, porquanto logo o verso seguinte contesta a presunção católica, ao afirmar: **“Por que Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a Sua boa vontade”** (v. 13).

O próprio querer a salvação é graça de Deus. O pecador, de si próprio, é incapaz até de desejar a salvação.

O confiar em Cristo, outrossim, depende da graça: **“E é por Cristo que temos tal confiança em Deus; não que sejamos capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus”** (2ª Coríntios 3.4-5).

Nessas condições de total incapacidade do pecador, que obras poderia ele praticar no afã de obter salvação?

Voltem-se três folhas do volume das Escrituras Sagradas e leiam os adversários da perseverança infalível do salvo: **“Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras para que ninguém se glorie”** (Efésios 2.8-9).

É isso! A própria fé, na conformidade também desse texto, é dom ou graça de Deus.

2) A Epístola aos Filipenses é a carta da alegria repassada de afetuosa conversação com seus destinatários e permeada de conselhos práticos para o desenvolvimento da vida cristã.

Endereça-a o Apóstolo de parceria com Timóteo **“a todos os SANTOS em Cristo Jesus, que estão em Filipos”** (1.1). Solicita-lhes, ao encerrá-la, ainda saúdem **“a todos os SANTOS em Cristo Jesus”** (4.21) e lhes transmite a saudação de **“todos os SANTOS”**, mas **“principalmente os que são da casa de César”** (4.22).

Santo é o apelativo usado muitas outras vezes pelo Apóstolo como em Romanos 1.7; 12.13; 15.26; 16.2; 1ª Coríntios 16.1; 2ª Coríntios 8.4; Colossenses 1.4 quando se dirige aos salvos.

No Antigo Testamento, aqueles que se consagravam especialmente a Deus como que participavam da Santidade de Deus, santo por excelência (Êxodo 19.6; Levítico 11.44-45; 19.2; 20.26; 21.6-8).

O vocábulo com toda a razão se ajusta aos crentes em Cristo porque, pela regeneração, separam-se do profano e se tornam no novo “povo santo” (1ª Pedro 2.9), que substitui o antigo Israel.

Os santos de Filipos são os **“filhos de Deus”** a resplandecer **“como astros no mundo”** (2.15).

A esses santos e filhos de Deus, Paulo Apóstolo, embora encarcerado em Roma, donde lhes escreveu, exalta a segurança de salvação que tem em Cristo: **“Porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro”** (2.21).

Se houvesse o risco da não-perseverança final, nunca o morrer seria lucro.

Seguro de sua salvação, por ser inamissível a todo crente, anseia partir, **“estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor”** (1.23).

3) Na Epístola aos Filipenses, os três aspectos da salvação se evidenciam com toda a limpidez.

O seu aspecto inicial, que coincide com a regeneração, se ressalta em 1.28.

E o seu aspecto progressivo ou o da santificação, como em 1.19: **“Porque sei que disto [da pregação do Evangelho] me resultará salvação pela vossa oração e pelo socorro do Espírito de Jesus Cristo”**.

Esta salvação não é a final, porquanto dela o Apóstolo discorre nos versículos 20 a 23.

Pois bem, na advertência **“operai a vossa salvação”** Paulo trata da santificação ou do desenvolvimento da salvação já recebida.

4) Operar é sinônimo de trabalhar. Por isso, ao operário também se chama de trabalhador.

O fazendeiro possui a terra e, se quiser frutos, deve trabalhar a sua gleba. Se não a trabalhar, ela, devoluta e baldia, nada produzirá. Não a perderá, é evidente, apesar de se prejudicar com a privação de colheitas.

De igual forma, Paulo Apóstolo exorta aos crentes que trabalhem a sua salvação. Que a desenvolvam. Que a façam progredir.

Nem de longe ele dá a ideia da remota possibilidade da perda da salvação, caso o crente venha a pecar.

5) Nesta carta, ainda, Paulo menciona um pecado que alguns crentes cometiam. Encontrava-se encarcerado enquanto que alguns, percebendo a sua aflição por não poder pregar o Evangelho com plena desenvoltura, pregavam **“a Cristo até por inveja e contenda”** (1.15), anunciavam **“a Cristo por contenda, não puramente, julgando acrescentar aflição”** às suas prisões (1.17).

Porventura, o Apóstolo considerava terem os incursos no pecado da inveja, da contenda, perdido a salvação? Inveja e contenda, bem se vê, não fazem parte de operar a salvação!

Não! Ao contrário!!! Regozijava-se. **“Mas que importa? Contanto que, de toda a maneira, ou por pretexto ou de verdade, Cristo seja anunciado, nisto me regozijo, sim, e me regozijarei”** (1.18). Até esta situação contribuía-lhe para o crescimento em santificação (1.19).

6) Consoante os pregadores da heresia da salvação instável e oscilante em decorrência dos pecados cometidos pelo crente, a expressão exortatória do Apóstolo **“com temor e tremor”** só pode significar o pavor que alguém deve ter de perder a vida eterna.

Não se trata, contudo, de trabalhar ou de desenvolver a santificação com terror e angústia de ânimo, o que destoaria do apelo ao gozo e à alegria constante dessa Epístola (2.18; 3.1; 4.4).

“Com temor e tremor” é uma fórmula já em outras ocasiões usada por Paulo. Em 2ª Coríntios 7.15 lembra o temor e o tremor com que os coríntios receberam Tito. Aos escravos efesinos aconselha servirem os seus senhores com **“temor e tremor”** em sinceridade de coração, como se servissem a Cristo (Efésios 6.5).

“Com temor e tremor” é a atenção diligente no serviço do Senhor e a solicitude de não ofendê-lo.

Aliás, Deus nosso Senhor, de acordo com a Sua pedagogia paternal, corrige com severa disciplina o crente quando este se descuidava de operar a sua salvação.

Não há de ser porque o crente não perde a salvação que dela se descuidará. E exatamente para que este desleixo não ocorra é que a Palavra o exorta ao temor, ao santo temor de Deus.

.oOo.

OS RAMOS DA VIDEIRA

Em João 15.1-11 encontra-se a alegoria-parabolizante da videira: **“Eu sou a videira verdadeira e Meu Pai é o lavrador.**

Toda a vara em Mim que não dá fruto, a tira; e limpa toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto. Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado.

Estai em Mim e Eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em Mim.

Eu sou a videira, vós as varas; quem está em Mim, e Eu nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer. Se alguém não estiver em Mim, será lançado fora, como a vara, e secará; e os colhem e lançam no fogo, e ardem. Se vós estiverdes em Mim, e as Minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes e vos será feito.

Nisto é glorificado Meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis Meus discípulos.

Como o Pai Me amou, também Eu vos amei a vós, permaneci no Meu amor. Se guardardes os Meus mandamentos, permanecereis no Meu amor; do mesmo modo que Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai, e permaneço no Seu amor. Tenho-vos dito isto para que o Meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo seja completo”.

Os apostasistas arrolam também esta Escritura em sua fiada de argumentos.

Agarram-se aos versículos 2 e 6, assemelhando certos crentes ao galho infrutífero, que é cortado e lançado no fogo.

Alguns instantes de reflexão, contudo, nos demonstram a inconsistência dessa hipótese.

1) A alegoria da videira reproduz a realidade sobrenatural expressa por Paulo Apóstolo na figura do corpo e da cabeça.

Com efeito, a obra vital de Cristo consiste na Sua atuação invisível, como a seiva da planta, na alma do salvo. Se a redenção objetiva POR Cristo se consumou com a Sua morte histórica no Calvário, a redenção EM Cristo

prossegue através dos tempos. Quer, pois, a alegoria destacar esta redenção subjetiva em permanência.

Entrosada no quadro do quarto evangelho, ela discorre direta e expressamente a respeito da união vital dos crentes com Jesus Cristo, causa da produção do fruto.

Este é o ensino da alegoria-parabolizante.

As frases figuradas, os seus adornos parabólicos, não estabelecem doutrina e, por isso, não se deve insistir em encontrar em cada uma destaque especial.

Releva notar-se o realce, pela sua repetição na perícopé, do verbo **“ESTAR”** ou **“PERMANECER”**. Este verbo é próprio e técnico de João. Usa-o 40 vezes em seu Evangelho e 23 em sua Primeira Epístola. Com ele quer nos ensinar a íntima, a permanente e a vital união dos crentes com Cristo.

O ensino incontestável do texto se desenvolve nos seguintes pontos:

a) **“Sem Mim nada podeis fazer”** (v. 5). Eis a sentença básica da passagem toda. Palavra afirmativa, terminante, ensina a absoluta necessidade da dependência sobrenatural de Cristo, a videira verdadeira, perfeita.

b) **“Quem está em Mim, e Eu nele, esse dá muito fruto”**. Expande-se a ação da seiva-graça. Se o verso 5 revela o aspecto negativo da necessidade dela, agora apresenta o lado positivo, o da produção do fruto, de **“muito fruto”**.

c) **“Nisto é glorificado Meu Pai, que deis muito fruto”**. **“Glorificar”** o Pai é a missão primordial de Cristo. Nesta alegoria, o **“glorificar”** o Pai está em **“que deis muito fruto”**.

2) A fórmula negativa do sarmento improdutivo é secundária na alegoria e serve para sublinhar a doutrina fundamental.

O efeito trágico da não-permanência em Cristo-vidé ressalta o efeito positivo da permanência nEle com o produzir **“muito fruto”**.

3) O fruto é a exteriorização da permanência.

Ensina-o também a parábola do semeador. O fruto produzido prova a salvação. **“E a [semente] que caiu em boa terra, esses são os que, ouvindo a palavra, a conservam num coração honesto e bom, e dão fruto com perseverança”** (Lucas 8.15).

Cada pessoa salva, portanto, ligada vitalmente a Cristo, produz fruto!

Os ramos frutíferos, em poda eficaz, também são cortados – mas não cortados da seiva da videira – para maior produção.

4) Os galhos de todo infrutíferos são cortados em definitivo do tronco para serem queimados.

a) Assemelha-se ao joio.

Assim como o joio é assaz parecido com o trigo (sua semelhança, contudo, não o faz ser trigo), o ramo infrutífero se assemelha ao verdadeiro sarmento.

Sua ligação ao tronco é apenas aparente. É superficial. Só na casca. Da vide, nenhuma seiva vital recebe.

Deve, por conseguinte, como o joio, ser cortado e lançado no fogo.

Compara-se, por imprestável, ao terreno batido da estrada, ao terreno pedregoso e ao terreno coberto de espinhais. A semente nele lançada nenhum fruto produz, embora possa até germinar.

b) Sarmento infrutuoso, joio, terra infértil (Hebreus 6.7-8) é o cristão nominal. Ligado a Cristo somente pela casca da aparência e das exterioridades. Desprovido da seiva vital da união com Cristo, em sua conduta não apresenta nada de **“amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança”** (Gálatas 5.22).

c) Os falsos profetas jamais foram salvos. Essa ligação apenas exterior, incapaz de fazer correr a seiva da graça, se demonstra pela própria observação de Jesus. No verso 2 Ele diz: **“Toda a vara em Mim...”** e no verso 6: **“Se alguém não estiver em Mim...”**

Contradição? No verso 2: **“Toda a vara em Mim”** e no verso 6: **“Se alguém não estiver em Mim...”**

Nenhuma contradição! O verso 6 reafirma no verso 2.

Com efeito, ao aludir aos salvos, emprega o verbo **“estar”** (= permanecer). Aos nominais não se refere como se nEle estivessem ou permanecessem.

O galho infrutífero não **ESTÁ** no tronco, embora **NO** tronco porque a sua ligação é apenas exterior.

d) O verso 11, outrossim, decide por inteiro a questão, deixando sem qualquer fundamento a hipótese apóstasista. **“Tenho-vos dito isto para que o Meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo seja completo”.**

Poderá, acaso, ser completo esse gozo se o discípulo estiver numa salvação insegura?

Horas depois, todos os discípulos que ouviram esta alegoria-parabolizante cometeram pecado. No pecado se salientou Pedro.

Foram cortados de Cristo-vidé?

De maneira alguma! O gozo deles, no entanto, naquele momento de colóquio-despedida com Jesus era completo porque já limpos pela palavra do Mestre (v. 3).

5) Vale um lance de olhos sobre o verso 10: **“Se guardardes os Meus mandamentos, permanecereis em Meu amor”**.

Os adversários da segurança eterna, baseados nesta palavra de Cristo, querem ver uma confirmação de sua exegese apostasista da alegoria da videira.

Enganam-se outra vez!

a) Notem-se o modo e o tempo dos dois verbos da sentença: **“GUARDADES”** (condicional, expresso pelo futuro do subjuntivo) e **“PERMANECEREIS”** (futuro do indicativo). Por conseguinte, se eu guardar hoje os mandamentos, permanecerei amanhã no amor de Jesus, apesar de amanhã não os guardar?

Se se ater ao pé da letra da sentença, a resposta será afirmativa. Contrária aos proponentes deste verso 11, como seu argumento.

b) Ocorre, contudo, a utilidade de se cotejar essa afirmação do Salvador com as Suas semelhantes afirmações em outros contextos registradas.

Minutos antes de propor aos discípulos a alegoria-parabolizante da videira, Jesus Cristo deu-lhes outras instruções e prometeu-lhes o Paráclito, oportunidade essa quando afirmou: **“Se Me amardes, guardareis os Meus mandamentos... Aquele que tem os Meus mandamentos e os guarda esse é o que Me ama... Se alguém Me ama, guardará a Minha palavra”** (João 14.15, 21, 23).

O emprego do futuro do subjuntivo (**“amardes”**) e do futuro do indicativo (**“guardareis”**) é uma forma de estilo para expressar também o presente como se observa em João 14.21.

c) João 14.23, porém, esclarece por inteiro a questão. E, de fato, a nossa vida no futuro não poderá MUDAR o que somos agora.

Ela, a nossa vida no futuro, poderá, sim, PROVAR o que somos hoje.

A palavra de Jesus não quer dizer que alguém que é salvo hoje poderá deixar de sê-lo amanhã. Ela explica que, se no futuro alguém não guarda os Seus mandamentos, é porque já hoje não está salvo. Quem já agora, hoje, está salvo, guardará no futuro os Seus mandamentos. Sempre produzirá **“muito fruto”** porque ligado intimamente a Cristo-videira.

.oOo.

E SE O CRENTE PERDER A FÉ?

É outro estorvo em forma de pergunta erguido pelos opositores da eternidade da salvação.

O crente pode perder a fé? Pode renunciá-la?

Se não a perde, onde fica a liberdade? Cada um é livre para crer ou não crer e para crer tanto tempo quanto queira. E, no caso de deixar de crer, permanece salvo?

Em certa vez, interpelou-me acerca do assunto um clérigo festivo. Desses obtusos da onda pós-conciliar.

“Já entendi, sr. clérigo!”, retruquei-lhe.

Fiz, em contrapartida, também uma pergunta: “Quais, na sua teologia, os sacramentos que imprimem caráter?”

“O batismo, a crisma ou confirmação e a ordem”, de imediato respondeu-me.

De fato, dentre os sete sacramentos romanistas, esses três citados imprimem caráter, ou seja, marcam indelével e definitivamente quem os recebe. Por isso, só podem ser recebidos uma única vez. Quem é “batizado” só é “batizado” uma vez porque o “batismo” é para sempre. Quem recebe o sacramento da “ordem” só o recebe uma vez porque se torna sacerdote para sempre.

Ao serem esses sacramentos administrados produzem de uma vez por todas os seus efeitos definitivos.

Por imprimir caráter, o sacramento da ordem, sendo eu ordenado sacerdote, na conceituação vaticana, o sou para sempre.

Os outros “sacramentos”, como a eucaristia, a confissão, o matrimônio, e a unção dos enfermos podem se repetir, porquanto não imprimem caráter.

O clérigo, logo ao lhe perguntar acerca de “sacramentos” que imprimem caráter, enrubesceu porque percebeu onde iria eu chegar.

Ora, se renunciei ao sacerdócio por não crer mais nele, continuo sacerdote? E a minha liberdade?

E os ex-católicos romanos que se converteram ao Evangelho e também abandonaram sua fé naquele “batismo”, porventura continuam “batizados”? E a liberdade deles?

Bem, em parte alguma das Escrituras encontra-se qualquer alusão a sacramento que imprime caráter. Nem do vocábulo “sacramento” acha-se qualquer referência. Aliás, é ele do dicionário pagão.

Se há neste mundo alguém destituído de qualquer autoridade moral e intelectual para se valer dessa objeção apresentada pelo clérigo é exatamente o sacerdote vaticanista.

1) O individuo crente continua a deter em sua personalidade o dom do livre arbítrio. Ele é livre, mas a Soberania de Deus é maior do que a liberdade de qualquer pessoa humana.

Ele nunca permitirá que uma tola ovelha se desgarre do Seu rebanho e fique perdida nos matagais do mundo iníquo.

Jesus Cristo é o Bom Pastor!

E graças a Deus por ser Ele Soberano e por ser Cristo Jesus o Bom Pastor.!

Imagine se a minha pobre liberdade preponderasse sobre o poder soberano de Deus e acima da misericórdia do Bom Pastor! Que seria de mim?

2) Na extensão das Sagradas Escrituras encontram-se vários significados da palavra “fé”. Cada um determinado pelo seu respectivo contexto.

Há a fé sinônimo de conjunto de doutrinas bíblicas, a Verdade Revelada. É a **“fé de uma vez para sempre entregue aos santos”** (Judas 20; Atos 6.7; Gálatas 1.23; Efésios 4.5, 13; Filipenses 1.27; 2ª Timóteo 2.18; 3.8; 4.7 e muitos outros textos).

Há a fé em sinonímia com a crença. É a intelectual. A crença na Verdade (Mateus 9.28; Marcos 11.31; Lucas 1.20; João 2.22; 5.46; 11.26; Atos 27.25). É uma fé necessária.

E há a fé-confiança. É a fé salvadora.

Pela fé-crença eu creio nas Verdades ensinadas por Jesus. Com a fé-confiança eu confio na Sua Pessoa. Esta é a fé-salvadora. Ela me põe em contacto com a Pessoa Divina do meu Salvador.

O objeto fundamental desta fé, portanto, é nosso Senhor Jesus Cristo.

João ilustra este crer em Cristo com vários verbos: receber (1.12), ir, vir (5.40; 6.35-37, 44), caminhar (3.21; 8,12; 9.5; 12.35), morar nEle (15.4), comer (6.53-56), beber (4.14).

Esta variada terminologia de ação define a fé: é a confiante entrega pessoal a Jesus Cristo.

Esta fé tem um sentido vital e existencial que abrange todo o ser humano e todas as manifestações da sua vida.

Esta fé salvadora é **“DOM DE DEUS”** (Efésios 2.8), pois é Deus que justifica pela fé (Romanos 3.30).

Não só a salvação não procede das obras. A própria fé do contexto da economia da salvação não vem das obras. Se alguém pudesse crer por méritos pessoais, então a fé seria uma obra e teria ele motivo de jactância.

Ora, **“os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento”** (Romanos 11.29). **“Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa. Porventura dirá Ele e não o faria? Ou falaria e não o confirmaria?”** (Números 23,.19).

Em Sua soberania, o Senhor nosso Deus jamais permitirá ao salvo abandonar a fé.

Uma ressalva! Quem afirma: “Eu já fui crente” está enganado!

Quem diz tê-lo sido e deixou de ser é porque nunca o foi. Quem foi, é e será!

Só quem passou pela genuína e legítima conversão evangélica tem a íntima e inabalável convicção da permanência indefectível de sua fé-confiança em Jesus Cristo.

Qual o afortunado que deliberadamente abandona a fortuna? E crer evangelicamente em Cristo é a mais rica e a mais preciosa de todas as riquezas.

3) Jesus Cristo predisse a traição de Pedro e dela preveniu o Seu discípulo: **“Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, três vezes Me negarás”** (Mateus 26.34).

Incorreria Simão em gravíssima falta. Sua fé, contudo, não se evaporaria porque a oração de Jesus é muito mais poderosa do que a fraqueza do discípulo. **“Mas Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça”** (Lucas 22.32).

Que valor, que utilidade teria a oração de Jesus Cristo se o Seu servo viesse a abandonar a fé?

4) Há mais! Há outro argumento de suma importância. Jesus é o **“AUTOR E CONSUMADOR DA FÉ”** (Hebreus 12.2). Ele, que a principia na vida do crente, a consumará.

Ao exalar o Seu derradeiro suspiro, clamou: **“Está consumado”** (João 19.30). Consumara a obra que o Pai Lhe dera a fazer (João 17.4).

Ao expirar, consumou também a nossa fé nEle, o dom a nós outros dado por Deus.

Aperfeiçoou-a em plenitude como decorrência da todo-suficiência do Seu sacrifício.

O salvo não perde a fé, a sua confiança, em Jesus Cristo como seu Salvador pessoal porque Ele a consumou com o Seu sangue, o Seu sacrifício, a Sua morte vicária.

Perdê-la-ia se o sacrifício de Cristo fosse insuficiente e ineficaz e, nessa hipótese, precisasse ser repetido ou renovado.

A manutenção indefectível da fé é da natureza da própria promessa da herança eterna, apesar de, às vezes, em consequência de pecados, o crente perder a alegria da salvação (Salmo 51.12) e angustiar-se em vacilações passageiras.

E, como resultado magnífico de estar a fé na textura da promessa, ela não se evapora, não se deteriora, não se degenera, não se desvanece, não se extingue.

O nosso Salvador eterno, sendo também Consumador da fé, garante-nos e nos conserva esse dom que, em plenitude, Ele nos mereceu com o Seu único sacrifício.

Essa é a nossa certeza subjetiva fundamentada na gloriosa realidade objetiva do sacrifício de Cristo que nos leva ao Trono do Cordeiro para Lhe tributarmos louvor, glória, honra, poder e ação de graças para todo o sempre. Amém (Apocalipse 5.13).

.oOo.

“A ALMA QUE PECAR, ESSA MORRERÁ”

Escuso-me de convencer os procrastinadores contra a verdade porque são **“nuvens sem água”, “árvores murchas”, “ondas impetuosas do mar”** (Judas 12-13). Por indisposição íntima jamais se curvarão à Sã Doutrina. Nas Escrituras buscam versículos e, isolando-os, sobre eles engendram sofismas. Imitam também neste particular a astúcia de Satanás, sempre disposto, até quando tentou Jesus Cristo, a adulterar o sentido da Palavra de Deus.

Na fúria de negar a perseverança eterna dos salvos, citam também o profeta Ezequiel. Por quererem enrolar os **“meninos no entendimento”**, os que ainda necessitam de leite (Hebreus 5.12-13), por quererem enrolá-los enrolam ainda as seguintes frases do profeta: **“Eis que todas as almas são**

Minhas; como a alma do pai, também a alma do filho é Minha: a alma que pecar, essa morrerá... A alma que pecar, essa morrerá: o filho não levará a maldade do pai, nem o pai levará a maldade do filho. A justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele... Mas, desviando-se o justo da sua justiça, e cometendo a iniquidade, fazendo conforme todas as abominações que faz o ímpio, porventura viverá? De todas as suas justiças que tiver feito não se fará memória: na sua transgressão com que transgrediu, e no seu pecado com que pecou, neles morrerá” (Ezequiel 18.4, 20, 24).

Analisemos por partes o texto do qual extraem a burla.

I – “ALMA QUE PECAR, ESSA MORRERÁ”

É o aviso categórico e indiscutível da Palavra de Deus. Ezequiel não disse nenhuma novidade. Através dele, o Senhor repetiu a advertência.

1) Ao ensejar o primeiro exercício de sua obediência, testando-o em sua fidelidade, a Adão o Senhor determinou: **“De toda a árvore do jardim comerás livremente; mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás”** (Gênesis 2.16-17).

Sujeita à tentação de Satanás que, adulterando a Palavra de Deus, sofismou, a mulher desobedeceu e levou também Adão à desobediência. Pecaram e incorreram na trágica consequência da morte, porquanto **“a alma que pecar”**, inclusive Adão e Eva, **“essa morrerá”**.

2) A sentença visa dois tipos de morte. A espiritual e a física.

Por terem pecado, nossos primeiros pais sofreram a morte física: **“Porquanto és pó e em pó te tornarás”** (Gênesis 3.19). A ela igualmente nós estamos sujeitos por sermos pecadores.

São indiscutíveis as virtudes de Moisés. Dele Deus se valeu na epopéia da libertação de Israel subjugado no Egito. Durante 40 longos anos, postado à frente do povo em marcha para a Terra Prometida, enfrentou as mais árduas peripécias. Pois bem, quando se encontrava à beira da Terra e a consumir a vitória decisiva da sua posse, Deus determina a Moisés subir ao Monte Abarim, o Monte Nebo, para morrer.

Evidentemente, não se trata da morte espiritual. Embora houvesse pecado, Moisés não perdeu a salvação e, em assim sendo, vemo-lo ao lado de Elias no Monte Tabor, quando da Transfiguração de Jesus.

Por que Deus decidiu a morte de Moisés naquela hora solene de triunfo? **“Verás a terra diante de ti, porém não entrarás nela”** (Deuteronômio 32.52). Por

que? Porque Moisés prevaricou contra o Senhor no meio dos filhos de Israel, junto às águas da contenção em Cades, no deserto de Zim (Deuteronômio 32.51; Números 20.11-13; 27.14; Levítico 10.3).

A morte física de Saul, outrossim, ocorreu em resultado de sua transgressão com que **“transgrediu contra o Senhor por causa da Palavra do Senhor, a qual não havia guardado; e também porque buscou a adivinhadora para a consultar”** (1º Crônicas 1.13).

Na verdade, **“o que segue o mal, faz isso para a sua morte”** (Provérbios 11.19), porquanto **“o salário do pecado é a morte”** (Romanos 6.23).

Paulo Apóstolo, com sua magistral e inspirada pena, é categórico ao definir: **“Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram”** (Romanos 5.12). Confirma-o Tiago 1.15: **“E o pecado, sendo consumado, gera a morte”**.

3) Se a morte física é **“o salário do pecado”** (*“stipendia enim peccati, mors”*), também o é a morte espiritual. E por razões muito mais sólidas. O pecado, com efeito, é ofensa a Deus e dEle, por isso mesmo, provoca a separação dos que o cometem. **“Os quais por castigo padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do Seu poder”** (2ª Tessalonicenses 1.9). Essa separação reconhece-a o salmista: **“Se eu atender à iniquidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá”** (Salmo 66.18).

Conquanto os pecadores com ofertas busquem ao Senhor, **“não O acharão; Ele se retirou deles”** (Oséias 5.6). Os seus feitos se interpõem entre Deus e eles, segundo conclui o profeta: **“As vossas iniquidades fazem divisão entre vós e o vosso Deus; os vossos pecados encobrem o Seu rosto de vós para que vos não ouça”** (Isaias 59.2).

De resto, o profeta registra a sentença do Senhor ofendido: **“Pelo que, quando estendeis as vossas mãos, escondo de vós os Meus olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço porque as vossas mãos estão cheias de sangue”** (Isaias 1.15). Cheias de pecado, de iniquidade.

Essa separação se consuma no inferno, no **“lago de fogo”** (Apocalipse 20.15), o **“lago de fogo e enxofre”**, onde os réprobos **“de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre”** (Apocalipse 20.10). Esta é **“a segunda morte”** (Apocalipse 30.14), a morte espiritual, irreversível.

Cristo Jesus Senhor nosso, ao discorrer acerca do último juízo, menciona a morte espiritual dos condenados ao **“tormento eterno”** (Mateus 25.46). São eles os servos inúteis destinados às **“trevas exteriores”**, onde há **“pranto e ranger de dentes”** (Mateus 24.30), **“para os quais a escuridão das trevas eternamente se reserva”** (2ª Pedro 2.17).

Separados de Deus, têm eles, no **“fogo eterno”** como destino, a companhia do **“diabo e seus anjos”** (Mateus 25.41; Apocalipse 20.10).

Espiritualmente mortos, os pecadores são **“vasos de ira, preparados para a perdição”** (Romanos 9.22) e dignos do **“galardão da injustiça”** por eles perpetrada (2ª Pedro 2.13).

4) A morte no pecado, ou seja, a morte espiritual é o estado dos pecadores. Já o advertia Provérbios 21.16: **“O homem que anda desviado do caminho do entendimento na congregação dos mortos repousará”**. Embora pareçam viver, estão mortos (1ª Timóteo 5.6). Por saber Jesus das perversas obras praticadas pelo responsável da igreja em Sardo, avisou-o: **“Eu sei as tuas obras, que tens nome de que vives, e estás morto”** (Apocalipse 3.1). Quando regressou o filho pródigo, ao recebê-lo o pai, reconheceu que, enquanto se meteu na sordidez do pecado, **“ele estava morto”** (Lucas 15.32).

Os pecadores, é a realidade insofismável, todos eles, **“separados da vida de Deus”** (Efésios 4.18), estão **“mortos em ofensas e pecados”** (Efésios 2.1), **“mortos nos pecados”** (Colossenses 2.13).

Estado dos pecadores, a morte, tragédia conseqüente do pecado, é ainda o estado natural de todos os homens, porquanto todos em sua carne se inclinam para a morte (Romanos 8.6-8). E os que, pela sua fé em Jesus Cristo, são vivificados (Efésios 2.1, 5), tornam-se **“vivos dentre mortos”** (Romanos 6.13). Destes mortos, os frutos são obras mortas (Hebreus 6.1) e delas se purifica somente pelo **“sangue de Cristo que, pelo Espírito Eterno se ofereceu a Si mesmo imaculado a Deus”** (Hebreus 9.14).

II – A RESPONSABILIDADE PESSOAL DO PECADOR

O tópico I destas reflexões, à base das Escrituras Sagradas, demonstrou-nos ser a morte causada pelo pecado e por estarem mortos os homens. Isto posto, entremos a analisar o texto ezequielano.

1) Ezequiel 18, em realidade, não trata do risco da perda da salvação eterna na eventualidade de o salvo vir a pecar. Suas reflexões e apelos visam a uma circunstância histórica bem definida completamente diferente.

Situemo-lo em seu contexto histórico. Com o rei Jeconias e com parte da aristocracia judaica, fora, em 598 a. C., Ezequiel levado em cativo e residiu à beira do Rio Quebar, ao sul da Babilônia, a terra do exílio do povo. E ali, qual zeloso defensor da justiça divina, exerceu todos os 22 anos de seu ministério profético distinguido entre seu povo propenso à idolatria, na sustentação da fé no Deus Verdadeiro.

2) Em semelhante conjuntura de desterro, como seria inevitável, o povo caiu em profunda depressão. E

neste estado, acusava Deus de ser injusto para com ele por lhe onerar de castigos, tendo em vista as culpas das gerações passadas. Nessa revolta contra a Justiça Divina, ao considerar tamanhos sofrimentos como consequência dos pecados das gerações precedentes, divulgou-se o provérbio irônico, tornado refrão popular: **“Os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos se embotaram”** (Ezequiel 18.2).

Foi nessa situação de depressão moral e de ceticismo motivada pelos reveses político-sociais e pela mágoa contra Deus que o profeta, no capítulo 18, em estilo próprio de um casuísta para se fazer entendido surge a elucidar a doutrina sobre a retribuição.

3) Doutrina essa centralizada na Justiça Divina a atribuir a cada um de acordo com sua individual correspondência aos preceitos.

Ezequiel 18, numa explanação de notável profundidade moral, com efeito, discorre acerca da retribuição equitativa individual, pois cada um é responsável por sua conduta individual e cada um será julgado por seu comportamento atual e não pelo passado se se voltou para Deus e submisso a Deus permanece.

a) O provérbio mencionado refletia a revolta contra Deus generalizada entre os desterrados. Supunham eles não merecer os castigos consequentes dos pecados de seus antepassados, que fizeram transbordar o cálice da cólera divina.

Eles, assim consideravam, não eram piores do que seus pais e por que eles, e não os pais, deveriam padecer tantas desgraças? Angustiadíssimos pelo

princípio da solidariedade no mal e pelas trágicas consequências somente sobre eles recaídas, rebelavam-se contra Deus, tendo-O como injusto.

Ezequiel 18, com o seu princípio da retribuição individual, rebate o malicioso provérbio e esclarece a responsabilidade de cada um.

Com efeito, em princípio, com relação a Deus, todos estamos em plano de igualdade: **“Eis que todas as almas [= as pessoas] são Minhas: como a alma [= a pessoa] do pai, também a alma [= a pessoa] do filho é Minha”** (v. 4).

Por conseguinte, é falsa a ideia de que, pelo fato de o filho pertencer ao pai, deve ser sempre solidário com os pecados deste.

A alma, ou seja, a pessoa, cada um que pecar, receberá individualmente o castigo correspondente.

Se o pecado gera a morte (Tiago 1.15), evidentemente, o castigo definitivo é a morte: **“a alma [= a pessoa] que pecar, essa morrerá”**.

Em Ezequiel 18, o fato de a morte como salário do pecado não é novidade. Esta, a novidade, está em ser o castigo merecido por cada um. Novidade, esclareça-se, naquele contexto histórico do desterro.

Configura o profeta a situação do pai e do filho. O pai é justo por andar nos estatutos e guardar os juízos de Deus. Esse pai justo, certamente viverá. Em contraposição, o filho se conduz mal ao perpetrar tantas iniquidades. Não é pelo fato de o pai haver sido justo e certamente recompensado, que o filho escapará do castigo. Mas, por haver sido o filho iníquo, **“não viverá, certamente morrerá; o seu sangue será sobre ele”** (v. 13).

Configura ainda o quadro inverso. O do pai perverso e do filho justo. É óbvio, este **“filho não morrerá pela maldade de seu pai, certamente viverá”** (v. 18).

Cada qual é responsável pelos seus pecados individuais: **“A alma que pecar, essa morrerá”**. A pessoa que peca, essa mesma, e não outra, morrerá por seus próprios pecados.

É o Princípio Doutrinal da Retribuição Equitativa Individual: só o que pessoalmente peca é réu do pecado. **“O filho não levará a maldade do pai, nem o pai levará a maldade do filho. A justiça do justo ficará sobre ele”** (v. 20).

De resto, em o Testamento Novo, Paulo Apóstolo consubstancia em Romanos 14.12 o princípio da retribuição equitativa individual: **“Cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus”**.

Por conseguinte, aquele povo cativo da Babilônia, ao invés de se queixar de Deus, considerando-O injusto, deveria saber que, pelo castigo do desterro, Deus lhe retribuía os seus próprios pecados. Na verdade, as uvas verdes que eles próprios comiam, embotavam-lhes os dentes.

Cumpra-me uma ressalva! Ezequiel põe em relevo o postulado da retribuição equitativa individual ignorada pelos patrícios seus contemporâneos revoltados contra Deus. O profeta, é evidente, não nega a solidariedade de todos também no mal e nas suas consequências. Quer dizer, ele não recusa o princípio da responsabilidade hereditária.

É do ensino bíblico esse da responsabilidade hereditária, coletiva ou social. Não há como negá-lo. Lá está ele em Êxodo 20.5-6 incluído no preceito do repúdio aos ídolos, onde o Deus zeloso se dispõe a visitar **“a maldade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração”** daqueles que O aborrecem e a fazer misericórdia em milhares aos que O amam e guardam os Seus mandamentos. A respeito de levarem os filhos sobre si as infidelidades dos pais pode-se conferir Números 14.18-19, 33-35. Ao pedir o castigo divino para os ímpios, Davi alude a essa solidariedade: **“Esteja na memória do Senhor a iniquidade de seus pais, e não se apague o pecado de sua mãe. Antes, esteja sempre perante o Senhor”** (Salmo 109.14-15).

Ezequiel 18, com o princípio da retribuição individual, no entanto, não afirma novidade alguma. Profeta desvelado da Justiça Divina, lembra aos seus contemporâneos o ensino das Escrituras. Aliás, encontramos-lo já em Gênesis 2.16-17. E também em Caim quando assassinou seu irmão e Deus o amaldiçoou individualmente (Gênesis 4.10-12).

Na sua súplica, Abraão já admitia esse postulado e, por considerar Deus justo, sabia que Ele não mataria o justo com o ímpio (Gênesis 18.23-33). E poderíamos sobre o assunto arrolar muitos outros passos das Escrituras, como Números 16.20-22; 2º Samuel 24.17; 2º Reis 14.5-6.

Deuteronômio 24.16 é notadamente expressivo e sua transcrição é oportuna: **“Os pais não morrerão pelos filhos, nem os filhos pelos pais; cada qual morrerá pelo seu pecado”**.

b) Em sendo cada um responsável por seu comportamento individual, cada qual, outrossim, será julgado por sua conduta atual e não pela passada.

O fundamental é o arrependimento do homem em suas relações atuais com Deus. É necessário **“um coração novo e um espírito novo”** (v. 31), isto é, ter, pela conversão genuína, uma nova disposição íntima para com Deus. Na verdade, Deus não deseja a morte do ímpio (18.32; 33.11), mas quer que o pecador se arrependa e dele espera essa atitude. O Senhor expressa Sua vontade salvífica nas duas seguintes perguntas consecutivas: **“Desejaria Eu, de qualquer maneira, a morte do ímpio?... Não desejo antes que se converta de seus caminhos e viva?”** (v. 23).

O Senhor condiciona a salvação à conversão (vv. 21, 27, 31). Acontecida esta, acontece o Seu perdão total, amplo e irreversível em favor do pecador

arrependido. A significar essa salvação, esse perdão, Deus promete esquecer as iniquidades dele. **“De todas as suas transgressões que cometeu não haverá lembrança contra ele”** (v. 22). Reitera essa Sua promessa em Hebreus 10.17: **“E jamais Me lembrarei de seus pecados e de suas iniquidades”**.

Discorrendo sobre a necessidade e a indispensabilidade da conversão, o profeta quer ressaltar o julgamento divino pela conduta atual do pecador, por que, em se dando a conversão dele, o seu passado não mais interessa para Deus.

A frisar a necessidade atual do arrependimento, Ezequiel carrega as tintas de sua exposição supondo, para argumentar, a queda do justo: **“Mas, desviando-se o justo da sua justiça, e cometendo a iniquidade, fazendo conforme todas as abominações que faz o ímpio, porventura viverá? De todas as suas justiças que tiver feito não se fará memória; na sua transgressão com que transgrediu, e no seu pecado com que pecou, neles morrerá”** (v. 24).

De modo muito particular, os adversários da perseverança eterna dos salvos se agarram a este versículo e insistem que **“a alma que pecar, essa morrerá”**. O indivíduo pode por muito tempo até levar uma vida de retidão, mas, se pecar, perde tudo e se torna réprobo, sentenciam eles.

O v. 24 trata evidentemente do retorno do pecador à vida pregressa, **“cometendo a iniquidade, fazendo conforme as abominações que faz o ímpio”**.

O justo, o verdadeiramente justo, jamais voltará ao espojadouro de lama (2ª Pedro 2.20-22). O que se parece justo, sim. Ele é o joio misturado ao trigo. O joio extremamente parecido com o trigo (Mateus 13.24-30). É o peixe ruim (Mateus 13.47-49). Ao final, serão separados e jogados fora.

Esses justos-joios, justos-peixes-desclassificados, não permanecem mesmo. Um dia, nem que seja no último, debandarão. Voltarão à sua vida anterior de abominações. Sobre eles, João alerta: **“Saíram de nós, mas não eram de nós; porque, se fossem de nós, ficariam conosco; mas isto é para que se manifestasse que não são todos de nós”** (1ª João 2.19).

Excuso-me de ser repetitivo. Neste livro há dois capítulos de recomendável leitura e útil reflexão neste instante, capazes de dar resposta cabal aos que, invocando Ezequiel 18, querem basear sua negação da perseverança eterna do salvo. São eles: A PERSEVERANÇA e A GRAÇA DE DEUS NA PERSEVERANÇA.

O profeta, enfim, deseja sublinhar aquilo que interessa no presente: é a atual conduta e não a passada, haja sido ela iníqua ou aparentemente reta. Os judeus desterrados, embora se queixassem de Deus, supondo-os

sofrer a consequência das abominações de seus antepassados, não eram inocentes. Eles continuavam a praticar as mesmas abominações.

Eles conservavam a ideia da solidariedade moral com os antepassados e com o próximo contemporâneo. Ezequiel, sem negar esta solidariedade, insiste na responsabilidade individual e na conduta atual de cada um.

III – O APELO DIVINO

Ezequiel 18 se caracteriza notadamente por enaltecer a misericórdia divina sempre disposta ao perdão.

Aqueles judeus desterrados em Babilônia eram assaz injustos quando repetiam o malicioso provérbio: **“Os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos se embotaram”** (v. 2). Se os seus antepassados incidiram em abominações, eles também eram ímpios e sofriam com justiça por suas próprias iniquidades.

Em sendo, por conseguinte, responsáveis individualmente por suas impiedades, a cada um deles o Senhor se dirige a clamar por sua individual conversão e a assegurar perdão e salvação a cada um: **“Vinde e converteiros de todas as vossas transgressões, e a iniquidade não vos servirá de tropeço”** (v. 30).

Deus, na Sua misericórdia, não toma **“prazer na morte do que morre”** (v. 32). Seu perdão é deveras amplo a ponto de romper o elo do princípio da responsabilidade hereditária. **“Se o ímpio se converter de todos os seus pecados que cometeu... certamente viverá; não morrerá”**.

Na Sua misericórdia, o Senhor Deus quer a salvação do iníquo. A morte deste contraria Seus propósitos salvíficos: **“Desejaria Eu, de qualquer maneira, a morte do ímpio?, diz o Senhor Jeová; não desejo antes que se converta dos seus caminhos e viva?”** (v. 23).

Tal disposição por intermédio do profeta o Senhor repete em 33.11: **“Vivo Eu, diz o Senhor Jeová, que não tenho prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se converta do seu caminho e viva. Convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos, pois por que razão morrereis, ó casa de Israel?”**.

Esse é o Deus da salvação! Ele **“quer que todos os homens se salvem”** (1ª Timóteo 2.4). Ele não quer nem **“que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se”** (2ª Pedro 3.9). Sua Graça **“se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens”** (Tito 2.11).

Por ser tão inefável a disposição de Deus em perdoar, nosso Senhor Jesus Cristo, ao propor as parábolas enaltecedoras da misericórdia divina, a da ovelha, a da dracma e a do filho perdido e resgatado, assegura: **“Assim**

vos digo que há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende” (Lucas 15.10).

IV - CRISTO, O VENCEDOR DA MORTE

A ela submeteu-se Ele. É o anúncio das Escrituras! **“Cristo morreu...”** (1ª Coríntios 15.4; Romanos 5.6, 8; 8.34; 2ª Coríntios 5.14-15; 1ª Tessalonicenses 5.10).

Por que morreu Ele? **“Cristo morreu, segundo as Escrituras”** (1ª Coríntios 15.3). **“Levando Ele mesmo em Seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro...”** (1ª Pedro 2.24).

Por quem morreu? **“Morreu por nós...”** (1ª Tessalonicenses 5.10). **“Morreu por todos...”** (2ª Coríntios 5.14-15). **“Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”** (Romanos 5.8).

Se todos somos pecadores, por todos nós morreu Ele. Ele, sem pecado (Hebreus 4.15), o Cordeiro imaculado e incontaminado (1ª Pedro 1.19; Hebreus 9.14).

Nele Deus se manifestou **“trazendo salvação a todos os homens”** (Tito 2.11), pois Cristo, com Sua ressurreição, venceu a morte (1ª Coríntios 15.12-14). Ele **“aboliu a morte”** (2ª Timóteo 1.10).

Se a venceu em Si, vencê-la-á por nós. Ele **“aniquilará a morte para sempre”** (Isaias 25.8). Com a nossa ressurreição (1ª Coríntios 15.12-14) será tragada **“a morte na vitória”** (1ª Coríntios 15.54).

Se o aguilhão do pecado é a morte, libertos pelo sangue de Cristo do pecado, resgatados seremos também da morte e com a Palavra de Deus poderemos desafiá-la: **“Onde estão, ó morte, as tuas pragas?”** (Oséias 13.14). Porque Ele a destruirá completamente. Ela, **“o último inimigo que há de ser aniquilado”** (1ª Coríntios 15.26). E os crentes nEle desde já são libertos do temor da morte (Hebreus 2.15).

Libertos do temor da segunda morte, da morte espiritual, porquanto jamais perecerão (João 3.16, 18; 5.24; 10.28) e igualmente libertos do temor da morte física. Embora esta venha a ocorrer, o salvo, porque crente em Jesus Cristo, aceita-a sob as perspectivas mais positivas. Sabe que, por ela, entrará de pronto no gozo da presença de Cristo no céu, onde Ele está a nos preparar morada (João 14.2-3) e aí **“estaremos sempre com o Senhor”** (1ª Tessalonicenses 4.16-17) e **“isto é ainda muito melhor”** (Filipenses 1.23).

Por ela entrará na posse da herança eterna, coroado de justiça e vida, da **“incorrupível coroa de glória”** (1ª Pedro 5.4), da coroa da justiça desde

já guardada pelo Senhor, o justo Juiz pronto a entregá-la aos Seus servos (2ª Timóteo 4.8; Tiago 1.12). Sabe que, pela morte física, se assegurará a sua feliz ressurreição, conforme a palavra do Senhor em Isaías 26.19 dirigida aos **“habitantes do pó”**: **“Os teus mortos viverão, os teus mortos ressuscitarão”** (Daniel 12.2; João 5.28-29).

Ah!, eu sei!!! **“A alma que pecar, essa morrerá”**. Por sermos todos pecadores, todos **“estamos mortos em ofensas e pecados”**.

Eu sei também!!! Cristo morreu por nós. E morreu enquanto éramos ainda pecadores, **“mortos em ofensas e pecados”**. Note-se! Ele **“morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”** (Romanos 5.8). Por conseguinte, estando nós mortos. Ele nos **“vivificou estando nós mortos”** (Efésios 2.1).

Sua promessa é a de vida eterna para os crentes nEle: **“Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a Minha palavra, e crê nAquele que Me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida”** (João 5.24; 3.16). E, em sendo assim, Paulo Apóstolo, com sua inquebrantável lógica, arremata: **“Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo Seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo... e nos ressuscitou juntamente com Ele e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus”** (Efésios 2.4-6).

Deus nos vivificou juntamente com Ele, perdoando-nos todas as ofensas (Colossenses 2.13) e a **“nossa vida está escondida com Cristo em Deus”** (Colossenses 3.3).

“Escondida com Cristo em Deus”, qual o poder suficientemente capaz de nos arrebatá-lo? Aliás, é a Sua indefectível promessa: **“Dou-lhes a vida eterna e NUNCA HÃO DE PERECER, e ninguém as arrebatará da Minha mão”** (João 10.28).

PERECER quer dizer MORRER. Por conseguinte, quem nEle crê jamais morrerá (João 3.16).

“E NINGUÉM AS ARREBATARÁ...”

NINGUÉM!!!

Lembrando-se desta sentença de vida prolatada por Jesus Cristo, Paulo Apóstolo, extasiado de júbilo, singularizando os maiores poderes, conclui pela absoluta incapacidade deles quanto ao arrebatá-lo das mãos de Cristo os salvos: **“Porque estou certo de que, nem a MORTE, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem ALGUMA OUTRA CRIATURA nos poderá separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus”** (Romanos 8.38-39).

Nem a MORTE me arrancará de Suas onipotentíssimas mãos!

Nem ALGUMA OUTRA CRIATURA... Portanto, nem eu próprio tenho poder de escapar dessas mãos todo-poderosas!!!

.oOo.

RODA-VIVA DE RÉPLICAS E TRÉPLICAS

Acredito já respondidas as objeções mais em voga entre os apóstasistas. Em resumo, todavia, analisaremos a inconsistência de outras réplicas consideradas secundárias após o esclarecimento das anteriores.

1) Procura-se obstacular a segurança eterna do salvo com a observação de Jesus seguida de grave advertência: **“E, quando o espírito imundo tem saído do homem, anda por lugares áridos, buscando repouso e não o encontra. Então diz: Voltarei para a minha casa de onde saí. E, voltando, acha-a desocupada, varrida e adornada. Então, vai e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele e, entrando, habitam ali: e são os últimos atos desse homem piores do que os primeiros. Assim acontecerá também a esta geração má”** (Mateus 12.43-45).

a) Nessa perícopé Jesus nem menciona salvação, salvo ou crente. E nem a possibilidade de alguém perder a vida eterna.

b) Dirigia-se Ele aos judeus incrédulos, aos quais taxa de **“geração má e adúltera”** (v. 39), **“geração má”** (v. 45). A parábola, é evidente, aplica-se também a indivíduos.

c) A objurgatória de Cristo contra os judeus foi motivada também pela injúria deles ao atribuir-Lhe poder satânico na expulsão de demônios.

d) Na passagem inexistente qualquer referência ao fato de haver sido o diabo expulso pelo poder de Deus. Saiu, sim, por livre e espontânea vontade. Há indivíduos tão baixos que deixam aborrecido até Satanás, que prefere sair deles para buscar descanso da nojeira.

e) Na Sua invectiva à **“geração má”** (Mateus 12.22-29), Jesus nos revela que o Senhor é mais forte do que o diabo: **“Mas, se Eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é conseguintemente chegado o Reino de Deus. Ou, como pode alguém entrar em casa do homem valente e**

furtar os seus bens, se primeiro não maniatar o valente, saqueando então a sua casa?”

O Espírito Santo é o **“Valente”** que mora em todo o crente (Romanos 8.9; 1ª Coríntios 6.19). E habita no crente até **“a redenção do nosso corpo”** (Romanos 8.23; 2ª Timóteo 1.14).

f) Ora, se se tratasse do crente, nunca o demônio poderia voltar. O Espírito Santo o rechaçaria.

O Senhor prometeu nunca deixar o crente (Hebreus 13.5). Na eventualidade de Satanás querer voltar a habitar o salvo não encontraria a **“casa vazia”**, mas residindo nela o Senhor **“Valente”**.

A metáfora da **“casa vazia”** prova que a vítima do regresso do diabo nunca foi salva.

2) No arsenal de objeções os adversários se valem de 1ª Coríntios 10.12: “Aquele que cuida estar em pé, olhe não caia”.

a) Cair em pecado é uma coisa e cair no inferno é outra. O texto, todavia, nem alude à perdição eterna.

b) Pode-se cair na tentação. Do contrário, nossa obediência seria mecânica e perderíamos a liberdade.

c) Quantas vezes eu já caí. Quando menino, caí de bater a cabeça no chão. Caí de cima do madeiramento de uma construção. Caí da escada. A escada caiu comigo. Caí de árvores. Em julho de 1975, caí com ônibus e tudo num despenhadeiro de 50 metros. Caí e me machuquei, mas não morri. Caí para me ferir e não caí para a morte.

d) De certa feita, caí com minha mãe. Trajava-me com uma roupa branca. Garoto de 5 anos e irrequieto. Brincando e pulando, apesar das advertências maternas, caí numa poça de lama. Lá não fiquei. Ajudou-me ela a me reerguer. Embora repreendendo-me, levou-me para casa, ao contrário de me escorraçar. Deus faria para com Seu filho diferente da mãe terrena?

Todos os salvos põem cair. E todos os dias. Cumpre-se, porém, na experiência de cada uma observação inspirada do salmista: **“Ainda que caia, não ficará prostrado, pois o Senhor o sustém com a Sua mão”** (Salmo 37.24).

e) Abaixem-se os olhos sobre o versículo posterior ao v. 12. Completa ele a informação sobre os cuidados de Deus a favor do crente: **“Não veio sobre vós tentação senão humana; mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis, antes, com a tentação, dará também o escape, para que a possais suportar”**.

3) Cacete na hidra infernal da incredulidade. Não a deixemos levantar a cabeça.

Ela quer sugerir dúvidas ao alegar outras passagens das Escrituras em abono ao apostasismo.

Quando Jesus preveniu Pedro da sua queda iminente, confortou-o: **“Mas Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos”** (Lucas 22.32).

Se Pedro converteu-se outra vez é porque foi salvo duas vezes, dizem.

O Senhor Jesus não disse a Pedro que ele perderia a sua salvação.

b) Converter-se é sinônimo de arrepender-se. O crente sempre se arrepende dos seus pecados, conquanto haja nascido de novo uma única vez.

Mesmo pecando, sua natureza espiritual de filho de Deus continua. Converte-se do erro para a verdade. Volta-se do pecado para a virtude.

Pedro, em amargo pranto, converteu-se de suas negações.

c) Tanto Pedro não perdeu a salvação ao negar a Cristo e, por isso, não foi salvo segunda vez quando se arrependeu do pecado de negação, que Jesus orou por ele especificamente para se conservar na fé (Lucas 22.32).

A oração intercessória de Cristo é infalível. Paulo Apóstolo enaltece a sua eficácia no seu magnífico hino de vitória em que faz esta pergunta seguida da terminante resposta: **“Quem os [crentes, inclusive Pedro] condenará? Pois é Cristo quem morreu, ou antes, quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós”** (Romanos 8.34).

Graças à oração de Cristo, Pedro se susteve na fé.

d) O discípulo impetuoso, se houvesse sido salvo duas vezes por haver perdido a salvação uma vez, teria escrito sobre a **“herança incorruptível”** (1ª Pedro 1.4)?

e) Os apostasistas se contradizem. Recorrem a Hebreus 6.4-8 como a sua trincheira inexpugnável. Ora, num argumento *ad hominem*, fazemos o tiro sair-lhes pela culatra. Se alguém (segundo eles dizem) pudesse se perder depois de haver sido salvo, consoante Hebreus 6.4-8, jamais poderia converter-se. Exporia Cristo ao vitupério.

E então? Se Pedro houvesse perdido a salvação, não poderia converter-se de novo!

É o castigo dos incrédulos. Um fictício argumento deles se levanta para arrasar outro cobiçado argumento deles!

4) A pentecostalista Dona Hilota, a esposa do sr. Reginaldo, entre nervosa e apressada, gesticula a mão direita. Quer falar. Vai sair de novo de sua mudez.

Como todos os seus coirmãos, conhece apenas alguns versículos das Escrituras, sobre os quais, isolados dos seus respectivos contextos, constroem-se os graves desvios do seu ideário.

Um desses textos está em Marcos 16.16-18.

Voz trêmula, olhos chamejantes, pergunta: “Jesus não disse: ‘Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado?’”

Os nossos gestos de cabeça indicaram a afirmativa. E a apostasista Dona Hilota, ainda inconformada com a genuína conversão do marido, prosseguiu: “Jesus falou: ‘Será salvo’. Então ninguém ainda pode ter a salvação. Ela vai vir (sic) ainda, depois, lá no futuro”.

De tão simples e fácil salta aos olhos a elucidação da dificuldade. Em todos os demais pronunciamentos de Jesus a respeito da vida eterna Ele empregou o verbo da sentença sempre no presente do indicativo. João 6.47 serve de exemplo. Ele afirmou: **“TEM a vida eterna”**. Ele não disse: “Terá”.

Em Marcos 16.16, é verdade, Ele se manifestou com o verbo no futuro: **“TERÁ”**.

Será que Ele se contradisse? De forma alguma!

A explicação da aparente contradição é simplicíssima. É esta: Desde que alguém creia, já chegou o futuro.

Uma ilustração explica melhor.

Suponhamos que eu tenha na mão uma caixa de doces e, na presença de alguns garotos, diga: “Quem me disser de cor a Escritura de João 3.16 receberá estes bombons. Eu lhe darei esta caixa de doces”.

Logo, um dos presentes diz o versículo solicitado. De imediato, entregolhe o presente. Quer dizer, ao satisfazer a condição, já chegou para ele o futuro.

Em Marcos 16.16 Jesus não disse que aquele futuro seria depois da morte ou no fim da vida terrena de quem nEle crê. Ele pôs como condição o crer: **“quem crer”**. Para quem satisfizer essa condição, o futuro já chegou.

A pentecostalista entendeu logo, mas levantou outra objeção: “Deus prometeu aos filhos de Israel a posse para sempre da terra de Canaã. Deus prometeu vida eterna aos crentes. Mas, dos que pecam Deus também tira essa promessa, como fez aos israelitas de dura cerviz. Eles iam caminhando pelo deserto e muitos, por causa de suas quedas em desobediência, ficaram impedidos de entrar na Terra Prometida. Assim também acontece com os crentes que pecam. Eles perdem a salvação e a oportunidade de entrar no céu”.

As conclusões da pentecostal-apostasista são falsas. Deus, é verdade, prometeu Canaã as filhos de Israel. Aos que entraram, posteriormente, também em consequência de suas iniquidades, expulsou de lá, como quando do cativeiro babilônico. Desses fatos, porém, concluir-se que o crente pode perder a salvação é ir longe demais por várias razões:

a) Canaã não é o céu. Nem mesmo um tipo perfeito dele, pois no céu não há luta e em Canaã havia.

b) A posse da Terra Prometida fora por Deus condicionada à obediência (2º Reis 2.8). Nossa salvação, contudo, se condiciona somente à fé em Jesus Cristo (João 3.16; 6.47).

c) Os israelitas, depois de 70 anos de cativeiro em Babilônia, voltaram. Expulsos no ano 70 de nossa era, agora tornam a voltar. Não que este retorno seja prova da salvação espiritual deles. É prova de que Deus cumpre as Suas promessas, apesar da rebeldia daquele povo.

A promessa de Deus aos filhos de Israel foi feita a todos eles como nação, como um bloco, como um todo. E não a cada um em particular. Esses fatos do Velho Testamento, portanto, nada têm a ver com a perseverança e a segurança do crente.

A promessa de vida eterna é individual. É para TODO aquele que CRÊ.

d) Os que não entraram em Canaã após os 40 anos de peregrinação pelos desertos não eram necessariamente perdidos no sentido espiritual. Moisés desobedeceu e, como resultado, embargou-se-lhe a entrada na Terra. Centenas de anos depois, ele apareceu a conversar com Jesus no Monte da Transfiguração, prova evidente de sua ida para o céu.

e) Os que não se apossaram de Canaã, também não voltaram ao Egito, símbolo da escravidão. Se os rebeldes, como castigo, houvessem voltado ao jugo egípciano, poder-se-ia pensar na segurança precária do crente.

5) Tiririca é uma ciperácea danada. Corta-se, corta-se e ela relutante sempre em brotar. É a dor de cabeça do agricultor quando aparece a praga.

Os apóstasistas se comparam à tiririca. A gente corta aqui, ela se levanta ali.

Persistamos! Cortemo-la outra vez.

Pertinaz ela, mais pertinazes nós. E com a vantagem de ser a nossa espada bem afiada.

Na sua procrastinação, os apóstasistas invocam 2ª Pedro 2.20-22: **“Porquanto se, depois de terem escapado das corrupções do mundo, pelo conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, forem outra vez envolvidos, tornou-se-lhes o último estado pior do que o primeiro. Porque melhor lhes fora não conhecerem o caminho da justiça do que,**

conhecendo-o, desviarem-se do santo mandamento que lhes fora dado; deste modo sobreveio-lhes o que por um verdadeiro provérbio se diz: O cão voltou ao seu próprio vômito, e a porca lavada ao espojadouro de lama”.

Dois ou três golpes de espada deceparão a cobiça apostasiana:

a) Jamais as Escrituras assemelham o crente ao cão ou ao porco. São animais imundos. Assemelham-no à ovelha.

b) O crente não é apenas lavado. É transformado. Regenerado. É-lhe implantada nova natureza. Tornou-se nova criatura.

A porca é lavada (v. 22). Dê-se-lhe um banho. Perfume-se-a. Enfeite-se-lhe o pescoço de papada mole com uma fita amarrada em laço. É só se descuidar e lá corre ela a se espojar na lama do seu habitat natural,.

É da natureza do cão voltar ao vômito. É da natureza da porca regressar ao espojadouro de lama.

c) Os vv. 12 e 19 do mesmo capítulo 2 de 2ª Pedro definem as pessoas referidas no texto acima transcrito: **“Mas estes, como animais irracionais, que seguem a natureza, feitos para serem presos e mortos, blasfemando do que não entendem, perecerão na sua corrupção... Sendo eles mesmos servos da corrupção”.**

6) Faltava. Faltava ele! Agora, contudo, lá vem um clérigo romanista com o seu sofisma.

Erguido sobre sapatos de saltos grossos e testa alçada sobre a cara gorda e rosada, o ministro vaticano despeja: “São Paulo tinha medo de ser condenado!”

Trouxe um manual de sua teologia. E aponta com o dedo mínimo de unha longa, bem aparada e lustrosa de esmalte incolor: “Mas castigo o meu corpo, e o reduzo à escravidão para que não suceda que, tendo pregado a outros, eu mesmo venha a ser réprobo” (1ª Coríntios 9.27). É a versão de Matos Soares.

Versão criminosa. Adulterada com o intento de fundamentar a tese romanista da necessidade de penitências físicas para se merecer a salvação eterna.

Com algumas observações, todavia, daremos uma rasteira no “reverendo”.

a) A tradução consentânea com o original é: **“Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão, para que, pregando a outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado”.** Aquele “réprobo” de Matos Soares é versão falsa e malévola.

b) Pela textura da perícopie, a expressão: **“Subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão”** quer dizer a vida de provações e renúncias levada pelo Apóstolo no cumprimento de sua missão. Impunha-se árduos sacrifícios para tornar o seu corpo instrumento dócil de sua vocação.

c) A “reprovação” ou “desqualificação” do v. 27 é uma referência à possibilidade da perda da coroa, o prêmio mencionado no v. 25.

d) “Reprovado” não é sinônimo de “réprobo”. Na escola, o aluno reprovado nunca é condenado à morte. Os competidores de campeonatos esportivos, se perdem a coroa, a taça de campeões, nem por isso perdem o direito de cidadania.

e) Paulo, neste texto que principia no v. 15, quer transmitir ensinamentos sobre o prêmio ou galardão do crente como atleta do Reino de Deus.

f) O Apóstolo treinou a muitos neste atletismo evangélico e jamais se omitiria em cuidar de si próprio para conseguir também ele o prêmio. Não estimularia outros a irem à frente, permanecendo ele na retaguarda. Sua posição sempre foi vanguardeira.

g) Nas disputas oficiais de caráter internacional, como a do campeonato mundial de futebol, uma das exigências regulamentares é a de que os competidores sejam cidadãos da pátria cujas cores defendem. Na circunstância da derrota ou da desclassificação, os concursantes não se prejudicam em sua cidadania. Embora sem os louros da vitória, nos últimos campeonatos mundiais de futebol, os brasileiros retornaram à Pátria tão brasileiros quanto antes.

O crente poderá se ver privado dos prêmios, sem, contudo, deixar de ser cidadão do céu.

Destas competições cristãs contínuas nesta vida, ele, o atleta do Evangelho, só participa nas condições de filho de Deus em busca de galardões.

h) Paulo competia **“não como combatendo no ar”**, corria **“não como a coisa incerta”** (v. 26). Era um atleta com metas e objetivos definidos. Seria assim se a sua segurança de salvação fosse vacilante?

Já no final de sua vida, o pujante atleta, usando a mesma figura, pôde declarar: **“Combati o bom combate, acabei a carreira... a coroa da justiça me está guardada”** (2ª Timóteo 4.7-8).

7) O clérigo romanista tem toda a bossa pós-conciliar. Só usa a batina para dizer missa, no cocoruto da cabeça nem sinal da antiquada coroinha, seu linguajar tem o sabor da gíria, suas pregações falam de insuficiência do salário mínimo, do alto custo de vida, de latifúndios, de anistia... Sua

teologia, porém, é como a do Vaticano II: fossilizada nos concílios da Idade Média.

Pontifica a sua sentença como uma definição dogmática: “Nos Evangelhos é claramente exposta, sobretudo nas parábolas, a possibilidade da perda da salvação já recebida”. E exemplifica com “as referências à perseverança na parábola do semeador, à rejeição do comensal desprovido da veste nupcial, à condenação do servo mau antes perdoado, ao lançamento do servo inútil nas trevas exteriores”.

O clérigo vaticano, enfundado pela aquiescência em gesto de cabeça e dos sorrisos aprovadores dos apóstasistas ligados a seitas apelidadas de evangélicas, alonga-se a discorrer sobre a tensão entre a graça da salvação e a responsabilidade da mesma salvação para concluir em prol de sua proposta quanto ao risco da não perseverança.

Considerarei de bom alvitre oferecer algumas observações antes da tarefa de demolir o arrazoado do ministro romanista.

Sem entrar em pormenores, pode-se entender a parábola como uma comparação desenvolvida à maneira de uma narração fictícia, tomada de fatos comuns à vida e à sociedade humana, por meio da qual Cristo propõe e ensina verdades de ordem sobrenatural.

Em toda a parábola evangélica há, por conseguinte, uma figura ou metáfora e um ensino espiritual, baseado em alguma semelhança ou analogia existente em ambos, isto é, na figura e no ensinamento. Para se entender o verdadeiro sentido das parábolas deve-se atender à doutrina nelas contida.

No desenrolar dessas comparações parabólicas há pormenores descritivos como elementos apenas literários, cuja serventia é para realçar e colorir a narrativa. Pretender encontrar nestes elementos literários significado espiritual é sujeitar-se a incorrer facilmente no perigo do alegorismo, em que a teologia da eventualidade da não perseverança cai ao querer achar apoio para a sua hipótese herética nas parábolas.

Alguns reparos sobre cada parábola aludida farão esvair o raciocínio do arguente clerical.

A) A parábola do semeador foi registrada por Mateus 13.3-23, por Marcos 4.3-20 e por Lucas 8.4-15.

a) Ressalta as quatro espécies diferentes de terrenos onde se lançou a boa semente da Palavra de Deus.

As três primeiras espécies tipificam os seus rejeitadores. Se a rejeitam, como poderiam nela perseverar? Em nenhum destes três grupos se trata de exortação à perseverança.

b) Apesar de haver Jesus Cristo usado o método pedagógico das parábolas para ilustrar verdades abstratas a fim de se acomodar à capacidade primária do povo, como triste resultado do endurecimento do coração, muitos não lograram sequer entender os ensinamentos (Mateus 13.11-15).

c) Uma categoria de ouvintes é constituída de indiferentes. A outra, de inconstantes. A terceira é de materializados. Os ouvintes destas três classes rejeitam a Palavra de Deus, apesar de os das duas últimas, por curto lapso de tempo, a apreciarem. Este apreço superficial, contudo, não implica em plena aceitação dela.

d) Só os ouvintes da quarta categoria recebem plenamente a semente e permitem a sua germinação e o seu crescimento com a produção de frutos a trinta, a sessenta e a cem por cento.

Destes últimos, Jesus Cristo não afirma que algum haja posteriormente renegado a semente da Palavra de Deus, conquanto alguns a fazem produzir menos. Destes, nenhum deixou de perseverar.

B) A parábola do conviva expulso foi registrada por Mateus 22.1-14.

a) Destacam-se duas sortes de condenados: os que de todo, alegando várias desculpas, rejeitaram o convite para o banquete e o que foi, desprovido de condições, participar do festim.

b) Os primeiros simbolizam as multidões, como os judeus, que simplesmente desprezam os apelos de Deus à conversão.

O último representa o crente nominal, o “quase induzido”, o “temporão”, o destituído da veste nupcial, emblema da graça salvadora.

c) Este não perdeu a salvação. Ele nunca a obteve. Ninguém deixa de perseverar naquilo que nunca foi.

Satanás não lhe tirou a veste nupcial da graça, pois ele jamais a possuiu.

d) Com esta parábola, Jesus quer nos ensinar duas lições: a da necessidade da conversão se desejamos ser salvos e a da separação final dos salvos e dos cristãos de aparência.

C) Mateus 18.23-35 anotou a parábola do servo mau e rejeitado, antes perdoado.

Sua leitura atenta exclui qualquer ideia de perda de salvação. Senão vejamos:

a) Jesus relatou a parábola aos Seus discípulos (vv. 15, 21, 35) na tessitura de Suas reflexões acerca da imprescindibilidade do perdão.

Relatou-a no desejo de sublinhar a constância em perdoar porque somos sempre perdoados pela benignidade de Deus.

b) O perdão de Deus para os Seus servos é condicionado ao perdão deles em favor dos seus ofensores. No modelo de oração, Jesus acentua: **“E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”** (Mateus 6.12). E desta petição do “Pai Nosso”, e exclusivamente desta, o Senhor Jesus tece o comentário: **“Porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará a vós; se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas”** (Mateus 6.14-15).

c) Também no contexto da oração modelo ressalta o haver Jesus Cristo se dirigido aos Seus discípulos, da mesma forma que a eles, como ilustração, apresentou a parábola do servo malvado. Falava aos crentes. Aos já salvos.

d) O pecado pode produzir contra quem o comete três efeitos diversos: ou condena ao inferno, ou inflige castigo nesta vida ou interrompe a comunhão com Deus.

A cada uma dessas consequências ou efeitos do pecado corresponde uma natureza de perdão.

A justificação é a natureza do perdão para a fatal consequência da condenação ao inferno. É um perdão definitivo, absoluto. De vez e para sempre. **“Agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”** (Romanos 8.1). **“Quem crê nEle [em Jesus Cristo] não é condenado”** (João 3.18).

Este perdão provem da fé – exclusivamente da fé – em Jesus Cristo como único porque todo-suficiente Salvador.

Se alguém perdoa ao seu ofensor, mas recusa confiar evangelicamente em Cristo, nem por isso será salvo do castigo fatal.

O pecado ainda acarreta castigos nesta vida também na pessoa dos salvos. **“Tudo o que o homem semear, isso também ceifará”** (Gálatas 6.7).

Davi, pelo pecado de adultério e de homicídio, posto que justificado, sofreu duras consequências. É a natureza do perdão como castigo.

É a correção divina para os servos de Deus. **“Porque o Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho... Mas, se estais sem disciplina, da qual todos são feitos participantes, sois então bastardos e não filhos”** (Hebreus 12.6, 8).

Este castigo, não obstante penoso, é uma das provas de estar salvo o crente, o de ser ele filho de Deus.

Ao efeito da parada momentânea da comunhão com Deus corresponde o perdão condicionado. É o caso da petição do “Pai Nosso” e das passagens afins.

É da psicologia do pecado da ofensa ao próximo: Sentimo-nos retraídos da presença do irmão ao qual ofendemos ou pelo qual fomos ofendidos.

Nesta circunstância, o pecado se interpõe entre nós e Deus e interrompe-se a comunhão filial,

Esta dolorosa situação só se dissipa se perdoarmos o nosso ofensor.

e) Voltemos à parábola. No caso do credor incompassivo, Deus cominou a sua dureza de sentimentos com castigo correspondente. Entregou-o aos “atormentadores” (v. 34). Não o chamou de hipócrita como um servo mau (Mateus 24.51).

A disciplina ou correção não significa retorno ao estado de perdido.

Ao comensal desprovido da veste nupcial da graça salvadora o Senhor mandou atirar nas trevas exteriores da perdição eterna. A este trata de modo diverso: castiga-o sem, contudo, atirá-lo nas trevas. A punição recebida foi executada nesta vida terrena e não no inferno.

Assim também o Senhor Deus disciplina com tormentos mais ou menos graves ainda nesta vida, segundo a maior ou menor malícia do pecado de desamor, os Seus servos, sem, todavia, retirar-lhes a salvação.

D) Por ultimo, nessa fila vem a parábola dos dez talentos. Consignaram-na Mateus 25.14-30 e Lucas 19.11-27.

a) É o Senhor a exigir outra vez fruto da graça salvadora, o Seu tesouro aos crentes confiado.

A falta do fruto revela a falta da salvação, à semelhança da alegoria da videira.

O vinhateiro corta os galhos improdutivos por carência de seiva. O Senhor manda para as “**trevas exteriores**” o servo inútil, o cristão nominal, por considerá-lo entre Seus inimigos (Lucas 19.27).

b) O tratamento do servo de Deus nem sempre identifica a posse da salvação. A Nabucodonosor, rei de Babilônia, o verdugo do povo eleito, Deus chamou de “**Meu servo**” (Jeremias 25.9; 43.10). Ao servo espancador chama de “**mau servo**” (Mateus 24.48), participe dos hipócritas (Mateus 24.51).

Em Mateus 7.2-23, o Mestre alude aos servos hipócritas que, no dia do juízo, se apresentarão a bradar: “**Senhor, Senhor não profetizamos nós em Teu Nome, e em Teu Nome não expulsamos demônios, e em Teu Nome não fizemos muitas maravilhas?**” (v. 22).

Tantos prodígios fizeram! Mas sem salvação. Sem salvação embora chamem Jesus de Senhor, considerando-se, portanto, servos dEle.

Sem salvação porque Jesus afirmou: **“Nunca vos conheci; apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade”** (v. 23). Se fossem salvos, com toda a certeza, seriam reconhecidos porque **“o Senhor conhece os que são Seus”** (2ª Timóteo 2.19).

Entre estes repelidos por Cristo no juízo incluir-se-á o servo negligente da parábola ora em sucinta análise.

c) O **“servo inútil”** da parábola dos dez talentos é parceiro dos “quase induzidos” de Hebreus 6.4-8: recebeu o talento de haver sido iluminado, de haver provado o dom celestial, de haver participado do Espírito Santo, de haver provado a boa Palavra de Deus. Enterrou o talento. Frustrou por negligência tantas bênçãos preparatórias da conversão. Sobreveio-lhe a extrema desgraça das trevas exteriores de lhe serem retiradas aquelas bênçãos **“porque a qualquer que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver, até o que tem lhe será tirado”** (Mateus 25.29).

Os apóstasistas, de certo, relutarão em sua pertinaz incredulidade, apesar de suas objeções confirmarem a segurança eterna dos salvos.

Que Deus permita, porém, caírem-lhes as escamas dos olhos! E, enxergando a luminosa Verdade do Evangelho essencializada na salvação pela graça e, por isso mesmo, eterna, venham a aceitá-la, tornando-se também eles eternamente seguros da **“HERANÇA ETERNA”**. Amém!

.oOo.

COM AFEIÇÃO

Estas páginas que agora encerramos foram escritas para os:

- *irmãos (Romanos 1.13; Gálatas 1.2);
- *amados irmãos (1ª Tessalonicenses 1.4);
- *santos irmãos (1ª Tessalonicenses 5.27);
- *irmãos fiéis em Cristo (Colossenses 1.2);
- *irmãos no Senhor (Filipenses 1.14);
- *mui queridos irmãos (Filipenses 4.1);
- *amados de Deus (Romanos 1.7);
- *eleitos de Deus (Tito 1.1);

*santos (Filipenses 4.22);
*santos em Cristo Jesus (Filipenses 1.1; 4.21);
*santificados em Cristo Jesus (1ª Coríntios 1.2);
*salvos da ira (Romanos 5.9);
*sarados pelas feridas de Jesus (1ª Pedro 2.24);
*resgatados pelo sangue de Cristo (1ª Pedro 1.19);
*lavados no sangue de Jesus (Apocalipse 1.5);
*justificados em Cristo (Gálatas 2.17);
*em Cristo, feitos justiça de Deus (2ª Coríntios 5.21);
*justificados gratuitamente pela graça (Romanos 3.24);
*de novo gerados (1ª Pedro 1.23);
*criados em Cristo Jesus (Efésios 2.10);
*gerados pela Palavra da Verdade (Tiago 1.18);
*gerados para uma viva esperança (1ª Pedro 1.3);
*novas criaturas (2ª Coríntios 5.17);
*vivificados com Cristo (Efésios 2.1, 5);
*filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus (Gálatas 3.26);
*descendência de Abraão (Gálatas 3.29);
*vivos para Deus em Cristo Jesus (Romanos 6.11);
*salvos pela graça (Efésios 2.8);
*geração eleita (1ª Pedro 2.9);
*em definitivo perdoados (Hebreus 10.17);
*herdeiros da promessa de Deus (Hebreus 6.17-18);
*já ressuscitados em Cristo (Colossenses 3.1);
*idôneos para participar da herança (Colossenses 1.12);
*luz no Senhor, filhos da luz (Efésios 5.8);
*eleitos em Cristo (Efésios 1.4);
*membros do Corpo de Cristo (1ª Coríntios 12.27);
*herdeiros e co-herdeiros em Cristo (Romanos 8.17);
*reis e sacerdotes para Deus (Apocalipse 1.6);
*pedras vivas, casa espiritual (1ª Pedro 2.5);
*primícias das criaturas de Deus (Tiago 1.18);
*sacerdócio real (1ª Pedro 2.9);
*nação santa (1ª Pedro 2.9);
*Templo do Espírito (1ª Coríntios 6.19);
*ressuscitados com Cristo (Efésios 2.6);
*predestinados à adoção por Cristo Jesus (Efésios 1.5);
*cujo viver é Cristo (Filipenses 1.21);
*cuja vida está escondida em Deus (Colossenses 3.3);
*conservados por Jesus Cristo (Judas 1);

*a manifestar-se com Cristo (Colossenses 3.4);
*objetos da intercessão de Jesus Cristo (Hebreus 7.25);
*que se manifestarão com Cristo (Colossenses 3.4);
*que Deus jamais abandonará (Hebreus 13.5);
*guardados no poder de Deus (1ª Pedro 1.5);
*amparados pela mão de Jesus (João 10.28-29);
*amparados pela mão do Pai (João 10.228-29);
*protegidos do poder do diabo (Romanos 8.33);
*que têm Jesus como Precursor no céu (Hebreus 6.20);
*aqueles a quem Jesus foi preparar lugar (João 14.2);
*possuidores do Espírito de Cristo (Romanos 89);
*selados com o Espírito Santo (Efésios 1.13);
*garantidos pelo penhor do Espírito (2ª Coríntios 1.22);
*que têm as primícias do Espírito (Romanos 8.23);
*que estarão sempre na presença de Cristo (João 6.37);
*que alcançarão fé preciosa (2ª Pedro 1.1);
*que têm em Jesus um Advogado (1ª João 2.1);
*que ressuscitarão no último dia (João 6.44);
*que têm vida eterna (João 3.14-18);
*que têm salvação eterna (Hebreus 5.9);
*que não entrarão em juízo (João 5.24; Romanos 8.1);
*que têm eterna redenção (Hebreus 9.12);
*que nunca terão sede (João 4.14);
*que nunca terão fome (João 6.35);
*que receberão a herança eterna (Hebreus 9.15);
*santificados para sempre (Hebreus 10.10, 14);
*que têm a justiça (Romanos 10.4);
*que ninguém condenará (Romanos 8.34);
*que nada, **ABSOLUTAMENTE NADA**, os separará do amor de Cristo (Romanos 8.35-39).

Estas páginas foram escritas e endereçadas a eles para que, conscientes de sua gloriosa e ímpar posição da qual jamais cairão, cresçam **“na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”** (2ª Pedro 3.18).

.oOo.

